JORGE AMADO

OS ROMANCES DA BAÍA

VI

CAPITÃES DA AREIA

Romance

Livraria JOSÉ OLYMPIO *Editora*

Nordéste

de Gilberto Freyre

Destacando os traços significativos da fisionomia do Nordéste do Brasil, este estudo se impõe ao interêsse de todos pela originalidade das idéias e dos pontos de vista do autor e pela modernidade do método ecológico de interpretação social aplicado sem cientificismo nenhum á caracterização de uma das áreas mais antigas da cultura brasileira: aquela que recebeu influência mais profunda da lavoura da cana. Não é o Nordéste dos sertões dos chique-chiques que se estuda neste ensáio mas o das grandes matas devastadas pela coivára e sacrificadas à monocultura latifundiária. O Nordéste do canavial, do engenho, da cosinha de peixe de côco e de pitü do Rio Una. O Nordéste de Mauricio de Nassau, dos revolucionários de 1817 e dos primeiros socialistas que se bateram no Brasil contra o latifundio e a escravidão. O Nordéste dos sermões de Antonio Vieira e da casa-grande de Megaipe. A velha região do açucar fixada nos seus traços mais caracteristicos. Seus valores mais intimos interpretados.

Como documentação, trechos interessantissimos de cartas e Mss encontrados em arquivos públicos e de familias antigas da região.

Varios mápas, gráficos e fotografias. Uma série de retratos de aristocrátas do canavial: Albuquerques, Cavalcantis, Souzas Leões, Wanderleys, Paes Barrettos.

Desenhos e vinhêtas de

M. BANDEIRA

CAPITÃES DA AREIA

do autor:

"OS ROMANCES DA BAHIA"

1 — O PAIZ DO CARNAVAL

2 — CACAU

3 — SUOR

4 — JUBIABÁ

5 — MAR MORTO (Premio Graça Aranha)

6 — CAPITÃES DA AREIA

romances

em preparo:

ROTEIRO DAS 3 AMERICAS (impressões de viagem)

O PROFESSOR FLUVIO (romance)

traduzidos:

CACAO — tradução hespanhola de "Cacau" por Hector F. Miri — Colecion Grandes Novelas Sociales — Editorial Claridad — Buenos Ayres, 1936.

CACAU — tradução russa de D. Vigodsky — Edições do Estado — Moscou, 1935.

SUDOR — tradução hespanhola de "Suor" por Hector F. Miri — Editorial Ercilla — Santiago do Chile, 1937

SLUMS — tradução ingleza de "Suor" por Ann Martin — New Americs — New York, 1937.

JUBIABÁ — tradução franceza dos profs. Michel Bervillez e Pierre Houcard — Edições N. R. F. — Paris, 1937

JUBIABÁ — tradução hespanhola de A. Navarro — Editorial Iman — Buenos Ayres, 1937

MAR MUERTO — tradução hespanhola de "Mar Morto" por Hector F. Miri — Colecion Novelistas Americanos de Hoy — Editorial Claridad — Buenos Ayres, 1937

CACAU — tradução franceza de Jean Bazin (em preparo)

JUBIABÁ — tradução ingleza de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)

MAR MORTO — tradução ingleza de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)

JORGE AMADO

CAPITÃES DA AREIA

romance

1937
Livraria JOSE' OLYMPIO Editora
Rua Ouvidor, 110 e 1.º de Março, 13
RIO DE JANEIRO

Matilde:

Jogavamos jogos de prenda.
Andavamos de carro de boi.
Moravamos em casa mal-assombrada.
Conversavamos com moças e magicos.
Achavas a Bahia imensa e misteriosa.
A poesia deste livro vem de tí.

Para Aydano do Couto Ferraz, José Olympio, José Americo de Almeida, João Nascimento Filho e para Anisio Teixeira, amigo das creanças.

"OS ROMANCES DA BAHIA"

Com a publicação de "Capitães da Areia" encerro o ciclo de romances que intitulei de "Os Romances da Bahia". São seis livros nos quaes quiz fixar a vida, os costumes, a lingua do meu estado. Em "O Paiz do Carnaval" é a inquietação de uma mocidade intelectual que procura, numa hora de definições, o seu caminho. Varios criticos que teem escrito sobre minha obra, naturalmente desconhecendo aquelle meu primeiro romance, costumam apresenta-lo como um livro de satira aos intelectuaes brasileiros que vivem em função da literatura europea, especialmente da franceza. No entanto não ha naquele romance nenhuma intenção de satira. Existe, sim, o desejo de focar um momento vivido pela mocidade mais ou menos intelectual ou intelectualisada do Brasil, momento em que as correntes sociaes e politicas começaram a se esboçar e definir. "Cacau" pretende dar uma mostra do viver dos trabalhadores das fazendas do sul da Bahia, da sua zona mais rica. "Suor" expõe o que

de mais fracassado ha no estado, creaturas que tudo já perderam e nada mais esperam da vida. Fiz com que a ação deste romance se passasse num daqueles extranhos casarões da Ladeira do Pelourinho e o fiz de proposito: não só porque num daqueles casarões (onde morei) conheci a maior parte dos personagens como porque me parece que só neste ambiente poderia o romance e os personagens do romance tomar tons de revolta deante da sua angustiante miseria e salvar assim, com um sadio pamfletarismo, o romance da inutilidade de um pessimismo reacionario ou de um misticismo falso. "Jubiabá" é a vida da raça negra no Brasil, vida de aventura e poesia. "Mar Morto" uma nova visão da vida dos maritimos das pequenas embarcações veleiras do caes da capital e do reconcavo. E este "Capitães da Areia" é a existencia das creanças abandonadas nas ruas da capital e que partem para os mais diversos destinos, creanças que serão ama-

nhã os homens que, possivelmente, derigirão os destinos da Bahia.

Disse mais acima que pretendi fixar a vida toda do meu Estado. Foi realmente esta a minha intenção e eu o digo, se bem possa parecer ambição demasiada para um moço de menos de 25 anos tentar uma obra á qual ainda não se aventurara nenhum dos escritores brasileiros. Nunca houve de parte destes escritores uma tentativa honesta de fixar em romances a vida, o pitoresco, a extranha humanidade da Bahia. A Bahia é qualquer coisa misteriosa e grande como a India ou como certas regiões da Africa e das Ilhas do Sul. Isso sempre escapou aos poucos romancistas que quizeram fazer ficção tomando o meu Estado como cenario e o seu povo como personagem. Se puzeram deante desta fertil e extranha humanidade numa atitude da mais absoluta incompreensão. Eles traziam no bolso um tipo standartizado de heroe de romance (ou um moço elegante e fino de maneiras, ou um heroe sertanejo

analfabeto e oratorio) e nunca quizeram se aproximar realmente do povo, nunca souberam dos seus costumes a não ser através de vagas informações. Nada ha tão diversos que as figuras bahianas dos romances que se teem escripto sobre o meu Estado e a verdadeira humanidade da Bahia. Para fazer estes meus romances (que podem ter todos os defeitos mas que teem uma qualidade: a absoluta honestidade do autor) eu fui procurar o povo, fui viver com ele, desde a minha infancia nas fazendas de cacau, a minha adolescencia nos cafés da capital, as minhas viagens através de todo o Estado, cortando-o nas mais diversas conduções, ouvindo e vendo a mais bela e extranha das humanidades do Brasil.

Sempre falei em material recolhido e muitos dos donos do romance brasileiro criticaram asperamente essas palavras. Mas nesta minha serie de romances sobre a Bahia eu só me dei a liberdade de inventar, de imaginar os enredos. Não quiz imaginar nem os costumes do meu Estado, nem os senti-

mentos dos seus homens, nem a maneira como eles reagiam deante de determinados fatos. A isso, a ir ver como realmente vivem os bahianos, chamo eu "recolher material". Tenho certeza que não fiz obra de reporter e sim de romancista, como tenho a certeza que, se bem os meus romances narrem fatos, sentimentos e paizagens bahianas, teem um largo sentido universal e humano mesmo devido ao caracter social que possuem, sentido universal e humano sem duvida muitas vezes maior que os desses romances escritos em reação aos dos novos romancistas brasileiros e que se distinguem por não aceitarem nenhum caracter local nem social nas suas paginas, romances que no fundo não passam de masturbação intelectual, especie de continuação da masturbação fisica que praticam diariamente os seus autores.

Daí não admitir eu qualquer especie de comparação entre os meus romances e os demais que já se escreveram sobre a Bahia. Não é uma questão de orgulho literario. É apenas a certeza de que nin-

guem até hoje se aventurou a olhar de frente e com tanto amor a humanidade bahiana e os seus problemas. Ninguem sabe melhor da fraqueza e dos defeitos dos meus romances que eu mesmo que os escrevi. Mas tambem ninguem pode avaliar o sacrificio que eles me custaram, a honestidade que presidiu a toda a sua feitura, o desinteresse e puro amor que fizeram com que o romancista se voltasse para a sua gente.

Sei bem que essa serie de romances nada tem de genial nem de maravilhoso. Obra de um jovem ela não poderia deixar de estar cheia de defeitos. Porem nela sei que existe um sentimento que quasi sempre foi esquecido nas obras de arte brasileiras: uma solidariedade absoluta, um grande amor para com a humanidade que vive nestes livros.

O romancista que aos 18 anos se abalou a iniciar esta obra e que hoje, aos 24, a vê concluida, quer deixar bem claro aqui que a escreveu com a maior satisfação. Sabe bem que escrever no Bra-

sil ainda é sacrificio, que fazer literatura neste país, sem se vender, é heroico. Mas este romancista teve da parte do publico um apoio como teem tido muito poucos escritores brasileiros e sabe que ha muita gente no país que o compreendeu e o olha com simpatia e com amor. Desamparado de toda e qualquer ligação de amizade com grupos e forças literarias do país, este romancista foi se apoiar no publico que soube compreender que tinha nele um amigo, alguem que queria falar com voz franca e leal. Demais resta a este romancista a alegria de saber que fez o soffrimento e a vida do povo bahiano conhecidos de alguns milhares de homens no Brasil e no extrangeiro, fazendo com que muitos corações pulsassem de solidariedade para com o drama dos seus irmãos da Bahia.

Essa serie de seis romances sobre a Bahia se baseia apenas no amor que um moço sentiu pelo sofrimento, pela alegria, pela vida da gente da sua terra. Foram livros escritos sinão com talento

e capacidade literaria pelo menos com um desejo de absoluta compreensão.

Dedico esses seis "Romances da Bahia" a João Amado de Faria, meu pae, em sinal de amor e grande reconhecimento. A ele que foi um destes sergipanos que meninos vieram construir na Bahia um país, varador de sertões, abridor de estradas, levantador de cidades, a ele pelos seus 40 anos de trabalho diario nas terras da Bahia, pela força de heroismo e de poesia da sua vida, a ele construtor do país da Bahia, essa lembrança do seu filho bahiano.

Cidade do Mexico (Republica Mexicana), Junho de 37.

JORGE AMADO

CARTAS Á REDAÇÃO

CREANÇAS LADRONAS

AS AVENTURAS SINISTRAS DOS "CAPITÃES DA AREIA" — A CIDADE INFESTADA POR CREANÇAS QUE VIVEM DO FURTO — URGE UMA PROVIDENCIA DO JUIZ DE MENORES E DO CHEFE DE POLICIA — HONTEM HOUVE MAIS UM ASSALTO

"Já por varias vezes o nosso jornal, que é sem duvida o orgão das mais legitimas aspirações da população bahiana, tem trazido noticias sobre a atividade criminosa dos "Capitães da Areia", nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas creanças que tão cedo se dedicaram á tenebrosa carreira do crime não teem moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localisada. Como tambem ainda não foi localisado o local onde escondem o produto dos seus assaltos que se tornam diarios, fazendo jus a uma imediata providencia do juiz dos menores e do dr. Chefe de policia.

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um numero superior a 100 creanças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Creanças que, naturalmente devido ao desprezo dado á sua educação por paes pouco servidos de sentimentos cristães, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de "Capitães da Areia" porque o caes é o seu quartel-general. E teem por comandante um molecote dos seus 14 anos, que é o mais terrivel de todos, não só ladrão, como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado

na tarde de hontem. Infelizmente a identidade deste chefe é desconhecida.

O que se faz necessario é uma urgente providencia da policia e do juizado de menores no sentido da extinção deste bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de creanças ou ás prisões. Passemos agora a relatar o assalto de hontem, do qual foi vitima um honrado comerciante da nossa praça que teve sua residencia furtada em mais de um conto de reis e um seu empregado ferido pelo desalmado chefe desta malta de jovens bandidos.

NA RESIDENCIA DO COMENDADOR JOSE' FERREIRA

No Corredor da Victoria, coração do mais chic bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, com loja de fazendas na rua Portugal. E' um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua architectura colonial. Pois hontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritivel agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos "Capitães da Areia".

Os relogios badalavam as tres horas da tarde e a cidade abafava de calor quando o jardineiro notou que algumas creanças vestidas de mulambos rondavam o jardim da residencia do comendador. O jardineiro tratou de afastar de frente da casa aqueles incomodos visitantes. E, como eles continuassem o seu caminho, descendo a rua, Ramiro, o jardineiro, volveu ao seu trabalho nos jardins do fundo do palacete. Minutos depois, porem, era o

ASSALTO

Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residencia. Eram gritos de pessoas terrivelmente assustadas. Armando-se de uma foice o jardineiro penetrou na casa e mal teve tempo de ver varios moleques que, como um bando de demonios (na expressão curiosa de Ramiro), fugiam saltando as janelas, carregados com objectos de valor da sala de jantar. A empregada que havia gritado estava cuidando da senhora do comendador que tivera um ligeiro desmaio em virtude do susto que passara. O jardineiro dirigiu-se ás pressas para o jardim onde teve logar a

LUTA

Aconteceu que no jardim a linda creança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos "Capitães da Areia", que é reconhecivel devido a um talho que tem no rosto. Na sua inocencia Raul ria para o malvado que sem duvida pensava em furta-lo. O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava porem pela reação do moleque que se revelou um mestre nestas brigas. E o resultado é que quando pensava ter seguro o chefe da malta o jardineiro recebeu uma punhalada no ombro e logo em seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso que fugiu.

A policia tomou conhecimento do fato mas até o momento que escrevemos a presente nota nenhum rastro dos "Capitães da Areia" foi encontrado. O Comendador José Ferreira, ouvido pela nossa reportagem, avalia o seu prejuizo em mais de um conto de reis, pois só um pequeno relogio da sua esposa estava avaliado em 900$ e foi furtado.

URGE UMA PROVIDENCIA

Os moradores do aristocratico bairro estão alarmados e receiosos que os assaltos se sucedam pois este não é o primeiro levado a efeito pelos "Capitães da Areia". Urge uma providencia que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o socego para as nossas mais distintas familias. Esperamos que o ilustre chefe de Policia e o não menos ilustre dr. Juiz de Menores saberão tomar as devidas providencias contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados.

A OPINIÃO DA INOCENCIA

A nossa reportagem ouviu tambem o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos gimnasianos mais aplicados do Colegio Antonio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrivel chefe dos "Capitães da Areia".

— Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o caes. Fiquei gostando dele, parece um destes meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras.

Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infancia que é o cinema que tanta idea errada infunde ás creanças acerca da vida. Outro problema que está merecendo a atenção do dr. Juiz de Menores. A ele volveremos.

(Reportagem publicada no "JORNAL DA TARDE", na pagina de "Fatos Policiaes", com um cliché da casa do comendador um deste no momento em que era condecorado).

CARTA DO SECRETARIO DO CHEFE DE POLICIA A' REDAÇÃO DO "JORNAL DA TARDE"

Sr. Diretor do "Jornal da Tarde"

Cordiaes Saudações.

Tendo chegado ao conhecimento do dr. Chefe de Policia a local poblicada hontem na segunda edição deste jornal sobre as atividades dos "Capitães da Areia", bando de creanças delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residencia do comendador José Ferreira, o dr. Chefe de Policia se apressa a comunicar á direção deste jornal que a solução do problema compete antes ao juiz de menores que á policia. A policia neste caso deve agir em obediencia a um pedido do dr. juiz de menores. Mas que, no entanto, vae tomar serias providencias para que semelhantes atentados não se repitam e para que os autores do de ante-hontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido.

Pelo exposto fica claramente provado que a policia não merece nenhuma critica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiencia porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiaes saudações.

Secretario do Chefe de Policia.

(Publicada em 1.ª pagina do "JORNAL DA TARDE", com o cliché do chefe de Policia um vasto comentario elogioso).

CARTA DO DOUTOR JUIZ DE MENORES A' REDAÇÃO DO "JORNAL DA TARDE"

Exmo. Sr. Diretor do "Jornal da Tarde".
Cidade do Salvador
Neste Estado.

Meu caro patricio.

Cordiaes saudações.

"Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as multiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epistola do infatigavel doutor Chefe de Policia do Estado, na qual dizia dos motivos porque a Policia não podera até a data presente intensificar a meritoria campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor Chefe de Policia declarando que não possuia ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinquencia infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigavel Chefia de Policia, sou obrigado, a bem da verdade (essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz purissima) a declarar que a desculpa não procede. Não procede, sr. diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado, etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. doutor Chefe de Policia sempre ha de me encontrar onde o dever me chama, porque, jamais, em 50 anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo.

Ainda nestes ultimos mezes que decorreram mandei para o Reformatorio de Menores varios menores, delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porem, que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respira paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fojem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Porque? Isso é um problema que aos psicologos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia.

O que quero deixar claro e cristalino, sr. diretor, é que o doutor Chefe de Policia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes.

De Va. Excia. admirador e patricio grato,

Juiz de Menores.

(Publicada no "JORNAL DA TARDE" com cliché do juiz de menores em uma coluna um pequeno comentario elogioso).

CARTA DE UMA MÃE, COSTUREIRA, A' REDAÇÃO DO "JORNAL DA TARDE"

Sr. Redator:

Desculpe os erros e a letra pois não sou custumeira nestas coisas de escrever e se hoje venho a vossa presença é para botar os pontos nos ii. Vi no jornal uma noticia sobre os furtos dos "Capitães da Areia" e logo depois veio a policia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatorio para onde ele mandava os pobres. E' pra falar no tal do reformatorio que eu escrevo estas mal-traçadas linhas. Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatorio para ver como são tratados os filhos dos pobres que teem a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis mezes e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida não sei se o desgraçado viveria mais seis mezes. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e tres vezes por dia. O diretor de lá vive caindo de bebedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. Foi por isso que tirei meu filho de lá. Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, ha de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que teem, que nem um homem forte aguenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto sinão se eles souberem vira um ceu aberto. Vá de repente e ha de ver quem tem razão. E' por essas e outras que existem os

"Capitães da Areia". Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatorio. Se o senhor quizer ver uma coisa de cortar coração vá lá. Tambem se quizer pode conversar com o padre José Pedro que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele tambem pode contar e com melhores palavras que eu não tenho.

Maria Ricardina, costureira.

(Publicada na quinta pagina do "JORNAL DA TARDE", entre anuncios, sem clichés e sem comentarios).

CARTA DO PADRE JOSÉ PEDRO A' REDAÇÃO DO "JORNAL DA TARDE"

Sr. Redator do "Jornal da Tarde"

Saudações em Cristo.

Tendo lido no vosso conceituado jornal a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das creanças recolhidas ao Reformatorio de Menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As creanças no aludido reformatorio são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, sr. Redator, e em vez de conquistarem as creanças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos fisicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar ás creanças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceita-los devido naturalmente ao odio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, sr. Redator, daria um volume.

Muito grato pela atenção.

Servo em Cristo,

Padre José Pedro.

(Carta publicada na terceira pagina do "JORNAL DA TARDE", sob titulo: "SERA' VERDADE?" e sem comentarios).

CARTA DO DIRETOR DO REFORMATORIO A' REDAÇÃO DO "JORNAL DA TARDE"

Exmo. Sr. Diretor do "Jornal da Tarde"

Saudações.

Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante orgão da imprensa bahiana, que com tão rutila inteligencia dirigís, tem feito contra os crimes apavorantes dos "Capitães da Areia", bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva socegadamente.

Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento que dirijo e que a modestia (e somente a modestia, sr. Diretor) me impede que chame de modelar.

Quanto á carta de uma mulherzinha do povo não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem duvida é uma das muitas que aqui veem e querem impedir que o Reformatorio cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pandega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamarem quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro veem pedir logar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa e então saem a reclamar contra o Reformatorio. Mas, como já disse, sr. Diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem ha de compreender a obra que estou realisando á frente deste estabelecimento.

O que me abismou, sr. Diretor, foi a carta do Padre José Pedro. Este sacerdote esquecendo as funções do seu cargo veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações.

Este padre (que eu chamarei de padre do demonio, se me permitis uma pequena ironia, sr. Diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas prohibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma seria queixa: ele tem incentivado os menores que o Estado colocou a meu cargo á revolta, á desobediencia. Desde que ele penetrou os humbraes desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau carater geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação.

Porem, sr. Diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao Reformatorio. Disso faço questão. Assim podereis, e o publico tambem, ter ciencia exata e fé verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatorio Bahiano para Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda feira. E se não digo que ele venha no dia que quizer é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo unico porque convido o vosso redator para segunda feira. Pelo que vos fico imensamente grato como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigario de Cristo.

Creado agradecido e admirador atento.

Diretor do Reformatorio Bahiano de Menores Delinquentes e Abandonados.

(Publicada em 3.ª pagina do "JORNAL DA TARDE" com um cliché do Reformatorio uma noticia adeantando que na proxima segunda feira irá um redator do "Jornal da Tarde" ao Reformatorio).

UM ESTABELECIMENTO MODELAR ONDE REINA PAZ E TRABALHO — UM DIRETOR QUE É UM AMIGO — OTIMA COMIDA — CREANÇAS QUE TRABALHAM E SE DIVERTEM — CREANÇAS LADRONAS EM CAMINHO DA REGENERAÇÃO — ACUSAÇõES IMPROCEDENTES — Só UM INCORRIGIVEL RECLAMA — O "REFORMATORIO BAHIANO" É UMA GRANDE FAMILIA — ONDE DEVIAM ESTAR OS "CAPITÃES DA AREIA".

(Titulos da reportagem publicada na segunda edição da terça feira do "JORNAL DA TARDE", ocupando toda a primeira pagina, sobre Reformatorio Bahieno, com diversos clichés do predio um do Diretor).

SOB A LUA
NUM VELHO TRAPICHE
ABANDONADO

O TRAPICHE

Sob a lua, num velho trapiche abandonado as creanças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas ora vinham se bater mansamente. A agua passava por baixo da ponte sob a qual muitas creanças repousam agora, iluminadas por uma restea amarela de lua. Desta ponte sairam inumeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de extranhas cores, para a aventura das travessias maritimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tabuas hoje comidas. Antigamente deante do trapiche se estendia o misterio do mar oceano, as noites deante dele eram de um verde escuro, quasi negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar á noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do caes do porto. Por baixo da ponte não ha mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros

musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção, um marinheiro nostalgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do caes.

Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roiam a madeira das portas monumentaes, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa epoca um cachorro vagabundo o procurou como refugio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois algumas noites, ladrando á lua pela madrugada pois grande parte do této já ruira e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tabuas grossas. Mas aquele era um cachorro sem pouso certo e cedo partiu em busca de outra pousada, o escuro de uma porta, o vão de uma ponte, o corpo quente de uma cadela. E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado.

Neste tempó a porta caira para um lado e um do grupo, certo dia em que passeava na estensão dos seus dominios (porque toda a zona do areal do caes, como aliás toda a cidade da Bahia, pertence aos Capitães da Areia) entrou no trapiche.

Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches onde por vezes a agua subia tanto que ameaçava leva-los. E desde esta noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche abandonado, em compa-

nhia dos ratos, sob a lua amarela. Na frente a vastidão da areia, uma brancura sem fim. Ao longe o mar que arrebentava no caes. Pela porta viam as luzes dos navios que entravam e saiam. Pelo této viam o ceu de estrelas, a lua que os iluminava.

Logo depois transferiram para o trapiche o deposito dos objectos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Extranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais extranhas, pòrem, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os 9 aos 16 anos, que á noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes á chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos ás canções que vinham das embarcações.

É aqui tambem que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Ha dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pae morrera de um balaço. Ele ficou sosinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não ha venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o caes recem-construido atraíu para as suas areias todas as creanças abandonadas da cidade) o chefe era Raymundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.

Não durou muito na chefia o caboclo Raymundo. Pedro Bala era muito mas ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Um dia bri-

garam. A desgraça de Raymundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche que não tardou. Uma noite, quando Raymundo quiz surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional que as areias do caes jamais assistiram. Raymundo era mais alto e mais velho. Porem Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raymundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia como o proprio areal. Engajou tempos depois num navio.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala á chefia e foi desta epoca que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, creanças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguem soube o numero exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruinas do velho trapiche.

Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

NOITE DOS "CAPITÃES DA AREIA"

A grande noite de paz da Bahia veio do caes, envolveu os saveiros, o forte, o quebra mar, se estendeu sobre as ladeiras e as torres das igrejas. Os sinos já não tocam as ave-marias que as seis horas ha muito que passaram. E o ceu está cheio de estrelas se bem a lua não tenha surgido nesta noite clara. O trapiche se destaca na brancura do areal que conserva as marcas dos passos dos Capitães da Areia que já se recolheram. Ao longe a fraca luz da lanterna da "Porta do Mar", botequim de maritimos, parece agonisar. Passa um vento frio que levanta a areia e torna dificeis os passos do negro João Grande que se recolhe. Vae curvado pelo vento como a vela de um barco. É alto, o mais alto do bando, e o mais forte tambem, negro de carapinha baixa e musculos retezados, embora tenha apenas treze anos, dos quaes quatro passados na mais absoluta liberdade, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia. Desde aquela tarde em que seu pae, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou á pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa e ele partiu para conquista-la. A cidade da

Bahia, negra e religiosa, é quasi tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com 9 anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido pois o Caboclo não gostava de se arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maioraes faziam para planejar os furtos. Não que fosse um bom organisador de assaltos, uma intelligencia viva. Ao contrario doia-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava tambem quando via alguem fazendo maldade com os menores. Então seus musculos se retezavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido. O Sem Pernas dizia dele:

— Este negro é burro mas é uma prensa...

E os menores, aqueles pequeninos que chegavam para o grupo cheios de receio tinham nele o mais decidido protetor. Pedro, o chefe, tambem gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha a amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:

— Tú é bom, Grande. Tú é melhor que a gente. Gosto de voce — e batia pancadinhas na perna do negro que ficava encabulado.

João Grande vem vindo para o trapiche. O vento quer impedir seus passos e ele se curva todo resistindo contra o vento que levanta a areia. Ele foi á "Porta do Mar" beber um trago de cachaça com o Querido de Deus que chegou hoje dos mares do Sul, de uma pescaria. O Querido de Deus é o mais celebre capoeirista da cidade. Quem não o respeita na Bahia? No jogo de capoeira de Angola

ninguem pode se medir com o Querido de Deus, nem mesmo Zé Moleque que deixou fama no Rio de Janeiro. O Querido de Deus contou as novidades e avisou que no dia seguinte apareceria no trapiche para continuar as lições de capoeira que Pedro Bala, João Grande e o Gato tomam. João Grande fuma um cigarro e anda para o trapiche. As marcas dos seus grandes pés ficam na areia mas o vento logo as destroe. O negro pensa que nessa noite de tanto vento são perigosos os caminhos do mar.

João Grande passa por debaixo da ponte — os pés afundam na areia — evitando tocar no corpo dos companheiros que já dormem. Penetra no trapiche. Espia um momento indeciso até que nota a luz da vela do Professor. Lá está ele, no mais longinquo canto do casarão, lendo á luz de uma vela. João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e mais vacilante que a da lanterna da "Porta do Mar" e que o Professor está comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miuda. João Grande anda para onde está o Professor, se bem durma sempre na porta do trapiche, como um cão de fila, o punhal proximo da mão, para evitar alguma surpresa.

Anda entre os grupos que conversam, entre as creanças que dormem, e chega para perto do Professor. Acocora-se junto a ele e fica espiando a leitura atenta do outro.

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de historias numa estante de uma casa da Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca porem vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ancia que era quasi febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros historias de aven-

tureiros, de homens do mar, de personagens heroicos e lendarios, historias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade numa ancia de aventuras e de heroismo. João José era o unico que lia correntemente entre eles, e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diario da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o unico que tivesse uma certa consciencia do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar historias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de miope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer magicas com lenços e niqueis e tambem porque, contando aquelas historias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa magica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e varias vezes foi a imaginação do Professor quem creou os melhores planos de roubo. Ninguem sabia, no entanto, que um dia, anos passados, seria ele quem haveria de contar em quadros que assombrariam o paiz a historia daquelas vidas e muitas outras historias de homens lutadores e sofredores. Talvez só o soubesse Don'Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Oxó de Afoxê, porque Don'Aninha sabe de tudo que Yá lhe diz através de um buzo nas noites de temporal.

João Grande ficou muito tempo atento á leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou

por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:

— Bonita, Professor?

Professor desviou os olhos do livro, bateu a mão descarnada no ombro do negro, seu mais ardente admirador:

— Uma historia zorreta, seu Grande. — seus olhos brilhavam.

— De marinheiro?

— É de um negro assim como tú. Um negro macho de verdade.

— Tú conta?

— Quando findar de ler eu conto. Tú vae ver só que negro.

E volveu os olhos para as paginas do livro. João Grande acendeu um cigarro barato, ofereceu outro em silencio ao Professor e ficou fumando de cocoras, como que guardando a leitura do outro. Pelo trapiche ia um rumor de risadas, de conversas, de gritos. João Grande distinguia bem a voz do Sem Pernas, estridula e fanhosa. O Sem Pernas falava alto, ria muito. Era o espião do grupo, aquele que sabia se meter na casa de uma familia uma semana, passando por um bom menino perdido dos paes na imensidão agressiva da cidade. Coxo, o defeito fisico valera-lhe o apelido. Mas valia-lhe tambem a simpatia de quanta mãe de familia o via, humilde e tristonho, na sua porta, pedindo um pouco de comida e pousada por uma noite. Agora no meio do trapiche o Sem Pernas metia a ridiculo o Gato que perdera todo um dia para furtar um anelão cor de vinho, sem nenhum valor real, pedra falsa, de falsa beleza tambem.

Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo:

— Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom para meu dedo. Batuta mesmo. Tú vae ver quando eu trouxer...

— Em que vitrine?

— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa do Sapateiro.

E o Gato não descansou enquanto não conseguiu no aperto de um bonde das seis horas da tarde tirar o anel do dedo do homem, escapulindo na confusão porque o dono logo percebeu. Exibia o anel no dedo medio, com vaidade. O Sem Pernas ria:

— Arriscar cadeia por uma porcaria! Um troço feio...

— Que tem tú com isso? Eu acho bom tá acabado.

— Tú é burro mesmo. Isso no prego não dá nada.

— Mas dá simpatia no meu dedo. Tou arranjando uma comida.

Falavam naturalmente em mulher apesar do mais velho ter apenas 16 anos. Cedo conheciam os misterios do sexo.

Pedro Bala que ia entrando desapartou o começo de briga. João Grande deixou o Professor lendo e veio para junto do chefe. O Sem Pernas ria sosinho, resmungando acerca do anel. Pedro o chamou e foi com ele e com João Grande para o canto onde estava Professor.

— Vem cá, Professor.

Ficaram os quatro sentados. O Sem Pernas acendeu uma ponta de charuto caro, ficou saboreando. João Grande espiava o pedaço de mar que se via através da porta, alem do areial. Pedro falou:

— Gonzalez do "14" falou hoje comigo...

— Quer mais corrente de ouro? Da outra vez.. — atalhou o Sem Pernas.

— Não. Tá querendo chapeu. Mas só topa de feltro. Palinha não vale, diz que não tem saida. E tambem..

— Que é que tem mais? — novamente interrompeu o Sem Pernas.

— Tem que muito usado não presta.

— Tá querendo muita coisa. Se ainda pagasse que valesse a pena..

— Tú sabe, Sem Pernas, que ele é um bicho calado. Pode não pagar bem, mas é uma cova. Dali não sae nada, nem a gancho.

— Tambem paga uma miseria. E é interesse dele não dizer nada. Se ele abrir a boca no mundo não ha costas largas que livre ele do xilindró...

— Tá bom, Sem Pernas, voce não quer topar o negocio vá embora, mas deixe a gente combinar as coisas direito.

— Não tou dizendo que não topo. Tou só falando que trabalhar pra um gringo ladrão não é negocio. Mas se tú quer...

— Ele diz que desta vez vae pagar melhor. Uma coisa que pague a pena. Mas só chapeu de feltro bom e novo. Tu, Sem Perna, podia ir com uns fazer esse negocio. Amanhã de noite Gonzalez manda um empregado do 14 aqui pra trazer os miudos e levar as carapuças.

— Bom logar é nos cinemas. — disse o Professor voltando-se para o Sem Pernas.

— Bom é na Victoria... — e o Sem Pernas fez um gesto de desprezo. — É só entrar nos corredores e aquilo é chapeu garantido...Tudo gente de nota.

— Tambem tem guarda em penca...

— Tú liga pra guarda? Se ainda fosse tira.. Guarda é pra correr picula. Tú vae comigo, Professor?

— Vou. Mesmo que tou precisando de um chapeu.

Pedro Bala falou:

— Arranja os que quizer, Sem Perna. Este negocio fica por tua conta. Menos o Grande e o Gato que eu tenho um negocio com eles pra amanhã. — virou-se para João Grande. — Um negocio do Querido de Deus.

— Ele já teve me avisando. E disque de noite vem pra capoeira.

Pedro voltou-se para o Sem Pernas que já se retirava para ir combinar com Pirulito a formação do grupo que ia em cata de chapeus no dia seguinte:

— Olha, Sem Pernas, tú trata de avisar que se algum for bispado trate de dar o suíte para outro lado. Não venha para cá.

Pediu um cigarro, João Grande deu. O Sem Pernas já afastado chamava Pirulito. Pedro foi em busca do Gato, tinha um assunto a conversar com ele. Depois voltou, se estendeu perto do logar onde estava Professor. Este retornou ao seu livro sobre o qual se debruçou até que a vela queimou-se toda e a escuridão do trapiche o envolveu. João Grande caminhou vagarosamente para a porta onde se deitou ao comprido, o punhal no cinto.

Pirulito era magro e muito alto, uma cara seca, meia amarelada, os olhos encovados e fundos, a boca rasgada e pouco risonha. O Sem Pernas primeiro fez pilheria perguntando se "ele já estava rezando",

depois entrou no assunto da pilhagem de chapeus, acertaram que levariam um certo numero de meninos que escolheram cuidadosamente, marcaram as zonas onde operariam e se separaram. Pirulito então foi para o seu canto costumeiro. Dormia invariavelmente ali, onde as paredes do trapiche faziam um angulo. Tinha disposto carinhosamente as suas coisas: um cobertor velho, um travesseiro que trouxera certa vez de um hotel onde penetrara levando as malas de um viajante, um par de calças que vestia aos domingos junto com uma bluza de cor indefinida porem mais ou menos limpa. E pregado na parede com pregos pequenos dois quadros de santos: um Santo Antonio carregando um menino Deus (Pirulito se chamava Antonio e tinha ouvido dizer que Santo Antonio era brasileiro), e uma Nossa Senhora das Sete Dores, que tinha o peito cravado de setas mas que tinha sob o seu quadro uma flor murcha. Pirulito recolheu a flor, aspirou-a, viu que não tinha mais perfume. Então a amarrou junto ao bentinho que trazia no peito e do bolso do velho paletó que vestia retirou um cravo vermelho que colhera num jardim, mesmo sob as vistas do guarda, naquela hora indecisa do crepusculo. E colocou o cravo por baixo do quadro, enquanto fitava a santa com um olhar comovido. Logo ajoelhou-se. Os outros a principio faziam muita pilheria quando o viam de joelhos, rezando. Porem já haviam se acostumado e ninguem mais reparava. Começou a rezar e seu ar de asceta se pronunciou ainda mais, seu rosto de creança ficou mais palido e mais grave, suas mãos longas e magras se levantaram ante o quadro. Todo seu rosto tinha uma especie de aureola e a sua voz tonalidades e vibrações que os companheiros não conheciam. Era

como se estivesse fora do mundo, não no velho e arruinado trapiche, mas numa outra terra junto com Nossa Senhora das Sete Dores. No entanto sua reza era simples e não fora siquer aprendida em catecismos. Pedia que a Senhora o ajudasse a um dia poder entrar para aquele colegio que estava no Sodré e de onde saiam os homens transformados em sacerdotes.

O Sem Pernas que vinha combinar um detalhe da questão dos chapeus e que, desde que o vira rezando trazia uma pilheria preparada, uma pilheria que só com o pensar nela ele ria e que iria desconcertar completamente Pirulito, quando chegou perto e viu Pirulito rezando, de mãos levantadas, olhos fixos ninguem sabia onde, o rosto aberto em extase (estava como que vestido de felicidade), parou, o riso burlão murchou nos seus labios e ficou a espia-lo meio a medo, possuido de um sentimento que era um pouco de inveja e um pouco de desespero.

O Sem Pernas ficou parado olhando. Pirulito não se movia. Apenas seus labios tinham um lento movimento. O Sem Pernas costumava burlar dele como de todos os demais do grupo, mesmo de Professor de quem gostava, mesmo de Pedro Bala a quem respeitava. Logo que um entrava para os Capitães da Areia formava uma idea ruim de Sem Pernas. Porque ele logo botava um apelido, ria de um gesto, de uma frase do novato. Ridicularisava tudo, era dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de malvado. Uma vez fez tremendas crueldades com um gato que entrara no trapiche. E um dia cortara de navalha um garçon de restaurante para furtar apenas um frango assado. Um dia em que teve um abcesso

na perna o rasgou friamente a canivete e na vista de todos o espremeu rindo. Muitos do grupo não gostavam dele mas aqueles que passavam por cima de tudo e se faziam seus amigos diziam que ele era um "sujeito bom". No mais fundo do seu coração ele tinha pena da desgraça de todos. E rindo, e ridicularisando, era que fugia da sua desgraça. Era como um remedio. Ficou parado olhando Pirulito que rezava concentrado. No rosto do que rezava ia uma exaltação, qualquer coisa que ao primeiro momento o Sem Pernas pensou que fosse alegria ou felicidade. Mas fitou o rosto do outro e achou que era uma expressão que ele não sabia difinir. E pensou, contraindo o seu rosto pequeno, que talvez por isso ele nunca tivesse pensado em rezar, em se voltar para o ceu de que tanto falava o padre José Pedro quando vinha ve-los. O que ele queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miseria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia tambem o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. Pirulito buscava isso no ceu, nos quadros de santo, nas flores murchas que trazia para Nossa Senhora das Sete Dores como um namorado romantico dos bairros chics da cidade traz para aquela a quem ama com intenção de casamento. Mas o Sem Pernas não compreendia que aquilo pudesse bastar. Ele queria uma coisa imediata, uma coisa que puzesse seu rosto sorridente e alegre, que o livrasse da necessidade de rir de todos e de rir de tudo. Que o livrasse tambem daquela angustia, daquela vontade de chorar que o tomava nas noites de inverno. Não queria o que tinha Pirulito: o rosto cheio de

uma exaltação. Queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguem que com muito amor o fizesse esquecer o defeito fisico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas mezes ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sosinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera uma familia. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava "meu padrinho" e que o surrava. Fugiu logo que poude compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bebedos o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudal-o. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. A principio chorou muito, depois, não sabe como, as lagrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava e ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto. Depois encontrou os Capitães da Areia (foi o Professor quem o trouxe, haviam feito camaradagem num banco de jardim) e ficou com eles. Não tardou a se destacar porque sabia como nenhum afetar uma grande dor e assim conseguir enganar senhoras cujas casas eram depois visitadas pelo grupo já ciente de todos os logares onde havia objetos de valor e de todos os habitos

da casa. E o Sem Pernas tinha verdadeira satisfação ao pensar em quanto o xingariam aquelas senhoras que o haviam tomado por um pobre orfão. Assim se vingava, porque seu coração estava cheio de odio. Confusamente desejava ter uma bomba (como uma daquelas de certa historia que o Professor contara) que arrazasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre. Talvez ficasse tambem se viesse alguem, possivelmente uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse seu rosto e o fizesse dormir um sono bom, um sono que não estivesse cheio dos sonhos da noite na cadeia. Assim ficaria alegre, o odio não estaria mais no seu coração. E não teria mais desprezo, inveja, odio, de Pirulito que, de mãos levantadas e olhos fixos, foge do seu mundo de sofrimentos para um mundo que conheceu nas conversas do padre José Pedro.

Um rumor de conversas se aproxima. Vem um grupo de quatro entrando no silencio que já reina na noite do trapiche. O Sem Pernas se estremece, ri nas costas de Pirulito que continúa a rezar. Encolhe os ombros, decide deixar para a manhã do dia seguinte o acerto dos detalhes do furto dos chapeus. E como tem medo de dormir vae ao encontro do grupo que chega, pede um cigarro, diz dichotes sobre a aventura de mulheres que os quatro contam:

— Uns franguinhos como voces, quem é que vae acreditar que seja capaz de derrubar uma mulher? Isso devia ser algum chibungo vestido de menina.

Os outros se irritam:

— Tú tambem se faz de besta. Se quer é só vim com a gente amanhã. Assim tú pode conhecer a zinha que é um peixão.

O Sem Pernas ri, sardonico:

— Não gosto de chibungo.

E sae andando pelo trapiche.

O Gato ainda não está dormindo. Sempre sae depois das 11 horas. É o elegante do grupo. Quando chegou, alvo e rosado, Boa Vida tentou conquista-lo. Mas já naquele tempo o Gato era de uma agilidade incrivel e não vinha como Boa Vida pensava da casa de uma familia. Vinha de meio dos Indios Maloqueiros, creanças que vivem sob as pontes de Aracajú. Fizera a viagem na rabada de um trem. Conhecia bem a vida de um grupo de creanças abandonadas. E já tinha mais de 13 anos. Assim conheceu logo os motivos porque Boa Vida, mulato troncudo e feio, o tratou com tanta consideração, lhe ofereceu cigarros e lhe deu parte do seu jantar e correu com ele a cidade. Depois bateram juntos um par de sapatos novos que estava exposto na porta de uma casa na Baixa dos Sapateiros. Boa Vida tinha dito:

— Deixa estar que eu sei onde se pode vender.

O Gato espiou seus sapatos poidos:

— Eu tava querendo eles pra mim. Já tou precisando...

— Tú com um sapato ainda tão bom... — se admirou Boa Vida que raras vezes levava sapatos e que naquele momento estava descalço.

— Eu pago a tua parte. Quanto tú pensa?

Boa Vida olhou para ele. O Gato levava gravata, um paletó remendado, e, coisa espantosa! levava meias:

— Tú é da elegancia, hein? — sorriu.

— Não nasci para essa vida. Nasci para o grande mundo, — disse o Gato repetindo uma frase que ouvira certa vez de um caixeiro viajante num cabaré de Aracajú.

Boa Vida achava-o decididamente lindo. O Gato tinha um ar petulante, e embora não fosse uma beleza efeminada, agradava a Boa Vida, que alem de tudo não tinha muita sorte com mulheres pois aparentava muito menos que os 13 anos que tinha, baixo e acachapado. O Gato era alto e sob os seus labios de 14 anos começava a surgir uma penugem de bigode que ele cultivava. Boa Vida naquele momento o amou com certeza porque disse:

— Tú pode ficar com eles... Eu te dou minha parte.

— Tá certo. Fico te devendo.

Boa Vida quiz aproveitar os agradecimentos do outro para iniciar sua conquista. E baixou a mão pelas coxas do Gato que se esquivou só com o jogo do corpo. O Gato riu comsigo mesmo e não disse nada. Boa Vida achou que não devia insistir sinão era capaz de espantar o menino. Ele não sabia nada do Gato e nem imaginava que este conhecia seu jogo. Andaram juntos parte da noite, vendo a iluminação da cidade (o Gato estava assombrado), e por volta das onze foram para o trapiche. Boa Vida mostrou o Gato a Pedro e levou-o depois para o logar onde dormia:

— Tenho aqui um lençol. Dá para nós dois.

O Gato deitou. Boa Vida se estendeu ao seu lado. Quando pensou que o outro estava dormindo o abraçou com a mão e com a outra começou a puxar-lhe as calças devagarinho. Num minuto o Gato estava de pé:

— Tú te enganou, mulato. Eu sou é homem.

Mas Boa Vida já não via nada, só via seu desejo, a vontade que tinha do corpo alvo do Gato, de enrolar o rosto nos cabelos morenos do Gato, de apalpar as carnes duras das coxas do Gato. E se atirou em cima dele com intenção de derruba-lo e força-lo. Mas o Gato desviou o corpo, passou-lhe a perna, Boa Vida se estendeu de nariz. Já tinha se formado um grupo em torno. O Gato disse:

— Ele pensava que eu era maricas. Tú te faz de besta.

Arrancou com o lençol de Boa Vida para outro canto e dormiu. Levaram algum tempo inimigos mas depois voltaram ás boas e agora quando o Gato se cansa de uma pequena entrega ao Boa Vida.

Uma noite o Gato andava pelas ruas das mulheres, o cabelo muito lustroso de brilhantina barata, uma gravata enrolada no pescoço, assoviando como se fosse um daquelles malandros da cidade. As mulheres o olhavam e riam:

— Olha aquele frangote... O que quererá por aqui?

O Gato respondia aos sorrisos e seguia. Esperava que uma o chamasse e fizesse o amor com ele. Mas não queria por dinheiro não só porque os niqueis que possuia não passavam de mil e quinhentos como porque os Capitães da Areia não gostavam de pagar mulher. Tinham as negrinhas de dezeseis anos para derrubar no areal.

As mulheres olhavam para a sua figura de garoto, sem duvida. Achavam-no belo na sua meninice viciada e gostariam de fazer o amor com ele. Mas não o chamavam porque aquela era a hora em que esperavam os homens que pagavam e elas tinham que pensar na casa e no almoço do dia seguinte. Se contentavam assim com rir e fazer pi-

lherias. Sabiam que dali sairia um daqueles vigaristas que enchem a vida de uma mulher, que lhe tomam dinheiro, dão pancada, mas tambem dão muito amor. Muitas delas gostariam de ser a primeira mulher deste malandrim tão jovem. Mas eram dez horas, hora dos homens que pagavam. E o Gato andava de um lado para outro inutilmente. Foi quando viu Dalva que vinha pela rua embuçada num capote de peles apesar da noite de verão. Ela passou por ele quasi sem o ver. Era uma mulher de uns trinta e cinco anos, corpo forte, rosto cheio de sensualidade. O Gato a desejou imediatamente. Foi atraz dela. Viu quando entrou em casa sem se voltar. Ficou na esquina esperando. Minutos depois ela apareceu na janela. O Gato subiu e desceu a rua, mas ela nem o olhava. Depois passou um velho, atendeu ao chamado dela, entrou. O Gato ainda esperou, porem, mesmo depois do velho ter saido muito apressado procurando não ser visto, ela não voltou á janela.

Noites e noites o Gato volveu á mesma esquina só para ve-la. Agora tudo que conseguia em dinheiro era para comprar trajes usados e se pôr elegante. Tinha o dom da elegancia malandra que está mais no geito de andar, de colocar o chapeu e dar um laço despreocupado na gravata que na roupa propriamente. O Gato desejava Dalva do mesmo modo como desejava comida ao ter fome, como desejava dormir ao ter sono. Já não atendia ao chamado das outras mulheres quando passada a meia noite elas já tinham feito para as despezas do dia seguinte e então queriam o amor juvenil do pequeno malandro. Um vez foi com uma só para saber da vida de Dalva. Foi assim que se inteirou que ela tinha um amante, um tocador de flauta num

café, que tomava o dinheiro que ela fazia e ainda tomava porres colossaes na sua casa, atrapalhando a vida de todas as rameiras do predio.

O Gato voltava todas as noites. Dalva nunca lhe deu siquer um olhar. Por isso ele ainda a amava mais. Ficava numa espera dolorosa até meia hora depois de meia noite quando o flautista chegava e, depois de a beijar na janela, entrava pela porta mal iluminada. Então o Gato ia para o trapiche a cabeça cheia de pensamentos: se um dia o flautista não viesse.. Se o flautista morresse... Era fraco, talvez não aguentasse nem o peso dos quatorze anos do Gato. E apertava a navalha que levava na blusa.

E uma noite o flautista não veio. Nesta noite Dalva andara pelas ruas como uma doida, voltara tarde para casa, não recebera nenhum homem e agora estava ali, postada na janela, apesar de já ter dado as doze horas ha muito tempo. Aos poucos a rua foi ficando deserta. Não restaram sinão o Gato na esquina e Dalva que ainda esperava na janela. O Gato sabia que aquela era a sua noite e estava alegre. Dalva desesperava. Então o Gato começou a passear de um lado para o outro da rua até que a mulher o notou e fez um sinal. Ele veio logo, sorrindo.

— Tú não é um frangote que fica na esquina toda noite?

— Quem fica na esquina sou eu. Agora essa coisa de frangote...

Ela sorriu tristemente:

— Tú quer me fazer um favor? Te dou uma coisa, — mas logo pensou e fez um gesto. — Não. Tú com certeza tá esperando tua comida e não vae perder tempo.

— Posso, sim. A que tou esperando não vem agora.

— Então eu quero, filhinho, que tú vá na rua Ruy Barbosa. O numero é 35. Procura seu Gastão. E' no primeiro andar. Diz a ele que eu estou esperando.

O Gato saiu humilhado. Primeiro pensou em não ir e em nunca mais voltar a ver Dalva. Mas depois se decidiu a ir para ver de perto o flautista que tinha coragem de abandonar uma mulher tão bonita. Chegou no predio (um sobrado negro, de muitos andares), subiu as escadas, no primeiro andar perguntou a um garoto que dormia no corredor qual era o quarto do sr. Gastão. O garoto mostrou o ultimo quarto, o Gato bateu na porta. O flautista veio abrir, estava de cuecas e na cama o Gato viu uma mulher magra. Estavam os dois bebados. O Gato falou:

— Venho da parte de Dalva.

— Diga áquela bruaca que não me amole. Tou chateado dela até aqui. — e punha a mão aberta na garganta.

De dentro do quarto a mulher falou:

— Quem é esse cocadinha?

— Não te mete — disse o flautista, mas logo acrescentou. — E' um recado da bruaca da Dalva. Tá se pelando que eu volte.

A mulher riu um riso canalha de bebada:

— Mas tú agora só quer tua Bébésinha, não é? Vem me dar um beijinho, anjo sem azas.

O flautista riu tambem:

— Tú tá vendo, pedaço de gente? Diz isso a Dalva.

— Tou vendo um couro espichado ali, sim senhor. Que urubú voce arranjou, hein, camarada?

O flautista o olhou muito serio:

— Não fale de minha noiva — e logo— quer tomar um trago? E' caninha da boa.

O Gato entrou. A mulher na cama se cobriu. O flautista riu:

— E' um filhote somente. Não faz medo.

— Mesmo esse couro — disse o Gato — não me tenta. Nem pra me tocar bronha.

Bebeu a cachaça. O flautista já voltara para a cama e beijava a mulher. Nem viram que o Gato saía e que levava a bolsa da prostituta que estava esquecida na cadeira, sobre vestidos. Na rua o Gato contou sessenta e oito mil reis. Jogou a bolsa no pé da escada, meteu o dinheiro no bolso. E foi para a rua de Dalva assoviando.

Dalva o esperava na janela. O Gato olhou para ela fixamente:

— Vou embocar. — e foi entrando sem esperar resposta.

Dalva mesmo no corredor perguntou:

— O que foi que ele disse?

— No quarto te digo. Me mostre onde é.

Entraram no quarto. A primeira coisa que o Gato viu foi um retrato de Gastão tocando flauta, vestido de smoking. Sentou na cama olhando o retrato. Dalva espiava espantada e mal poude novamente interrogar:

— O que foi que ele disse?

O Gato respondeu:

— Senta aqui, — e indicou a cama.

— Esse frangote. — murmurou ela.

— Olha, bichinha, ele tá grudado com outra, sabe? Tambem eu disse as boas aos dois. E depois pelei a bruaca, — meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro. — Vamos rachar isso.

— Tá com outra, não é? Mas meu Senhor do Bomfim ha de fazer com que os dois fique entrevado. Senhor do Bomfim é meu santo.

Foi até onde estava o quadro do santo. Fez a promessa e voltou.

— Guarda teu dinheiro. Tú ganhou direito.

O Gato repetiu:

— Senta aqui.

Desta vez ela sentou, ele a pegou e a derrubou na cama. Depois que ela gemeu com o amor e com os tabefes que ele lhe deu e murmurou:

— O frangote parece um homem..

ele se levantou, endireitou as calças, foi até onde estava o retrato do flautista Gastão e o rasgou.

— Vou tirar um retrato para tú botar aí.

A mulher riu e disse:

— Vem bichinho bom. Que malandro não vae sair daí! Vou te ensinar tanto coisa, meu cachorrinho.

Fechou a porta do quarto. O Gato tirou a roupa.

Por isso o Gato sae toda meia noite e não dorme no trapiche. Só volta pela manhã para ir com os outros para as aventuras do dia.

O Sem Pernas se aproximou e pilheriou:

— Agora tú vae mostrar o anel, não é?

— Tú não tem nada com isso, — o Gato fumava um cigarro. — Tú quer vir pra ver se topa alguma mulher que te queira assim coxo?

— Não vou em casa de couros. Sei onde tem coisa que valha a pena.

Mas o Gato não estava disposto a conversar e o Sem Pernas continuou a sua peregrinação através do trapiche.

O Sem Pernas encostou-se junto a uma parede e deixou que o tempo passasse. Viu o Gato sair por volta das onze e meia. Sorriu porque ele havia lavado a cara, posto brilhantina no cabelo e ia marchando com aquele passo gingado que caracterisa os malandros e os maritimos. Depois o Sem Pernas ficou muito tempo olhando as creanças que dormiam. Alí estavam mais ou menos cincoenta creanças, sem pae, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida nem sempre facil, arranjando o que comer e o que vestir ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapeus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. E o grupo era de mais de cem creanças pois muitas outras não dormiam no trapiche. Se espalhavam nas portas dos arranha-ceus, nas pontes, nos barcos virados na areia do Porto da Lenha. Nenhuma delas reclamava. Por vezes morria um de molestia que ninguem sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe de santo Don'Aninha ou tambem o Querido de Deus, o doente tinha algum remedio. Nunca porem era como um menino que tem sua casa. O Sem Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida.

Voltou-se porque ouviu movimento. Alguem se levantava no meio do casarão. O Sem Pernas reconheceu o negrinho Barandão que se dirigia de manso para o areal de fora do trapiche. O Sem Pernas pensou que ele ia esconder qualquer coisa que furtara e não queria mostrar aos companheiros. E aquilo era um crime contra as leis do bando. O Sem Pernas seguiu Barandão, atravessando entre os que dormiam. O negrinho já tinha trans-

posto a porta do trapiche e dava a volta no predio para o lado esquerdo. Em cima era o ceu de estrelas. Barandão agora caminhava apressadamente. O Sem Pernas notou que ele se dirigia para o outro extremo do trapiche, onde a areia era mais fina ainda. Foi então pelo outro lado e chegou a tempo de ver Barandão que se encontrava com um vulto. Logo o reconheceu: era Almiro, um do grupo, de doze anos, gordo e preguiçoso. Deitaram-se juntos, o negro acariciando Almiro. O Sem Pernas chegou a ouvir palavras. Um dizia: "meu filhinho", "meu filhinho". O Sem Pernas recuou e a sua angustia cresceu. Todos procuravam um carinho, qualquer coisa fora daquela vida: o Professor naqueles livros que lia a noite toda, o Gato na cama de uma mulher da vida que lhe dava dinheiro, Pirulito na oração que o transfigurava, Barandão e Almiro no amor na areia do caes. O Sem Pernas sentia que uma angustia o tomava e que era impossivel dormir. Se dormisse viriam os maus sonhos da cadeia. Queria que aparecesse alguem a quem ele podesse torturar com dichotes. Queria uma briga. Pensou em ir acender um fosforo na perna de um que dormisse. Mas quando olhou da porta do trapiche sentiu somente pena e uma doida vontade de fugir. E saiu correndo pelo areal, correndo sem fito, fugindo da sua angustia.

Pedro Bala acordou com um ruido perto de si. Dormia de bruços e olhou por baixo dos braços. Viu que um menino se levantava e se aproximava cautelosamente do canto de Pirulito. Pedro Bala no meio sono em que estava pensou, a principio, que se tratasse de um caso de pederastia. E ficou

atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo era que não admitiriam pederastas passivos. Mas acordou completamente e logo recordou que era impossivel pois Pirulito não era destas coisas. Devia se tratar de furto. Realmente o garoto já abria o baú de Pirulito. Pedro Bala se atirou em cima dele. A luta foi rapida. Pirulito acordou mas os demais dormiam.

— Tú tá roubando um companheiro?

O outro ficou calado, coçando o queixo ferido. Pedro Bala continuou:

— Amanhã tú vae embora.. Não quero mais tú com a gente. Vae ficar com a gente de Ezequiel que vive roubando um dos outros.

— Eu só queria era ver...

— Que era que tú vinha ver com as mãos?

— Juro que era só para ver aquela medalha que ele tem.

— Desembucha esta historia direito sinão leva porrada.

Pirulito se meteu:

— Deixa ele, Pedro. Era bem capaz de querer ver mesmo a medalha. E' uma medalha que o Padre José Pedro me deu.

— E' isso mesmo — disse o menino — eu só queria ver. Juro, — mas tremia de medo. Sabia que a vida de um expulso dos Capitães da Areia ficava dificil. Ou entrava para o grupo de Ezequiel, que vive todo o dia na cadeia, ou acabava no Reformatorio.

Pirulito intercedeu de novo e Pedro Bala voltou para perto do Professor. Então o menino disse com a voz ainda tremendo:

— Vou contar pra voce saber. Foi uma menina que eu vi hoje. Tava na Cidade de Palha.

Eu tinha entrado na casa com idea de abafar um paletó. Quando ela veio e ficou perguntando o que eu queria. Aí topamos a conversar. Eu disse que amanhã ia levar um presente para ela. Porque foi boa, boa assim comigo, sabe? — e agora gritava e parecia que tinha raiva.

Pirulito tomou a medalha que o padre lhe dera, ficou mirando. De repente estendeu para o menino:

— Tome. Dê a ela. Mas não conte a Pedro Bala.

Volta Seca entrou no trapiche quando a madrugada já ia alta. O cabelo de mulato sertanejo estava revolto. Calçava alpercatas como quando viera da caatinga. O seu rosto sombrio se projetou dentro do casarão. Passou por cima do corpo do negro João Grande. Cuspiu adeante, passou o pé em cima. Apertado no braço trazia um jornal. Olhou todo o salão procurando alguem. Segurou o jornal com as mãos grandes e calosas logo que distinguiu onde estava Professor. E sem se importar da hora tardia se dirigiu para lá e começou a chama-lo:

— Professor. Professor.

— O que é? — Professor estava semi-adormecido.

— Eu quero uma coisa.

Professor sentou-se. O rosto sombrio de Volta Seca estava meio invisivel na escuridão.

— E' tú Volta Seca? Que é que tú quer?

— Quero que tú leia pra eu ouvir essa noticia de Lampeão que o "Diario" traz. Tem um retrato.

— Deixa pra amanhã que eu leio.

— Lê hoje que eu amanhã te ensino a imitar direitinho um canario.

O Professor buscou uma vela, acendeu, começou a ler a noticia do jornal. Lampeão tinha entrado numa vila da Bahia, matara oito soldados, deflorara moças, saqueara os cofres da Prefeitura. O rosto sombrio de Volta Seca se iluminou. Sua boca apertada se abriu num sorriso. E ainda feliz deixou o Professor que apagava a vela e foi para o seu canto. Levava o jornal para cortar o retrato do grudo de Lampeão. Dentro dele ia uma alegria de primavera.

PONTO DAS PITANGUEIRAS

Esperaram que o guarda andasse. Este demorou olhando o ceu, mirando a rua deserta. O bonde desapareceu na curva. Era o ultimo dos bondes da linha de Brotas naquela noite. O guarda acendeu um cigarro. Com o vento que fazia gastou tres fosforos. Depois suspendeu a gola da capa pois havia um frio humido que o vento trazia das chacaras onde balouçavam mangueiras e sapotizeiros. Os tres meninos esperavam que o guarda andasse para poder atravessar de um lado para outro da rua e entrar na travessa sem calçamento. O Querido de Deus não tinha podido vir. Toda a tarde tinha passado na "Porta do Mar" esperando o homem que não veio. Se ele tivesse vindo seria mais facil pois com o Querido de Deus ele não ia discutir mesmo porque devia muita coisa ao capoeirista. Mas não tinha vindo, a informação fora errada, e o Querido de Deus já tinha uma viagem acertada para esta noite. Ia a Itaparica. Durante a tarde num terreninho que havia no fundo da "Porta do Mar" fizeram treinos do jogo da capoeira. O Gato prometia ser com algum tempo um lutador capaz de se pegar com o proprio Querido de Deus. Pedro Bala tambem tinha muito geito. Dos tres o menos agil era o negro João Grande, muito bom numa luta onde

podesse empregar sua enorme força fisica. Assim mesmo aprendia o bastante para se livrar de um mais forte que ele. Quando se cansaram passaram para a sala. Pediram quatro pingas e o Gato sacou um baralho do bolso das calças. Um velho baralho sebento, de cartas muito grossas. O Querido de Deus afirmava que o homem viria, o camarada que lhe dera a informação era um sujeito seguro. Era negocio para render muito e o Querido de Deus preferira chamar os Capitães da Areia, seus amigos, que um dos malandros do caes. Sabia que os Capitães da Areia valiam mais que muitos homens e tinham a boca calada. A "Porta do Mar" estava quasi deserta áquela hora. Somente dois marinheiros de um *bahiano* bebiam cerveja ao fundo conversando. O Gato poz o baralho em cima da mesa e propoz:

— Quem topa uma ronda?

O Querido de Deus pegou no baraıno:

— Tá mais que marcado, seu Gato. Um barainho bem velho.

— Se tú tem outro eu não me importo.

— Não. Vamos com esse mesmo.

Começaram o jogo. O Gato descobria duas cartas na mesa, os outros apostavam numa, a banca ficava com a outra. A principio Pedro Bala e o Querido de Deus ganharam. João Grande não estava jogando (conhecia de mais o baralho do Gato), só fazia espiar rindo com seus dentes alvos quando o Querido de Deus dizia que estava com sorte neste dia porque era o dia de Xangô, seu santo. Sabia que a sorte seria só no principio e que quando o Gato começasse a ganhar não pararia mais. Certo momento o Gato começou a ganhar. Quando ganhou a primeira vez, disse com uma voz meio triste:

— Tambem já era tempo. Táva com um peso da mãe!

João Grande abriu mais seu sorriso. O Gato ganhou de novo. Pedro Bala se levantou, recolheu os niqueis que havia ganho. O Gato olhou desconfiado:

— Tú não vae botar nada agora?

— Agora não que vou mijar — e foi para os fundos do bar.

O Querido de Deus ficou perdendo. João Grande ria e o capoeirista se afundava. Pedro Bala tinha voltado mas não jogava. Ria com João Grande. O Querido de Deus passou tudo quanto tinha ganho. João Grande disse entre dentes:

— Vae entrar no capital...

— Ainda tou perdendo, — falou o Gato.

Reparou que Pedro tinha voltado:

— Tú não arrisca mais nada? Não vae na dama?

— Tou cansado de jogar.. — e Pedro Bala piscou para o Gato como que dizendo que ele se contentasse com o Querido de Deus.

O Querido de Deus passou cinco mil reis do capital. Só ganhara duas vezes durante as ultimas jogadas e estava meio desconfiado. O Gato abriu o baralho na mesa. Puxou um rei e um sete.

— Quem vae? — perguntou.

Ninguem foi. Nem mesmo o Querido de Deus que olhava o baralho muito desconfiado. O Gato perguntou:

— Tá pensando que tem treita? Pode espiar. Eu faço jogo limpo...

João Grande soltou uma daquelas suas gargalhadas escandalosas. Pedro Bala e o Querido de

Deus riram tambem. O Gato olhou para João Grande com raiva:

— Este negro é burro como uma porta. Tú não tá vendo..

Mas não completou a frase porque os dois marinheiros do *bahiano*, que já miravam o jogo ha bastante tempo, se aproximaram. Um deles, o mais baixo, que estava bebado, falou para o Querido de Deus:

— Pode-se entrar nesta brincadeira?

O Querido de Deus apontou o Gato:

— A banca é deste moço.

Os marinheiros olharam desconfiados para o menino. Mas o baixo cutucou o outro com o cotovelo e murmurou qualquer coisa ao ouvido. O Gato riu para dentro porque sabia que ele estava dizendo que seria facil arrancar o dinheiro daquela creança. Se abancaram os dois e o Querido de Deus achou extranho que Pedro Bala se abancasse tambem. João Grande, no entanto, não só não achou extranho como se abancou tambem. Ele sabia que era preciso tapear os marinheiros e então que era necessario que a gente do grupo perdesse tambem. Os marinheiros, do mesmo modo que tinha acontecido com o Querido de Deus, começaram ganhando. Mas durou pouco a aragem da sorte e em breve só o Gato ganhava dos quatro. Pedro Bala soltava exclamações:

— Esse Gato quando tem sorte é um caso serio...

— Tambem quando dá de perder perde a noite toda, — replicou João Grande e esta sua replica deu uma grande confiança aos marinheiros sobre a honestidade do jogo e a possibilidade da sorte virar. E continuaram a jogar e a perder. O baixo só dizia:

— A sorte tem de virar...

O outro que tinha um bigodinho jogava calado e cada vez apostava mais alto. Tambem Pedro Bala subia o valor das suas apostas. Certa hora o de bigodinho virou pro Gato:

— A banca topa cinco mil?

O Gato coçou o cabelo cheio de brilhantina barata, aparentando uma indecisão que os companheiros sabiam que não possuia:

— Vá lá. Topo. Só pra dar meio de voce livrar teu prejuizo.

O de bigodinho apostou cinco mil. O baixo foi com tres mil reis. Foram ambos num az contra um valete da banca. Pedro Bala e João Grande foram no az tambem. O Gato começou a virar as cartas. A primeira era um nove. O baixo batia com os dedos, o outro puxava o bigodinho. Veio em seguida um dois e o baixo disse:

— Agora é o az. Dois, depois um. — e batia com os dedos.

Mas veio um sete e depois um dez e então veio um valete. O Gato arrastou a mesa enquanto Pedro Bala fazia uma cara de grande aborrecimento e dizia:

— Amanhã quando o peso te pegar tú vae ver que te arraso.

O baixo confessou que estava limpo. O de bigodinho meteu as mãos nos bolsos:

— Tou só com os niqueis pra pagar a cerveja. O garoto é um braço.

Se levantaram, cumprimentaram o grupo, pagaram a cerveja que tinham bebido na outra mesa. O Gato os convidou a voltarem no outro dia. O baixo respondeu que o navio deles saía aquela noite

para Caravelas. Só quando voltasse. E se foram, de braço dado, comentando a pouca sorte.

O Gato contou o lucro. Sem juntar o dinheiro que Pedro Bala e João Grande haviam perdido existia um lucro de trinta e oito mil reis. O Gato devolveu o dinheiro de Pedro Bala, depois o de João Grande, ficou um minuto pensando. Meteu a mão no bolso tirou os cinco mil reis que o Querido de Deus havia perdido anteriormente:

— Toma, batuta. Tinha trapaça, eu não quero embolsar teu cobre..

O Querido de Deus beijou a nota com satisfação, bateu a mão nas costas do Gato:

— Tú vae longe, menino. Tú pode enricar com estas treitas.

Mas já o sol se punha e o homem não vinha. Eles pediram outra pinga. Com o cair da tarde o vento que vinha do mar aumentou. O Querido de Deus começava a ficar impaciente. Fumava cigarro sobre cigarro. Pedro Bala espiava para a porta. O Gato dividiu os trinta e oito mil reis pelos tres. João Grande perguntou:

— Como teria ido o Sem Pernas com o abafa de chapeus?

Ninguem respondeu. Esperavam o homem e agora tinham a impressão que ele não viria. A informação tinha sido errada. Não ouviam siquer a canção que vinha do mar. A "Porta do Mar" estava deserta e seu Felipe quasi dormia no balcão. Não tardaria, no entanto, a estar cheia e então todo acerto seria impossivel com o homem. Ele não haveria de querer conversar ali com o salão cheio. Poderiam conhece-lo e ele não queria isto. Tão pouco o queriam os Capitães da Areia. Em verdade o Gato não sabia de que se tratava. E pouco

mais sabiam Pedro Bala e João Grande. Sabiam quanto sabia o Querido de Deus a quem o negocio tinha sido proposto e que o tinha aceito para Pedro Bala e os Capitães da Areia. No entanto ele mesmo tinha apenas vagas informações e iam saber de tudo pelo homem que marcara uma entrevista á tarde na "Porta do Mar". Mas até ás seis horas não chegou. Em logar dele chegou o tal que tinha falado ao Querido de Deus. Chegou na hora em que o grupo ia sair. Explicou que o homem não tinha podido vir. Mas que esperava o Querido de Deus á noite na rua em que morava. Viria por volta de uma da madrugada. O Querido de Deus declarou que não podia ir mas que entregava o assunto aos Capitães da Areia. O intermediario mirou os meninos desconfiado. O Querido de Deus perguntou:

— Nunca ouviu falar nos Capitães da Areia?

— Já, sim. Mas..

— De qualquer geito quem ia tratar do negocio era eles. Daí..

O intermediario pareceu se conformar. Combinaram para uma da manhã e se separaram. O Querido de Deus foi para seu barco, os Capitães da Areia para o trapiche, o intermediario desapareceu no caes.

O Sem Pernas não havia ainda voltado. Não havia ninguem no trapiche. Deviam estar todos espalhados pelas ruas da cidade, cavando o jantar. Os tres sairam novamente e foram comer num restaurante barato que havia no mercado. Na saida do trapiche o Gato que estava muito alegre com o resultado do jogo quiz passar uma rasteira em Pedro Bala. Mas este livrou o corpo e derrubou o Gato:

— Tou treinado nisso, bestão.

Entraram no restaurante fazendo barulho. Um velho que era o garçon se aproximou com desconfiança. Sabia que os Capitães da Areia não gostavam de pagar e que aquele de talho na cara era o mais temivel de todos. Apesar de haver bastante gente no restaurante o velho disse:

— Acabou tudo. Não tem mais boia.

Pedro Bala replicou:

— Deixa de conversa fiada, meu tio. Nós quer comer.

João Grande bateu a mão na mesa:

— Sinão a gente vira esse frege mosca de cabeça pra baixo.

O velho fitava indeciso. Então o Gato bateu o dinheiro em cima da mesa:

— Hoje nós vae fazer gasto.

Foi um argumento suficiente. O garçon começou a trazer os pratos: um prato de sarapatel e depois uma feijoada. Quem pagou foi o Gato. Depois Pedro Bala propoz que fossem andando até Brotas, pois já que iam a pé tinham muito que caminhar.

— Não vale a pena tomar o taioba — disse Pedro Bala. — E' melhor que ninguem saiba que a gente foi pra lá.

O Gato então disse que chegaria depois e os encontraria lá. Tinha uma coisa que fazer antes. Ia avisar a Dalva que não o esperasse esta noite.

E agora estavam ali, no Ponto das Pitangueiras, esperando que o guarda se afastasse. Escondidos no vão de um portal não falavam. Ouviam o vôo dos morcegos que atacavam os sapotis maduros nos pés. Finalmente o guarda andou, eles ficaram espiando até que a sua figura desapareceu na curva

que a rua fazia. Então atravessaram e entraram na alameda das chacaras e novamente se esconderam num portal. O homem não tardou muito. Saltou de um automovel na esquina, pagou a corrida e veio subindo a alameda. Tudo que se ouvia eram os seus passos e o rumor das folhas que o vento balançava nas arvores. Quando o homem vinha proximo Pedro Bala saiu do portal. Os outros vieram logo depois e como que o guardavam, pareciam dois guarda-costas. O homem se aproximou mais do muro junto ao qual vinha andando. Pedro caminhava para ele. Quando estava defronte parou:

— Pode me dar o fogo, senhor? — levava na mão um cigarro apagado.

O homem não disse nada. Sacou a caixa de fosforos, estendeu ao menino. Pedro riscou um e enquanto acendia o cigarro olhou para o homem. Depois ao entregar a caixa de fosforos perguntou:

— É o senhor que se chama Joel?

— Porque? — quiz saber o homem.

— Foi o Querido de Deus que nos mandou.

João Grande e o Gato tinham se aproximado. O homem mirou os tres com espanto:

— Porem são uns meninos. Isso não é negocio para meninos.

— Diga o que é, a gente sabe fazer os trabalho direito, — retrucou Pedro Bala enquanto os outros dois se aproximavam.

— Mas se é um negocio que talvez nem homens.. — e o homem poz a mão na boca como quem teme ter dito mais do que convinha.

— Nós sabe guardar um segredo tão bem como um cofre. E os Capitães da Areia sempre faz os serviços bem feito.

— Os Capitães da Areia? Esse grupo de que falam os jornaes? De meninos abandonados? São voces?

— É a gente, sim. E dos que manda.

O homem parecia refletir. Enfim se decidiu:

— Eu preferia entregar esse negocio a homens. Mas como tem que ser esta noite mesmo. O geito.

— Vae ver como a gente sabe trabalhar. Não fique assustado.

— Venham comigo. Mas deixem que eu vá na frente. Voces irão uns passos atraz de mim.

Os meninos obedeceram. Num portão o homem parou, abriu, ficou esperando do lado de dentro. Veio de dentro um grande cão que lhe lambia as mãos. O homem fez os tres entrarem, atravessaram uma rua de arvores, o homem abriu a porta da casa. Entraram para uma saleta, o homem poz a capa e o chapeu numa cadeira e sentou-se. Os tres estavam de pé. O homem fez sinal que sentassem e primeiro eles miraram desconfiados as largas e comodas poltronas. Isso Pedro Bala e João Grande porque o Gato já estava se sentando muito a gosto, numa atitude displicente. A outro sinal do homem Pedro e o Grande se sentaram, sendo que João Grande ficou sentado apenas na ponta da cadeira, como se temesse suja-la. O homem tinha um ar de riso. De repente levantou-se e falou, mirando a Pedro em quem reconhecera o chefe:

— O que voces vão fazer é dificil e ao mesmo tempo é facil. Agora o que tem é que é uma coisa que necessita que ninguem saiba.

— Não passa daqui. — disse Pedro Bala.

O homem puxou o relogio do bolso:

— São uma e um quarto. Ele só volta ás duas e meia. — olhava os Capitães da Areia ainda com indecisão.

— Então não é muito tempo — falou Pedro. — Se quer que a gente vá, é bom desembuchar logo..

O homem se decidiu:

— Duas ruas adeante desta. É a penultima chacara á direita. Tem que evitar um cachorro que já deve estar solto. É bravo.

João Grande interrompeu:

— O senhor tem aí um pedaço de carne?

— Pra que?

— Pro cachorro. Um pedaço chega.

— Verei já. — Olhava os meninos. Parecia perguntar a si mesmo se devia confiar neles. — Voces entram pelos fundos. Junto da cosinha, na parte de fora da casa tem um quarto por cima da garage. É o do empregado que agora deve estar dentro de casa esperando o patrão. É no quarto dele que voces vão entrar. Devem procurar um embrulho igual a este, igualsinho.. — Foi ao bolso da capa trouxe um pequeno pacote amarrado com uma fita cor de rosa. — E' igualsinho. Não sei se ainda estará no quarto. Tambem pode ser que o empregado o tenha no bolso. Se assim for nada mais se pode fazer. — E um desespero repentino pareceu tomal-o. — Se eu tivesse podido ir esta tarde... Então, com certeza ainda estaria no quarto. Mas agora quem sabe? — e cobriu o rosto com as mãos.

— Mesmo que esteja com o empregado se pode trazer... — disse Pedro.

— Não. E' essencial que ninguem saiba que houve furto deste embrulho. O que voces vão fazer é trocar os embrulhos, se o outro estiver no quarto.

— E se estiver com o empregado?

— Então. — e a fisionomia do homem novamente se alterou. João Grande pensou ouvir um nome que soava como Elisa. Mas talvez fosse ilusão de João Grande que por vezes ouvia e via coisas que ninguem percebia. O negro era muito mentiroso.

— Então a gente troca os embrulho do mesmo geito. Pode ficar descansado. O senhor não conhece os Capitães da Areia.

Apesar do seu desespero o homem sorriu da bravata de Pedro Bala:

— Então podem ir. Depois, tem que ser antes de duas horas, voltem aqui. Mas só quando a rua estiver deserta. Eu os esperarei. Acertaremos nossas contas então. Mas quero dizer outra coisa lealmente. Se voces forem percebidos e presos não me envolvam no caso. Nada farei por voces porque meu nome não pode aparecer nisso tudo. Tratem de dar fim a este embrulho e não me chamem para nada. É ganhar ou perder.

— Neste caso — replicou Pedro Bala — é preciso marcar o preço antes. Quanto o senhor paga a gente?

— Dou 100$. 30$ para cada e mais 10$ para voce — apontou para Pedro.

O Gato se mexeu na cadeira. Pedro fez sinal que ele se calasse.

— O senhor dá cincoenta a cada e parece que ainda vae fazer negocio. São 150 bicos pros tres. Sinão não tem embrulho.

O homem não vacilou muito. Olhava o relogio onde os ponteiros corriam:

— Está bem.

Aí o Gato falou:

— Não é que a gente desconfie do senhor. Mas a coisa pode sair pelo avesso e o senhor mesmo disse que não se importaria com o que acontecesse a gente.

— E daí?

— É justo que o senhor nos passe logo algum.

João Grande apoiava o Gato com o gesto da cabeça. Pedro Bala repetiu as ultimas palavras do outro:

— E' justo, sim. Se depois a gente não póde lhe recorrer.

— É justo. — repetiu tambem o homem. Tirou uma carteira do bolso. Puxou uma nota de cem mil reis. Entregou a Pedro:

— Agora toca a andar. Se faz tarde.

Sairam. Pedro Bala disse:

— Pode ficar descansado. Daqui a uma hora a gente volta com o embrulho.

Em frente da casa (a rua estava completamente deserta, numa janela da casa havia luz e eles viam a sombra de uma mulher que andava de um lado para outro) o Grande bateu na testa:

— Me esqueci da carne pro cachorro.

Pedro Bala estava olhando a janela com luz, se voltou:

— Não tem nada. Isso me cheira a coisa de amigamento. O sujeito aquele derrubava a zinha daqui e agora o empregado tem as cartas que os dois se escrevia e quer dar o alarme. Esse pacote tá com perfume. É que o outro ha de ter.

Fez sinal para os dois esperarem do outro lado da rua, chegou para perto do portão da casa. Logo que se encostou um grande cão se aproximou latin-

do. Pedro Bala amarrou um cordel no ferrolho do portão enquanto o cão andava de um lado para outro, latindo baixo. Depois chamou os outros dois:

— Tú — apontou pro Gato — fica aqui na rua para dar o alarma se vem alguem. Tú, Grande, entra comigo.

Treparam na gradesinha do muro. Pedro Bala puxou com o cordão o ferrolho e o portão abriu. O Gato tinha ido para a esquina. O cão ao ver o portão aberto se precipitou para a rua, ficou remexendo uma lata de lixo. Pedro Bala e João Grande pularam o muro, cerraram o portão para que o cachorro não pudesse entrar, se adiantaram entre as arvores. Na janela iluminada da casa o vulto de mulher continuava a andar. João Grande disse baixinho:

— Tenho pena dela.

— Quem manda deitar com outros.

Perto da casa o negro ficou para transmitir o aviso do Gato se viesse alguem. Tinham assovios especiaes para estes casos. Pedro Bala rodeou a casa, chegou á cosinha. A porta estava aberta, como tambem a do quarto sobre a garage. Porem antes de subir a escada que dava para o quarto, Pedro espiou pela porta da cosinha. Na copa havia luz e um homem jogava paciencia. "Deve ser o tal empregado", pensou Pedro e rapido se afastou para a escada da garage. Subiu de quatro, entrou no quarto do homem. Não havia luz. Pedro fechou a porta, acendeu um fosforo. Havia apenas uma cama, um baú e um cabide na parede. O fosforo se apagou mas Pedro já estava em cima da cama que correu toda com as mãos. Depois viu em baixo do colchão. Tão pouco havia nada. Desceu então da cama, se aproximou sem fazer ruido

do baú. Suspendeu a tampa, acendeu um fosforo que prendeu nos dentes. Remexeu a roupa com cuidado, não havia nada. Cuspiu o fosforo (depois se lembrou que o homem podia não fumar e então o recolheu ao bolso) e foi até o cabide. Nada nos bolsos da roupa ali dependurada. Pedro Bala acendeu outro fosforo, mirou todo o quarto:

— Com certeza está com o homem. Agora é que vão ser elas.

Abriu a porta do quarto, desceu as escadas. Chegou na porta da cosinha, o homem ainda estava sentado. Então Pedro Bala reparou que ele estava sentado em cima do embrulho. Aparecia uma ponta sob a perna do homem. Pedro pensou que tudo estava perdido. Como iria ele tirar o embrulho de baixo da perna do homem? Saiu da porta da cosinha, foi andando para onde estava o Grande. Só se ele e o Grande atacassem o homem. Mas aí haveria gritaria, todo mundo saberia do roubo. E o senhor que os tinha empregado não queria saber disso. De repente teve uma idea. Chegou perto de onde tinha deixado o Grande, assoviou baixinho. João Grande apareceu logo. Pedro falou em voz muito baixa:

— Olha Grande, o tal empregado tá sentado em riba do embrulho. Tú vae chegar na porta da rúa, apertar a campainha e sumir depois. É pro homem se levantar e eu abafar o embrulho. Mas dá o suite logo pro homem não te ver, pensar que foi sonho. Deixa passar o tempo de eu chegar na cosinha.

Voltou rapido para a porta da cosinha. Daí a um minuto a campainha soôu. O empregado levantou-se ás pressas, abotoou o paletó e se dirigiu para a frente da casa pelo corredor, onde acendeu uma luz. Pedro Bala penetrou na copa, trocou os paco-

tes e abriu para os lados da chacara. Saltou o muro, assoviou para o Gato e João Grande. O Gato veio logo. Mas João Grande não apareceu. Andaram de um lado para outro e o negro não chegava. Pedro começava a ficar impaciente pensando que o empregado podia ter surpreendido João Grande e agora estar atracado com ele. Mas quando ele passara por aqueles lados não havia visto nenhum ruido. Disse:

— Se ele demorar a gente entra.

Assoviaram novamente, não tiveram resposta. Pedro Bala resolveu:

— Vamos entrar de novo.

Mas ouviram o assovio de João Grande que não tardou a estar ao lado deles. Pedro perguntou:

— Onde tú te meteu?

O Gato tinha pegado o cachorro pela coleira e o punha para dentro do portão. Tiraram o cordel do ferrolho e desapareceram pelo outro lado da rúa. Aí o Grande explicou:

— Na hora que meti o dedão na campaínha entonce a dama lá em cima ficou muito assustada. Pegou, abriu a janela, parecia que ia se atirar mesmo. Espiava que fazia medo. Tava mesmo chorando. Entonces eu tava com pena e trepei pela bica pra dizer a ela que não chorasse mais que não tinha mais de que. Que a gente tinha abafado os papeis. E como tivè que explicar tudo a ela tive que demorar..

O Gato perguntou muito curioso:

— Era boa, era?

— Era boa, sim. Passou a mão na minha cabeça, depois me disse que muito obrigado, que Deus ia me ajudar.

— Deixa de ser burro, negro. Eu tava perguntando se era boa mas pra cama. Se tu viu o coxame...

O negro não respondeu. Um automovel entrava pela rua. Pedro Bala bateu no ombro do negro e João Grande sabia que o chefe estava aprovando o que ele fizera. Então seu rosto se abriu de satisfação e murmurou:

— Eu só queria ver a cara do galego quando o patrão abrir o pacote e não encontrar o que esperavam.

E, já em outra rua, os tres soltaram a larga, livre e ruidosa gargalhada dos Capitães da Areia que era como um hino do povo da Bahia.

AS LUZES DO CARROSSEL

O "Grande Carrossel Japonez" não era sinão um pequeno carrossel nacional, que vinha de uma triste peregrinação pelas paradas cidades do interior naqueles meses de inverno, quando as chuvas são longas e o Natal está muito distante ainda. De tão desbotada que estava a tinta, tinta que antigamente fora azul e vermelha e agora o azul era um branco sujo e o vermelho uma quasi cor de rosa, e de tantos pedaços que faltavam em certos cavalos e em certos bancos, Nhôsinho França resolveu não arma-lo numa das praças centraes da cidade e, sim, em Itapagipe. Ali as familias não são tão ricas, ha muitas ruas só de operarios e as creanças pobres saberiam gostar do velho carrossel desbotado. O pano tinha muitos buracos tambem, alem de um rasgão enorme que fazia o carrossel depender da chuva. Já fora belo, fora mesmo o orgulho da meninada de Maceió noutros tempos. Ficava então ao lado de uma roda gigante e de uma sombrinha sempre na mesma praça e nos domingos e feriados as creanças ricas, vestidas de marinheiro ou de pequeno lord inglez, as meninas de holandeza ou de finos vestidos de seda, vinham se aboletar nos cavalos preferidos, indo os menores nos bancos com as aias. Os paes iam para a roda gigante, outros preferiam a sombrinha donde podiam

empurrar as mulheres, tocando muitas vezes nas coxas e nas nadegas. O parque de Nhozinho França era naquele tempo a alegria da cidade. E mais que tudo o carrossel dava dinheiro, rodando incansavelmente com as suas luzes de todas as cores. Nhozinho achava a vida boa, as mulheres belas, os homens amaveis para com ele, mas achava que a bebida era boa tambem, fazia os homens mais amaveis e as mulheres mais belas. E bebeu assim primeiro a sombrinha, depois a roda gigante. Depois como não queria se separar do carrossel ao qual tinha um pegadio especial, o desarmou uma noite com o auxilio de amigos e começou a peregrinar nas cidades de Alagoas e Sergipe. Enquanto isto os credores o xingavam de quanto nome feio conheciam. Andou muito Nhôzinho França com o seu carrossel. Depois de percorrer todas as cidadesinhas dos dois estados, de se embriagar em todos os seus bars, penetrou no Estado da Bahia e até para o bando de Lampeão ele deu uma função. Estava numa pobre vila do sertão e não lhe faltava o dinheiro apenas para o transporte do seu carrossel. Faltava para o miseravel hotel onde se hospedara e que era o unico da vila e tambem para o trago de pinga, para a cerveja que não era gelada ali mas que assim mesmo lhe gostava. O carrossel armado no capim da praça da Matriz estava parado fazia uma semana. Nhôzinho França esperava a noite de sabado e a tarde do domingo para ver se fazia algum cobre para arribar para um logar melhor. Mas na sexta-feira Lampeão entrou na vila com vinte e dois homens e então o carrossel teve muito que trabalhar. Como as creanças os grandes cangaceiros, homens que tinham vinte e trinta mortes, acharam belo o carrossel, acharam que em mirar suas luzes rodando,

ouvir a musica velhissima da sua pianola e montar naqueles estropiados cavalos de pau, era a maior felicidade. E o carrossel de Nhôsinho França salvou a pequena vila de ser saqueada, as moças de serem defloradas, os homens de serem mortos. Só mesmo os dois soldados da policia bahiana que lustravam as botas na frente do posto policial foram fusilados pelos cangaceiros, assim mesmo antes que eles vissem o carrossel armado na praça da Matriz. Porque talvez até aos soldados da policia bahiana Lampeão perdoasse nesta noite de suprema felicidade para o bando de cangaceiros. Então eles foram como creanças, gosaram daquela felicidade que nunca haviam gosado na sua meninice de filhos de camponezes: montar e rodar num cavalo de madeira de um carrossel, onde havia musica de uma pianola e onde as luzes eram de todas as cores: azues, verdes, amarelas, roxas e vermelhas como o sangue que sae do corpo dos assassinados.

Isso mesmo contou Nhôzinho a Volta Seca (que ficou excitadissimo) e ao Sem Pernas naquela tarde em que os encontrou na "Porta do Mar" e os convidou para que o ajudassem no serviço do carrossel durante os dias que estivesse armado na Bahia, em Itapagipe. Não podia marcar ordenado, mas talvez desse para tirar cada um uns cinco mil reis por noite. E quando Volta Seca mostrou suas habilidades em imitar animaes os mais varios, Nhôsinho França se entusiasmou por completo, mandou baixar mais uma garrafa de cerveja e declarou que Volta Seca ficaria na porta chamando o publico, enquanto o Sem Pernas o ajudaria com as maquinas e tomaria conta da pianola. Ele mesmo venderia as entradas enquanto o carrossel estivesse parado. Quando estivesse rodando Volta Seca o faria. "E de quando

em vez, disse piscando o olho, um sae para tomar uma pinga enquanto o outro faz o serviço de dois".

Volta Seca e o Sem Pernas nunca haviam acolhido uma idea com tanto entusiasmo. Eles muitas vezes já tinham visto um carrossel mas quasi sempre o viam de longe, cercado de misterio, cavalgados os seus rapidos ginetes por meninos ricos e choraminguentos. Volta Seca já tinha mesmo (certo dia em que penetrou num Parque de Diversões armado no Passeio Publico) chegado a comprar entrada para um mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava vestido de farrapos. Depois o bilheteiro não quiz lhe devolver o bilhete da entrada o que fez com que o Sem Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria que estava aberta com o troco e tivesse que desaparecer do Passeio Publico de uma maneira muito rapida, enquanto em todo o passeio publico se ouviam os gritos de: "ladrão, ladrão". Houve uma tremenda confusão enquanto o Sem Pernas descia muito calmamente a Gambôa de Cima, levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago pela entrada. Mas o Sem Pernas preferiria, sem duvida, ter rodado no carrossel, montado naquele fantastico cavalo de cabeça de dragão que era sem duvida a coisa mais extranha na maravilha que era o carrossel para os seus olhos. Creou ainda mais odio aos guardas e maior amor aos carrosseis distantes. E agora, de repente, vinha um homem que pagava cerveja e fazia o milagre de o chamar para viver uns dias junto a um verdadeiro carrossel, movendo com ele, montando nos seus cavalos, vendo de perto rodarem as luzes de todas as cores. E para o Sem Pernas Nhôzinho França não era o bebado que estava em sua frente na pobre mesa da "Porta do Mar". Para seus olhos era um

ser extraordinario, algo como Deus para quem rezava Pirulito, algo como Xangô que era o santo de João Grande e do Querido de Deus. Porque nem o padre José Pedro e nem mesmo a mãe de santo Don'Aninha seriam capazes de realisar aquele milagre. Nas noites da Bahia, numa praça de Itapagipe, as luzes do carrossel girariam loucamente movimentadas pelo Sem Pernas. Era como num sonho, sonho muito diverso dos que o Sem Pernas costumava ter nas suas noites angustiosas. E pela primeira vez seus olhos sentiram-se humidos de lagrimas que não eram causadas pela dor ou pela raiva. E seus olhos humidos miravam Nhôzinho França como a um idolo. Por ele até a garganta de um homem o Sem Pernas abriria com a navalha que traz entre a calça e o velho colete preto que lhe serve de paletó.

— E' uma beleza, — disse Pedro Bala olhando o velho carrossel armado. E João Grande abria os olhos para ver melhor. Penduradas estavam as lampadas azues, verdes, amarelas, vermelhas.

É velho e desbotado o carrossel de Nhôzinho França. Mas tem a sua beleza. Talvez esteja nas lampadas, ou na musica da pianola (velhas valsas de perdido tempo) ou talvez nos ginetes de pau. Entre eles tem um pato que é para sentar dentro os mais pequenos. Tem a sua beleza, sim, porque a opinião unanime dos Capitães da Areia é que ele é maravilhoso. Que importa que seja velho, roto e de cores apagadas se agrada ás creanças?

Foi um surpresa quasi incrivel quando naquela noite o Sem Pernas chegou no trapiche dizendo que ele e Volta Seca iam trabalhar uns dias num carros-

sel. Muitos não acreditaram, pensaram que fosse mais uma pilheria do Sem Pernas. Então iam perguntar a Volta Seca que, como sempre, estava metido no seu canto sem falar, examinando um revolver que furtara numa casa de armas. Volta Seca fazia que sim com a cabeça e por vezes dizia:

— Lampeão já rodou nele. Lampeão é meu padrim...

O Sem Pernas convidou a todos para irem ver o carrossel na outra noite quando o acabariam de armar. E saiu para encontrar Nhôzinho França. Naquele momento todos os pequenos corações que pulsavam no trapiche invejaram a suprema felicidade do Sem Pernas. Até mesmo Pirulito que tinha quadros de santos na sua parede, até mesmo João Grande que nesta noite iria com o Querido de Deus ao candomblé de Procopio, no Matatú, até mesmo o Professor que lia livros, e quem sabe se tambem Pedro Bala que nunca inveja nenhum porque era o chefe de todos? Todos o invejaram, sim. Como invejaram a Volta Seca que no seu canto, o cabelo mestiço e ralo despenteado, os olhos apertados e a boca rasgada naquele rictus de raiva apontava o revolver ora para um dos meninos, ora para um rato que passava, ora para as estrelas que eram muitas no ceu.

Na outra noite foram todos com o Sem Pernas e Volta Seca (estes tinham passado o dia fora, ajudando Nhôzinho a armar o carrossel) ver o carrossel armado. E estavam parados deante dele extasiados de beleza, as bocas abertas de admiração. O Sem Pernas mostrava tudo. Volta Seca levava um por um para mostrar o cavalo que tinha sido cavalgado por seu padrinho Virgulino Ferreira Lampeão. Eram quasi cem creanças olhando o velho carrossel

de Nhôzinho França que a estas horas estava encornado num pifão tremendo na "Porta do Mar".

O Sem Pernas mostrou a maquina (um pequeno motor que falhava muito) com um orgulho de proprietario. Volta Seca não se desprendia do cavalo onde rodara Lampeão. O Sem Pernas estava muito cuidadoso do carrossel e não deixava que eles o tocassem, que bulissem em nada.

Foi quando o Professor perguntou:

— Tú já sabe mover com as maquinas?

— Amanhã é que vou saber... — disse o Sem Pernas com um certo desgosto. — Amanhã seu Nhôzinho vae me ensinar.

— Então amanhã quando acabar a função tú pode botar ele pra rodar só com a gente. Tú bota as coisas pra andar, a gente se aboleta.

Pedro Bala apoiou a idéa com entusiasmo. Os outros esperavam a resposta do Sem Pernas anciosos. O Sem Pernas disse que sim e então muitos bateram palmas, outros gritaram. Foi quando Volta Seca deixou o cavalo onde montara Lampeão e veio para eles:

— Quer ver uma coisa bonita?

Todos queriam. O sertanejo trepou no carrossel, deu corda na pianola e começou a musica de uma valsa antiga. O rosto sombrio de Volta Seca se abria num sorriso. Espiava a pianola, espiava os meninos envoltos em alegria. Escutavam religiosamente aquela musica que saia do bojo do carrossel na magia da noite da cidade da Bahia só para os ouvidos aventureiros e pobres dos Capitães da Areia. Todos estavam silenciosos. Um operario que vinha pela rua vendo a aglomeração de meninos na praça veio para o lado deles. E ficou tambem parado escutando a velha musica. Então a luz da

lua se estendeu sobre todos, as estrelas brilharam ainda mais no ceu, o mar ficou de todo manso (talvez que Yemanjá tivesse vindo tambem ouvir a musica) e a cidade era como que um grande carrossel onde giravam em invisiveis cavalos os Capitães da Areia. Neste momento de musica eles sentiramse donos da cidade. E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da musica. Volta Seca não pensava com certeza em Lampeão neste momento. Pedro Bala não pensava em ser um dia o chefe de todos os malandros da cidade. O Sem Pernas em se jogar no mar onde os sonhos são todos belos. Porque a musica saia do bojo do velho carrossel só para eles e para o operario que parara. E era uma valsa velha e triste, já esquecida por todos os homens da cidade.

Desemboca gente de todas as ruas. É noite de sabado, amanhã os homens não irão para o trabalho. Podem demorar na rúa esta noite. Muitos preferiram ir para os bars, a "Porta do Mar" está cheia, mas os que tinham filhos vieram com eles para a praça que é mal iluminada. Em compensação aí estão as luzes do carrossel que rodam. As creanças olham para elas e batem palmas. Em frente á bilheteria Volta Seca imita vozes de animaes e chama o publico. Leva uma cartuxeira como se estivesse no sertão. Nhôzinho França achou que isto chamaria a atenção do povo e Volta Seca parece mesmo um cangaceiro com o chapeu de couro e a cartuxeira atravessada. E imita animaes até que se reunam homens, mulheres e creanças na sua frente. Então oferece entradas que as creanças

compram. Vae uma alegria por toda a praça. As luzes do carrossel alegram a todos. No centro, agachado, o Sem Pernas ajuda Nhôzinho França a botar o motor para trabalhar. E o carrossel gira, carregado de meninos, a pianola toca suas velhas valsas, Volta Seca vende entradas.

Na praça casaes de namorados passeiam. Mães de familia compram picolé e sorvetes, um poeta sentado perto do mar faz um poema sobre as luzes do carrossel e a alegria das creanças. O carrossel ilumina toda a praça e todos os corações. A cada momento desemboca gente das ruas e dos becos. Volta Seca imita os animaes, vestido de cangaceiro. Quando o carrossel pára de girar os meninos o invadem exibindo o bilhete de ingresso e é dificil conte-los. Quando um não encontra mais lugar fica com um rosto magoado de desilusão e espera impaciente a sua vez. E quando o carrossel pára os que vão nele não querem saltar, é preciso que o Sem Pernas venha e diga:

— Pula fora! Pula fora! Ou então compra outra entrada.

Só assim deixam os velhos cavalos que nunca se cansam da eterna corrida. Outros cavalgam os ginetes e a corrida recomeça, as luzes girando, todas as cores fazendo uma cor unica e extranha, a pianola tocando sua antiga musica. Tambem vão casaes de namorados nos bancos e enquanto gira o carrossel murmuram palavras de amor. Ha mesmo quem troque um beijo na corrida quando o motor falha e as luzes se apagam. Então Nhôzinho França e o Sem Pernas se debruçam sobre o motor e examinam o defeito até a corrida recomeçar abafando os protestos dos meninos. O Sem Pernas já aprendeu todos os misterios do motor.

Certa hora Nhôzinho França manda que o Sem Pernas vá substituir Volta Seca na venda de bilhetes. E manda que Volta Seca vá andar no carrossel. E o menino toma o cavalo que serviu a Lampeão. E enquanto dura a corrida vae pulando como se cavalgasse um verdadeiro cavalo. E faz movimentos com o dedo como se atirasse nos que vão na sua frente e na sua imaginação os vê cair banhados em sangue, sob os tiros da sua repetição. E o cavalo corre e cada vez corre mais e ele mata a todos porque são todos soldados ou fazendeiros ricos. Depois possue nos bancos a todas as mulheres, saqueia vilas, cidades, trens de ferro, montado no seu cavalo, armado com seu rifle.

Depois vae o Sem Pernas. Vae calado, uma extranha comoção o possue. Vae como um crente para uma missa, um amante para o seio da mulher amada, um suicida para a morte. Vae palido e coxeia. Monta um cavalo azul que tem estrelas pintadas no lombo de madeira. Os labios estão apertados, seus ouvidos não ouvem a musica da pianola. Só vê as luzes que giram com ele e prende em sí a certeza que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pae e mãe, e uma casa e quem os beije e quem os ame. Pensa que é um deles e fecha os olhos para guardar melhor esta certeza. Já não vê os soldados que o surraram, o homem de colete que ria. Volta Seca os matou na sua corrida. O Sem Pernas vae tezo no seu cavalo. É como se corresse sobre o mar para as estrelas na mais maravilhosa viagem do mundo. Uma viagem como o Professor nunca leu nem inventou. Seu coração bate tanto, tanto, que ele o aperta com a mão.

Nesta noite os Capitães da Areia não vieram. Não só a função do carrossel na praça terminou muito tarde (ás duas horas da manhã) os homens ainda rodavam, como muitos deles, inclusive Pedro Bala, Boa Vida, Barandão e o Professor, estavam ocupados em varios assuntos. Marcaram para o dia seguinte, ás tres para as quatro da manhã. Pedro Bala perguntou ao Sem Pernas se ele já sabia manejar bem com o motor:

— Não paga a pena dar um prejuizo ao teu patrão — explicou.

— Já sei aquilo tudo de cór e decorado. É o tipo da coisa canja.

O Professor que jogava damas com João Grande perguntou:

— Não era bom a gente de tarde dá um pulo na praça? Quem sabe se não vale a pena?

— Eu vou — falou Pedro Bala. — Mas acho que não pode ir muitos. A turma pode desconfiar de ver tanto junto.

O Gato disse que de tarde não ia. Tinha que fazer já que á noite ia estar ocupado no carrossel. O Sem Pernas mangou:

— Tú não pode passar um dia sem bater coxas com esta bruaca, não é? Tú vae acabar tútú..

O Gato não respondeu. João Grande tambem não iria á tarde. Tinha que ir encontrar com o Querido de Deus para irem comer uma feijoada na casa de Don'Aninha, a mãe de santo. Finalmente ficou resolvido que fosse um grupo pequeno operar á tarde na praça. Os outros iriam para onde bem quizesse. Só á noite se reuniriam para irem todos correr no carrossel. O Sem Pernas avisou:

— É preciso levar gasolina, gente, pro motor.

O Professor (tinha vencido João Grande já em tres partidas) fez uma coleta para comprarem dois litros de gasolina:

— Eu levo.

Mas na tarde do domingo chegou o Padre José Pedro, que era um das rarissimas pessoas que sabiam onde ficava a pousada mais permanente dos Capitães da Areia. O padre José Pedro se fizera amigo deles ha bastante tempo. A amizade veio por intermedio do Boa Vida. Este um dia penetrara, após uma missa, na sacristia de uma igreja onde oficiava o padre José Pedro. Penetrara mais por curiosidade que por outra qualquer coisa. Boa Vida não era dos que mais faziam pela vida. Gostava de deixar a vida correr, sem se preocupar muito. Era mais um parasita do grupo. Um dia, quando lhe dava ganas, entrava numa casa de onde trazia um objeto de valor ou batia o relogio de um homem. Quasi nunca o punha ele mesmo na mão dos intermediarios. Trazia e entregava a Pedro Bala, assim como uma contribuição que dava ao grupo. Tinha muitos amigos entre os estivadores do caes, em varias casas pobres da Cidade de Palha, em muitos pontos da Bahia. Comia em casa de um, em casa de outro. Em geral não aborrecia nenhum. Se contentava com as mulheres que sobravam do Gato e mais que nenhum conhecia a cidade, suas ruas, seus lugares curiosos, uma festa onde podiam ir beber e dansar. Quando já tinha algum tempo que havia contribuido com algum objeto de valor para a economia do grupo, fazia um esforço, arranjava algo que rendesse dinheiro e entregava a Pedro Bala. Mas realmente não gostava de nenhuma especie de trabalho, fosse honesto

ou deshonesto. Gostava era de deitar na areia do caes horas e horas espiando os navios, de ficar de cocoras tardes inteiras nos portões dos armazens do porto ouvindo historias de valentias. Vestia de farrapos, pois só providenciava arranjar uma roupa quando seu traje caía aos pedaços. Gostava de andar ao léu nas ruas da cidade, entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras.

Naquela manhã quando viu o povo saindo da missa, entrou na igreja displicentemente e foi furando até a sacristia. Espiava tudo, os altares, os santos, riu de um São Benedito muito preto. Na sacristia não tinha ninguem e ele viu um objeto de ouro que devia dar muito dinheiro. Espiou mais uma vez, não viu ninguem. Foi passando a mão, mas alguem tocou no seu ombro. O padre José Pedro acabara de entrar:

— Porque faz isso, meu filho? — perguntou com um sorriso, enquanto tirava da mão do Boa Vida o relicario de ouro.

— Tava só dando uma espiada, reverendo. É batuta. — repoz Boa Vida com certo receio. — É batuta mesmo. Mas não vá pensando que eu ia levar. Ia deixar aí direitinho. Sou de boa familia.

O padre José Pedro espiou as roupas do Boa Vida e riu. Boa Vida olhou tambem para seus trapos:

— É que meu pae morreu, sabe? Mas até num colegio estive... Tou falando a verdade. Pra que é que eu ia roubar essa coisa? — apontava o relicario. — Demais numa igreja. Não sou pagão.

O padre José Pedro sorriu de novo. Sabia perfeitamente que Boa Vida estava mentindo. Ha muito que ele aguardava uma oportunidade para travar relações com as creanças abandonadas da cidade. Pensava que aquela era a missão que lhe estava reservada. Já fizera umas tantas visitas ao Reformatorio de menores mas ali lhe punham todas as dificuldades porque ele não esposava as ideas do diretor de que é necessario surrar uma creança para a emendar de um erro. E mesmo o diretor tinha ideas unicas sobre os erros. Ha bastante tempo que o padre José Pedro ouvia falar nos Capitães da Areia e sonhava entrar em contacto com eles, poder trazer todos aqueles corações a Deus. Tinha uma vontade enorme de trabalhar com aquelas creanças, de ajuda-las a serem boas. Por isso tratou o melhor que poude a Boa Vida. Quem sabe se por intermedio dele não chegaria aos Capitães da Areia? E assim foi.

O padre José Pedro não era considerado uma grande inteligencia entre o clero. Era mesmo um dos mais humildes entre aquela legião de padres da Bahia. Em verdade fora cinco anos operario numa fabrica de tecidos, antes de entrar para o seminario. O diretor da fabrica num dia em que o bispo a visitara resolveu dar mostra de generosidade e disse que "já que o senhor bispo se queixava da falta de vocação sacerdotal ele estava disposto a custear os estudos de um seminarista ou de alguem que quizesse estudar para padre". José Pedro que estava no seu tear, ouvindo, se aproximou e disse que ele queria ser padre. Tanto o patrão como o bispo tiveram uma surpreza. José Pedro já não era moço e não tinha estudo algum. Mas o patrão deante do bispo não quiz voltar atraz. E José Pedro foi para

o seminario. Os demais seminaristas riam dele. Nunca conseguiu ser um bom aluno. Bem comportado, isso era. Tambem dos mais devotos, daqueles que mais se acercavam da igreja. Não estava de acordo com muitas das coisas que aconteciam no seminario e por isso os meninos o perseguiam. Não conseguia penetrar os misterios da filosofia, da teologia e do latim. Mas era piedoso e tinha desejos de catequizar creanças ou indios. Sofreu muito, principalmente depois que, passados dois anos, o dono da fabrica deixou de pagar seus gastos e ele teve que trabalhar de bedel no seminario para poder continuar. Mas conseguiu se ordenar e ficou adido a uma igreja da capital, esperando uma paroquia. Porem seu grande desejo era catequisar as creanças abandonadas da cidade, os meninos que, sem pae e sem mãe, viviam do roubo, em meio a todos os vicios. O padre José Pedro queria levar aqueles corações todos a Deus. Assim começou a frequentar o Reformatorio de menores, onde a principio o diretor o recebia com muita cortezia. Mas quando ele se declarou contra os castigos corporaes, contra deixar as creanças com fome dias seguidos, então as coisas mudaram. Um dia teve que escrever uma carta sobre o assunto para a redação de um jornal. Então sua entrada foi proibida no Reformatorio e até uma queixa contra ele foi dirigida ao Arcebispado. Por isso não teve uma freguezia logo. Porem seu maior desejo era conhecer os Capitães da Areia. O problema dos menores abandonados e delinquentes que quasi não preocupava a ninguem em toda a cidade era a maior preocupação do Padre José Pedro. Ele queria se aproximar daquelas creanças não só para traze-las para Deus, como para ver se havia algum meio de melhorar sua situação. Pouca

influencia tinha o padre José Pedro. Não tinha mesmo influencia nenhuma, nem tão pouco sabia como agiria para ganhar a confiança daqueles pequenos ladrões. Mas sabia que a vida deles era falta de todo o conforto, de todo carinho, era uma vida de fome e de abandono. E se o padre José Pedro não tinha cama, comida e roupa para levar até eles, tinha pelo menos palavras de carinho e, sem duvida, muito amor no seu coração para eles. Numa coisa se enganou, a principio, o padre José Pedro: em lhes oferecer, em troca do abandono da liberdade que gosavam, soltos na rua, uma possibilidade de vida mais confortavel. O padre José Pedro bem sabia que não podia acenar com o Reformatorio áquelas creanças. Ele conhecia demais as leis do Reformatorio, as escritas e as que se cumpriam. E sabia que não havia possibilidade de nele uma creança se tornar boa e trabalhadora. Mas o padre José Pedro confiava em umas amigas que possuia, beatas velhas e religiosas. Elas podiam se encarregar de varios dos Capitães da Areia, de educa-los e alimenta-los. Mas isso seria o abandono de tudo de grande que tinha a vida deles: a aventura da liberdade nas ruas da mais misteriosa e bela das cidades do mundo, nas ruas da Bahia de Todos os Santos. E logo que, por intermedio de Boa Vida, o padre José Pedro fez relações com os Capitães da Areia viu que se lhes fizesse essa proposta perderia toda a confiança que já depositavam nele e que se mudariam de trapiche e ele nunca mais os veria. Mesmo assim não tinha absoluta confiança naquelas solteironas velhuscas que viviam metidas na igreja e que aproveitavam os intervalos das missas para comentarem a vida alheia. Lembrava-se que a principio elas tinham ficado magoadas com ele porque

ao acabar de celebrar pela primeira vez naquella igreja um grupo de beatas se acercou dele com o evidente proposito de o ajudar a mudar os trajes do oficio da missa. E ressoaram em torno a ele, exclamações comovidas:

— Reverendosinho.. Anjo Gabriel..

Uma velhusca magra juntava as mãos em adoração:

— Meu Jesuscristosinho..

Pareciam adora-lo e o padre José Pedro se revoltou. Em verdade ele sabia que a grande maioria dos padres não se revoltavam e ganhavam bons presentes de galinhas, perús, lenços bordados e por vezes até antigos relogios de ouro que passavam através de gerações na mesma familia. Mas o padre José Pedro tinha outra ideia da sua missão, pensava que os outros estavam errados e foi com um furor sagrado que disse:

— As senhoras não teem o que fazer? Não teem casa de que cuidar? Eu não sou Jesuscristosinho, nem Anjo Gabriel... Vão para suas casas trabalhar, preparar o almoço, coser.

As beatas o olhavam assombradas. Era como se ele fosse o proprio Anti-Cristo. O padre completou:

— Em suas casas trabalhando servem melhor a Deus que aqui cheirando as fraldas dos padres... Vão, vão.

E enquanto elas saiam atemorisadas ele repetia mais com magua que com raiva:

— Jesuscristosinho... O nome de Deus em vão.

As beatas foram diretas ao padre Clovis, que era gordo, calvo e muito bem humorado, confessor preferido de todas elas. Narraram-lhe entre ex-

clamações de assombro o que acabara de passar. O padre Clovis mirou as beatas com um olhar terno e as consolou:

— Logo passará... Isto é começo. Depois ele verá que voces são umas santas, umas verdadeiras filhas do Senhor. Isso passará. Não fiquem triste. Vão resar um padre-nosso e não se esqueçam que ha benção hoje.

Ficou rindo quando elas partiram. E murmurava de si para si:

— Esses padres recen-ordenados estragam a vida da gente...

Depois as beatas foram aos poucos se aproximando novamente do padre José Pedro. A verdade é que nunca chegaram a ter com ele uma perfeita intimidade. O seu ar serio, a sua bondade que se reservava para quando se fazia necessaria, e seu horror ás intriguinhas de sacristia faziam com que elas o respeitassem mais que o amassem. Algumas, no entanto, aquelas que em geral eram ou viuvas ou esposas de maus maridos se fizeram mais ou menos suas amigas. Outra coisa o afastava das beatas: ele era a negação do pregador. Nunca havia conseguido descrever o inferno com a força de convicção do padre Clovis, por exemplo. Sua retorica era pobre e falha. No entanto ele acreditava, ele era um crente. E dificilmente se poderia dizer que o padre Clovis acreditasse pelo menos no inferno.

A principio o padre José Pedro pensara em levar os Capitães da Areia ás beatas. Pensava que assim salvaria não só as creanças de uma vida miseravel como salvaria tambem as beatas de uma inutilidade perniciosa. Poderia conseguir que elas se dedicassem aos meninos com a mesma fervorosa devoção com que se dedicavam ás igrejas, aos gordos padres.

O Padre José Pedro adivinhava (mais do que sabia) que se elas passavam os dias em inuteis conversas nas igrejas, ou a bordar lenços para o padre Clovis era porque não haviam tido, na sua malograda existencia de virgens, um filho, um esposo, a quem dedicar seu tempo e seu carinho. Agora ele levaria filhos para elas. Muito tempo o padre José Pedro acariciou este projeto. Chegou mesmo a levar para casa de uma um menino fugido do Reformatorio. Isso muito antes de conhecer os Capitães da Areia, quando apenas ouvia falar neles. A experiencia deu maus resultados: o menino arribou da casa da solteirona levando uns objetos de prata, preferindo a liberdade da rua mesmo vestido de farrapos e sem muita certeza de almoço, aos bons trajes e ao almoço garantido com a obrigação de rezar o terço em voz alta, assistir varias missas e bençãos todos os dias. Depois o padre José Pedro compreendeu que a experiencia tinha fracassado mais por culpa da solteirona que do menino. Porque evidentemente — pensava o padre José Pedro — é impossivel converter uma creança abandonada e ladrona em um sacristão. Mas é muito possivel converte-la em um homem trabalhador .. E esperava quando conhecesse os Capitães da Areia entrar num acordo com alguns deles e com as beatas para tentar uma nova experiencia, agora bem dirigida. Mas logo depois que Boa Vida o apresentou ao grupo, que aos poucos ganhou a confiança da maioria viu que era totalmente inutil pensar nesse projeto. Viu que era absurdo porque a liberdade era o sentimento mais arraigado nos corações dos Capitães da Areia e que tinha que tentar outros meios.

Nas primeiras vezes os meninos o olhavam com desconfiança. Ouviam muitas vezes na rua dizer que padre dava peso, que negocio de padre era para mulher. Mas o padre José Pedro tinha sido operario e sabia como tratar os meninos. Tratava-os como a homens, como a amigos. E assim conquistou a confiança deles, se fez amigo de todos, mesmo daqueles que como Pedro Bala e o Professor não gostavam de rezar. Dificuldade grande só teve mesmo com o Sem Pernas. Enquanto que o Professor, Pedro Bala, o Gato eram indiferentes ás palavras do padre (o Professor, no entanto, gostava dele pois lhe trazia livros), Pirulito, Volta Seca e João Grande, principalmente o primeiro, muito atentos ao que ele dizia, o Sem Pernas lhe fazia uma oposição que a principio tinha sido muito tenaz. Porem o padre José Pedro terminara por conquistar a confiança de todos. E pelo menos em Pirulito descobrira uma vocação sacerdotal.

Mas naquela tarde não foi com muita satisfação que o viram chegar. Pirulito se aproximou e beijou a mão do padre. Volta Seca tambem. Os demais o cumprimentaram. O padre José Pedro explicou:

— Hoje venho fazer um convite a todos voces.

Os ouvidos se fizeram atentos. O Sem Pernas resmungou:

— Vae chamar a gente pra benção. Só quero ver quem topa..

Mas se calou porque Pedro Bala o olhava com raiva. O padre sorriu com bondade. Sentou-se num caixão, João Grande viu que a batina dele era suja e velha. Tinha remendos feitos com linha preta e era grande para a magreza do padre. Cutucou

Pedro Bala que espiou tambem. Então o Bala disse:

— Minha gente o padre José Pedro que é amigo de nós tem uma coisa pra gente. Viva o padre José Pedro!

João Grande sabia que tudo era por causa da batina rasgada e grande para a magreza do padre. Os outros responderam "viva", o padre sorriu acenando com a mão, João Grande não tirava os olhos da batina. Pensou que Pedro Bala era mesmo um chefe, sabia de tudo, sabia fazer tudo. Por Pedro Bala, João Grande se deixaria cortar a facão como aquele negro de Ilheos por Barbosa, o grande senhor do cangaço. O padre José Pedro meteu a mão no bolso da batina, tirou o breviario negro. Abriu e de dentro sacou algumas notas de dez mil reis:

— Isso é pra gente andar no carrossel hoje. Convido voces todos para andarem hoje no carrossel da praça de Itapagipe.

Esperava que os rostos se animassem mais. Que uma extraordinaria alegria reinasse em toda a sala. Porque assim ficaria ainda mais convicto que estava servindo a Deus quando daqueles quinhentos mil reis que dona Guilhermina Silva dera para comprar velas para o altar da Virgem tirara cincoenta mil reis para levar os Capitães da Areia ao carrossel. E como os rostos não ficaram subitamente alegres ele ficou desconcertado, as notas na mão, olhando a multidão de meninos. Pedro Bala coçou o cabelo (que lhe caia sobre as orelhas), quiz falar, não acertou. Olhou então para o Professor e foi este quem explicou:

— Padre, o senhor é um homem bom. — Teve vontade de dizer que o padre era bom como João Grande mas pensou que talvez o padre se ofendesse

se ele o comparasse ao negro. — Mas o que tem é que o Sem Pernas e Volta Seca tão os dois trabalhando no carrossel. E a gente tá convidado — aí fez uma pequena pausa — pelo proprietario, que é amigo deles, pra andar a noite de graça. A gente não esquece do convite do senhor.. — o Professor falava pausado, escolhendo as palavras, pensando que aquele era um momento delicado, adivinhando muita coisa e Pedro Bala o apoiava com a cabeça. — Fica pra outra vez. Mas o senhor não vae zangar com a gente porque não a gente não aceita? Não vae, não é? — e espiava o padre cujo rosto agora estava novamente alegre.

— Não. Fica para outra vez. — Olhou para os meninos sorrindo — Foi até melhor assim. Porque o dinheiro eu tinha. — e se calou de repente ante o fato que ia contar. E pensou que talvez tivesse sido uma lição de Deus, um aviso e que tivesse feito uma coisa mal feita. Seu olhar foi tão extranho que os meninos se aproximaram um passo.

Olhavam para o padre sem compreender. Pedro Bala franzia a testa como quando tinha um problema a resolver, o Professor tentou falar. Mas João Grande compreendeu tudo, apesar de ser o mais burro de todos:

— Era da igreja, padre? — e bateu na boca com raiva de si mesmo.

Os outros entenderam. Pirulito pensou que tivesse sido um grande pecado mas sentiu que a bondade do padre era maior que o pecado. Então o Sem Pernas veio coxeando ainda mais que o seu natural como se viesse lutando comsigo mesmo, chegou perto do padre e quasi gritou a principio se bem logo baixasse muito a voz:

— A gente pode botar no lugar onde estava... E' coisa canja pra gente. Não fique triste. e sorria.

E o sorriso do Sem Pernas e a amizade que o padre lia nos olhos de todos (haveria lagrimas nos olhos do Grande?) lhe restituiu a calma, a serenidade, confiança no seu ato e no seu Deus. Disse com sua voz natural:

— Uma velha viúva deu quinhentos mil reis para vela. Eu tirei cincoenta para voces andarem no carrossel. Deus julgará se fiz bem. Agora compro mesmo de vela.

Pedro Bala sentia que tinha uma divida a saldar com o padre. Queria que o padre soubesse que todos eles compreendiam. E como não achasse nada mais a mão, se dispoz a perder o trabalho que poderiam fazer naquela tarde e convidou o padre:

— A gente vae pro carrossel ver Volta Seca e Sem Pernas agora de tarde. Quer ir com a gente, padre?

Padre José Pedro disse que sim porque sabia que aquilo era mais um passo na sua intimidade com os Capitães da Areia. E foi um grupo com o padre para a praça. Varios não foram, o Gato inclusive que foi ver Dalva. Mas os que iam pareciam um bando de bons meninos que vinham do catecismo. Se estivessem bem vestidos e limpos pareceria um colegio de tão em ordem que eles iam.

Na praça rodaram tudo com o padre. Mostravam com orgulho Volta Seca imitando animaes, vestido de cangaceiro, o Sem Pernas fazendo sosinho o carrossel girar porque Nhôzinho França fora tomar uma cerveja num bar. Uma pena que á tarde as luzes do carrossel não estivessem acesas. Não era

tão belo como á noite, as luzes girando de todas as cores. Mas eles tinham orgulho de Volta Seca imitando animaes, do Sem Pernas movimentando o carrossel, fazendo as creanças subirem, as creanças baixarem. O Professor com um pedaço de lapis e uma tampa de caixa desenhou Volta Seca vestido de cangaceiro. Tinha um geito especial para desenhar e por vezes ganhava dinheiro fazendo desenho nas calçadas, de homens que passavam, de senhoritas que iam com os noivos. Estes paravam um minuto riam do desenho ainda indeciso, as noivas diziam:

— Está muito parecido.

Ele recolhia os niqueis e então ficava a retocar o desenho feito a giz, a amplia-lo, a colocar homens de caes e mulheres da vida, até que um guarda o expulsava da calçada. Por vezes já tinha um grupo grande espiando e havia quem dissesse:

— Esse menino promete. E' pena que o Governo não olhe essas vocações... — e lembravam casos de meninos da rua que ajudados por familias foram grandes poetas, cantores e pintores.

O Professor acabou o desenho (no qual poz o carrossel e Nhôzinho França caindo de bebedo) e deu ao padre. Estavam todos num grupo cerrado espiando o desenho que o padre elogiava quando ouviram:

— Mas é o padre José Pedro.

E o *lorgnon* da velha magra se assentou sobre o grupo como uma arma de guerra. O padre José Pedro ficou meio sem geito, os meninos olhavam com curiosidade os ossos do pescoço e do peito da velha onde um *barret* custosissimo brilhava á luz do sol. Houve um momento em que todos ficaram calados até que o padre José Pedro creou animo e disse:

— Boa tarde, dona Margarida.

Mas a viúva Margarida Santos assentou novamente o *lorgnon* de ouro.

— O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentalha.

— São creanças, senhora.

A velha olhou superiora e fez um gesto de desprezo com a boca. O padre continuou:

— Cristo disse: deixai vir a mim as creancinhas. .

— Creancinhas. Creancinhas. — cuspiu a velha.

— Ai de quem faça mal a uma creança, falou o Senhor. — e o padre José Pedro elevou a voz acima do desprezo da velha.

— Isso não são creanças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são creanças. São capazes até de ser dos Capitães da Areia.. Ladrões — repetiu com nojo.

Os meninos a fitavam com curiosidade. Só o Sem Pernas que tinha vindo do carrossel pois Nhôzinho França já voltara, a olhava com raiva. Pedro Bala se adiantou um passo, quiz explicar:

— O padre só quer aju...

Mas a velha deu um repelão e se afastou:

— Não se aproxime de mim, não se aproxime de mim, imundice. Se não fosse pelo padre eu chamava o guarda.

Pedro Bala aí riu escandalosamente pensando que se não fosse pelo padre a velha já não teria o *barret* nem tão pouco o *lorgnon*. A velha se afastou com um ar de grande superioridade, não sem dizer antes pro padre José Pedro:

— Assim o senhor não vae longe, padre. Tenha mais cuidado com suas relações.

Pedro Bala ria cada vez mais e o padre tambem riu, se bem se sentisse triste pela velha, pela incompreensão da velha. Mas o carrossel girava com creanças bem vestidas e aos poucos os olhos dos Capitães da Areia se voltaram para ele e estavam cheios de desejo de andar nos cavalos, de girar com as luzes. Eram creanças, sim. — pensou o padre.

No começo da noite caiu uma carga dagua. Tambem as nuvens pretas logo depois desapareceram do ceu e as estrelas brilharam, brilhou tambem a lua cheia. Pela madrugada os Capitães da Areia vieram. O Sem Pernas botou o motor para trabalhar. E eles esqueceram que não eram iguaes ás demais creanças, esqueceram que não tinham lar, nem pae, nem mãe, que viviam de furto como homens, que eram temidos na cidade como ladrões. Esqueceram as palavras da velha de *lorgnon*. Esqueceram tudo e foram iguaes a todas as creanças, calvagando os ginetes do carrossel, girando com as luzes. As estrelas brilhavam, brilhava a lua cheia. Mas mais que tudo brilhava na noite da Bahia as luzes azues, verdes, amarelas, vermelhas do Grande Carrossel Japonez.

DOCAS

Pedro Bala bateu a moeda de quatrocentos reis na parede da Alfandega, ela caiu adeante da de Boa Vida. Depois Pirulito bateu a dele, a moeda ficou entre a de Boa Vida e a de Pedro Bala. Boa Vida estava acocorado, espiando. Tirou o cigarro da boca:

— Eu gosto é assim mesmo. De começar ruim..

E continuaram o jogo mas Boa Vida e Pirulito perderam as moedas de quatrocentão que Pedro Bala embolsou:

— Eu sou é bamba mesmo.

Deante deles estavam os saveiros ancorados. Do Mercado saiam mulheres e homens. Eles esperavam nesta tarde o saveiro do Querido de Deus. O capoeirista estava numa pescaria que sua profissão era de pescador. Continuaram o jogo do "cruzado" até que Pedro Bala limpou os outros dois. A cicatriz do seu rosto brilhava. Gostava de vencer assim num jogo limpo, principalmente quando os parceiros eram da força do Pirulito (que fora muito tempo o campeão do grupo) e de Boa Vida. Quando terminaram Boa Vida puxou o bolso para fora:

— Tú vae me esprestar nem que seja um cruzado. Tou a nen-nen.

Depois mirou o mar, os saveiros ancorados:

— Querido de Deus vae chégar de tardinha. Vamos pras docas?

Pirulito disse que ficava esperando o Querido de Deus mas Pedro Bala foi com Boa Vida para as docas. Atravessaram as ruas do caes, afundaram os pés na areia. Um navio desatracava do armazem 5, havia um movimento de gente que entrava e saía. Pedro Bala perguntou ao Boa Vida:

— Tú não tem vontade de ser maritimo?

— Tá vendo. . Gosto daqui. Não quero arribar não.

— Pois eu tenho vontade. E' bonito trepar num mastro. E um temporal, hein? Tú te lembra daquela historia que Professor leu pra gente? Aquela que tinha um temporal. Batuta.

— Era porreta, sim.

Pedro Bala ficou se lembrando da historia. Boa Vida achava besteira sair da Bahia onde quando crescesse seria tão facil viver uma boa existencia de malandro, navalha na calça, violão debaixo do braço, uma morena para derrubar no areal. Era a existencia que desejava ter quando se fizesse completamente homem.

Chegaram ao portão do armazem sete. João de Adão, um estivador negro e fortissimo, antigo grevista, temido e amado em toda a estiva, estava sentado num caixão. Fumava cachimbo e os musculos saltavam sob sua camisa. Quando viu os meninos foi saudando:

— Olha o amigo Boa Vida. E o capitão Pedro.

Só chamava Pedro de "Capitão Pedro" e gostava de conversar com eles. Ofereceu um pedaço de caixão a Pedro Bala, Boa Vida se acocorou na sua frente. Num canto uma negra velha vendia

laranjas e cocada, vestida com uma saia de chitão e uma anagua que deixava ver os seios ainda duros apesar da sua idade. Boa Vida ficou espiando os peitos da negra enquanto descascava uma laranja que apanhara no taboleiro.

— Tú ainda tem uma peitama bem boa, hein, tia?

A negra sorriu:

— Esses menino de hoje não respeita os mais velho, compadre João de Adão. Onde já se viu um capetinha destes falar em peito pra uma velha encongrujada como eu.

— Deixa de conversa, tia. Tú ainda topa a coisa...

A negra riu com vontade:

— Já fechei a cancela, Boa Vida. Passei da idade. Pergunta a este. — apontava João de Adão. — Vi quando ele, quasi menino assim como tú, fez a primeira greve aqui nas doca. Naquele tempo ninguem sabia que diabo era greve. Tú te lembra, compadre?

João de Adão balançou a cabeça que sim, fechou os olhos recordando os longinquos tempos da primeira greve que chefiara nas docas. Era um dos doqueiros mais velhos, embora ninguem lhe désse a idade que tinha.

Pedro Bala falou:

— Negro quando pinta, tres vezes trinta.

A negra mostrou a carapinha toda pintada de branco. Tinha tirado o lenço que enrolava na cabeça e Boa Vida chalaceou:

— Por isso tú anda com esse lenço. Ô negra cheia de prosopopéa.

João de Adão perguntou:

— Tú te lembra de Raymundo, comadre Luiza?

— O "Loiro", que morreu na greve? Como não me lembro. Era um que toda tarde vinha dar dois dedo de prosa comigo. Gostava de tirar pilheria...

— Mataram ele bem aqui, naquele dia que a cavalaria atropelou a gente. — Olhou pra Pedro Bala. — Tú nunca ouviu falar nele, Capitão?

— Não.

— Tú tinha uns quatro anos. Depois disso tú andou um ano da casa de um pra casa de outro até que tú fugiu. Depois a gente só veio saber de tú quando tú já era chefe dos Capitães da Areia. Mas a gente sabia que tú havia de te arranjar. Quantos annos tú tem agora?

Pedro ficou fazendo calculos e o proprio João de Adão interrompeu:

— Tú tá com uns quinze anos. Não é, comadre?

A negra fez que sim. João de Adão continuou:

— No dia que tú quizer tú tem um logar aqui nas docas. A gente tem um logar guardado pra tú.

— Porque? — perguntou Boa Vida já que Pedro apenas olhava espantado.

— Porque o pae dele era Raymundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez destes que a gente encontra por aí.

— Meu pae? — fez Pedro Bala que daquelas historias só conhecia vagos rumores.

— Teu pae, era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. Foi pegado por uma bala. Mas tem um logar pra tú nas docas.

Pedro Bala riscava o asfalto com um graveto. Olhou João de Adão:

— Porque tú nunca me contou isso?

— Tú era pequeno para entender. Agora tú tá ficando um homem — e riu com satisfação.

Pedro Bala riu tambem. Estava contente de saber a historia de seu pae porque ele tinha sido um homem valente. Mas perguntou lentamente:

— E minha mãe tú conheceu?

João de Adão pensou um momento:

— Não sei não. Quando conheci o Loiro ele não tinha mulher. Mas tú vivia com ele.

— Eu conheci. — Era a negra que estava falando. — Um pedaço de mulher. Corria uma historia que teu pae tinha furtado ela de casa, que ela era de uma familia rica lá de cima. — e apontava a cidade alta. — Morreu quando tú nem tinha seis mezes. Nesse tempo Raymundo trabalhava na fabrica de cigarros de Itapagipe. Depois foi que veio pras docas.

João de Adão repetiu:

— Quando tú quizer.

Pedro Bala fez um aceno com a cabeça. Depois perguntou:

— Foi uma coisa batuta a greve, não foi?

E ficaram ouvindo João de Adão narrar a greve. Quando ele acabou Pedro Bala disse.

— Eu gostava de fazer uma greve. Deve ser porreta.

Vinha entrando um navio. João de Adão se levantou:

— Agora a gente vae carregar aquele holandez.

O navio apitava nas manobras de atracação. De todos os cantos surgiam estivadores que se iam dirigindo para o grande armazem. Pedro Bala os

olhou com carinho. Seu pae fora um deles, morrera em defeza deles. Ali iam passando homens brancos, mulatos, negros, muitos negros. Iam encher os porões de um navio de sacos de cacau, fardos de fumo, assucar, todos os produtos do Estado que iam para patrias longinquas onde outros homens como aqueles, talvez altos e loiros descarregariam o navio, deixariam vasios os seus porões. Seu pae fora um deles. Só agora o sabia. E por eles fizera discursos trepado em um caixão, brigara, recebera uma bala no dia que a cavalaria enfrentou os grevistas. Talvez ali mesmo onde ele se sentava tivesse caido o sangue de seu pae. Pedro Bala mirou o chão agora asfaltado. Por baixo daquele asfalto devia estar o sangue que correra do corpo de seu pae. Por isso no dia em que quizesse teria um lugar nas docas, entre aqueles homens, o lugar que fora de seu pae. E teria tambem que carregar fardos... Vida dura aquela, com fardos de sessenta kilos nas costas. Mas tambem poderia fazer uma greve assim como seu pae e João de Adão, brigar com policias, morrer pelo direito deles. Assim vingaria seu pae, ajudaria aqueles homens a lutar pelo seu direito (vagamente Pedro Bala sabia o que era isso). Imaginava-se numa greve, lutando. E sorriam os seus olhos como sorriam os seus labios.

Boa Vida que chupava a terceira laranja interrompeu seu sonho:

— Tá pensando na morte da bezerra, seu mano?

A preta velha olhou Pedro Bala com carinho:

— É a cara do pae. Só que tem o cabelo ondeado da mãe. Se não fosse esse talho na cara não tinha que tirar nem por para ver Raymundo. Um homem bonito..

Boa Vida riu entre dentes. Perguntou quanto devia, pagou os duzentos reis. Depois olhou mais uma vez os peitos da negra, perguntou:

— Tú não tem uma fia, minha tia?

— Pra que tú quer saber desgraçado?

Boa Vida riu:

— Eu podia me amigar com ela..

A negra atirou o chinelo, Boa Vida desviou o corpo:

— Se eu tivesse uma filha não era pra teu bico, malandro.

Depois se lembrou:

— Tú não vae hoje ao Gantois? Vae ser uma batida daquelas. Um fandango de primeira. É festa de Omolú.

— Muita boia? E aluá?

— Se tem. — Mirou Pedro Bala. — Porque tú não vae, branco? Omolú não é só Santo de negro. E' Santo dos pobre todos.

Boa Vida estendeu a mão numa saudação quando ela falou em Omolú, a deusa da bexiga. A tarde caía. Um homem comprou cocada. As luzes se acenderam de repente. A negra se levantou, Boa Vida ajudou a que ela botasse o taboleiro na cabeça. Ao longe Pirulito apontava com o Querido de Deus. Pedro Bala olhou mais uma vez os homens que nas docas carregavam fardos para o navio holandez. Nas largas costas negras e mestiças brilhavam gotas de suor. Os pescoços musculosos iam curvados sob os fardos. E os guindastes rodavam ruidosamente. Um dia fazer uma greve como seu pae. Lutar pelo direito... Um dia um homem assim como João de Adão poderia contar a outros meninos na porta das docas a sua historia como contavam a de

seu pae. Seus olhos tinham um intenso brilho na noite recen-chegada.

Ajudaram o Querido de Deus a desembarcar a pescaria que fora boa. Yemanjá o tinha ajudado. Um homem que tinha banca de peixe no mercado comprou toda a pescaria. Depois foram comer num restaurante do mercado. Pirulito foi ver o padre José Pedro que estava lhe ensinando a ler e a escrever. Passou pelo trapiche antes, para apanhar uma caixa de penas que tinha levantado numa papelaria pela manhã. Pedro Bala, Boa Vida e o Querido de Deus andaram para o candomblé do Gantois (o Querido era ogán) onde Omolú appareceu com suas vestimentas vermelhas e avisou a seus filhinhos pobres, no cantico mais lindo que pode haver, que em breve a miseria acabaria, que ela levaria a bexiga para a casa dos ricos e que os pobres seriam alimentados e felizes. Os atabaques tocavam na noite de Omolú. E ela anunciava que o dia de vingança dos pobres chegaria. As negras dansavam, os homens estavam alegres. O dia da vingança chegaria.

Pedro Bala veio sosinho pelas ruas da cidade pois o Boa Vida fora com o Querido de Deus dansar num bleforé. Desceu as ladeiras que o conduziam á cidade baixa. Ia devagar como se carregasse um peso dentro de si, ia como que curvado por dentro. Pensava na conversa da tarde com João de Adão, conversa que o alegrara porque ficara sabendo que seu pae fora um homem valente do caes, um homem que chegara a deixar uma historia. Mas João de Adão falara tambem dos direitos dos

doqueiros. Pedro Bala nunca tinha ouvido falar naquilo e no entanto fora por este direito que seu pae morrera. E depois, na macumba do Gantois, Omolú paramentada de vermelho dissera que o dia da vingança dos pobres não tardaria em chegar. E tudo isso oprimia o coração de Pedro Bala como aqueles fardos de sessenta quilos oprimem o cangote dos estivadores.

Quando acabou a descida da ladeira se dirigiu para o areal, com vontade de ir para o trapiche, ver se dormia. Um cachorro latiu á sua passagem pensando que ele ia lhe disputar o osso que estava roendo. No fim da rua Pedro Bala viu um vulto. Parecia uma mulher que andava apressada. Sacudiu seu corpo de menino como se sacode um animal jovem ao ver a femea e com passo rapido se aproximou da mulher que agora entrava no areal. A areia chiava sob os pés e a mulher notou que era seguida. Pedro Bala podia ve-la bem quando ela passava sob os postes: era uma negrinha bem jovem, talvez tivesse apenas 15 anos como ele. Mas os seios saltavam ponteagudos e as nadegas rolavam no vestido porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente é como se dansassem. E o desejo cresceu dentro de Pedro Bala, era um desejo que nascia da vontade de afogar a angustia que o oprimia. Pensando nas nadegas reboleantes da negrinha não pensava na morte de seu pae defendendo o direito dos grevistas, em Omolú pedindo vingança na noite de macumba. Pensava em derrubar a negrinha sob a areia macia, em acariciar seus seios duros (talvez seios de virgem, sempre seios de menina), em possuir seu corpo quente de negra.

Apressou seus passos porque a negrinha se desviara da rua que cortava o areal e se internara por este, se afastando dos postes de iluminação. Mas quando ela notou que Pedro Bala estava cada vez mais proximo se lançou para a frente quasi correndo. Pedro compreendeu que ela ia para uma daquelas ruas que ficam alem dos trapiches, perdidas entre o morro e o mar e que se atravessava o areal era para fazer o caminho mais curto e com mais facilidade poder fugir dele. Ia um silencio por todo o caes, só o chiar da areia sob os passos deles fazia estremecer de medo o coração da negrinha e de impaciencia o coração de Pedro Bala. Mas estava cada vez mais proximo. Andava muito mais rapido que a negra e a alcançaria com mais dez passos. E ella tinha ainda muito que andar no areal antes de atingir os trapiches e as ruas que ficam alem dos trapiches. Pedro sorria, um sorriso de dentes apertados, era igual a um animal feroz caçando no deserto um outro animal para seu almoço.

Quando já ia levando a mão para tocar em seu ombro e fazer com que ela voltasse o rosto, a negrinha começou a correr. Pedro Bala se lançou em sua perseguição e logo a alcançou. Mas ia a tal velocidade que esbarrou nela e ambos rolaram na areia. Pedro se levantou de um salto, rindo, chegou para o lado dela que procurava se por em pé:

— Não precisa, lindeza. Assim mesmo tá bom.

O rosto da negrinha era de terror. Mas quando viu que seu perseguidor era um menino de quinze para dezeseis anos se animou mais um pouco e perguntou com raiva:

— Que é que tú quer?

— Deixa de orgulho, morena. Vamos bater um paposinho...

E a agarrou pelo braço e novamente a derrubou na areia. O medo voltou a possui-la, um terror doido. Vinha da casa da avó e ia para sua casa onde mãe e irmãs a esperavam. Para que tinha vindo de noite, para que se arriscara na areia do caes? Não sabia que a areia das docas é a cama de amor de todos os malandros, de todos os ladrões, de todos os maritimos, de todos os Capitães da Areia, de todos que não podem pagar mulher e teem sede de um corpo na cidade santa da Bahia? Ela não sabia disto, mal fizera quinze anos, havia muito pouco tempo que era mulher. Pedro Bala tambem só tinha quinze anos, mas ha muito tempo que conhecia não só o areal e os seus segredos como os segredos do amor das mulheres. Porque se os homens conhecem esses segredos muito antes que as mulheres, os Capitães da Areia os conhecem muito antes que qualquer homem. Pedro Bala a queria porque ha muito sentia os desejos de homem e conhecia as caricias do amor. Ela não o queria porque fazia pouco que se tornara mulher e pretendia reservar seu corpo para um mulato que a soubesse apaixonar. Não o queria entregar assim ao primeiro que a encontrasse no areal. E está com os olhos entupidos de medo.

Pedro Bala passou a mão na carapinha da negra:

— Tú é um pancadão, morena. Nós vae fazer um filho lindo...

Ela lutou por se afastar dele:

— Me deixa. Me deixa, desgraçado.

E olhava em torno a sí para ver se enxergava alguem a quem gritar, a quem pedir socorro, alguem que a ajudasse a conservar a sua virgindade que tinham lhe ensinado que era preciosa. Mas á noite no areal do caes da Bahia não se vê sinão sombras e não se ouve mais que gemidos de amor, baques de corpos que rolam confundidos na areia.

Pedro Bala acariciava seus seios e ela no fundo de seu terror começava a sentir um fio de desejo, como um fio de agua que corre entre montanhas e vae engrossando aos poucos até se transformar em caudaloso rio. E isso fez com que crescesse o seu terror. Se ela não resistisse contra o desejo e deixasse que ele a possuisse estaria perdida, iria deixar uma mancha de sangue no areal da qual ririam os estivadores na madrugada seguinte. A certeza da sua fraqueza lhe deu novo alento e novas forças. Baixou a cabeça, mordeu a mão de Pedro que segurava seu seio. Pedro deu um grito, retirou a mão, ela se levantou e correu. Mas ele a pegou e agora seu desejo estava misturado com raiva.

— Vamos deixar de chove não molha — e tentava derruba-la.

— Deixa eu ir embora, desgraçado. Tú quer fazer minha desgraça filho da mãe? Deixa eu ir embora que não tenho nada com tú.

Pedro não respondia. Conhecia outras que faziam chiqué. Em geral porque tinham um amante a espera-las. Nem por um momento pensou que a negrinha fosse virgem. Mas ela resistia e o xingava, e mordia, batia suas frageis mãos no peito de Pedro Bala.

— Mas que é que tú viu, cabocla? Tu pensa que eu vou te deixar antes de tú me dar? Deixa de

orgulho. Teu macho não vae saber, ninguem fica sabendo. E tú vae ver o que é um homem bom..

E agora fazia por acaricia-la, queria dominar sua raiva, fazer com que ela sentisse desejo. Suas mãos desciam ao longo do seu corpo, a deitou com esforço. Ela agora repetia num refrão:

— Me deixa, desgraçado.. Me deixa, desgraçado...

Ele suspendeu as saias pobres de chita, apareceram as duras coxas da negra. Mas estavam uma sobre a outra e Pedro Bala tentou separa-las. A negrinha reagiu de novo, mas como o menino a estava acarinhando e ela sentiu a chegada impetuosa do desejo não o xingou mais, sinão que disse num pedido angustioso:

— Me deixa que eu sou virgem. Tú pode ser bom, não me querer. Depois tú encontra outra. Eu sou donzela, tú vae me fazer mal.

Ele olhou, ela estava chorando de medo e tambem porque sua vontade estava enfraquecendo, seus peitos estavam entumecidos.

— Tú é donzela mesmo?

— Juro por Deus Nosso Senhor, pela Virgem — e beijava os dedos postos em cruz.

Pedro Bala vacilava. Os seios da negrinha entumecidos sob seus dedos. As coxas duras, a carapinha do sexo.

— Tú tá falando a verdade? — e não deixava de acaricia-la.

— Tou, juro. Deixa eu ir embora, minha mãe tá me esperando.

Chorava e Pedro Bala tinha pena mas o desejo estava solto dentro dele. Então propoz ao ouvido da negra (e fazia cocega a lingua dele):

— Só boto atraz.
— Não. Não.
— Tú fica virgem igual. Não tem nada.
— Não. Não que doe.

Mas ele a acarinhava, uma cocega subiu pelo corpo dela. Começou a compreender que se não o satisfizesse como ele queria, sua virgindade ficaria ali. E quando ele prometeu (novamente sua lingua a excitava no ouvido):

— Se doer eu tiro. — ela consentiu.
— Tú jura que não vae na frente?
— Juro.

Mas depois que tinha se satisfeito pela primeira vez (e ela gritara e mordera as mãos), vendo que ela ainda estava possuida pelo desejo, tentou desvirgina-la. Mas ela sentiu e saltou como uma louca:

— Tú não te contenta, desgraçado, com o que me fez? Tú quer me desgraçar?

E soluçava alto, e levantava os braços, estava como uma louca, toda sua defeza eram seus gritos, suas lagrimas, suas imprecações contra o chefe dos Capitães da Areia. Mas para Pedro a maior defeza da negrinha eram os olhos cheios de pavor, olhos de animal mais fraco que não tem forças para se defender. E como seu maior desejo já se satisfizera e como aquela angustia do principio da noite voltava a domina-la, ele falou:

— Se eu te deixar tú volta amanhã?
— Volto, sim.
— Só faço o que fiz hoje. Te deixo donzela...

Ela fez que sim com a cabeça. Seus olhos estavam igual aos de um doido e naquele momento só sentia dor e pavor, vontade de fugir. Agora que as mãos dele, os labios dele, o sexo de Pedro, não

tocavam mais nas carnes dela seu desejo desaparecera e pensava unicamente em defender sua virgindade. Respirou quando ele disse:

— Então tú pode ir. Mas se tú não voltar amanhã. Quando eu te pegar tú vae ver com quantos paus se faz uma cangalha.

Ela começou a andar sem nada responder. Mas o menino a acompanhou:

— Vou te levar para um malandro não lhe pegar.

Foram os dois e ela chorava. Ele quiz pegar na mão dela, ela não deixou e se afastou dele. Ele tentou novamente, novamente ela retirou a mão. Então ele disse:

— Que diabo é isso?

E foram de mãos dadas. Ela chorava e aquele choro foi angustiando Pedro Bala, foi fazendo com que voltasse sua inquietação do começo da noite, a visão de seu pae morrendo na luta, a visão de Omolú anunciando vingança. Começou a maldizer intimamente o encontro da cabrocha e apressou o passo para chegar quanto antes ao começo da rúa. Ela soluçava e ele falou com raiva:

— Que foi que tú teve? Tú não teve nada.

Ela apenas o olhou e seus olhos (apesar de ainda ir com ele e ainda estar apavorada) estavam cheios de odio e de desprezo. Pedro baixou a cabeça, não sabia o que dizer, não tinha mais desejo nem raiva, só tristeza no seu coração. Ouviram a musica de um samba que um homem cantava na rúa. Ela soluçou mais alto, ele foi chutando areia. Agora se sentia mais fraco que ela, a mão da negrinha pesava na sua como se fosse chumbo. Largou a mão, ela se afastou dele, Pedro não protestou. Queria

não a ter encontrado, não ter encontrado tambem João de Adão nem ter ido ao Gantois. Chegaram na rua, ele disse:

— Agora tú pode ir, ninguem te faz mal.

Ela o olhou novamente com odio e deitou a correr. Mas na esquina mais proxima parou, virou-se para ele (que ainda a olhava) e rogou praga com uma voz que o encheu de medo:

— Peste, fome e guerra te acompanha, desgraçado. Deus te castiga, desgraçado. Filho de uma mãe, desgraçado, desgraçado, — sua voz solitaria atravessava a rua, abalava Pedro Bala.

Ela antes de desaparecer na esquina cuspiu no chão num supremo desprezo e ainda repetiu:

— Desgraçado.. Desgraçado...

Primeiro ele ficou parado, depois deitou a correr no areal e ia como se os ventos o açoitassem, como se fugisse das pragas da negrinha. E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pae, o odio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitoria, na Graça, o desespero da sua vida de creança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela pobre negrinha, uma creança tambem.

"Uma creança tambem" — ouvia na voz do vento, no samba que cantavam, uma voz dizia dentro dele.

AVENTURA DE OGÚN

Outra noite, uma noite escura de inverno, na qual os saveiros não se aventuravam no mar, noite de colera de Yemanjá e Xangô, quando os relampagos eram o unico brilho do ceu carregado de nuvens negras e pesadas, Pedro Bala, o Sem Pernas e João Grande foram levar a mãe de santo Don'Aninha até sua casa distante. Ela viera ao trapiche pela tarde, precisava de um favor deles, e enquanto explicava a noite caiu espantosa e terrivel.

— Ogún está zangado. — explicou a mãe de santo Don'Aninha.

Fora este assunto que a trouxera ali. Numa batida num candomblé (que se bem não fosse o seu, porque nenhum policia se aventurava a dar uma batida no candomblé de Aninha, estava sob a sua proteção) a policia tinha carregado com Ogún que repousava no seu altar. Don'Aninha tinha usado da sua força junto a um guarda para conseguir a volta do santo. Fora mesmo á casa de um professor da Faculdade de Medicina, seu amigo, que vinha estudar a religião negra no seu candomblé, pedir que ele conseguisse a restituição do Deus. O professor realmente pensava em conseguir que a policia lhe entregasse a imagem. Mas para juntar á sua coleção

de idolos negros e não para reintegra-la no seu altar no candomblé distante. Por isso, por estar Ogún numa sala de detidos na policia, Xangô descarrega os raios nesta noite.

Por ultimo Don'Aninha veio onde estavam os Capitães da Areia, seus amigos de ha muito, porque são amigos da grande mãe de santo todos os negros e todos os pobres da Bahia. Para cada um ela tem uma palavra amiga e maternal. Cura doenças, junta amantes, seus feitiços matam homens ruins. Explicou o que tinha acontecido a Pedro Bala. O chefe dos Capitães da Areia ia pouco aos candomblés, como pouco ouvia as lições do Padre José Pedro. Mas era amigo tanto do padre como da mãe de santo e entre os Capitães da Areia quando se é amigo se serve ao amigo.

Agora levavam Aninha para sua casa. A noite em torno era tormentosa e colerica. A chuva os curvava sob o grande guarda-chuva branco da mãe de santo. Os candomblés batiam em desagravo a Ogún e talvez num deles ou muitos deles Omolú anunciasse a vingança do povo pobre. Don'Aninha disse aos meninos com uma voz amarga:

— Não deixam os pobres viver... Não deixam nem os Deus dos pobre em paz. Pobre não pode dansar, não pode cantar pra seu Deus, não pode pedir uma graça a seu Deus. — Sua voz era amarga, uma voz que não parecia da mãe de santo Don'Aninha. — Não se contentam de matar os pobre a fome.. Agora tiram os santos dos pobre.. — e alçava os punhos.

Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos ceus

onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justiça naquilo. No reino do ceu seriam iguaes. Mas já tinham sido desiguaes na terra, a balança pendia sempre para um lado.

As imprecações da mãe de santo enchiam a noite mais que o ruido dos agôgôs e atabaques que desagravavam Ogún. Don'Aninha era magra e alta, um tipo aristocratico de negra e sabia levar como nenhuma das negras da cidade suas roupas de *bahiana*. Tinha o rosto alegre, se bem bastasse um olhar seu para inspirar absoluto respeito. Nisso se parecia com o padre José Pedro. Mas agora estava com um ar terrivel e suas imprecações contra os ricos e a policia enchiam a noite da Bahia e o coração de Pedro Bala.

Quando a deixaram, rodeada das suas filhas de santo que beijavam sua mão, Pedro Bala prometeu:

— Deixe estar, mãe Aninha, que amanhã te trago Ogún.

Ela bateu a mão na cabeça loira dele, sorriu. João Grande e o Sem Pernas beijaram a mão da negra, desceram a ladeira. Os agôgôs e atabaques ressoavam desagravando Ogún.

O Sem Pernas não acreditava em nada, mas devia favores a Don'Aninha. Perguntou:

— O que é que a gente vae fazer. O troço está na policia.

João Grande cuspiu, estava com certo receio:

— Não chame Ogún de troço, Sem Pernas. Ele castiga..

— Tá preso, não pode fazer nada, — riu o Sem Pernas.

João Grande calou a boca porque sabia que Ogún era grande demais, mesmo na cadeia podia castigar o Sem Pernas. Pedro Bala coçou o queixo, pediu um cigarro:

— Deixa eu matutar. A gente tem que dar conta. A gente garantiu a Aninha. Agora tem que fazer.

Desceram para o trapiche. A chuva entrava pelos buracos do teto, a maior parte dos meninos se amontoavam nos cantos onde ainda havia telhado. O Professor tentara acender sua vela mas o vento parecia brincar com ele, apagava de minuto a minuto. Afinal ele desistiu de ler esta noite e ficou peruando um jogo de sete e meio que o Gato bancava, ajudado por Boa Vida, num canto. Moedas no chão mas nenhum rumor desviava Pirulito das suas orações deante da Virgem e de Santo Antonio.

Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relampago iluminava o trapiche e então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da Areia. Muitos deles eram tão creanças que temiam ainda dragões e monstros lendarios. Se chegavam para junto dos mais velhos que apenas sentiam frio e sono. Outros, os negros, ouviam no trovão a voz de Xangô. Para todos estas noites de chuva eram terriveis. Mesmo para o Gato, que tinha uma mulher em cujo seio escondia a jovem cabeça, as noites de temporal eram noites más. Porque nestas noites homens que na cidade não teem onde reclinar a sua cabeça amedrontada, que não têm sinão uma cama de solteiro e querem esconder num seio de mulher o seu temor, pagavam para dormir com Dalva e pagavam bem. Assim o Gato ficava no trapiche, bancando

jogos com seu baralho marcado, ajudado na roubalheira pelo Boa Vida. Ficavam todos juntos, inquietos, mais sós todavia, sentindo que lhes faltava algo, não apenas uma cama quente num quarto coberto mas tambem doces palavras de mãe ou de irmã que fizessem o temor desaparecer. Ficavam todos amontoados e alguns tiritavam de frio, sob as camisas e calças esmulambadas. Outros tinham paletós furtados ou apanhados em lata de lixo, paletós que utilisavam como sobretudo. O Professor tinha mesmo um sobretudo que de tão grande arrastava no chão.

Uma vez, e era no verão, um homem parara vestido com um grosso sobretudo para tomar um refresco numa das cantinas da cidade. Parecia um extrangeiro. Era pelo meio da tarde e o calor doia nas carnes. Mas o homem parecia não senti-lo, vestido com seu sobretudo novo. O professor achou o homem engraçado e com a cara de sujeito de dinheiro e começou a fazer um desenho dele (com o sobretudo enorme, maior que o homem, era o proprio homem o sobretudo) a giz no passeio. E ria de satisfação porque provavelmente o homem lhe daria uma prata de dois mil reis. O homem voltou-se na sua cadeira e olhou o desenho quasi concluido. O Professor ria, achava o desenho bom, o sobretudo dominando o homem, era mais que o homem. Mas o homem não gostou da coisa, se deixou possuir por uma grande raiva, levantou-se da cadeira e deu dois ponta-pés no Professor. Um atingiu o menino nos rins e ele rolou pela calçada gemendo. O homem ainda meteu o pé no seu rosto dizendo congestionado ao se afastar:

— Toma, corneta, para aprender a não fazer burla de um homem.

E saiu batendo moedas ná mão, após meio apagar com o pé o desenho. A garçonete veio e ajudou o Professor a se levantar. Olhou com piedade o menino que apalpava o logar dos rins doloridos, olhou o desenho, disse:

— Que bruto! Até que o retrato estava parecido. Um estupido!

Meteu a mão no bolso onde guardava as gorgetas, tirou uma prata de um mil reis, quiz dar ao Professor. Mas ele recusou com a mão, sabia que ia fazer falta a ela. Olhou o desenho semi-apagado, seguio seu caminho ainda com as mãos nos rins. Ia quasi sem pensar, com um nó na garganta. Ele quizera agradar o homem, merecer uma prata dele. Tivera tres ponta-pés e palavras brutaes. Não compreendia. Porque eram odiados assim na cidade? Eram pobres creanças sem pae, sem mãe. Porque aqueles homens bem vestidos tanto os odiavam? Foi com sua dor. Mas aconteceu que no caminho para o trapiche, no deserto do areal sob o sol, encontrou novamente, minutos depois, o homem de sobretudo. Parecia que ia para um dos navios atracados no porto e levava agora o sobretudo no braço porque o sol estava abrasador. Professor tirou a navalha (poucas vezes a usava) e se aproximou do homem. O calor tinha alijado do areal todos os homens e o do sobretudo cortava pela areia para fazer o caminho mais curto para o caes. O Professor foi silenciosamente por detraz do homem, quando chegou perto tomou a frente com a navalha na mão. A vista do homem tinha transformado a confusão de seus sentimentos num unico sentimento: vingança.

O homem o olhou aterrorisado. O Professor crescia em sua frente com a navalha aberta. Murmurou entre dentes:

— Sai, moleque.

O Professor avançou com a navalha, o homem ficou branco.

— Que é isso? Que é isso? — e mirava todos os lados na esperança de ver alguem. Mas só ao longe nas docas apareciam perfis de homens. Então o do sobretudo largou a correr quando o Professor saltou em cima dele e lhe cortou a mão com a navalha. O sobretudo ficou abandonado no chão e o sangue caia da mão do homem na areia. O Professor tomou pelo outro lado, ficou um instante sem saber que fazer. Não tardaria a vir um guarda, logo muitos, acompanhando o homem em sua perseguição. Se o navio do homem saisse logo tudo estava bem, a perseguição pouco demoraria. Mas se tardasse a sair com certeza o homem o perseguiria até dar com ele e po-lo no xadrez. Então o Professor lembrou-se da garçonete. Caminhou para a cantina, do jardim que ficava em frente fez sinal para a garçonete. Ela veio e logo compreendeu quando o viu com o sobretudo. O Professor avisou:

— Ele tá com um talho na mão.

Ela riu:

— Tú te vingou, hein?

Levou o sobretudo para a cantina, guardou. O Professor sumiu até que o navio saiu barra a fora. Mas de onde estava viu a batida dos guardas pelo areal e pelas ruas adjacentes. Foi assim que o Professor tinha conseguido aquele sobretudo que nunca quiz vender. Adquirira um sobretudo e muito odio. E tempos depois quando as suas

pinturas muraes admiraram todo o paiz (eram motivos de vidas de creanças abandonadas, de velhos mendigos, de operarios e doqueiros que rebentavam cadeias), notaram que nelas os gordos burguezes apareciam sempre vestidos com enormes sobretudos que tinham mais personalidade que eles proprios.

Pedro Bala, João Grande e o Sem Pernas entraram no trapiche. Foram para o grupo que jogava em torno ao Gato. Quando eles chegaram o jogo parou um momento, o Gato ficou espiando os tres:

— Quer topar um sete e meio?

— Tou com cara de besta? — respondeu o Sem Pernas.

João Grande sentou para espiar, Pedro Bala se afastou com o Professor para um canto. Queria combinar uma maneira de roubar a imagem de Ogún da policia. Discutiram parte da noite e já eram 11 horas quando Pedro Bala antes de sair falou para todos os Capitães da Areia:

— Minha gente, eu vou fazer um troço dificil. Se eu não aparecer até de manhã vocês fica sabendo que eu tou na policia e não demoro a tá no Reformatorio, até fugir. Ou até vocês me tirar de lá...

E saiu. João Grande o acompanhou até a porta. O Professor veio para junto do Gato novamente. Os menores olhavam a partida do chefe com certo receio. Tinham uma grande confiança em Pedro Bala e sem ele muitos não saberiam como se arranjar.

Pirulito veio do seu canto, deixaram uma oração pelo meio:

— O que foi?

— Pedro foi fazer um troço dificil. Se não voltar de manhã é que tá na chave.

— A gente tira ele. — respondeu Pirulito naturalmente e nem parecia que minutos antes estava ante um quadro da Virgem rezando pela salvação da sua pequena alma de ladrão. E voltou aos seus santos a rezar por Pedro Bala.

O jogo recomeçou. Chuva e raios, trovões e nuvens no ceu. O frio intenso no trapiche. Gotas de agua caiam sobre os meninos que jogavam. Mas o jogo agora era sem atenção, o proprio Gato se esquecia de ganhar, havia como que uma confusão em todo o trapiche. Durou até que Professor disse:

— Eu vou ver as coisas...

João Grande e o Gato foram com ele. Nesta noite foi Pirulito que se deitou na porta do trapiche com o punhal sob a cabeça. E perto dele Volta Seca espiava a noite com sua cara sombria. E pensava em que logar estaria nesta noite de temporal o grupo de Lampeão na imensidade das caatingas. Talvez que nesta noite de temporal lutassem com a policia como ia fazer agora Pedro Bala. E Volta Seca pensou que quando Pedro Bala fosse grande como um homem seria tão corajoso como Lampeão. Lampeão era o dono do sertão, das caatingas sem fim. Pedro Bala seria dono da cidade, do casario, das ruas, do caes. E Volta Seca que era do sertão poderia andar nas caatingas e nas cidades. Porque Lampeão era seu padrinho e Pedro Bala seu amigo. Imitou o cocorocó de um galo e isso era sinal que Volta Seca estava alegre.

Pedro Bala enquanto subia a ladeira da Montanha revia mentalmente seu plano. Fora arquitetado com a ajuda do Professor e era a coisa mais arriscada em que se metera até hoje. Mas Don'

Aninha bem que merecia que um corresse risco por ela. Quando tinha um doente ela trazia remedios feitos com folhas, tratava dele, muitas vezes curava. E quando aparecia um Capitão da Areia no seu terreiro ela o tratava como a um homem, como a um ógan, dava-lhe do melhor para comer, do melhor para beber. O plano era arriscado, possivelmente não daria certo, Pedro Bala comeria cadeia uns dias e terminaria remetido para o Reformatorio, onde a vida era peior que vida de cão. Mas havia uma possibilidade de dar certo e Pedro Bala jogaria tudo nesta possibilidade. Chegou ao Largo do Teatro. A chuva caia e os guardas se abrigavam sob as capas. Começou a subir a ladeira de São Bento vagarosamente. Tomou por São Pedro, atravessou o Largo da Piedade, subiu o Rosario, agora estava nas Mercês, deante da Central de Policia olhando as janelas, o movimento de guardas e secretas que entravam e saiam. De minuto em minuto um bonde passava fazendo ruido nos trilhos, iluminando ainda mais a rua já bastante iluminada. O guarda amigo de Don'Aninha tinha dito que Ogún estava na sala de detidos, jogado sobre um armario, em meio a diversos outros objetos apreendidos em batidas varias em casas de ladrões. Naquela sala colocavam os que eram presos durante á noite, antes de serem ouvidos ou pelo delegado ou pelos comissarios de turno e que depois ou eram remetidos para as prisões ou para a rua. Ali, num canto, a principio dentro de um armario que logo se encheu, depois junto ou sobre ele, colocavam objetos sem valor apreendidos nas batidas policiaes. O plano de Pedro Bala era passar a noite ou parte dela na sala de detidos e levar ao sair (se conse-

guisse sair) a imagem de Ogún comsigo. Tinha uma grande vantagem: não era conhecido entre a policia. Mesmo só raros guardas o conheciam como moleque das ruas, se bem todos os guardas e mesmo alguns investigadores desejassem ardentemente capturar o chefe dos Capitães da Areia. Sabiam dele apenas que tinha aquele talho no rosto, — e Pedro Bala passou a mão no talho. Mas o pensavam maior que era em verdade e tambem faziam a idea que Pedro Bala devia ser mulato e de mais idade. Se chegassem a descobrir que ele era o chefe dos Capitães da Areia talvez nem para o Reformatorio o mandassem. Muito provavelmente iria diretamente para a Penitenciaria. Porque do Reformatorio se consegue fugir, mas da Penitenciaria não é facil. Emfim... — e Pedro Bala andou até o Campo Grande. Mas já não ia com aquele seu passo despreocupado de moleque das ruas da cidade. Ia agora gingando como um filho de maritimo, o boné puxado por causa da chuva, a gola do paletó preto (devia ter sido anteriormente de um homem muito grande) levantada.

O guarda estava debaixo de uma arvore por causa da chuva. Pedro veio chegando assim como quem tem medo. E quando falou ao guarda sua voz era de uma creança que estava temerosa da noite tempestuosa da cidade.

— Seu guarda..

O guarda olhou:

— O que é, moleque?

— Eu não sou daqui. Eu sou de Mar Grande, vim com meu pae hoje.

O guarda não deixou que ele continuasse:

— E o que tem isso?

— Eu não tenho onde dormir. Queria que o senhor deixasse eu dormir na policia.

—A policia não é hotel, malandro. Desaperta, desaperta. — e fez sinal que Pedro se afastasse.

Pedro tentou novamente puxar conversa mas o guarda o ameaçou com o casse-tete:

— Vae dormir num jardim. Vae embora.

Pedro saiu com cara de choro. O guarda ficou espiando o menino. Pedro parou no ponto do bonde, esperou. Do primeiro carro não desceu ninguem mas do segundo saltou um casal. Pedro se atirou em cima da mulher, o homem viu que ele queria abafar a carteira dela, segurou Pedro por um braço. A coisa fora tão mal feita que se um dos Capitães da Areia passasse ali não reconheceria sem duvida o seu chefe. O guarda que via a cena já estava junto a eles:

— Então era assim que voce não era daqui? Um moleque ladrão.

Se afastou levando Pedro pelo braço. O menino ia com uma cara entre amendrontada e risonha:

— Só fiz isso pro senhor me pegar mesmo.

— Hein?

— Tudo que eu disse é verdade. Meu pae é maritimo, tem um saveiro em Mar Grande. Hoje me deixou aqui, não voltou com o temporal. Eu não sei onde dormir, pedi pra dormir na policia. O senhor não deixou eu fiz que ia roubar a mulher só pro senhor me pegar.. Agora tenho onde dormir.

— E por muito tempo. — Foi a unica resposta do guarda.

Entraram na Central. O guarda atravessou um corredor, largou Pedro Bala na sala dos detidos. Havia uns cinco ou seis homens. O guarda disse troçando:

— Agora voce pode dormir, filho da mãe. E depois que o comissario chegar vamos ver quanto tempo voce vae dormir aqui..

Pedro ficou calado. Os outros presos nem ligavam para ele, estavam muito interessados em fazer troça com um pederasta que tinha sido preso e se dizia chamar "Mariasinha". A um canto Pedro Bala viu o armario. A imagem de Ogún estava ao lado junto de uma cesta para papeis inuteis. Pedro se adiantou para ali, tirou o paletó, poz sobre a imagem. E enquanto os outros conversavam enrolou Ogún (não era grande, havia outras imagens muito maiores) no seu paletó e deitou-se no chão. Poz a cabeça sobre o embrulho e fez que dormia.

Os presos daquela noite continuavam a rir com o pederasta, exceto um velho que tremia num canto, Pedro não sabia se de frio ou de medo. Mas ouvia a voz de um negro jovem que dizia a "Mariasinha":

— Quem tirou teu cabaço?

— Ora, me deixe.. — respondeu o pederasta rindo.

— Não. Conta. Conta. — disseram os outros.

— Ah! Foi Leopoldo. Ah!

O velho continuava a tremer. Um malandro de cara chupada pela tisica percebeu o velho no canto:

— Tú porque não vae te enrabar com aquele velhote? — perguntou a Mariasinha que fez bico.

— Não tá vendo logo que não me passo pra velho. Olhe, não quero mais conversa não...

Agora um guarda gosava na porta e o de cara chupada se virou para o velho que se encolheu todo:

— Mas tú bem que gostava se ele lhe desse hoje, hein, tio?

— Eu sou um velho.. Eu não fiz nada. — murmurou o velho mais que falou. — Não fiz nada, minha filha está me esperando.

Pedro, que estava de olhos fechados, adivinhou que o velho chorava. Mas continuou fingindo que estava dormindo. Ogún doia nos ossos da sua cabeça. Os presos continuavam a pilheriar com o pederasta e o velho até que chegou outro guarda e falou para o velho:

— Você, velhote. Vamos...

— Eu não fiz nada... — falou mais uma vez o velho. — Minha filha está me esperando.. — se dirigia a todos, guardas e presos. E tremia tanto que todos tiveram pena e até o malandro de cara chupada baixou a cabeça. Só o pederasta sorria.

O velho não voltou. Depois foi o pederasta. Demorou muito. O de cara chupada explicava que "Mariasinha" era de boa familia. Naturalmente estavam telefonando para casa dele, pedindo que o viessem buscar para não terem que o prender de novo naquela noite. De quando em vez, quando tomava cocaina de mais, dava escandalos na rúa e era trazido por um guarda. Quando "Mariasinha" voltou foi só para pegar o chapeu. Então viu Pedro Bala deitado e disse:

— Tão novinho este. Mas é um amorsinho..

Pedro cuspiu de olhos fechados:

— Sae, chibungo, antes que eu te pranche a cara...

Os outros riram e só então atentaram em Pedro:

— Que é que tú tá fazendo aqui, rato de igreja?

— O que não é da tua conta, macaqueiro... — respondeu Pedro Bala ao de cara chupada.

Até o guarda riu e explicou para os outros a historia de Pedro. Mas o negro jovem foi chamado e eles ficaram silenciosos. Sabiam que o negro tinha esfaqueado um homem num bleforé nesta noite. Quando o preto voltou trazia as mãos inchadas dos bolos. Explicou:

— Disse que vou ser processado por ferimentos leves. E me dero duas duzia.

Não conversou mais, procurou um canto, se arreiou. Os outros tambem ficaram calados. E foram indo um por um para o despacho do comissario. Uns eram postos em liberdade, outros iam para o calabouço, outros voltavam apanhados. O temporal cessara e a madrugada chegava. Pedro foi o ultimo a ser chamado. Deixou o paletó onde enrolara Ogún.

O comissario era um jovem advogado que reluzia um rubi no dedo e um charuto no queixo. Quando Pedro entrou com o guarda pedia café em voz alta. Pedro ficou deante da escrivaninha, parado. O guarda disse:

— Esse é o menino do roubo no Campo Grande.

O comissario fez um sinal com a mão:

— Veja se esse café sae ou não sae...

O guarda retirou-se. O comissario leu a parte do guarda que prendera Pedro Bala, olhou o menino:

— O que é que voce tem a dizer? E não venha me mentir não..

Pedro contou com uma voz amedrontada uma historia comprida. Que seu pae era saveirista em

Mar Grande e naquele dia pela manhã viera com o saveiro e o trouxera. Mas voltara em seguida para buscar outra carga e o deixara na cidade passeando, porque o saveiro tornaria á Bahia ainda á tardinha e então ele poderia voltar com seu pae. Mas com o temporal seu pae não tinha podido voltar e ele que não conhecia ninguem ficou na chuva sem ter onde dormir. Perguntou a um homem na rua onde poderia dormir, o homem respondera que na policia. Então ele pedira ao guarda que o levasse a dormir na policia, o guarda não deixara, ele fizera então que ia furtar a mulher só para ser levado para poder dormir sob um teto.

— Tanto que não roubei e nem fugi.. — concluiu.

O delegado que sorvia o café em golinhos, disse de sí para sí:

— Não é possivel que uma creança desta idade inventasse essa historia. — Depois como tinha veleidades literarias murmurou: — Eis aí um conto formidavel... — e sorriu com bom humor.

— Como é o nome de teu pae? — perguntou a Pedro.

— Augusto Santos. — respondeu o menino dando o nome de um saveirista de Mar Grande.

— Se o que voce contou for verdade eu vou lhe soltar. Mas se voce quiz me tapear com essa historia, vae ver.

Tocou a campaínha chamando o guarda. Pedro estava com os nervos todos em tensão. O guarda chegou, o comissario perguntou se na policia havia um livro de registro de saveiristas de Mar Grande que ancoravam no caes do Mercado.

— Tem, sim senhor.

— Vá ver se tem um tal Augusto Santos e volte para me dizer. E ande depressa que minha hora está acabando.

Pedro Bala olhou para o relogio: marcava cinco e meia da manhã. O guarda demorou uns minutos, o comissario não se ocupou mais de Pedro que estava de pé ante sua secretaria. Só quando o guarda voltou e disse:

— Tem, sim senhor... Hoje mesmo teve no caes mas voltou logo. — o comissario fez um gesto com a mão e falou para o guarda:

— Ponha esse moleque em liberdade.

Pedro pediu para ir buscar seu paletó. Acomodou de baixo do braço, nem parecia trazer a imagem envolvida nela. Atravessaram o corredor novamente, o guarda o deixou na porta. Pedro tomou para o Largo dos Aflitos, rodeou o velho quartel, desabou pela Gambôa de Cima. Agora ia correndo mas ouviu passos atraz de sí. Parecia que o perseguiam. Olhou. Professor, João Grande e o Gato vinham atraz dele. Esperou que eles chegassem e perguntou curioso:

— Que é que voces tava fazendo por estas bandas?

O Professor coçou a cabeça:

— Não vê que a gente saiu agora cedo. E veio vindo por aqui, andando sem que fazer, foi quando topou com tú que vinha desabalado...

Pedro abriu o paletó, mostrou a imagem de Ogún. João Grande riu com satisfação:

— Como foi que tú tapeiou eles?

Foram descendo a ladeira escorregadia da chuva da noite. E Pedro Bala ia narrando as aventuras da noite. O Gato perguntou:

— Tú não teve nem um pingo de medo?

Primeiro Pedro Bala pensou em dizer que não, depois confessou:

— Pra falar verdade tive um cagaço da desgraça...

E riu da cara gosada que João Grande fazia. O ceu agora estava azul, sem nuvens, o sol brilhava e da ladeira eles viam os saveiros que partiam do caes do Mercado.

DEUS SORRI COMO UM NEGRINHO

O Menino era uma tentação por demais grande.

Nem parecia um meio-dia de inverno. O sol deixava cair sobre as ruas uma claridade macia, que não queimava mas cujo calor acariciava como a mão de uma mulher. No jardim proximo as flores desabrochavam em cores. Margaridas e onze horas, rosas e cravos, dhalias e violetas. Parecia haver na rua um perfume bom, muito sutil, mas que Pirulito sentia entrar nas suas narinas e como que embriaga-lo. Tinha comido na porta de uma casa de portuguezes ricos as sobras de um almoço que fora quasi um banquete. A criada que lhe trouxera o prato cheio, dissera mirando as ruas, o sol de inverno, os homens que passavam sem capa:

— Tá fazendo um dia lindo.

Essas palavras foram com Pirulito pela rúa. Um dia lindo, e o menino ia despreocupado, assoviando um samba que lhe ensinara o Querido de Deus, recordando que o padre José Pedro prometera tudo fazer para lhe conseguir um logar no seminario. Padre José Pedro lhe dissera que toda aquela beleza que caia envolvendo a terra e os homens era um presente de Deus e que era preciso agradecer a Deus. Pirulito mirou o ceu azul onde

Deus devia estar e agradeceu num sorriso e pensou que Deus era realmente bom. E pensando em Deus pensou tambem nos Capitães da Areia. Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalha ou punhal homens e policias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pae, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quasi sem této. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. Pirulito pensou que todos estavam condenados ao inferno. Pedro Bala não acreditava no inferno, Professor tãopouco, riam dele. João Grande acreditava era em Xangô, em Omolú, nos deuses dos negros que vieram da Africa. O Querido de Deus que era um pescador valente e um capoeirista sem igual tambem acreditava neles, misturava eles com os santos dos brancos que tinham vindo da Europa. O padre José Pedro dizia que aquilo era superstição, que era coisa errada, mas que a culpa não era deles. Pirulito se entristeceu na beleza do dia. Estariam todos condenados ao inferno? O inferno era um logar de fogo eterno, era um logar onde os condenados ardiam uma vida que nunca acabava. E no inferno havia martirios desconhecidos mesmo na policia, mesmo no Reformatorio de Menores. Pirulito vira ha poucos dias um frade alemão que descrevia o inferno num sermão na Igreja da Piedade. Nos bancos, homens e mulheres recebiam as palavras de fogo do frade como chicotadas no lombo. O frade era vermelho e de

seu rosto pingava o suor. Sua lingua era atrapalhada e dela o inferno saía mais terrivel ainda, as labaredas lambendo os corpos que foram lindos na terra e se entregaram ao amor, as mãos que foram ageis e se entregaram ao furto, ao manejo do punhal e da navalha. Deus no sermão do frade era justiceiro e castigador, não era o Deus dos dias lindos do padre José Pedro. Depois explicaram a Pirulito que Deus era a suprema bondade e a suprema justiça. E Pirulito envolveu seu amor a Deus numa capa de temor a Deus e agora vivia entre os dois sentimentos. Sua vida era uma vida desgraçada de menino abandonado e por isso tinha que ser uma vida de pecado, de furtos quasi diarios, de mentiras nas portas das casas ricas. Por isso na beleza do dia Pirulito mira o ceu com os olhos crescidos de medo e pede perdão a Deus tão bom (mas tão justo tambem...) pelos seus pecados e os dos Capitães da Areia. Mesmo porque eles não tinham culpa. A culpa era da vida..

O padre José Pedro dizia que a culpa era da vida e tudo fazia para remediar a vida deles pois sabia que era a unica maneira de fazer com que eles tivessem uma existencia limpa. Porem uma tarde em que estava o padre e estava João de Adão o doqueiro disse que a culpa era da sociedade mal organisada, era dos ricos... Que enquanto tudo não mudasse os meninos não poderiam ser homens de bem. E disse que o padre José Pedro nunca poderia fazer nada por eles porque os ricos não deixariam. O padre José Pedro naquele dia tinha ficado muito triste e quando Pirulito o foi consolar explicando que ele não ligasse ao que João de Adão

dizia o padre respondeu balançando a cabeça magra:

— Tem vezes que eu chego a pensar que ele tem razão, que isso tudo está errado. Mas Deus é bom e saberá dar o remedio...

Padre José Pedro achava que Deus perdoaria e queria ajuda-los. E como não encontrava meios, e sim uma barreira na sua frente (todos queriam tratar os Capitães da Areia ou como criminosos ou como creanças iguaes áquelas que foram creadas com um lar e uma familia), ficava como que desesperado, por vezes ficava atarantado. Mas esperava que Deus o inspirasse um dia e até lá ia acompanhando os meninos, conseguindo por vezes evitar atos de malvadeza das creanças. Fora mesmo ele um dos que mais concorreram para exterminar a pederastia no grupo. E isto foi uma das suas grandes experiencias no sentido de como agir para tratar com os Capitães da Areia. Enquanto ele lhes disse que era necessario acabar com aquilo porque era um pecado, uma coisa imoral e feia, os meninos riram nas suas costas e continuaram a dormir com os mais novos e bonitos. Mas no dia em que o padre, desta vez ajudado pelo Querido de Deus, afirmou que aquilo era coisa indigna num homem, fazia um homem igual a uma mulher, pior que uma mulher, Pedro Bala tomou medidas violentas, expulsou os passivos do grupo. E por mais que o padre fizesse não os quiz mais ali.

— Se eles voltar a safadeza volta, padre.

Por assim dizer Pedro Bala arrancou a pederastia de entre os Capitães da Areia como um medico arranca um apendice doente do corpo de um homem.

O dificil para o padre José Pedro era conciliar as coisas. Mas ia tenteando e por vezes sorria satisfeito dos resultados. A não ser quando João de Adão ria dele e dizia que só a revolução acertaria tudo aquilo. Lá em cima na cidade alta os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o Reformatorio que era pior que as prisões. Lá em baixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escolas aos meninos. O padre queria dar casa, escola, carinho e conforto aos meninos sem a revolução, sem acabar com os ricos. Mas de todos os lados era uma barreira. Ficava como perdido e pedia a Deus que lhe inspirasse. E com certo pavor via que quando pensava no problema dava sem siquer o sentir razão ao doqueiro João de Adão. Então era possuido de temor, porque não fora assim que lhe haviam ensinado, e rezava horas seguidas para que Deus o iluminasse.

Pirulito fora a grande conquista do Padre José Pedro entre os Capitães da Areia. Tinha fama de ser um dos mais malvados do grupo, contavam dele que uma vez puzera o punhal na garganta de um menino que não queria lhe emprestar dinheiro e o fora enfiando devagarinho, sem tremer, até que o sangue começou a correr e o outro lhe deu tudo que queria. Mas contavam tambem que outra vez cortou de navalha a Chico Banha quando o mulato torturava um gato que se aventurara no trapiche atraz dos ratos. No dia que o padre José Pedro começou a falar de Deus, do ceu, de Christo, da bondade e da piedade, Pirulito começou a mudar. Deus o chamava e ele sentia sua voz poderosa no trapiche. Via Deus nos seus sonhos e ouvia o chamado de Deus de

que falava o padre José Pedro. E se voltou de todo para Deus, ouvia a voz de Deus, rezava ante os quadros que o padre lhe dera. No primeiro dia começaram a mofar dele no trapiche. Ele espancou um dos menores, os outros se calaram. No outro dia o padre disse que ele fizera mal, que era preciso sofrer por Deus e Pirulito então dera a sua navalha quasi nova ao menino que espancara. E não espancara mais nenhum, evitava as brigas e se não evitava os furtos era que aquilo era o meio de vida que eles tinham, não tinham mesmo outro. Pirulito sentia o chamado de Deus que era intenso e queria sofrer por Deus. Ajoelhava horas e horas no trapiche, dormia no chão nú, rezava mesmo quando o sono o queria derrubar, fugia das negrinhas que ofereciam o amor na areia quente do caes. Mas então amava Deus-pura-bondade e sofria para pagar o sofrimento que Deus passara na terra. Depois veio aquela revelação de Deus justiça (para Pirulito ficou Deus vingança) e o temor de Deus invadiu o seu coração e se misturou ao amor de Deus. Suas orações foram mais longas, o terror do inferno se misturava á beleza de Deus. Jejuava dias inteiros e sua face ficou macilenta como a de um anacoreta. Tinha olhos de mistico e pensava ver Deus nas noites de sonho. Por isso conservava seus olhos afastados das nadegas e seios das negrinhas que andavam como que dansando ante os olhos de todos nas ruas pobres da cidade. Sua esperança era um dia ser sacerdote do seu Deus, viver só para a sua contemplação, viver só para ele. A bondade de Deus fazia com que ele esperasse consegui-lo. O temor de Deus vingando-se dos pecados de Pirulito fazia com que ele desesperasse.

E é esse amor e esse temor que fazem Pirulito indeciso ante a vitrine nesta hora de meio-dia, cheia de beleza. O sol é brando e claro, as flores desabrocham no jardim, vem uma calma e uma paz de todos os lados. Mas mais belo que tudo é a imagem da Conceição com o Menino, que está na prateleira daquela loja de uma só porta. Na vitrine quadros de santos, livros de orações em encadernações luxuosas, terços de ouro, relicarios de prata. Mas dentro, bem na ponta da prateleira que chega até a porta a imagem da Virgem da Conceição estende o Menino para Pirulito. Pirulito pensa que a Virgem está a lhe entregar Deus, Deus creança e nú, pobre como Pirulito. O escultor fez o Menino magro e a Virgem triste da magreza do seu Menino, a mostra-lo aos homens gordos e ricos. Por isso a imagem está ali e não se vende. O Menino nas imagens é sempre gordo, um ar de menino rico, um Deus Rico. Alí é um Deus Pobre, um menino pobre, mesmo igual a Pirulito, ainda mais igual áqueles mais novos do grupo, exatamente igual a um de colo, de poucos mezes de idade, que ficou abandonado na rua no dia que sua mãe morreu de um ataque quando o levava nos braços e que João Grande trouxe para o trapiche, onde ficou até o fim da tarde, (os meninos vinham e espiavam e riam do Professor e do Grande afobados para arranjar leite e agua para o bébé) quando a mãe de santo Don'Aninha viera e o levara comsigo, recostado ao seu seio. Só que aquele era um menino negro e o Menino é branco. No mais a parecença é absoluta. Até uma cara de choro tem o Menino, magro e pobre, nos braços da Virgem. E esta o oferece a Pirulito, aos carinhos

de Pirulito, ao amor de Pirulito. Lá fora o dia é lindo, o sol é brando, as flores desabrocham. Só o Menino tem fome e frio neste dia. Pirulito o levará comsigo para o trapiche dos Capitães da Areia. Rezará para ele, cuidará dele, o alimentará com seu amor. Não veem que, ao contrario de todas as imagens, ele não está preso nos braços da Virgem, está solto nas suas mãos, ela o está oferecendo ao carinho de Pirulito? Ele dá um passo. Dentro da loja só uma senhorita espera os freguezes pintando os labios com uma nova marca de baton. E' facilimo levar o menino. Pirulito estende o pé noutro passo mas o temor de Deus o assalta. E fica parado, pensando.

Ele tinha jurado a Deus, no seu temor, que só furtaria para comer ou quando fosse uma coisa ordenada pelas leis do grupo, um assalto para o qual fosse indicado por Pedro Bala. Porque ele pensava que trair as leis (nunca tinham sido escritas mas existiam na conciencia de cada um deles) dos Capitães da Areia era um pecado tambem. E agora ia furtar só para ter o Menino comsigo, alimenta-lo com seu carinho. Era um pecado, não era para comer, sem ser para cumprir as leis do grupo. Ia furtar para ter o Menino comsigo, alimenta-lo com seu carinho. Era um pecado, não era para comer, para matar o frio. Deus era justo e o castigaria, lhe daria o fogo do inferno. Suas carnes arderiam, suas mãos que levassem o Menino queimariam durante uma vida que nunca acabava. O Menino era do dono da loja. Mas o dono da loja tinha tantos Meninos e todos gordos e rosados, não iria sentir falta de um só, e de um mágro e friorento! Os ou-

tros estavam com o ventre envolto em panos caros, sempre panos azues mas de rica fazenda. Este estava totalmente nú, tinha frio no ventre, era magro, nem o escultor tivera carinho. E a Virgem o oferecia a Pirulito, o Menino estava solto nos braços dela... O dono da loja tinha tantos Meninos, tantos. Que falta lhe faria este? Talvez nem se importasse, talvez até se risse quando soubesse que haviam furtado aquele Menino que nunca tinha conseguido vender, que estava solto dos braços da Virgem, deante do qual as beatas que vinham comprar, diziam horrorisadas:

— Este não. Este é tão feio, Deus me perdôe... E ainda por cima solto dos braços de Nossa Senhora. Cae no chão e pronto. Esse não.

E o Menino ia ficando. A Virgem o oferecia ao carinho dos que passavam mas ninguem o queria. As beatas não queriam leva-lo para seus oratorios onde havia Meninos calçados de sandalias de ouro, com corôa de ouro na cabeça. Só Pirulito viu que o Menino tinha fome e sede, tinha frio tambem e quiz leva-lo. Mas Pirulito não tinha dinheiro e tãopouco tinha o costume de comprar as coisas. Pirulito podia leva-lo comsigo, podia dar ao Menino que comer, que beber, que vestir, tudo tirado do seu amor a Deus. Mas se o fizesse Deus o castigaria, o fogo do inferno comeria durante uma vida que nunca acabava suas mãos que levassem o Menino, sua cabeça que pensava em levar o Menino. Então Pirulito lembrou-se que só o pensar já era pecado. Que se pecava só de pensar em cometer o pecado. O frade alemão dissera que muitas vezes um estava pecando e nem o sabia, porque estava pecando com o

pensamento. Pirulito estava pecando, sentiu que estava pecando, teve medo de Deus e deitou a correr para não continuar a pecar. Mas não correu muito, ficou na esquina, não poude se afastar para longe da imagem. Olhou outras vitrines, assim não pecava. Meteu as mãos no bolso (prendia as mãos...), desviou o pensamento. Mas agora os homens que volviam ao trabalho após o almoço passavam na sua frente e um pensamento o assaltou: dentro em pouco os outros empregados da loja voltariam e então seria impossivel levar o Menino. Seria impossivel... E Pirulito voltou para a frente da loja de objetos religiosos.

Lá estava o Menino, e a Virgem o oferecia a Pirulito. Um relogio deu a primeira hora da tarde. Não tardariam a voltar os outros empregados. Quantos seriam? Mesmo que fosse somente um a loja era tão pequena que ficaria impossivel levar o Menino. Parece que é a Virgem que está lhe dizendo isso. Que é a Virgem que está lhe dizendo que se ele não levar o Menino agora não o poderá levar mais, parece que ela está mesmo dizendo isso. E com certeza foi ela, sim, foi ela, quem fez com que a senhorita entrasse pela cortina que tem no fundo da loja e deixasse esta sosinha. Sim, foi a Virgem que agora estende o Menino para Pirulito o quanto podem seus braços e o chama com sua doce voz:

— Leve e cuide dele. Cuide bem..

Pirulito avança. Vê o inferno, o castigo de Deus, suas mãos e sua cabeça a arder uma vida que nunca acaba. Mas sacode o corpo como que jogando longe a visão, recebe o Menino que a Virgem lhe entrega, o encosta ao peito e desaparece na rua.

Não olha o Menino. Mas sente que agora, encostado ao seu peito, o Menino sorri, não tem mais fome, nem sede, nem frio. Sorri o Menino como sorria o negrinho de poucos mezes quando se encontrou no trapiche e viu que João Grande lhe dava leite ás culheradas com suas mãos enormes, enquanto o Professor o sustinha encostado ao calor do seu peito.

Assim sorri o Menino.

FAMILIA

Foi o Boa Vida que contou a Pedro Bala que naquela casa da Graça tinha coisa de ouro de fazer medo. O dono da casa pelo geito parecia colecionador, o Boa Vida tinha ouvido um malandro dizer que na casa tinha uma sala entupida de objetos de ouro e prata que no prego haviam de dar uma fortuna. Á tarde Pedro Bala foi com o Boa Vida ver a casa. Era um predio moderno e elegante, jardim na frente, garage ao fundo, espaçosa residencia de gente rica. O Boa Vida cuspiu por entre os dentes, desenhando uma flor no passeio com o cuspo e disse:

— E dizer que nesse mundo só mora dois velho, hein?

— Toca batuta. — comentou Pedro Bala.

Uma empregada abriu a porta da frente, saiu para o jardim. No *hall* que ficou á vista eles perceberam quadros pela parede, estatuetas sobre as mesas. Pedro Bala riu:

— Se Professor visse isso ficava doidinho... Nunca vi tanto pegadio com livro e pintura.

— Ele vae fazer uma pintura com eu, deste tamanho.. — e Boa Vida mostrava o tamanho separando as mãos uma da outra.

Pedro Bala olhou mais uma vez a casa, se acercou um pouco do jardim, assoviando. A empregada colhia flores e os seios alvos apareciam sob o decote pois ela estava curvada. Pedro Bala espiou. Eram seios alvos terminando em bicos vermelhos. Boa Vida suspirou ao seu lado:

— Que montanha, Bala..

— Cala a boca.

Mas a empregada já os vira e os olhava como a perguntar o que desejavam. Pedro Bala sacoú o boné e pediu:

— Podia dar uma caneca de agua a gente, por favor? O sol tá encalistrando. — e sorria, limpando com o boné a testa onde o suor corria. Estava muito vermelho sob o sol, seus cabelos loiros crescidos desabando sob as orelhas em ondas mal tratadas e a empregada o mirou com simpatia. Ao lado Boa Vida fumava uma ponta de charuto, com um pé em cima da gradesinha do jardim. A criada primeiro falou para Boa Vida com desprezo:

— Tira esta pata daí de cima.

Depois sorriu para Pedro Bala:

— Trago a agua já.

Voltou com dois copos dagua e eram copos como eles nunca tinham visto de tão bonitos. Beberam a agua, Pedro Bala agradeceu:

— Muito obrigado. — e baixinho lindeza.

A empregada falou tambem baixinho:

— Frangote atrevido.

— Que hora tú sae daqui?

— Te repara. Tenho meu homem. Ele me espera nove hora da noite naquela esquina.

— Pois hoje tou na outra.

Sairam pela rua, Boa Vida fumando sua ponta de charuto, abanando o rosto com o chapeu côco que usava. Pedro Bala comentou:

— Eu sou é mesmo simpatico... Aquela tá no papo...

Boa Vida cuspiu novamente entre os dentes:

— Tambem com essa cabeleira de mulher, toda cheia de cachos...

Pedro Bala riu, mostrou o punho fechado ao Boa Vida:

— Deixa de inveja, mulato pachola..

Boa Vida desviou a conversa:

— E o ourame?

— É trabalho primeiro pro Sem Pernas. Amanhã ele dá um geito de embocar na casa e passar uns dia morando. Depois que ele souber onde fica os troço melhor a gente vem, uns cinco ou seis, tira o ourame.

— E tú perde a comida?

— A criada? Como hoje mesmo. Nove hora tou firme aí.

Voltou-se. Olhou a casa. A criada se debruçava na grade, Pedro Bala deu adeus. Ela respondeu, Boa Vida cuspiu:

— Ô peste de sorte, nunca vi...

No outro dia, por volta de onze e meia da manhã, o Sem Pernas apareceu em frente á casa. Quando ele tocou a campainha a empregada com certeza ainda pensava na noite que passara com Pedro Bala no seu quarto no Garcia porque não

ouviu o tilintar. O menino tocou de novo e na janela de um quarto do primeiro andar assomou a cabeça grisalha de uma senhora que mirou com os olhos apertados ao Sem Pernas:

— Que é, meu filho?

— Dona, eu sou um pobre orfão.

A senhora fez com a mão sinal que ele esperasse e dentro de poucos minutos estava no portão sem ouvir siquer as desculpas da empregada por não ter atendido á porta:

— Pode dizer, meu filho. — Olhava os farrapos do Sem Pernas.

— Dona, eu não tenho pae, faz só poucos dias que minha mãe foi chamada pro ceu. — Mostrava um laço preto no braço, laço que tinha sido feito com a fita do chapeu novo do Gato que se danara. — Não tenho ninguem no mundo, sou aleijado, não posso trabalhar muito, faz dois dias que não vejo de comer e não tenho onde dormir.

Parecia que ia chorar. A senhora olhava muito impressionada:

— Voce é aleijado, meu filho?

O Sem Pernas mostrou a perna capenga, andou na frente da senhora forçando o defeito. Ela o fitava com compaixão:

— De que morreu, sua mãe?

— Mesmo não sei. Deu uma coisa exquesita na pobre, uma febre de mau agouro, ela bateu a caçuleta em cinco dias. E me deixou só no mundo.. Se eu ainda aguentasse o repuxo do trabalho ia me arranjar. Mas com esse aleijão só mesmo numa casa de familia... A senhora não tá precisando de um menino pra fazer compra, ajudar no trabalho da casa? Se tá, dona...

E como o Sem Pernas pensasse que ela ainda estava indecisa completou com cinismo, uma voz de choro:

— Se eu quizesse me metia aí com esses meninos ladrão. Com os tal de Capitães da Areia. Mas eu não sou disso, quero é trabalhar. Só que não aguento um trabalho pesado. Sou um pobre orfão, tou com fome...

Mas a senhora não estava indecisa. Estava era se lembrando de seu filho que tinha morrido com a idade daquele e que ao morrer matara toda a sua alegria e a do marido. Este ainda tinha as suas coleções de obras de arte, mas ela tinha apenas a recordação daquele filho que a deixara tão cedo. Por isso olha o Sem Pernas esfarrapado com um grande carinho e ao lhe falar sua voz tem uma doçura diferente da de sempre. Ha como que um pouco de alegria na doçura da sua voz e isso espanta a criada:

— Entre, meu filho. Deixe estar que vou arranjar um trabalho para voce. — Poz a mão fina e aristocratica, onde brilhava um solitario, na cabeça suja do Sem Pernas e falou para a criada. — Maria José, prepare o quarto de cima da garage para este menino. Mostre o banheiro a ele, dê um roupão de Raul, depois dê comida a ele..

— Antes de botar o almoço, dona Esther?

— Antes, sim. Faz dois dias que ele não come, pobresinho.

O Sem Pernas nada dizia, apenas secava com as costas da mão lagrimas fingidas.

— Não chore. — falou a senhora e acariciou o rosto da creança.

— A senhora é tão boa. Deus lhe paga..

Depois perguntou como ele se chamava e o Sem Pernas deu o primeiro nome que lhe passou pela cabeça:

— Augusto.. — e como repetia o nome para si mesmo, para não se esquecer que se chamava Augusto não viu no primeiro momento a emoção da senhora que murmurava:

— Augusto, o mesmo nome.

Disse em voz alta, porque agora o Sem Pernas olhava seu rosto emocionado:

— Meu filho tambem chamava Augusto.. Morreu quando tinha assim o seu tamanho. Mas entre, meu filho, vá se lavar para comer.

Dona Esther o acompanhou comovida. Viu que a empregada mostrava o banheiro ao Sem Pernas, dava-lhe um roupão e se dirigia para o quarto em cima da garage para arruma-lo (o chaufer tinha se despedido, o quarto estava vasio). D. Esther se aproximou, disse ao Sem Pernas que parara na porta do banheiro:

— Pode jogar estas roupas fora. Maria José depois vae lhe trazer roupa..

O Sem Pernas agora olhava a senhora que desaparecia e tinha raiva mas não sabia se era dela ou de sí mesmo.

Dona Esther sentou-se em frente ao seu penteador, ficou com os olhos parados, quem a visse pensaria que ela olhava o ceu através da janela. Porem, em verdade, ela nada olhava, nada via. Olhava, sim, para dentro de si, para as suas recordações de muitos anos e via um menino da idade

do Sem Pernas, vestido com uma roupa de marinheiro correndo no jardim da outra casa da qual se mudaram depois que ele morreu. Era um menino cheio de vida e de alegria, gostava de rir e de saltar. Quando se cansava de correr com o gato, de montar na gangorra do jardim, de jogar a bola de borracha no quintal para o cão lobo a apanhar, vinha e passava os braços em torno ao colo de Dona Esther, a beijava no rosto e ficava com ela, vendo livros de figuras, aprendendo a ler e a desenhar as letras. Para te-lo junto a si o mais tempo possivel Dona Esther e o marido resolveram ensinar ao filho as primeiras letras mesmo em casa. Um dia (e os olhos de dona Esther se enchem de lagrimas) veio a febre. Depois o pequeno caixão saiu pela porta e ela o olhava de olhos espantados, não podia compreender que seu filho houvesse morrido. O retrato dele ampliado num quadro está no seu quarto mas uma cortina o cobre sempre, porque ela não gosta de rever a face do filho para não renovar sua angustia. Tambem as roupas que ele usou estão todas trancadas na sua pequena mala e jamais buliram nela. Mas agora dona Esther tira as chaves da sua caixa de joias.

E, lentamente, muito lentamente, se dirige para onde está a mala. Puxa uma cadeira na qual senta. Abre com mãos tremulas a maleta. Mira as calças e blusas, a roupa de marinheiro, os pequenos pijamas e camisolas com que ele dormia. Aperta a roupa de marinheiro ao peito como se abraçasse seu filho. As lagrimas rebentam.

Agora um menino pobre e orfão viera bater á sua porta. Depois da morte de seu filho ela não quizera ter outro, não gostava mesmo de ver e brin-

car com creanças para não avivar a dor das suas recordações. Mas um, pobre e orfão, aleijado e triste, que se dissera chamar Augusto como seu filho, batera em sua porta pedindo pão, pousada e carinho. Por isso ela tem coragem de abrir a mala onde guarda as roupas que seu filho usou. Por isso tira esta roupa azul de marinheiro, a roupa da qual ele mais gostava. Porque para dona Esther seu filho voltou hoje na figura desta creança andrajosa e aleijada, sem pae, sem mãe. Seu filho voltou e suas lagrimas não são apenas de dor. Voltou seu filho macilento e esfomeado, com uma perna aleijada e vestida de farrapos. Mas em breve será novamente o Augusto alegre e feliz daqueles anos passados, e novamente virá e passará os braços em torno ao seu pescoço e lerá as grandes letras da cartilha.

Dona Esther se levanta. Leva comsigo a roupa azul de marinheiro. E é vestido com ela que o Sem Pernas come o melhor almoço da sua vida.

Se a roupa de marinheiro tivesse sido feita de proposito para ele não estaria tão bem. Estava perfeita no Sem Pernas e quando ele se olhou no espelho da sala quasi não se reconhece. Estava lavado, a empregada tinha posto brilhantina no seu cabelo e perfume no seu rosto. A roupa de marinheiro era uma beleza. O Sem Pernas se mirava no espelho. Passou a mão na cabeça, depois nos peitos alisando a roupa, sorriu pensando no Gato. Daria muito para que o Gato o visse tão elegante. Tinha tambem sapatos novos mas a verdade é que os sapatos o desgostavam um pouco porque tinham um laço de fita, pareciam um pouco sapatos de

mulher. O Sem Pernas achava exquisito estar vestido de marinheiro com sapatos de mulher. Andou para o jardim pois queria fumar, nunca tinha deixado de tragar o seu cigarro após o almoço. Por vezes não havia almoço mas havia sempre uma ponta de cigarro ou de charuto. Ali era preciso cuidado, não podia fumar abertamente. Se o houvessem deixado na cosinha de mistura com a criadagem como o deixavam nas outras casas onde penetrara para depois roubar, poderia fumar, conversar na lingua de poucos termos dos Capitães da Areia. Mas desta vez o tinham lavado, vestido de novo, posto brilhantina no seu cabelo e perfume no rosto. Depois tinham lhe dado comida na sala de jantar. E durante o almoço a senhora conversara com ele como se ele fosse um menino bem criado. Agora mandara que ele brincasse no jardim onde o gato amarelo que se chamava Berloque esquentava sol. O Sem Pernas chega para um banco, tira do bolso o maço de cigarros baratos. Quando mudara a roupa não se esquecera dos cigarros. Acende um e começa a saborear as tragadas, pensando na sua nova vida. Muitas vezes já fizera aquillo: penetrar em casa de uma familia como um menino pobre, orfão e aleijado e neste titulo passar os dias necessarios para fazer um reconhecimento completo da casa, dos logares onde guardavam os objetos de valor, das saidas faceis para uma fuga. Depois os Capitães da Areia invadiam a casa numa noite, levavam os objetos valiosos, e no trapiche o Sem Pernas gosava invadido por uma grande alegria, alegria da vingança. Porque naquelas casas se o acolhiam, se lhe davam comida e dormida, era como cumprindo uma obrigação fastidiosa. Os donos da casa

evitavam se aproximar dele, e o deixavam na sua sujeira, nunca tinham uma palavra boa para ele. Olhavam-no sempre como a perguntar quando ele iria. E muitas vezes a senhora que se comovera com a sua historia contada na porta em voz soluçante e o acolhera, mostrava evidentes sinaes de arrependimento. Para o Sem Pernas elas o acolhiam de remorso. Porque o Sem Pernas achava que eles eram todos culpados da situação de todas as creanças pobres. E odiava a todos, com um odio profundo. Sua grande e quasi unica alegria era calcular o desespero das familias após o roubo, ao pensar que aquele garoto esfomeado a quem tinham dado comida fora quem fizera o reconhecimento da casa e indicara a outras creanças esfomeadas onde estavam os objetos de valor.

Mas desta vez estava sendo diferente. Desta vez não o deixaram na cosinha com seus mulambos, não o puzeram a dormir no quintal. Deram-lhe roupa, um quarto, comida na sala de jantar. Era como um hospede, era como um hospede querido. E fumando o seu cigarro escondido (o Sem Pernas pergunta a si mesmo porque está se escondendo para fumar) o Sem Pernas pensa sem compreender. Não compreende nada do que passa. Sua cara está franzida. Lembra os dias da cadeia, a surra que lhe deram, os sonhos que nunca deixaram de persegui-lo. E, de subito, tem medo de que nesta casa sejam bons para ele. Sim, um grande medo de que sejam bons para ele. Não sabe mesmo porque, mas tem medo. E levanta-se, sae do seu esconderijo e vae fumar bem por baixo da janela da senhora. Assim verão que ele é um menino perdido, que não merece um quarto, roupa nova, comida na sala de

jantar. Assim o mandarão para a cosinha, ele poderá levar para deante sua obra de vingança, conservar o odio no seu coração. Porque se esse odio desaparecer ele morrerá, não terá nenhum motivo para viver. E deante dos seus olhos passa a visão do homem de colete que vê os soldados a espancar o Sem Pernas e ri numa gargalhada brutal. Isso ha de impedir sempre o Sem Pernas de ver o rosto bondoso de Dona Esther, o gesto protetor das mãos do padre José Pedro, a solidariedade dos musculos grevistas do estivador João de Adão. Será sosinho e seu odio alcança a todos, brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres. Por isso teme que sejam bons para comsigo.

Pela tarde o dono da casa, Raul, chegou do seu escritorio. Era um advogado de muito nome, enriquecera na profissão, era catedratico na Faculdade de Direito, mas antes de tudo era um colecionador. Tinha uma boa galeria de quadros e tinha moedas antigas, obras raras de arte. O Sem Pernas viu quando ele entrou. Neste momento o Sem Pernas via as gravuras de um livro para creanças e ria sosinho do elefante tolo que o macaco enganava. Raul não o viu, subiu as escadas. Mas logo depois a empregada veio chamar o Sem Pernas e o levou ao quarto de dona Esther. Raul ali estava de manga de camisa, fumando um cigarro e olhou o menino com um sorriso divertido, já que o Sem Pernas mostrava uma cara muito atrapalhada na entrada do quarto:

— Passe..

O Sem Pernas entrou capengando, não tinha onde botar as mãos. Dona Esther falou com bondade:

— Sente, meu filho, não tenha medo não...

O Sem Pernas sentou-se na ponta de uma cadeira e ficou esperando. O advogado o estudava, mirando seu rosto, mas era com simpatia e o Sem Pernas preparava as respostas para as inevitaveis perguntas. Contou novamente a historia inventada pela manhã, mas quando começou a chorar abundantes lagrimas o advogado mandou que ele parasse e se levantou, dirigindo-se á janela. O Sem Pernas compreendeu que ele estava comovido e este resultado da sua *arte* o fez ficar orgulhoso. Sorriu só para si. Mas agora o advogado se aproximava de dona Esther e a beijava na testa e depois nos labios. O Sem Pernas baixou os olhos. Raul andou até ele, botou a mão no seu ombro e falou:

— Deixe estar que agora voce não passa mais fome. Vá. Vá brincar, vá ver os livros. Á noite nós vamos ao cinema. Voce gosta de cinema?

— Gosto, sim senhor.

O advogado o despedia com um gesto. O Sem Pernas saiu mas ainda viu Raul se aproximar de dona Esther e dizer:

— És uma santa. Vamos fazer dele um homem..

Era a hora do crepusculo, as luzes se acendiam e o Sem Pernas pensou que nesta hora os Capitães da Areia percorriam a cidade procurando o que comer.

Pena que no cinema não pudesse gritar quando o mocinho surrava o vilão como o fazia nas vezes que conseguira penetrar no *galinheiro* do Olympia ou do cinema de Itapagipe. Ali, no Guarany, luxuoso e de comodas cadeiras, tinha que ouvir o film

em silencio e num momento que não se conteve e soltou um assovio, Raul o olhou. E' verdade que sorria mas tambem é certo que fez um gesto para que o Sem Pernas não assoviasse mais.

Depois o levaram a tomar sorvete no bar que havia em frente ao cinema. O Sem Pernas enquanto tomava seu gelado pensava em que ia cometendo uma irremediavel tolice quando o advogado perguntara o que ele queria. Estivera para pedir uma cerveja bem geladinha. Mas se contivera em tempo e pedira o sorvete.

No automovel o advogado foi na frente, guiando e o Sem Pernas foi atraz com dona Esther que conversava com ele. A conversa era dificil para o Sem Pernas que tinha que controlar sua terminologia que era escassa e repleta de palavrões. Dona Esther perguntava coisas de sua mãe, o Sem Pernas respondia como podia, fazendo grande esforço para reter os detalhes que inventava para posteriormente não cair em contradição. Por fim chegaram na casa da Graça e dona Esther conduziu o Sem Pernas para o quarto em cima da garage:

— Não tem medo de dormir aí sosinho?

— Não, senhora...

— Isso é por poucos dias. Depois lhe porei lá em cima, no quarto que foi de Augusto.

— Não precisa, dona Esther, aqui tá muito bom.

Ela se acercou dele e o beijou na face:

— Boa noite, meu filho.

Saiu, cerrando a porta. O Sem Pernas ficou parado, sem um gesto, sem responder siquer o boa noite, a mão no rosto, no lugar em que dona Esther o beijara. Não pensava, não via nada. Só a suave

caricia do beijo, uma caricia oomo nunca tivera, uma caricia de mãe. Só a suave caricia no seu rosto. Era como se o mundo houvesse parado naquele momento do beijo e tudo houvesse mudado. Só havia no universo inteiro a sensação suave daquele beijo maternal na face do Sem Pernas.

Depois foi o horror dos sonhos da cadeia, o homem de colete que ria brutalmente, os soldados que surravam o Sem Pernas que corria com a perna aleijada em volta da saleta. Mas de repente chegou dona Esther e o homem de colete e os soldados morreram entre infinitas torturas porque agora o Sem Pernas estava vestido com uma roupa de marinheiro e tinha um chicote na mão como o mocinho do cinema.

Oito dias se passaram. Pedro Bala por varias vezes já andara em frente da casa para saber noticias do Sem Pernas que tardava a volver ao trapiche. Já havia tempo mais que suficiente para que o Sem Pernas soubesse onde se quedavam todos os objetos facilmente transportaveis da casa e as saidas que podiam auxiliar a fuga. Mas em vez de ver o Sem Pernas Pedro Bala via era a empregada que pensava que ele vinha por ela. Certo dia em que conversava com a empregada Pedro Bala tocou com muito geito no assunto do Sem Pernas:

— A moça daí tem um filho não tem?

— É um menino que ela tá criando. Muito bomsinho.

Pedro Bala sorriu porque sabia que o Sem Pernas quando queria se fazia passar pelo melhor menino do mundo. A empregada continuou:

— É um pouco mais moço que voce mas é mesmo um menino. Não é assim um perdido como voce que até já dorme com mulher. — e ria para Pedro Bala.

— Foi tú que tirou meu cabaço..

— Não diga coisa feia. Demais é mesmo mentira.

— Juro.

Ela gostaria que fosse e se bem desconfiasse muito que não, gostava que ele lhe dissesse aquilo. Se sentia não só como amante do menino mas um pouco como mãe tambem.

— Vem hoje que eu te ensino um modo gostoso.

— De noite na esquina.. Mas diz um troço: tu não trepa com esse menino daqui?

— Esse nem sabe que é isso.. É um tolinho. Menino mimado. Tú tá feito bôbo. Não vê que eu não me passo...

De outra vez Pedro Bala conseguiu ver o Sem Pernas. Este estava estirado no jardim (o gato roncava ao seu lado), espiando um livro de figuras e Pedro Bala ficou espantadissimo quando o viu vestido com uma calça de casemira cinza e uma blusa de seda. Até o cabelo do Sem Pernas estava penteado e Pedro Bala quedou um momento boquiaberto, sem siquer assoviar para o Sem Pernas. Afinal voltou a si e assoviou. O Sem Pernas se poz logo de pé, viu o Bala de outro lado da rua. Fez um sinal que ele o esperasse, saiu pelo portão, após ver que ninguem da casa estava proximo.

Pedro Bala andava para a esquina, e Sem Pernas o acompanhou. Quando chegou perto ainda mais se espantou Pedro Bala:

— Peste! Tú tá até cheirando, Sem Pernas.

O Sem Pernas fez uma cara de aborrecimento mas Bala continuou:

— Tú tá dez vez mais elegante que o Gato. Puxa! Se tú aparecer assim na toca — assim tratavam o trapiche — os outros vae dar em cima de tú. Tú tá mesmo uma tetéa..

— Não chateia.. Tou vendo as coisas. Não demora dou o fora tú pode vim com os outros.

— Desta vez tú tá demorando..

— E' que os troço melhor tão trancado — mentiu o Sem Pernas.

— Vê se tú te arranja.

Depois lembrou-se:

— O Gringo andou ruim. Quasi bate o trinta e sete. Andou por pouco. Se não fosse Don'Aninha que deu beberagem a ele que botou ele em pé, tú não via mais ele. Tá mais magro que um espeto...

E com essa noticia se despediu, dando mais uma vez pressa ao Sem Pernas.

O Sem Pernas voltou a se estender no jardim. Mas agora não via as figuras do livro. Via era o Gringo. O Gringo fora um dos mais perseguidos pelo Sem Pernas no grupo. Filho de arabes falava com uma pronuncia exquisita e isso dava logar a piadas consecutivas do Sem Pernas. O Gringo não era forte e nunca conseguira ser importante entre os Capitães da Areia, se bem Pedro Bala e Professor procurassem dar logar a isso. Gostavam de ter entre eles um extrangeiro ou quasi extrangeiro. Mas o Gringo se contentava com pequenos furtos, evitava os assaltos arriscados e ideava um baú cheio de bugigangas para vender nas ruas ás creadas das

casas ricas. O Sem Pernas o maltratava sem piedade, burlando dele, do seu falar arrevezado, da sua falta de coragem. Mas agora deitado sobre a grama macia do jardim rico, vestido com boa roupa, penteado e com perfume, um livro de figuras ao lado, o Sem Pernas pensava no Gringo quasi morrendo enquanto ele comia bem e vestia bem. Não só o Gringo estivera quasi morrendo. Durante aqueles oito dias os Capitães da Areia continuaram mal vestidos, mal alimentados, dormindo sob a chuva no trapiche ou embaixo das pontes. Enquanto isso o Sem Pernas dormia em boa cama, comia boa comida, tinha até uma senhora que o beijava e o chamava de filho. Se sentiu como um traidor do grupo. Era igual áquele doqueiro do qual fala João de Adão cuspindo no chão e passando o pé em cima com desprezo. Aquele doqueiro que na greve grande se passara para o outro lado, para o lado dos ricos, furara a greve, fora contratar homens de fora para trabalhar nas docas. Nunca mais um homem do caes apertou sua mão, nunca mais um o tratou como amigo. E se para alguem o Sem Pernas abria exceção no seu odio que abrangia o mundo todo era para as creanças que formavam os Capitães da Areia. Estes eram seus companheiros, eram iguaes a ele, eram as vitimas de todos os demais, pensava o Sem Pernas. E agora sentia que os estava abandonando, que estava passando para o outro lado. Com este pensamento se sobresaltou, sentou-se. Não, ele não os trairia. Antes de tudo estava a lei do grupo, a lei dos Capitães da Areia. Os que a traiam eram expulsos e nada de bom os esperava no mundo. E nunca nenhum a havia traido do modo como Sem Pernas a ia trair. Para virar me-

nino mimado, para virar uma daquelas creanças que eram eterno motivo de galhofa para eles. Não, não os trairia. Teriam bastado tres dias para ele localisar os objetos de valor da casa. Mas a comida, a roupa, o quarto, e mais que a comida, a roupa e o quarto, o carinho de dona Esther tinham feito que ele passasse já oito dias. Tinha sido comprado por este carinho como o estivador fora comprado por dinheiro. Não, não trairia. Mas aí pensou se não ia trair dona Esther. Ela confiara nele. Ela tambem na sua casa tinha uma lei como os Capitães da Areia: só castigava quando havia erro, pagava o bem com o bem. O Sem Pernas ia trair essa lei, ia pagar o bem com o mal. Lembrou-se que das outras vezes quando dava o fora de uma casa para ela ser assaltada era uma grande alegria que o invadia. Desta vez não tinha alegria nenhuma. Seu odio para todos não desaparecera, é verdade. Mas abrira uma exceção para a gente daquela casa porque dona Esther o chamava de filho e o beijava na face. O Sem Pernas luta comsigo mesmo. Gostaria de continuar naquela vida. Mas que adiantaria isso para os Capitães da Areia? E ele era um deles, nunca poderia deixar de ser um deles porque uma vez os soldados o prenderam e o surraram enquanto um homem de colete ria brutalmente. E o Sem Pernas se decidiu. Mas olhou com carinho as janelas do quarto de dona Esther e ela que o espiava notou que ele chorava:

— Está chorando, meu filho? — e desapareceu da janela para vir para junto dele.

Só então o Sem Pernas viu que estava mesmo chorando, limpou as lagrimas, mordeu a mão. Dona Esther chegava para junto dele:

— Está chorando, Augusto? Aconteceu alguma coisa?

— Não, senhora. Não estou chorando não..

— Não minta, meu filho. Bem que eu vejo... O que passou? Está se lembrando de sua mãe?

E o trouxe para junto de si, sentou-se no banco, encostou a cabeça do Sem Pernas no seu seio maternal.

— Não chore por sua mãe. Agora você tem outra mãesinha que lhe quer bem e fará tudo para substituir a que você perdeu.. (...e ele faria tudo para substituir o filho que ela perdera, ouviu o Sem Pernas dentro de si).

Dona Esther o beijou na face onde as lagrimas corriam:

— Não chore que sua mãesinha fica triste.

Então os labios do Sem Pernas se descerraram e ele soluçou, chorou muito encostado ao peito de sua mãe. E enquanto a abraçava e se deixava beijar, soluçava porque a ia abandonar e mais que isso a ia roubar. E ela talvez nunca soubesse que o Sem Pernas sentia que ia furtar a si proprio tambem. Como não sabia que o choro dele, que os soluços dele eram um pedido de perdão.

Os acontecimentos se precipitaram porque Raul teve que fazer uma viagem ao Rio de Janeiro, a negocios importantes de advocacia. E o Sem Pernas achou que não havia melhor ocasião para o assalto.

Na tarde em que se foi mirou a casa toda, acariciou o gato Berloque, conversou com a criada, olhou os livros de gravura. Depois foi ao quarto

de dona Esther, disse que ia até o Campo Grande passeiar. Ela então lhe contou que Raul traria uma bicicleta do Rio para ele e então todas as tardes ele andaria nela pelo Campo Grande, em vez de passeiar a pé. O Sem Pernas baixou os olhos mas antes de sair veio até dona Esther e a beijou. Era a primeira vez que a beijava e ela ficou muito alegre. Ele disse baixinho, arrancando as palavras de dentro de si:

— A senhora é muito boa. Eu nunca vou esquecer..

Saiu e não voltou. Essa noite dormiu no seu canto no trapiche. Pedro Bala tinha ido com um grupo para a casa. Os outros tinham rodeado o Sem Pernas admirando suas roupas, seu cabelo assentado, o perfume que evolava do seu corpo. Mas o Sem Pernas meteu o braço em um, foi resmungando para seu canto. E ali ficou mordendo as unhas, sem dormir, angustiado, até que Pedro Bala voltou com os outros, trazendo os resultados do assalto. Comunicou ao Sem Pernas que fora a coisa mais canja do mundo, que ninguem dera fé na casa, que todos tinham continuado dormindo. Talvez que nem no dia seguinte descobrissem o roubo. E mostrava os objetos de ouro e de prata:

— Amanhã Gonzalez dá uma dinheirama por isso...

O Sem Pernas fechava os olhos para não ver. Depois que todos foram dormir ele se aproximou do Gato:

— Tú quer fazer um negocio comigo?

— Que é?

— Eu dou essa roupa, tú me dá a sua.

O Gato olhou cheio de espanto. A sua roupa era a melhor do grupo, sem duvida. Mas era roupa velha, estava muito longe de valer a boa roupa de casemira que o Sem Pernas vestia. "Tá doido", pensou o Gato enquanto respondia:

— Se topo? Nem se pergunta.

Trocaram a roupa. O Sem Pernas voltou ao seu canto, procurou dormir.

Na rua vinha doutor Raul com dois guardas. Eram os mesmos soldados que o haviam espancado na cadeia. O Sem Pernas corria mas doutor Raul o apontava e os soldados o levavam para a mesma sala. A cena era a mesma de sempre: os soldados que se divertiam a faze-lo correr com sua perna capenga e o espancavam e o homem de colete que ria. Só que na sala estava tambem dona Esther que o olhava com os olhos tristes e dizia que ele não era mais seu filho, era um ladrão. E os olhos de dona Esther o faziam sofrer mais que as pancadas dos soldados, mais que o riso brutal do homem.

Acordou molhado de suor, fugiu da noite do trapiche, a madrugada o encontrou vagando no areal.

No outro dia, á noite, Pedro Bala viera trazer o dinheiro da sua parte no furto. Mas o Sem Pernas o recusou sem dar explicações. Depois Volta Seca chegou com um jornal que trazia noticias de Lampeão. Professor leu a noticia para Volta Seca e ficou vendo as outras coisas que o jornal trazia. Então chamou:

— Sem Pernas! Sem Pernas!

O Sem Pernas veio. Outros vieram com ele e formaram um circulo. Professor disse:

— Isso aqui é com tú, Sem Pernas...

E leu uma noticia no jornal:

> "Hontem desapareceu da casa numero.... da rua...., Graça, um filho dos donos da casa, chamado Augusto. Deve ter se perdido na cidade que pouco conhecia. E' coxo de uma perna, tem treze anos de idade, é muito timido, veste roupa de casemira cinza. A policia o procura para o entregar aos seus paes aflitos, mas até agora não o encontrou. A familia gratificará bem a quem der noticias do pequeno Augusto e o conduza a sua casa."

O Sem Pernas ficou calado. Mordia o labio. Professor disse:

— Ainda não descobriram o furto.

Sem Pernas fez que sim com a cabeça. Quando descobrissem o furto não o procurariam mais como a um filho desaparecido. Barandão fez uma cara de riso e gritou:

— Tua famia tá te procurando, Sem Pernas. Tua mamãe tá te procurando pra dar de mamar a tú.

Mas não disse mais nada porque o Sem Pernas já estava em cima dele e levantava o punhal. E esfaquearia sem duvida o negrinho se João Grande e Volta Seca não o tirassem de cima dele. Barandão saiu amedrontado. O Sem Pernas foi indo para o seu canto, um olhar de odio para todos. Pedro Bala foi atraz dele, botou a mão em seu ombro:

— São capazes de não descobrir nunca o roubo, Sem Pernas. Nunca saber de você. Não se importe não.

— Quando doutor Raul chegar vão saber.

E rebentou em soluços que deixaram os Capitães da Areia estupefactos. Só Pedro Bala e o Professor compreendiam e este abanava as mãos porque não podia fazer nada. Pedro Bala puxava uma conversa comprida sobre um assunto muito diferente. Lá fora o vento corria sobre a areia e seu ruido era como uma queixa.

MANHÃ COMO UM QUADRO

Pedro Bala enquanto sobe a ladeira da Montanha vae pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao azar, nas ruas da Bahia. Algumas destas ruas são asfaltadas mas a grande, a imensa maioria é calçada de pedras negras. Moças se debruçam nas janelas dos casarões antigos e ninguem pode saber se é uma costureira que romanticamente espera casar com noivo rico ou se é uma prostituta que o mira de um balcão velhissimo, enfeitado apenas de flores. Entram mulheres de negros veus nas igrejas. O sol bate nas pedras ou no asfalto do calçamento, ilumina os telhados das casas. Na sacada de um sobradão flores medram em pobres latas. São de diversas cores e o sol lhes dá seu diario alimento de luz. Os sinos da igreja da Conceição da Praia chamam as mulheres de véu que passam apressadas. No meio da ladeira um preto e um mulato estão curvados sobre uns dados que o preto acabou de jogar. Pedro Bala, ao passar, cumprimenta o negro:

— Como vae, Curuja Branca?

— E tú, Bala? Como vae essa prosopopéa?

Mas o mulato já atirou os dados e o negro se volta todo para o jogo. Pedro Bala continua seu

caminho. O Professor vae com ele. Sua figura magra se atira para frente como se lhe fosse dificil vencer a ladeira. Mas sorri da festa do dia. Pedro Bala vira-se para ele e surpreende seu sorriso. A cidade está alegre, cheia de sol. "Os dias da Bahia parecem dias de festa", pensa Pedro Bala que se sente invadido tambem pela alegria. Assovia com força, bate risonhamente no ombro de Professor. E os dois riem e logo a risada se transforma em gargalhada. No entanto não teem mais que uns poucos niqueis no bolso, vão vestidos de farrapos, não sabem o que comerão. Mas estão cheios da beleza do dia e da liberdade de andar pelas ruas da cidade. E vão rindo sem ter do que, Pedro Bala com o braço passado no ombro do Professor. De onde estão podem ver o Mercado e o caes dos saveiros e mesmo o velho trapiche onde dormem. Pedro Bala se recosta no muro da ladeira e diz a Professor:

— Tú devia fazer uma pintura disto. E' porreta.

A fisionomia do Professor se fecha:

— Eu sei que nunca ha de ser.

— Que?

— Tem vez que me topo pensando. — e Professor mira o caes lá em baixo, os saveiros parecendo brinquedos, os homens miúdos carregando sacos nas costas.

Continúa com a voz aspera como se alguem o tivesse batido:

— Eu penso fazer um dia um bocado de pintura daqui.

— Tú tem geito. Se tú tivesse andado pela escola..

— .. mas nunca pode ser um troço alegre, não.. (Professor parece não ter ouvido a interrupção de Pedro Bala. Agora está com os olhos longe e parece ainda mais fraco).

— Porque? — Pedro Bala está espantado.

— Tú não vê que tudo é mesmo uma beleza? Tudo alegre..

Pedro Bala apontou os telhados da cidade baixa:

— Tem mais cores que o arco-iris...

— E' mesmo.. Mas tú espia os homem tá tudo triste. Não tou falando dos rico. Tú sabe. Falo dos outros, dos das docas, do mercado. Tú sabe.. Tudo com cara de fome, eu nem sei dizer. E' um troço que sinto.

Pedro Bala não estava mais espantado:

— Por isso João de Adão já fez um bocado de greve nas docas. Ele diz que um dia as coisa vira, tudo vae ser de vice-versa...

— Tambem já li num livro. Um livro de João de Adão. Se eu tivesse tado numa escola como tú diz tinha sido bom. Eu um dia ia fazer muito quadro bonito. Um dia bonito, gente alegre andando, rindo, namorando assim como aquela gente de Nazaré, sabe? Mas cadê escola? Eu quero fazer um desenho alegre, sae o dia bonito, tudo bonito, mas os homens sae triste, não sei não. Eu queria fazer uma coisa alegre.

— Quem sabe se não é melhor mesmo fazer uma coisa como tú faz? Pode até dá mais bonito, mais vistoso.

— Que é que tú sabe? Que é que eu sei? A gente nunca andou em escola... Eu tenho vontade de fazer a cara dos homens, a figura das ruas, mas nunca tive na escola, tem um bocado de coisa que eu não sei..

Fez uma pausa, olhou Pedro Bala que o escutava, continuou:

— Tú já deu uma espiada na escola de Belas Artes? E' um belezame, rapaz. Um dia andei de penetra, me meti numa sala. Tava tudo vestido de camisão, nem me viram. E tavam pintando uma mulher nua. Se um dia eu pudesse. .

Pedro Bala ficou pensativo. Olhava Professor como que pensando. Logo falou com um ar muito serio:

— Tú sabe o preço?

— Que preço?

— De pagar na escola? O professor?

— Que historia é essa?

— A gente se reúnia pagava pra tú.

Professor riu:

— Tú nem sabe... Tem tanta complicação... Não pode não, deixa de tolice.

— João de Adão disse que um dia a gente pode ter escola.

Sairam andando. Professor parecia ter perdido a alegria do dia. Como que ela se afastara para longe dele. Então Pedro Bala deu-lhe um soco de leve:

— Um dia tú ainda bota um bocado de pintura numa sala da rua Chile, mano. Sem escola sem nada. Nem um destes bananas da escola faz uma cara como tú... Tú tem é geito.

Professor riu. Pedro Bala riu tambem:

— E tú faz meu retrato, hein. Bota o nome embaixo, não bota? Capitão Pedro Bala, macho valente.

Tomou uma atitude de lutador, um braço estirado. Professor riu, Bala tambem riu, logo o riso se transformou em gargalhada. E só pararam de

gargalhar para aderir a um grupo de desocupados que se reunira em torno a um tocador de violão. O homem tocava e cantava uma moda da cidade da Bahia:

"Quando ela disse adeus..
meu peito em cruz transformou. "

Eles aderiram. Pouco depois cantavam junto ao homem. E com eles cantavam todos e eram saveiristas, malandros, doqueiros, até uma prostituta cantava. O homem do violão estava todo entregue a sua musica, não via mesmo ninguem.

Se o homem não se levantasse para ir embora, ainda tocando seu violão e cantando, eles teriam se esquecido de continuar a caminhada para a cidade alta. Mas o homem foi embora levando a alegria da sua musica. O grupo se dispersou, um vendedor de jornaes passou apregoando os diarios da manhã. Professor e Pedro Bala continuaram a subir a ladeira. Do Largo do Teatro subiram para a rua Chile. Professor tirou o giz do bolso, sentou-se no passeio. Pedro Bala ficou a seu lado. Quando viram vir o casal Professor começou a desenhar. Fez um desenho o mais rapido que poude. O casal estava muito perto já, Professor agora fazia as caras. A moça sorria, sem duvida seriam noivos. Mas iam tão entretidos na sua conversa que nem notaram o desenho. Foi preciso que Pedro Bala se adiantasse até eles:

— Não pise na cara da moça, senhor ..

O homem olhou para Pedro Bala e já ia dizer um desaforo quando a moça viu o desenho do Professor e chamou sua atenção:

— Que bom...— e batia as mãos como uma menina a quem tivessem dado uma boneca de presente.

O rapaz espiou e sorriu. Voltou-se para Pedro Bala:

— Foi você quem desenhou, garoto?

— Foi aqui o meu companheiro, o pintor Professor.

Professor dava os ultimos retoques no bigode elegantissimo do homem. Depois passou a aperfeiçoar a figura da moça. Ela então ficou no geito de quem estava pousando. Riam os dois, ela se dependurava no braço do amado. O homem puxou a carteira de niqueis, atirou uma prata de dois mil réis que Pedro Bala apanhou no ar. Seguiram. O desenho ficou no meio do passeio. Umas senhoritas que vinham das compras o viram de longe e uma disse:

— Vamos depressa que aquilo parece que é um anuncio do novo film de Barrymore. Dizem que é um amor... E ele é tão forte...

Pedro Bala e Professor ouviram e abriram na gargalhada. E abraçados seguiram juntos na liberdade das ruas.

Quasi junto do palacio do governo pararam novamente. Professor ficou de giz na mão esperando que saisse do ponto do bonde um "pato". Pedro Bala assoviava ao seu lado. Breve teriam o dinheiro para um bom almoço e ainda para levar um presente para Clara, a amante do Querido de Deus que fazia anos naquele dia.

Uma velhota deu dez tostões por seu desenho. A velhota era feia e Professor tinha conservado sua feiura no desenho. Pedro Bala notou:

— Se tú tivesse feito ela mais bonita e mocinha ela te dava mais.

Professor riu. Assim passaram a manhã, Professor fazendo a cara dos que vinham pela rua, Pedro Bala recolhendo as pratas ou os niqueis que jogavam. Quasi meio-dia veio um homem que fumava numa piteira que parecia cara. Pedro Bala correu para avisar ao Professor:

— Faz deste que parece que é um pato cheio da nota...

Professor começou a desenhar a figura magra do homem. A piteira longa, os cabelos encaracolados que apareciam sob o chapeu. O homem trazia tambem um livro na mão e Professor teve um desejo irresistivel de fazer o desenho do homem lendo o livro. O homem ia passando, Pedro Bala chamou sua atenção:

— Olhe seu retrato, senhor.

O homem tirou a longa piteira da boca, perguntou a Bala:

— O que, meu filho?

Pedro Bala apontou o desenho em que o Professor trabalhava. O homem aparecia sentado (se bem não houvesse cadeira nem nada, estava sentado no ar), fumando sua piteira e lendo seu livro. O cabelo encaracolado voava sob o chapeu. O homem examinou o desenho atentamente, foi espia-lo em diversos angulos, nada dizia. Quando o Professor deu o trabalho por concluido, ele perguntou:

— Onde voce aprendeu desenho, meu caro?

— Em lugar nenhum.

— Em lugar nenhum? Como?
— É, sim senhor.
— E como desenha?
— Me dá vontade, pego, desenho.

O homem estava um pouco incredulo, mas sem duvida recordou outros exemplos no fundo da sua memoria:

— Quer dizer que voce nunca estudou desenho?
— Nunca não senhor.
— Posso garantir — falou Pedro Bala — Nós mora junto e eu sei.
— Então é uma verdadeira vocação. — murmurou o homem.

Voltou a examinar o desenho. Tirou uma longa fumaçada da sua piteira. Os dois meninos olhavam para a piteira encantados. O homem perguntou a Professor:

— Porque voce me retratou sentado e lendo o livro?

Professor coçou a cabeça como se fosse uma coisa dificil de responder. Pedro Bala quiz falar, mas nada disse, estava atarantado. Por fim Professor explicou:

— Pensei que sentava melhor pro senhor. — Coçou de novo a cabeça — Não sei mesmo...
— E' uma verdadeira vocação. — murmurou o homem em voz mais baixa, assim com o geito de quem havia feito um descoberta.

Pedro Bala esperava o niquel mesmo porque o guarda já os olhava desconfiado da esquina. Professor espiava a piteira do homem, longa, desenhada a fogo, uma maravilha. Mas o homem continuou:

— Onde você mora?

Pedro Bala não deu tempo a que Professor respondesse. Foi ele quem falou:

— A gente mora na Cidade de Palha..

O homem meteu a mão no bolso, e tirou um cartão:

— Voce sabe ler?

— A gente sabe, sim senhor, — respondeu Professor.

— Aí está meu endereço. Eu quero que voce me procure. Talvez possa fazer alguma coisa por voce.

Professor tomou o cartão. O guarda se encaminhava para eles. Pedro Bala se despediu:

— Até logo, doutor.

O homem ia puxando a carteira de niqueis mas viu o olhar do Professor na sua piteira. Jogou o cigarro fora, entregou a piteira ao menino.

— Isso é pelo meu retrato. Vá em minha casa...

Mas os dois desabaram pela rua Chile porque o guarda já estava quasi junto a eles. O homem olhava meio sem compreender quando ouviu a voz do guarda:

— Lhe roubaram alguma coisa, senhor?

— Não. Porque?

— Porque como aqueles malandrins estavam aqui junto ao senhor.

— Eram duas creanças.. Por sinal que uma com maravilhosa inclinação para a pintura.

— São ladrões. — retrucou o guarda. — São dos Capitães da Areia.

— Capitães da Areia? — fez o homem se recordando. — Já li algo. Não são creanças abandonadas?

— Ladronas, isso são. . Tenha cuidado, senhor, quando eles se aproximarem do senhor. Veja se não lhe falta nada..,

O homem fez que não com a cabeça e olhou a rua. Mas não havia nem rastro dos dois meninos. O homem agradeceu ao guarda, afirmando mais uma vez que não tinha sido furtado e desceu a rua, murmurando:

— Assim que se perdem os grandes artistas. Que pintor não seria!

O guarda o espiava. Depois comentou para os botões da farda:

— Bem dizem que estes poetas são doidos..

Professor exibia a piteira. Estava agora nos fundos de um arranha-ceu onde existia um restaurante chic. Pedro Bala sabia como conseguir do cosinheiro os restos do menú. Esperavam o almoço na rua deserta. Depois que comeram, Pedro Bala ofereceu cigarros e o Professor se dispoz a fumar na piteira que o homem lhe dera. Procurou limpa-la:

— O bicho era magro como um espeto. E' capaz de ser tútú..

Como não achou coisa melhor com que limpar, fez do cartão do homem um palito e o enfiou na piteira. Quando terminou jogou o cartão na rua. Pedro Bala perguntou:

— Porque tú não guarda?

— Pra que quero? — E o Professor riu. Pedro Bala riu tambem e por um momento as suas gargalhadas encheram a rua. Riam assim sem motivo pelo prazer de rir.

Mas Pedro Bala se fez serio:

— O homem parece que era bem capaz de ajudar a tú ser um pintor.. — apanhou o cartão e

leu o nome do homem — Tú devia guardar. Quem sabe?

Professor baixou a cabeça:

— Deixa de ser besta, Bala. Tú bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão.. Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão.. — e sua voz se elevava, agora gritava com odio.

Pedro Bala fez que sim com a cabeça, sua mão soltou o cartão que caiu na sargeta. Agora não riam mais e estavam tristes na alegria da manhã cheia de sol, da manhã igual a um quadro de um pintor das Belas Artes.

Operarios passavam para o trabalho, após o almoço pobre, e era tudo que eles viam, que eles conseguiam ver na manhã.

ALASTRIM

Omolú mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram e Omolú era uma deusa das florestas da Africa, não sabia destas coisas de vacina. E a variola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da saúde publica, metiam os doentes num saco, levavam para o lazareto distante. As mulheres ficavam chorando porque sabiam que eles nunca mais voltariam.

Omolú tinha mandado a bexiga negra para a cidade alta, para a cidade dos ricos. Omolú não sabia da vacina, Omolú era uma deusa das florestas da Africa, que podia saber de vacinas e coisas cientificas? Mas como a bexiga já estava solta (e era a terrivel bexiga negra) Omolú teve que deixar que ela descesse para a cidade dos pobres. Já que a soltara, tinha que deixar que ela realizasse sua obra. Mas como Omolú tinha pena dos seus filhinhos pobres, tirou a força da bexiga negra, virou em alastrim que é uma bexiga branca e tola, quasi um sarampo. Apesar disto os homens da saúde publica vinham e levavam os doentes para o lazareto. Ali as familias não podiam ir visita-los, eles não

tinham ninguem, só a visita do medico. Morriam sem ninguem saber e quando um conseguia voltar era mirado como um cadaver que houvesse resuscitado. Os jornaes falavam da epedimia de variola e da necessidade da vacina. Os candomblés batiam noite e dia, em honra a Omolú para aplacar a furia de Omolú. O pae de santo Paim, do Alto do Abacaxi, preferido de Omolú bordou uma toalha branca de seda, com lantejoulas, para oferecer a Omolú e aplacar sua raiva. Mas Omolú não quiz, Omolú lutava contra a vacina.

Nas casas pobres as mulheres choravam. De medo do alastrim, de medo do lazareto.

Almiro foi o primeiro dos "Capitães da Areia" que caiu com alastrim. Uma noite quando o negrinho Barandão o procurou no seu canto para fazer o amor (aquele amor que Pedro Bala proibira no trapiche), Almiro lhe disse:

— Tou com uma coceira danada.

Mostrou os braços já cheios de bolhas a Barandão:

— Parece que tambem tou queimando de febre.

Barandão era um negrinho corajoso, todo o grupo sabia disto. Mas da bexiga, da molestia de Omolú, Barandão tinha um medo doido, um medo que muitas raças africanas tinham acumulado dentro dele. E sem se preocupar que descobrissem suas relações sexuaes com Almiro saiu gritando entre os grupos:

— Almiro tá com bexiga. Gentes, Almiro tá com bexiga.

Os meninos foram se levantando aos poucos e se afastavam receiosos do logar onde estava Almiro.

Este começou a soluçar. Pedro Bala não tinha chegado ainda. Professor, o Gato e João Grande tambem andavam por fora. Daí ter sido o Sem Pernas que dominou a situação. O Sem Pernas nestes ultimos tempos andava cada vez mais arredio, quasi não falava com ninguem. Fazia espantosas burlas de todo mundo, por tudo puxava uma briga, só respeitava mesmo Pedro Bala. Pirulito rezava por ele mais que por nenhum e por vezes pensava que Satanaz tinha se metido no corpo do Sem Pernas. O padre José Pedro era paciente com ele, mas tambem do padre o Sem Pernas se afastara. Não queria saber de ninguem, conversa em que ele se metia era conversa que terminava em briga.

Quando o Sem Pernas passou entre os grupos todos se afastaram. Quasi que o temiam tanto quanto á bexiga. O Sem Pernas tinha arranjado por aqueles dias um cachorro ao qual se dedicava inteiramente. A principio quando o cão aparecera no trapiche, esfomeado, Sem Pernas o maltratou quanto poude. Mas terminou por acarinha-lo e o tomar para si. Agora como que vivia inteiramente para o cachorro. E por isso voltou só para levar o cão, que o acompanhara, para longe de Almiro. Depois andou novamente para onde estavam os meninos. Estes cercavam Almiro de longe. Apontavam as bolhas que apareciam no peito do menino. Antes de tudo Sem Pernas falou com sua voz fanhosa para Barandão:

— Agora tú vae ter bexiga na piroca, negro burro.

Barandão o olhou assustado. Depois Sem Pernas falou para todos, apontando Almiro com o dedo:

— Ninguem aqui vae ficar bixiguento só por causa deste fresco.

Todos o olhavam, esperando o que ele diria. Almiro soluçava, as mãos no rosto, encolhido na parede. Sem Pernas falava:

— Ele vae sair daqui agorinha mesmo. Vae se meter em qualquer canto da rúa até que os mata-cachorro da saúde pegue ele e leve pro lazareto.

— Não. Não. — rugiu Almiro.

— Vae, sim. — fez Sem Pernas. — A gente não vae chamar os mata-cachorro aqui para toda policia saber onde a gente se acoita. Tú vae por bem ou por mal e leva teus trapo. Vae pro inferno que a gente não vae ficar com bexiga por voce. Por amor de voce, chibungo.

Almiro fazia que não, que não, e seus soluços enchiam o trapiche. O negrinho Barandão tremia, Pirulito clamava que era castigo de Deus por causa dos pecados deles, os outros não sabiam que fazer. Sem Pernas se preparava para forçar sua idea. Pirulito se abraçou com um quadro de Nossa Senhora e disse:

— Vamos rezar todo mundo que isto é um castigo de Deus pros pecados da gente. A gente peca muito, Deus tá castigando. Vamos pedir perdão.. — e sua voz era como um clamor, soava anunciando vinganças.

Alguns juntaram as mãos e Pirulito chegou a iniciar um padre-nosso. Mas Sem Pernas o afastou com uma das mãos:

— Sae, sacrista.

Pirulito ficou rezando em voz baixa ainda atracado com o Santo. Parecia um quadro extranho. Ao fundo Almiro soluçava e dizia que não. Pirulito rezava, os outros estavam indecisos, não sabiam que fazer. Barandão tremia de medo pensando que estava contagiado. Sem Pernas voltou a falar:

— Gente, se ele não quizer sair a gente bota ele pra fora debaixo de porrada. Sinão tudo vae morrer de bexiga, tudo.. Voces não vê, desgraçados? A gente bota ele pra fora até uma rua onde leve ele pro lazareto.

— Não. Não. — Fazia Almiro. — Pelo amor de Deus.

— Isso é castigo.. — fez Pirulito.

— Cala a boca, filho de padre. — O Sem Pernas continuava — vamos levar ele, gente, já que ele não quer ir por bem.

Como via que os outros ainda estavam irresolutos marchou para o lado de Almiro e estendeu o pé para lhe dar uma pancada:

— Assim tú vae embora, bexiguento.

Almiro se encolheu mais:

— Não. Tú não pode fazer isso. Eu sou um do grupo. Espera Bala chegar.

— E' castigo... E' castigo... — a voz de Pirulito ainda irritou mais o Sem Pernas que descarregou um ponta-pé em Almiro.

— Dá o fora, bexiguento. Dá o fora, fresco.

Mas neste instante uma mão o pegou e o sacudiu longe. Volta Seca se plantou entre Almiro e o Sem Pernas. O mulato levava um revolver na mão e os seus olhos fusilavam:

— Juro que tem bala e que como um que toque em Almiro. — olhou para todos com sua cara sombria.

— Que é que tú tem que fazer aqui, cangaceiro? — Sem Pernas queria recuperar o dominio da situação.

— Ele não é um soldado de policia para gente tratar ele assim. E' um do grupo, ele falou direito. Vamos esperar Pedro Bala chegar. Ele resolve. E

se alguem tocar nele eu queimo igual que fosse um macaco da policia. — e segurava o revolver.

Os outros se afastaram aos poucos. Sem Pernas cuspiu:

— Tudo é uns covarde. . — e seguio para onde o cachorro o esperava. Se deitou ao seu lado e os que ficaram mais perto dele o ouviam murmurar: "covardes, covardes".

Volta Seca ficou deante de Almiro com o revolver na mão. Almiro soluçava, e mais alto gritava quando olhava as bolhas que se estendiam pelo seu corpo. Pirulito rezava, pedia a Deus que voltasse a ser suprema bondade, não fosse suprema justiça.

Depois Pirulito se lembrou de chamar o padre José Pedro. Escapuliu pela porta do trapiche, se dirigiu á casa do padre. Mas pelo caminho ainda ia rezando, os olhos dilatados, cheios de temor de Deus.

Pedro Bala chegou acompanhado do Professor e de João Grande. Voltavam de um negocio que tinham resolvido bem e comentavam o sucesso entre gargalhadas. O Gato tinha ido com eles mas não voltara. Ficara em casa de Dalva. Os tres entraram no trapiche e a primeira coisa que enxergaram foi Volta Seca com o revolver na mão.

— Que é isso? — perguntou Pedro Bala.

Sem Pernas se levantou do seu canto, o cachorro o acompanhou:

— Este besta metido a cangaceiro não quer deixar que a gente faça o que resolveu. — e apontava Almiro. — Aquele fresco tá com a bexiga...

João Grande se encolheu. Pedro Bala olhou Almiro, o Professor andou para onde estava Volta Seca. O mulato não largava o revolver. Pedro Bala perguntou então:

— Como foi, Volta Seca?

— Este tá com a maldita... mostrou o menino que soluçava. — E aquele macaco mesmo que um soldado quiz botar ele no meio da rúa para assistencia levar ele pro lazareto. Eu não tava me metendo. Mas ele não quiz ir. Aí eles todos juntos — cuspiu — quiz dar nele pra obrigar ele ir. Foi quando ele falou que era um do grupo que eles esperasse que tú chegasse. Eu achei que ele falou direito, fiquei do lado dele. Ele não é um soldado de policia, pra tratar ele assim...

— Tú fez direito, Volta Seca. — Pedro Bala bateu no ombro do mulato. Depois olhou Almiro: — Tú tá mesmo com ela?

O menino inclinou a cabeça e rebentou em soluços. Sem Pernas gritou:

— Só tem mesmo que fazer o que eu disse. Não pode chamar a assistencia aqui que todo mundo fica sabendo onde a gente se acoita. Só tem mesmo que deixar ele numa rúa onde passe gente. Vamos fazer tú queira ou não...

Pedro Bala gritou:

— Quem é o chefe daqui é tú ou eu? Tú quer que eu te rebente?

Sem Pernas saiu murmurando. O cachorro veio lamber seus pés mas ele deu-lhe um ponta-pé. Logo depois se arrependeu, porem, e começou a acarinhar o cão, enquanto espiava os outros.

Pedro Bala andou até Almiro. João Grande queria vencer o medo e ir para junto de Almiro tambem. Mas o medo da bexiga era uma coisa enorme nele,

era quasi maior que sua bondade. Só Professor estava junto de Pedro Bala. Este disse a Almiro:

— Deixa eu ver..

Almiro mostrou os braços cheios de bolha. Professor disse:

— E' alastrim. Bexiga negra fica logo preta. .

Pedro Bala ficou pensando. Ia um silencio pelo trapiche. João Grande conseguio vencer o medo e se aproximou. Mas ia com passos arrastados. Parecia violentar sua propria vontade para chegar até junto de Almiro. Foi quando entrou Pirulito acompanhado do padre José Pedro. O padre deu boas-noites e perguntou quem era o doente. Pirulito apontou Almiro, o padre se dirigiu para ele, chegou perto, pegou no braço, examinou. Depois disse a Pedro Bala:

— E' preciso levar para a assistencia.

— Pro lazareto?

— Sim.

— Não, não vae não. — fez Pedro Bala.

O Sem Pernas se levantou outra vez veio para junto deles:

— Tou dizendo isso ha muito tempo. Tem que ir pro lazareto.

— Não vae. — repetiu Pedro Bala.

— Porque, meu filho? — perguntou o padre José Pedro.

— Tú sabe, padre, que ninguem volta do lazareto. Ninguem volta. E ele é um da gente, um do grupo. A gente não pode fazer isso...

— Mas é a lei, filho.

— Morrer?

O padre mirou Pedro Bala com os olhos abertos. Aqueles meninos viviam a lhe dar surprezas, sem-

pre mais adiantados em inteligencia do que ele pensava. E, no fundo, o padre sabia que eles tinham razão.

— Não vae, não, padre... — afirmou Pedro Bala.

— Então que é que voce vae fazer, meu filho?

— Tratar dele aqui...

— Mas como?

— Chamo Don'Aninha...

— Mas ela não sabe tratar de ninguem.

Pedro Bala ficou confuso. Passado um momento disse:

— E' melhor que morra aqui que no lazareto.

Sem Pernas se meteu de novo:

— Vae pegar bexiga em todo mundo... — Se dirigia aos outros. — Vae pegar em todo mundo. A gente não pode deixar.

— Cala a boca, desgraçado, sinão eu te arrombo — disse Pedro.

Mas o padre interveio:

— Ele tem razão, Bala.

— Não vae pro lazareto, padre. O senhor é bom, bem sabe que ele não pode ir. Lá é um miseria, tudo morre.

O padre bem sabia que era verdade, calou. Foi quando João Grande falou:

— Mas ele não tem casa?

— Quem?

— Almiro. Tem, sim.

— Não quero ir para lá. — soluçou Almiro. — Eu tinha fugido.

Pedro Bala se aproximou dele e falou com voz muito mansa:

— Deixa estar, Almiro. Primeiro eu vou lá, falo com tua mãe. Depois a gente leva voce. Tú lá fica bem, não tem que ir para o lazareto. E o padre arranja um medico pra cuidar de tú, não arranja, padre?

— Levo, sim. — prometeu o padre José Pedro.

Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem á Saúde Publica os casos de variola que conhecessem para o imediato recolhimento dos variolosos aos lazaretos. O padre José Pedro conhecia a lei, mas, mais uma vez, ficou com os Capitães da Areia contra a lei.

Pedro Bala foi á casa de Almiro, a mãe do menino ficou feito louca, era uma lavadeira amigada com um pequeno lavrador alem da Cidade de Palha. Foram buscar Almiro e o padre o visitou e depois levou um medico. Mas acontece que o medico estava cavando um logar na Saúde Publica e denunciou o caso de variola. Almiro foi mesmo levado para o lazareto e o padre ficou em maus lençóes pois o medico (que se dizia livre-pensador, mas em verdade era espirita) denunciou o padre tambem como encobridor do caso. As autoridades não agiram contra o padre, mas se queixaram ao Arcebispado. E o padre José Pedro foi chamado á presença do Conego Secretario do Arcebispo. Ficou amedrontado.

Pesadas cortinas, cadeiras de alto espaldar, um retrato de Santo Ignacio numa parede. Na outra um crucifixo. Uma grande mesa, custosos tapetes. O padre José Pedro entrou na sala com o coração batendo muito. Não tinha absoluta certeza do mo-

tivo porque recebera aquela comunicação do Conego Secretario do Arcebispado para comparecer ao Palacio Episcopal. No primeiro momento lembrou-se da paroquia que esperava inutilmente havia dois anos. Seria sua paroquia? Sorriu com alegria. Então, sim, iria ser um verdadeiro sacerdote, iria ter almas entregues a si, a sua guia. Serviria a Deus. Mas certa tristeza o invadiu: e suas creanças, as creanças abandonadas das ruas da Bahia, principalmente os Capitães da Areia, como ficariam? Ele era um dos seus poucos amigos. Nunca um outro padre se voltara para aqueles meninos. Se contentavam em ir celebrar de quando em vez uma missa no Reformatorio, o que os tornava mais antipaticos aos meninos porque atrasava o magro café. O padre José Pedro enquanto esperava sua paroquia se dedicara aos meninos abandonados. Não podia dizer que os resultados tivessem sido grandes. Mas era preciso compreender que ele estava fazendo uma experiencia, que muitas vezes tinha que voltar atraz. Fazia pouco tempo que o padre captara de todo a confiança dos meninos. Estes já o tratavam como amigo, mesmo quando não o levavam a serio como sacerdote. O padre tivera de passar por cima de muita coisa para conseguir a confiança dos Capitães da Areia. Mas José Pedro pensava que só Pirulito e a sua vocação pagavam a pena. O padre tivera que fazer muita coisa contra o que lhe haviam ensinado. Pactuara mesmo com coisas que a Igreja condenaria. Mas era o unico geito.. Aí o padre lembrou-se que bem podia ser por causa daquilo que o haviam chamado. Devia ter sido por aquilo. Muitas beatas já murmuravam por causa das suas relações com as creanças que viviam do furto. E havia aquele caso de Almiro. Devia ser por aquilo.

O primeiro sentimento do padre José Pedro quando descobriu o motivo da comunicação foi um grande temor. Ia ser castigado com certeza, perderia toda esperança de uma paroquia. E o padre José Pedro necessitava de uma paroquia. Sustentava uma mãe velha, uma irmã na Escola Normal. Logo depois pensou que muito possivelmente tudo que fizera fora errado, seus superiores não aprovariam. E, no Seminario, lhe tinham ensinado a obedecer. Mas pensou nos meninos. Na sua memoria passaram as figuras de Pirulito, Pedro Bala, Professor, Sem Pernas, Boa Vida, o Gato. Era preciso salvar aqueles pequeninos. As creanças eram a maior ambição de Christo. Devia se fazer tudo para salvar aquelas creanças. Não era culpa deles se estavam perdidos...

O Conego entrou. Nos seus pensamentos o padre nem vira que muitos minutos de espera tinham se passado. Não viu tãopouco quando o conego entrou com um passo manso. Era alto e muito magro, anguloso, com a batina muito limpa, os raros cabelos que lhe restavam muito bem penteados. Os labios tinham uma linha dura. Um rosario descia-lhe em torno ao pescoço. Se bem sua figura desse uma impressão de puresa, essa impressão não fazia seus traços mais doces. Não havia nenhuma simpatia humana na sua figura, nos seus traços duros. Como que a puresa era uma couraça que o afastava do mundo. Diziam que era inteligentissimo, grande orador sacro, celebre pela rigidez dos seus costumes. Ali estava parado deante do padre José Pedro, olhando com olhos observadores a figura baixa do padre, a sua batina suja e remendada em dois logares, o seu ar de medo, a falta de inteligencia que de

mistura com a bondade se refletia na cara do padre. Estudou o padre uns poucos minutos. O bastante para penetrar a fundo na alma sem complicações de José Pedro. Tossiu. O padre o viu, levantou-se, beijou humildemente sua mão:

— Conego.

— Sente-se, padre. Temos que conversar.

Olhava com os olhos sem expressão o padre. Sentou-se, cruzou as mãos com grande cuidado, afastou sua reluzente batina da batina suja do padre José Pedro. Sua voz contrastava com sua pessoa. Podia-se dizer que era uma voz doce, quasi feminina, se não fosse um acento de decisão que a cada passo surgia nela. O padre José Pedro baixou a cabeça e esperou que o conego falasse. Este começou:

— Este Arcebispado tem graves queixas contra o senhor, padre.

Padre José Pedro quiz figurar uma cara de quem não entendia. Mas a malicia era superior á sua inteligencia e naquele momento ele pensava nos Capitães da Areia. O Conego sorriu ligeiramente:

— Creio que o senhor já sabe do que se trata...

O padre olhou com os olhos abertos, mas logo baixou a cabeça:

— Só se é as creanças...

— O pecador não pode esconder seu pecado, ele está visivel na sua consciencia. — e a voz do Conego tinha perdido aquela nota de doçura.

O padre José Pedro ouviu com pavor. Era o que ele temia. Os seus superiores, aqueles que tinham inteligencia para compreender os desejos de Deus, não estavam de acordo com os metodos que ele empregara junto aos Capitães da Areia. Vinha

um temor de dentro dele, não propriamente um temor do Conego, do Arcebispo, mas um temor de ter ofendido a Deus. E até suas mãos tremiam ligeiramente.

A voz do Conego retomou sua doçura. Era como uma voz de mulher, doce e suave, mas que negava a um homem suas caricias:

— Teem nos chegado bastante queixas, padre José Pedro. O Arcebispado tem fechado os olhos na esperança de que o senhor conhecesse seu erro e se emendasse..

Olhou o padre com olhos duros. José Pedro baixou a cabeça.

— Não faz muito tempo a viúva Santos queixou-se. O senhor ajudou uma corja de moleques, numa praça, a vaia-la. Melhor, incitou os moleques a que a vaiassem... Que tem a dizer, padre?

— Não é verdade, Conego..

— O senhor quer dizer que a viúva mentiu?

Fusilou o padre com os olhos. Mas desta vez José Pedro não baixou a cabeça, apenas repetiu:

— O que ela disse não é verdade. .

— O senhor sabe que a viúva Santos é uma das melhores protetoras da religião na Bahia? Não sabe dos donativos.

— Eu posso lhe narrar o fato...

— Não me interrompa.. No Seminario não lhe ensinaram a ser humilde e respeitoso com seus superiores? Se bem o senhor não tivesse sido um aluno dos mais brilhantes.

O padre José Pedro sabia daquilo. Não era preciso que lhe repetissem que fora um dos piores alunos do Seminario em materia de estudos. Por isso mesmo tinha tanto medo de ter errado, de ter ofendido a Deus. O Conego devia ter razão, era

muito mais inteligente, estava muito mais proximo de Deus que é a suprema inteligencia.

O Conego fez um gesto com a mão como quem relegava para longe aquele incidente da viúva e sua voz se fez doce novamente:

— Porem agora ha coisa muito mais grave. Por sua causa, padre, este Arcebispado foi procurado pelas autoridades. O senhor sabe o que fez? Sabe?

O padre não tentou negar:

— Foi o caso do menino com alastrim?

— Um menino com variola, sim senhor. E o senhor escondeu o caso das autoridades sanitarias..

O padre José Pedro tinha confiança na bondade de Deus. Muitas vezes pensara que Deus aprovava o que ele estava fazendo. Agora pensava isto tambem. Aquele pensamento tinha enchido seu coração de repente. Levantou o busto, fixou a vista no Conego:

— O senhor sabe o que é o leprosario?

O Conego não respondeu.

— Pois é raro o homem que volta de lá. Quanto mais uma creança.. Mandar uma creança para lá é cometer um assassinato.

— Isso não é comnosco. — respondeu o Conego com voz inexpressiva mas cheia de decisão. — Isto é com a Saúde Publica. Mas o nosso papel é respeitar as leis.

— Mesmo quando atentem contra a lei da bondade de Deus?

— Que sabe o senhor da bondade de Deus? Que grande inteligencia tem para saber dos designios de Deus? O demonio da vaidade o dominou?

O padre José Pedro tentou explicar:

— Eu sei que sou um padre ignorante e indigno de servir ao Senhor. Mas estas creanças nunca

tinham tido ninguem que olhasse por elas. Eu tive a intenção.

— A boa intenção não desculpa os maus atos.. — cortou o Conego com voz muito doce ao enunciar a sentença.

O padre José Pedro se sentiu novamente em duvida. Mas elevou o pensamento a Deus, voltou parte da sua confiança:

— Teriam sido maus? Eram uns meninos que nunca tinham ouvido falar seriamente de Deus. Misturam Deus com os santos dos negros, não teem nenhuma idea de religião. Eu quiz ver se salvava aquelas almas..

— Já lhe disse que suas intenções foram boas, mas suas ações não corresponderam ás intenções. .

— E' que o senhor não conhece estes meninos. (O Conego lhe deitou um olhar duro) — São meninos iguaes a homens. Vivem como homens, conhecem a vida toda, tudo. E' preciso tratar com geito, fazer concessões.

— Por isso o senhor faz o que eles querem.

— Ás vezes tenho que fazer para conseguir um bom resultado.

— Compactua com os roubos, com os crimes destes perversos.

— Que culpa eles teem? — O padre se lembrava de João de Adão — Quem cuida deles? Quem os ensina? Quem os ajuda? Que carinho eles teem? — Estava exaltado e o Conego se afastou mais dele, enquanto o fitava com os olhinhos duros. — Roubam para comer porque todos estes ricos que teem para botar fora, para dar para as igrejas, não se lembram que existem creanças com fome. Que culpa..

— Cale-se. — A voz do Conego era cheia de autoridade. — Quem o visse falar diria que é um comunista que está falando. E não é difficil. No meio dessa gentalha o senhor deve ter aprendido as teorias deles.. O senhor é um comunista, um inimigo da Igreja.

O padre o olhou horrorisado. O Conego levantou-se, estendeu a mão para o padre:

— Que Deus seja suficientemente bom para perdoar seus atos e suas palavras. O senhor tem ofendido a Deus e á Igreja. Tem deshonrado as vestes sacerdotaes que leva. Violou as leis da Igreja e do Estado. Tem agido como um comunista. Por isso nos vemos obrigados a não lhe dar tão cedo a paroquia que o senhor pediu. Vá, (agora sua voz voltava a ser doce, mas de uma doçura cheia de resolução, uma doçura que não admitia replicas) penitencie-se dos seus pecados, dedique-se aos fieis da igreja em que trabalha, e esqueça estas ideas comunistas, sinão teremos que tomar medidas mais serias. O senhor pensa que Deus aprova o que está fazendo? Lembre-se que a sua inteligencia é muito pequena, o senhor não pode penetrar nos designios de Deus.

Virou as costas ao padre e foi saindo. O padre José Pedro deu dois passos até ele, falou com voz estrangulada:

— Se tem um até que quer ser padre.

O Conego voltou-se:

— A entrevista está terminada, padre José Pedro. Pode se retirar e que Deus o ajude a pensar melhor.

Mas o padre ainda ficou parado uns minutos querendo dizer alguma coisa. Mas não dizia nada, estava como que apatetado, olhando a porta por

onde o conego tinha saido. Naquele momento não podia pensar em nada. Estava comico com a mão ainda estendida, o corpo meio caido para um lado, a batina suja e remendada, os olhos abertos, apavorados, os labios tremendo como que querendo falar. As pesadas cortinas impediam que a luz entrasse na sala. O padre ainda se demorou na obscuridade.

Um comunista.. Uma orquestra vagabunda, porém afinada, tocava uma velha valsa na rua:

"Fiquei sem alegria, senhor meu Deus. "

O padre José Pedro ia encostado á parede. O Conego dissera que ele não podia compreender os designios de Deus. Não tinha inteligencia, estava falando igual a um comunista. Era aquela palavra que mais perseguia o padre. De todos os pulpitos todos os padres tinham falado contra aquela palavra. E agora ele.. O Conego era muito inteligente, estava proximo de Deus pela inteligencia, era-lhe facil ouvir a voz de Deus. Ele estava errado, perdera aqueles dois anos de tanto trabalho. Pensara levar tantas creanças a Deus. Creanças extraviadas. . Seria que elas tinham a culpa? Deixai vir a mim as creancinhas.. Christo.. Era uma figura radiosa e moça. Os sacerdotes tambem disseram que ele era um revolucionario. Ele queria as creanças... Ai de quem faça mal a uma creança. A viúva Santos era uma protetora da Igreja... Será que ela tambem ouvia a voz de Deus? Dois anos perdidos... Fazia concessões, sim, fazia. Sinão como tratar com os Capitães da Areia? Não eram creanças iguaes ás outras. Sabiam

tudo, até os segredos dos sexos. Eram como homens, se bem fossem creanças.. Não era possivel trata-los como aos meninos que vão ao colegio dos jesuitas fazer a primeira comunhão. Aqueles teem mãe, pae, irmãs, padres confessores e roupas e comida, teem tudo... Mas não seria ele quem podia dar lições ao Conego... O Conego sabia de tudo, era muito inteligente. Podia ouvir a voz de Deus.. Estava proximo de Deus... Não foi dos alunos mais brilhantes. Tinha sido dos piores... Deus não ia falar a um padre ignorante... Ouvia João de Adão. Um comunista como João de Adão... Mas os comunistas são maus, querem acabar tudo. João de Adão era um homem bom... Um comunista... E Christo? Não, não podia pensar que Christo fosse um comunista.. O Conego devia entender melhor que um pobre padre de batina suja.. O Conego era inteligente e Deus é a suprema inteligencia... Pirulito queria ser padre. Queria ser padre, sim, a sua vocação era verdadeira. Mas pecava todos os dias, roubava, assaltava. Não era culpa deles... Está falando como um comunista... Porque este vae no automovel, fuma um charuto? Falando como um comunista. O Conego disse, será que Deus o perdôa?

O padre José Pedro vae encostado á parede. As ultimas notas da orquestra distante chegam aos seus ouvidos. Os olhos do padre estão esbugalhados.

Sim, padre José Pedro, Deus ás vezes fala aos mais ignorantes. Aos mais ignorantes... Ele era ignorante... Mas, Deus, ouvi... São uns pobres meninos. Que sabem eles do bem e do mal? Se ninguem nunca lhes ensinou nada? Nunca u'a mão de mãe nas suas cabeças. Uma palavra boa de um pae. Senhor, eles não sabem o que fazem. Por

isso estive com eles, fiz como eles queriam muitas vezes.

O padre aperta as mãos, as eleva para o ceu.

Será que um comunista age assim? Dar um pouco de conforto áquelas pequenas almas. Salva-las, melhorar seus destinos... Antes dali só saiam ladrões, batedores de carteira, vigaristas, os melhores eram os malandros... A profissão mais digna... Queria que destes saissem homens para o trabalho, honestos, dignos. Tinha que ir aos poucos. Do Reformatorio saiam piores. Não é com castigo brutal, Deus, ouvi. Lá o castigo é brutal. Só com paciencia, com bondade... Christo tambem pensava assim... Porque como um comunista?. Deus pode falar a um ignorante... Abandonar as creanças? A paroquia está perdida... Mãe velha que soluçará. . E a carreira da irmã na Escola Normal? Tambem ela quer ensinar a creanças... Mas serão outras creanças, creanças com livros, com pae, com mãe. . Não serão iguaes a estas abandonadas na rua, dormindo sob a lua, nas pontes, nos trapiches. Não pode abandona-las. Com quem estará Deus? Com o Conego ou com o pobre padre? A viuva... Não, Deus está com o padre... Está com o padre. Sou muito ignorante para ouvir a voz de Deus... (Se esconde na porta de uma igreja). Mas por vezes Deus fala aos ignorantes... (Sae da porta da igreja, continúa a caminhada encostado na parede). Continuará, sim. Se estiver errado Deus o perdoará... "As boas intenções não desculpam os maus atos" Mas Deus é a suprema bondade. Continuará... Os Capitães da Areia talvez não deem só ladrões. E não seria uma grande alegria para Christo?. Sim, Christo sorri.

E' uma figura radiosa. Sorri para o padre José Pedro. Obrigado, meu Deus, obrigado.

O padre ajoelha na rua, levanta as mãos para o ceu. Mas olha a gente que sorri. Se põe de pé espantado, salta num bonde cheio de vergonha.

Um homem comenta:

— Olha um padre bebado. Que descarado...

Todos riem no ponto de bondes.

Boa Vida meteu a unha negra, rasgou a bolha. Depois espiou o braço: estava cheio. Por isso sentia tanto calor, um amolecimento no corpo. Era a febre da bexiga. A cidade pobre estava assolada da bexiga. Os medicos diziam que a epedemia já estava declinando, mas ainda assim eram muitos casos, todos os dias ia gente para o lazareto. Gente que não voltava, pensou Boa Vida. Até Almiro por cuja causa se armara tão grande barulho no trapiche, fora para o lazareto. E não voltara. Era um menino bonito, havia quem dissesse que ele e Barandão. Mas não era ruim, não aborrecia ninguem. Sem Pernas armara um escandalo. Depois que soubera que ele morrera ficara ainda mais retraido, parecia o culpado da morte de Almiro. Não conversava com ninguem. Só com o cachorro que arranjara.

— Acaba doido. — pensou Boa Vida.

Acendeu um cigarro. Andou para o trapiche. Só o Professor estava. Áquelas horas da tarde era dificil que estivesse alguem no trapiche. Professor viu quando ele entrou:

— Passa um cigarro, Boa Vida.

Boa Vida jogou um. Chegou no seu canto, fez uma trouxa com seus trapos. Professor ficou espiando aquele movimento:

— Tu vae embora?

Boa Vida andou até ele com a trouxa debaixo do braço:

— Tú não diz a ninguem. Só a Bala...

— Pra onde tú vae?

O mulato riu:

— Pro lazareto...

Professor olhou os braços cheios de bolhas, os peitos.

— Tú não vae, Boa Vida.

— Porque, mano?

— Tú sabe. É buraco na certa...

— Tú pensa que eu vou ficar aqui pra pegar nos outros?

— A gente trata de tú.

— Morria tudo. Almiro tinha casa, tá certo. Eu não tenho ninguem.

Professor calou-se. Queria dizer muita coisa. O mulato estava na sua frente, a trouxa debaixo do braço cheio de bolhas de bexiga. Boa Vida falou:

— Tú diz a Pedro Bala. Os outros não precisa.

Professor só soube dizer:

— Tú vae mesmo?

Boa Vida fez que sim, sairam do trapiche. Boa Vida olhou a cidade, fez um gesto com a mão. Era como um adeus. Boa Vida era malandro e ninguem ama sua cidade como os malandros. Olhou o Professor:

— Quando tú fizer meu retrato. Tú ainda vae fazer?

— Vou, Boa Vida.. (Vontade de dizer palavras carinhosas como a um irmão.)

— Não me faz cheio de bexiga, não. .

Seu vulto desapareceu no areal. Professor ficou com as palavras presas, um nó na garganta. Mas tambem achava bonito Boa Vida andar assim para a morte para não contaminar os outros. Os homens assim são os que teem uma estrela no logar do coração. E quando morrem o coração fica no ceu, diz o Querido de Deus. Boa Vida era um menino, não era um homem. Mas já tinha uma estrela no logar do coração. Já desapareceu o seu vulto. E então a certeza de que não mais verá seu amigo encheu o coração do Professor. A certeza de que o outro ia para a morte.

Nas macumbas em honra de Omolú, o povo negro, castigado com a bexiga, cantava:

"Cambono,
aziéla engoma!
Quero vê couro zoá!
Omolú vae pro sertão
"Bexiga vae espalhá"

Omolú espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolú de vacinas? Era uma pobre deusa das florestas d'Africa. Uma deusa dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolú. Tudo que Omolú poude fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolú dizia que não fora o alastrim

que matara. Fora o lazareto. Omolú só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ela levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiarios do sertão. Eles tinham dinheiro, leguas e leguas de terra, mas não sabiam tãopouco da vacina. E Omolú diz que vae pro sertão. E os negros, os ogáns, as filhas e paes de santo, cantam:

"Ele é mesmo nosso pae,
e é quem pode nos ajudar."

Omolú promete ir. Mas para que seus filhos negros não a esqueçam avisa no seu cantico de despedida:

"Ora, adeus, ó meus filhinhos,
qu'eu vou e torno a vortá..."

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de misterio da Bahia, Omolú pulou na maquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Joazeiro. A bexiga foi com ela.

Boa Vida voltou magro, a roupa dansando no seu corpo. A cara agora estava toda picada. Os outros o olharam ainda com receio quando naquela noite ele penetrou no trapiche. Mas Professor andou logo para ele:

— Ficou bom, mulato?

Boa Vida sorriu. Vinham apertar a mão dele, Pedro Bala lhe deu um abraço:

— Mulato bom. Mulato batuta.

Até Sem Pernas veio, João Grande ficou junto de Boa Vida. O mulato olhou os amigos. Pediu um

cigarro. Sua mão estava descarnada, o rosto ossudo. Ficou calado, olhando com amor o velho trapiche, os meninos, o cachorro que estava deitado no colo do Sem Pernas. Então João Grande perguntou:

— Como era o lazareto?

Boa Vida se voltou rapido. Seu rosto tomou uma expressão amarga de desgosto. Demorou um pouco a responder. Depois as palavras sairam com dificuldade:

— Ninguem sabe dizer, não. E' uma coisa por demais. Uma nojeira. A gente quando entra é igual um que entra no caixão...

Olhou os outros que estavam suspensos das suas palavras. Sua voz era amarga:

— Igual que entrasse pro caixão pra ir pro cemiterio. Igual...

Não achou mais que dizer. Sem Pernas perguntou entre dentes:

— Que mais?

— Nada. Nada. Não sei não.. Por Deus, não pergunte. . — baixou a cabeça que balançava para todos os lados. Sua voz saiu muito baixa, como que ainda amedrontada. — E' mesmo que ir pro cemiterio. Tudo já está morto.

Olhou como se pedisse que não lhe perguntassem mais nada. João Grande disse pros outros:

— A gente não devia perguntar nada...

Boa Vida apoiou com um gesto da mão. Disse baixinho:

— Nada. E' ruim demais...

Professor olhou o peito de Boa Vida. Estava todo picado da variola. Mas no logar do coração Professor viu uma estrela.

Uma estrela no logar do coração.

DESTINO

Ocuparam a mesa do canto. O Gato puxou o baralho. Mas nem Pedro Bala, nem João Grande, nem Professor, tãopouco Boa Vida, se interessaram. Esperavam o Querido de Deus na "Porta do Mar". As mesas estavam cheias. Muito tempo a "Porta do Mar" andara sem freguezes. A variola não deixava. Agora que ela tinha ido embora, os homens comentavam as mortes. Alguem falou no lazareto. "E' uma desgraça ser pobre", disse um maritimo.

Numa mesa pediram cachaça. Houve um movimento de copos no balcão. Um velho então disse:

— Ninguem pode mudar o destino. E' coisa feita lá em cima. — apontava o ceu.

Mas João de Adão falou de outra mesa:

— Um dia a gente muda o destino dos pobres..

Pedro Bala levantou a cabeça, Professor ouviu sorridente. Mas João Grande e Boa Vida pareciam apoiar as palavras do velho que repetiu:

— Ninguem pode mudar não. Está escrito lá em cima...

— Um dia a gente muda. — disse Pedro Bala e todos olharam para o menino.

— Que é que tú sabe, frangote? — perguntou o velho.

— E' filho do Loiro, fala a voz do pae, — respondeu João de Adão olhando com respeito. — O pae morreu pra mudar o destino da gente.

Olhou para todos. O velho calou e tambem olhava com respeito. A confiança foi de novo chegando para todos. Lá fora um violão começou a tocar.

NOITE DA GRANDE PAZ, DA GRANDE PAZ DOS TEUS OLHOS

FILHA DE BEXIGUENTO

A musica já recomeçara no morro. Os malandros voltavam a tocar violão, a cantar modinhas, a inventar sambas que depois vendiam aos *sambistas* celebres da cidade. Na venda de Deoclecio novamente ficava um grupo todas as tardes. Durante algum tempo tudo cessara no morro para dar logar ao choro e lamentações das mulheres e creanças. Os homens passavam de cabeça baixa para as suas casas ou para o trabalho. E os caixões negros de adultos, os caixões brancos de virgens, os pequenos caixões de creanças desciam as asperas ladeiras do morro para o cemiterio distante. Isso quando não eram sacos que desciam com os variolosos ainda vivos que eram levados para o lazareto. A familia chorava como choraria a um morto, pela certeza de que eles não voltariam jamais. Nem a musica de um violão. Nem a voz cheia de um negro cortava então a tristeza do morro. Só a reza das sentinelas, o choro convulsivo das mulheres.

Assim estava o morro quando Estevão foi levado para o lazareto. Não voltou, certa tarde Margarida soube que ele morrera por lá. Nesta tarde ela já estava com febre. Mas o alastrim parecia ser dos mais mansos no corpo da lavadeira e ela

escondeu de todos a noticia, conseguio não ser metida num saco. Aos poucos foi melhorando. Os dois filhos andavam pela casa, fazendo o que ela mandava. Zé Fuinha era um bocado inutil, ainda não sabia fazer nada, com seus seis anos. Mas Dora tinha treze para quatorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulhersinha, muito séria, a buscar os remedios para a mãe, a tratar dela. Margarida melhorou quando já os violões recomeçavam a tocar no morro, porque a epidemia de variola tinha se acabado. A musica voltou a dominar as noites do morro e Margarida, se bem ainda não estivesse completamente boa, foi á casa de algumas das suas freguezas em busca de roupa. Voltou com a trouxa nas costas, se atirou para a fonte. Trabalhou o dia todo sob o sol e a chuva que caiu pela tarde. No outro dia não voltou ao trabalho porque recaiu do alastrim e a recaída é sempre terrivel. Dois dias depois descia do morro o ultimo caixão feito pela variola. Dora não soluçava. Corriam as lagrimas pelo seu rosto, mas enquanto o caixão descia ela pensava era em Zé Fuinha que pedia o que comer. O irmãosinho chorava de dor e de fome. Era muito menino para compreender que tinha ficado sem ninguem na imensidão da cidade.

Os visinhos deram jantar aos orfãos nesta tarde. No outro dia pela manhã o arabe que era dono dos barracões do morro mandou derramar alcool no de Margarida para desinfectar. E logo o alugou pois era um barracão bem situado, bem no alto da ladeira. E enquanto os visinhos discutiam o problema dos orfãos, Dora tomou o irmão pela mão e desceu para a cidade. Não se despediu de

ninguem, era como uma fuga. Zé Fuinha ia sem saber para onde, arrastado pela irmã. Dora marchava tranquila. Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjaria um emprego de copeira numa casa. Ainda era uma menina, mas havia muitas casas que preferiam mesmo uma menina porque o ordenado era menor. Sua mãe certa vez falara em a empregar de copeira na casa de uma fregueza. Dora sabia onde era e se dirigiu para lá. O morro, a musica dos violões, o samba que um negro cantava, ficaram para traz. Os pés descalços de Dora se queimam no asfalto ardente. Zé Fuinha vae alegre, vendo a cidade para ele desconhecida, os bondes que passam repletos, as *marinetis* que businam, a multidão que corta as ruas. Dora fora com Margarida certa vez á casa desta fregueza. E' na Barra, elas tinham ido num bonde bagageiro, levando a trouxa de roupa lavada. A dona da casa fizera festa a Dora, perguntara se ela queria vir trabalhar ali. Margarida ficara de traze-la quando ela estivesse mais crescida. Era para lá que Dora pensava ir. E perguntando a um e a outro tomou o caminho da Barra. A caminhada era grande, o sol no asfalto queimava seus pés sem sapatos. Zé Fuinha começou a pedir de comer e a se queixar do cansaço. Dora o acalentou com promessas e seguiram. Mas no Campo Grande Zé Fuinha não poude mais. A caminhada era demasiada para ele, para os seus seis anos. Então Dora entrou numa padaria, trocou os unicos quinhentos reis que possuia, comprou dois pães dormidos, deixou Zé Fuinha sentado num banco com os pães:

— Tú come e me espera, tá ouvindo? Eu vou ali, volto já. Mas não vá sair daqui sinão voce se perde...

Zé Fuinha prometeu com uma cara muito seria, dando dentadas nos pães duros. Ela o beijou e seguiu.

O guarda que a informou olhou para os seus seios que nasciam. O cabelo loiro dela, maltratado, voava com o vento. Sentia queimaduras nas solas dos pés e um cansaço no corpo todo. Mas seguiu. O numero era 611. Quando chegou ao 53 parou um pouco para descansar e pensar o que diria á dona da casa. Depois retomou a caminhada. Agora a fome ajudava a magoar seu corpo, a fome terrivel das creanças de 13 anos, uma fome que exige comida imediatamente. Dora tinha vontade de chorar, de se deixar cair na rua, sob o sol, e não fazer movimentos. Uma saudade dos paes mortos a invadiu. Mas reagiu contra tudo e continuou.

O 611 era uma casa grande, quasi um palacete, com arvores na frente. Numa mangueira, um balanço onde uma menina da idade de Dora se divertia. Um rapazote dos seus 17 anos a balançava e riam os dois. Eram os filhos do dono da casa. Dora ficou a olha-los com inveja uns minutos. Depois tocou a campainha. O rapaz olhou mas continuou a balançar a irmã. Dora tocou novamente, a empregada veio. Ela explicou que queria falar com dona Laura, a patroa. A empregada a olhou com desconfiança. Mas o rapazola deixou de balançar a irmã e andou até o portão. Espiava os seios malnascidos de Dora, os pedaços de coxas que apareciam sob o vestido. Perguntou:

— O que é que voce quer?

— Eu queria falar com dona Laura. Sou filha de Margarida que foi lavadeira dela... Não vê que ela morreu..

O rapaz não despregava os olhos dos seios de Dora. Era bonita a menina, de olhos grandes, cabelo muito loiro, neta de italiano com uma mulata. Margarida dizia que ela puxara ao avô, que tambem tinha cabelos muito loiros e um bigodão bem tratado. Dora baixou os olhos porque o rapaz não tirava os deles dos seus peitos. Ele tambem se desconcertou, falou para a empregada:

— Vá chamar Mamãe.

— Sim, senhor.

O rapaz puxou um cigarro, acendeu. Jogou a fumaça para cima, estendendo o beiço, deu mais uma espiada para os peitos de Dora:

— Voce está procurando emprego?

— Tou, sim, senhor.

O vento levantou um pouco o vestido dela. Ele teve pensamentos canalhas ao ver o pedaço de coxa. Já se sonhava na cama, Dora trazendo o café pela manhã, a safadeza que se seguiria:

— Vou ver se Mamãe arranja um logar pra voce.

Ela agradeceu. Mas estava um pouco assustada, se bem lhe escápasse muito da malicia dos olhares dele. Dona Laura chegou, os cabelos grisalhos, a filha atraz dela, espiando Dora com olhos compridos. Era sardenta mas tinha certa graça.

Dora contou que a mãe tinha morrido:

— A senhora tinha me prometido um emprego..

— De que foi que Margarida morreu?

— Da bexiga, sim senhora.

Dora não sabia que dizendo aquilo tinha perdido a possibilidade do emprego.

— De variola?

A mocinha se afastou receiosa. Até o rapaz se desviou um pouco, pensou nos seis pequenos de Dora marcados de variola. Cuspiu com nojo. Dona Laura tomou um tom triste:

— E' que já tomei outra empregada. Agora não tenho necessidade.

Dora pensou em Zé Fuinha:

— A senhora não tem precisão de um menino pequeno pra fazer compra, recados, estas coisas? E' meu irmão...

— Não. Minha filha, não tenho.

— Não sabe de ninguem?

— Não. Se soubesse recomendava voce...

Queria acabar a conversa. Voltou-se para o filho:

— Voce tem dois mil reis aí, Emanuel?

— Pra que, Mamãe?

— Me dê.

O rapaz deu, ela poz em cima da grade. Tinha medo de tocar em Dora, queria que fosse dali, antes de contagiar a casa:

— Leve isso para voce. Que Deus lhe ajude..

Dora voltou a descer a rua. O rapaz ainda espiou as nadegas que apareciam redondas sob o vestido apertado. Mas a voz de Dona Laura o interrompeu. Ela falava para a empregada:

— Dos Reis passe um pano com alcool no portão, onde esta menina pegou. Não é bom brincar com variola..

O rapaz voltou a balançar a irmã entre mangueiras. Mas de vez em quando suspirava para sí mesmo: "tinha uns peitos muito bons.. ".

Zé Fuinha não estava no banco. Dora levou um susto. Era capaz que o irmão tivesse saido andando pela cidade e se perdesse. E como ela o iria encontrar, ela que tão pouco conhecia a cidade? Demais um grande cansaço a invadia, um desanimo, saudade da mãe morta, vontade de chorar. Os pés doiam e ela tinha fome. Pensou em comprar pão (agora possuia dois mil e quatrocentos), mas em vez disto saiu em busca do irmão. Foi encontra-lo embaixo das arvores do jardim comendo "ameixas" verdes. Dora deu-lhe uma pancada na mão:

— Tú não sabe que isso faz dor de barriga?

— Tou com fome...

Ela comprou pão, comeram. A tarde toda foi uma caminhada de um lado para outro á procura de emprego. Em todas as casas diziam que não, o medo da variola era maior que qualquer bondade. No começo da noite Zé Fuinha não se aguentava mais de cansado. Dora estava triste e pensava em voltar ao morro. Ia ser uma carga para os visinhos pobres. Não queria voltar. Do morro sua mãe tinha saido num caixão, seu pae metido num saco. Mais uma vez deixou Zé Fuinha sosinho num jardim para ir comprar o que comer numa padaria, antes que fechasse. Gastou os ultimos niqueis. As luzes se acenderam e ela achou a principio muito bonito. Mas logo depois sentiu que a cidade era sua inimiga, que apenas queimara os seus pés e a cansara. Aquelas casas bonitas não a quizeram. Voltou curvada, afastando com as costas das mãos as lagrimas. E novamente não encontrou Zé Fuinha. Depois de andar em volta do jardim foi dar com o irmão que espiava um jogo de *good* entre dois garotos: um negro forte e um magrelo branco. Dora

sentou num banco, chamou o irmão. Os garotos que jogavam se levantaram tambem. Ela desembrulhou os pães, deu um a Zé Fuinha. Os garotos a olhavam. O preto estava com fome, ela bem viu. Ofereceu do pão a eles. Ficaram os quatro comendo o pão dormido (era mais barato) em silencio. Quando terminaram, o preto bateu as mãos uma na outra, falou:

— Teu irmão disse que a mãe de voce morreu de bexiga...

— Papae tambem.

— Lá tambem morreu um.

— Teu pae?

— Não. Foi Almiro, um do grupo.

O branco magrelo que tinha estado calado perguntou:

— Voce arranjou onde trabalhar?

— Ninguem quer filha de bexiguento..

Agora chorava. Zé Fuinha brincava no chão com as bolas que os outros tinham deixado perto das arvores. O preto coçava a cabeça. O magrelo olhou para ela, depois para Dora:

— Tú tem onde dormir?

— Não.

O magrelo falou para o negro:

— A gente leva ela pro trapiche..

— Uma menina. O que é que Bala vae dizer?

— Tá chorando. — disse o magrelo em voz muito baixa.

O negro olhou. Evidentemente estava atarantado. O branco coçou o pescoço, espantando uma mosca. Botou a mão no ombro de Dora muito devagarinho como se tivesse medo de a tocar:

— Vem com a gente. A gente dorme num trapiche...

O preto fez esforço para sorrir:

— Não é um palacete mas é melhor que a rúa...

Andaram. João Grande e Professor iam na frente. Ambos tinham vontade de conversar com Dora mas nenhum sabia que dizer, não tinham se visto ainda num apuro assim. A luz das lampadas batia nos cabelos loiros dela. O preto disse:

— E' uma lindeza.

— Batuta. — fez Professor.

Mas não olhavam nem os seios, nem as coxas. Olhavam o cabelo loiro batido pela luz das lampadas eletricas.

No areal Zé Fuinha não poude mais ir andando. O negro João Grande pegou a creança (apesar de ser tambem creança...) e a botou nas costas. Professor ia junto de Dora, mas estavam calados na noite.

Entraram no trapiche meio desconfiados. João Grande arriou Zé Fuinha no chão, ficou parado esperando que Professor e Dora entrassem. Foram todos para o canto do Professor que acendeu a vela. Os outros espiavam para o canto com surpreza. O cachorro do Sem Pernas latiu.

— Gente nova.. — murmurou Gato que ia sair.

Gato andou até onde eles estavam:

— Quem é, Professor?

— A mãe e o pae morreu de bexiga. Tavam na rua, sem ter onde dormir.

Gato olhou para Dora ensaiando seu melhor sorriso. Fez uma especie de saudação (tinha visto num cinema um galan fazendo) com o corpo, ensaiou uma frase que tinha ouvido certa vez:

— Boas vindas, madame...

Não se lembrou do resto, ficou meio encabulado, foi embora ver Dalva. Mas os demais já se aproximavam. Sem Pernas e Boa Vida vinham na frente. Dora olhava assustada. Zé Fuinha dormia de cansaço. João Grande se poz na frente de Dora. A luz da vela iluminava o cabelo loiro da menina, de quando em vez pousava nos seios. Professor se levantou, encostou-se na parede. Agora a luz aparecia pelos buracos do teto.

Boa Vida estava deante deles. Sem Pernas vinha coxeando, e os outros logo atraz, os olhos estirados para Dora. Boa Vida falou:

— Quem é essa lasca?

Professor se adiantou:

— Tava com fome. Ela e o irmão. A bexiga matou o pae e mãe...

Boa Vida riu um riso largo. Empinou o corpo:

— E' um peixão.

Sem Pernas riu seu riso burlão, apontou os outros:

— Tá tudo como urubú em cima de carniça.

Dora se chegou para junto de Zé Fuinha que acordara e tremia de medo. Uma voz disse entre os meninos:

— Professor tú tá pensando que a comida é só pra tú e pra João Grande? Deixa pra nós tambem..

Outro gritou:

— Já tou com o ferro em braza.

Muitos riram. Um se adiantou, mostrou o sexo a João Grande:

— Vê como a bichinha está, Grande. Doidinha...

João Grande se poz na frente de Dora. Não dizia nada, mas puxou o punhal. O Sem Pernas gritou:

— Tú assim não arranja nada. Ela tem que ser pra todos.

Professor replicou:

— Não tão vendo que é uma menina...

— Já tem peito, gritou uma voz.

Volta Seca saiu de entre o grupo. Trazia os olhos muito excitados, um riso no rosto sombrio:

— Lampeão tambem não respeita cara. Dá ela pra gente, Grande...

Sabiam que Professor era fraco, não aguentava pancada. Estavam doidamente excitados mas ainda temiam João Grande que segurava o punhal. Volta Seca se via como no meio do grupo de Lampeão, pronto para deflorar junto com todos uma filha de fazendeiro. A vela iluminava os cabelos loiros de Dora. Ia um pavor pelo rosto dela.

João Grande não dizia nada, mas segurava o punhal na mão. Professor abriu a navalha, ficou junto dele. Então Volta Seca tambem puxou do punhal, começou a avançar. Os outros vinham por detraz dele, o cachorro latia. Boa Vida falou mais uma vez:

— Desaparta, Grande. E' melhor...

Professor pensava que se o Gato estivesse ali, estaria do lado deles porque o Gato já tinha mulher. Mas o Gato já tinha saido.

Dora via o grupo avançar. O medo foi vencendo o desanimo e o cansaço em que estava. Zé

Fuinha chorava. Dora não tirava os olhos de Volta Seca. A cara sombria do mulato estava aberta em desejo, um riso nervoso a sacudia. Viu tambem os sinaes da variola no rosto de Boa Vida quando este passou em frente da vela e então se lembrou da mãe morta. Um soluço a sacudiu e deteve um momento os meninos. Professor disse:

— Não vê que ela tá chorando.

Eles pararam um momento. Mas Volta Seca falou:

— E nós com isso? A babaca é a mesma...

Continuaram avançando. Iam vagarosamente, os olhos fixos ora em Dora, ora no punhal que João Grande tinha na mão. De repente se apressaram, chegaram muito mais perto. João Grande falou pela primeira vez:

— Furo o primeiro.

Boa Vida riu, Volta Seca manejou o punhal. Zé Fuinha chorava, Dora o olhou com os olhos apavorados. Se abraçou nele, viu João Grande derrubar Boa Vida. A voz de Pedro Bala que entrava fez com que parassem:

— Que diabo é isso?

Professor levantou-se. Volta Seca o soltou, já o havia cortado no braço. Boa Vida ficou deitado como estava, um talho no rosto. João Grande continuou em guarda na frente de Dora. Pedro Bala se adiantou:

— Que é isso?

Boa Vida falou do chão mesmo:

— Estes frescos arranjaram uma comida e quer que seja pra eles só. A gente tambem tem direito...

— Tambem. Eu pelo menos quero trepar hoje.. — esganiçou Sem Pernas.

Pedro Bala olhou para Dora. Viu os peitos, o cabelo loiro.

— Tão com o direito... — falou. — Arreda, João Grande.

O negro olhou Pedro Bala espantado. O grupo avançava novamente, agora chefiado por Pedro Bala. João Grande estendeu os braços, gritou:

— Bala, eu como o primeiro que chegar aqui.

Pedro Bala adiantou mais um passo:

— Sae, Grande.

— Tú não tá vendo que é uma menina? Tú não tá vendo?

Pedro Bala parou, o grupo parou atraz dele. Agora Pedro Bala olhava Dora com outros olhos. Via o terror no rosto dela, as lagrimas que caiam dos olhos. Ouviu o choro de Zé Fuinha. João Grande falava:

— Eu sempre tive comtigo, Bala. Sou teu amigo mas ela é uma menina, fui eu e Professor que trouxe ela. Eu sou teu amigo, mas se tú vier eu te mato. E' uma menina ninguem faz mal a ela...

— A gente te derruba e depois. — disse Volta Seca.

— Cala a boca. — gritou Pedro Bala.

João Grande continuou:

— O pae dela, a mãe dela morreu de bexiga. A gente encontrou ela, não tinha onde dormir, a gente trouxe ela. Não é uma puta, é uma menina, não vê que é uma menina? Ninguem toca nela, Bala.

Pedro Bala disse baixinho:

— E' uma menina. .

Pulou para o lado de João Grande e de Professor:

— Tú é um negro bom. Tú tá com o direito...

— Voltou-se para os outros. — Quem quizer vir, venha..

— Tú não pode fazer isso, Bala. — E Boa Vida passava a mão no talho. — Tú agora quer comer ela só com o Grande e Professor.

— Juro que não quero comer ela, nem eles quer. E' uma menina. Mas ninguem toca nela. Quem quizer que venha.

Os menores e mais medrosos foram se afastando. Boa Vida se levantou, foi para seu canto, limpando o sangue. Volta Seca falou para Pedro Bala devagar:

— Eu vou não é de medo. E' que tú disse que é uma menina.

Pedro Bala se aproximou de Dora:

— Tenha medo não. Ninguem toca em voce.

Ela saiu do seu canto, arrancou um pedaço da fralda, começou a ver a ferida do Professor. Depois marchou para onde estava Boa Vida (que se encolheu todo), molhou a ferida do malandro, botou um pano em cima. Todo o temor, todo o cansaço tinham desaparecido. Porque confiava em Pedro Bala. Depois perguntou a Volta Seca:

— Tambem tá ferido?

— Não. — fez o mulato sem compreender. E fugiu para seu canto. Parecia ter medo de Dora.

Sem Pernas espiava. O cachorro saiu do colo dele, veio lamber os pés de Dora. Ela o acarinhou, perguntou ao Sem Pernas:

— E' teu?

— E' sim. Mas pode ficar com ele.

Ela sorriu. Pedro Bala andou ao leo no trapiche. Depois disse para todos:

— Amanhã ela vae embora. Não quero menina aqui.

— Não. — disse Dora. — Eu fico, ajudo voces. Eu sei cosinhar, coser, lavar roupa.

— Por mim pode ficar. — falou Volta Seca.

Dora olhou Pedro Bala:

— Tú disse que ninguem me fazia mal?...

Pedro Bala olhou os cabelos loiros. A lua entrava pelo trapiche.

DORA, MÃE

O Gato veio gingando o corpo naquele seu caminhar caracteristico. Andara procurando enfiar a agulha na linha uma imensidade de tempo. Dora fizera Zé Fuinha dormir, agora se preparava para ouvir Professor ler aquela historia tão bonita que estava no livro de capa azul. O Gato veio gingando o corpo, se aproximou devagar:

— Dora..

— Que é, Gato?

— Tú quer fazer uma coisa?

Mirava a agulha e a linha que tinha na mão. Parecia estar deante de um problema grave. Não sabia como se arranjar. Professor parou a leitura, Gato mudou de conversa:

— Tú ainda fica cego de tanto lê, Professor. Se inda fosse luz eletrica.. — olhou Dora sem se resolver.

— Que é, Gato?

— Esse diabo desta linha.. Nunca vi coisa dificil. Meter isso no rabo desta agulha.

— Decá..

Enfiou a linha, deu um nó numa das pontas. Gato disse para Professor:

— Só mulher é que sabe fazer esse troço...

Estendeu a mão para receber a agulha mas Dora não entregou. Perguntou o que é que Gato tinha que coser. Gato mostrou o paletó roto no bolso. Era aquela roupa de casemira que fora do Sem Pernas quando ele andara feito menino rico numa casa da Graça:

— E' uma roupa porreta! — fez o Gato.

— Boa mesmo. — apoiou Dora. — Tira o casaco.

Professor e Gato ficaram vendo ela coser. Em verdade não era uma maravilha de costura, mas eles nunca tinham tido ninguem que remendasse suas roupas. E somente Gato e Pirulito tinham costume de remendar eles mesmos as suas. Gato porque era metido a elegante e tinha uma amante, Pirulito porque gostava de andar limpo. Os outros deixavam que os farrapos que arranjavam se esfarrapassem ainda mais, até se tornarem trapos inuteis. Então mendigavam ou furtavam outra calça e paletó. Dora acabou o serviço:

— Tem mais?

Gato alisou o cabelo cheio de brilhantina:

— As costas da camisa...

Virou-se. A camisa estava rasgada de cima a baixo. Dora mandou que ele sentasse, começou a coser no corpo dele mesmo. Quando os dedos dela tocaram pela primeira vez nas costas de Gato ele sentiu um arrepio. Como quando Dalva passava as unhas crescidas e tratadas, arranhando suas costas e dizendo:

— A gatinha arranha o gatinho...

Mas Dalva não cosia suas roupas, talvez nem soubesse enfiar uma linha no fundo de uma agulha. Gostava era de se bater com ele na cama, arranhar

suas costas, mas de proposito, para o arrepiar e o excitar, para que o amor se fizesse ainda melhor. E Dora não. Não era de proposito. A mão dela (unhas mal-tratadas e sujas, roidas a dente) não queria excitar, nem arrepiar. Passava como a mão de uma mãe que remendava camisas do filho. A mãe do Gato morrera cedo. Era uma mulher fragil e bonita. Tambem tinha as mãos maltratadas que esposa de operario não tem manicure. E era dela tambem aquele gesto de remendar as camisas de Gato, mesmo nas costas de Gato. A mão de Dora o toca de novo. Agora a sensação é diferente. Não é mais um arrepio de desejo. E' aquela sensação de carinho bom, de segurança que lhe davam as mãos de sua mãe. Dora está por detrás dele, ele não a vê. Imagina então que é sua mãe que voltou. Gato está pequenino de novo, vestido com um camisolão de burgariana e nas brincadeiras pelas ladeiras do morro o rompe todo. E sua mãe vem, faz com que ele se sente na sua frente e suas mãos ageis manejam a agulha, de quando em vez o tocam e lhe dão aquela sensação de felicidade absoluta. Nenhum desejo. Somente felicidade. Ela voltou, remenda as camisas do Gato. Uma vontade de deitar no colo de Dora e deixar que ela cante para ele dormir como quando era pequenino. Se recorda que ainda é uma creança. Mas só na idade, porque no mais é igual a um homem, furtando para viver, dormindo todas as noites como uma mulher da vida, tomando dinheiro dela. Mas nesta noite é totalmente creança, esquece Dalva, suas mãos que o arranham, labios que prendem os seus em beijos longos, sexo que o absorve. Esquece sua vida de pequeno batedor de carteiras, de dono de um baralho marcado, jogador deshonesto. Esquece tudo, é ape-

nas um menino de quatorze anos com uma mãesinha que remenda suas camisas. Vontade de que ela cante para ele dormir... Uma daquelas cantigas de ninar que falam em bicho papão. Dora morde a linha, se inclina para ele. Os cabelos loiros dela, tocam no ombro do Gato. Mas ele não tem outro desejo sinão que ela continue a ser sua mãesinha. Sua felicidade naquele momento é quasi absurda. E' como se não houvesse existido toda a sua vida depois da morte da sua mãe. E' como se tivesse se conservado uma creança igual a todas. Porque nesta noite sua mãe voltou. Por isso a inconsciente caricia dos cabelos loiros de Dora não excita seu desejo. Mas aumenta sua felicidade. E a voz dela que diz: "tá pronto, Gato" sôa aos seus ouvidos direitinho a voz doce e musical de sua mãe que cantava, a cabeça do Gato recostada no seu colo, cantigas de ninar.

Levanta, olha Dora com olhos agradecidos:

— Você é a mãesinha da gente, agora. — mas fica encabulado do que diz, pensa que Dora não compreenderá mesmo porque ela está rindo com seu rosto serio de quasi mulhersinha. Mas Professor compreende e Gato na frente de Dora falando numa voz feliz mas sem desejo, chamando-a de mãe e ela sorrindo com seu ar maternal de quasi mulhersinha, fica gravado na cabeça de Professor como um quadro.

Gato joga o paletó nas costas e sae com seu passo gingado. Sente que ha qualquer coisa de novo no trapiche: eles encontraram mãe, carinho e cuidados de mãe. Dalva o extranha nesta noite:

— Que foi que gatinho teve? Que foi?

Mas ele guarda seu segredo. E' uma coisa grande de mais encontrar na terra uma mãe que já morreu. Dalva não o entenderia.

Quando Professor estava começando a historia João Grande chegou e sentou-se ao lado deles. A noite era chuvosa. Na historia que Professor lia a noite era chuvosa tambem e o navio estava em grande perigo. Os marinheiros apanhavam de chicote, o capitão era um malvado. O barco a vela parecia sossobrar a cada momento, o chicote dos oficiaes caia sobre as costas nuas dos marinheiros. João Grande tinha uma expressão de dor no rosto. Volta Seca chegou com um jornal mas não interrompeu a historia, ficou ouvindo. Agora o marinheiro John apanhava chibatadas porque escorregara e caira no meio do temporal. Volta Seca interrompeu:

— Se Lampeão tivesse aí já tinha comido este capitão no fusil...

Foi o que fez o marinheiro James, um homenzarrão. Se atirou em cima do capitão, a revolta estalou no buque. Lá fóra chovia. Chovia na historia tambem, era a historia de um temporal e de uma revolta. Um dos oficiaes ficou do lado dos marinheiros.

— E' do balacubaco... — disse João Grande.

Amavam o heroismo. Volta Seca espiou Dora. Os olhos dela brilhavam, ela amava o heroismo tambem. Isso agradou ao sertanejo. Depois o marinheiro James sustentou uma luta feroz. Volta Seca assoviou como um passarinho de tanto contentamento. Dora riu tambem, satisfeita. Riram os dois juntos, logo foi uma gargalhada dos quatro como era costume dos Capitães da Areia. Gargalharam alguns minutos, outros se aproximaram, a tempo de ouvir o resto da historia. Olhavam o rosto serio de Dora, rosto de uma quasi mulhersinha que os fi-

tava com o carinho de mãe. Sorriam e quando o marinheiro James jogou o Capitão do navio num barco-salva-vidas e o chamou de "Cobra sem veneno", eles todos gargalharam junto com Dora, e a olharam com amor. Como creanças olham a mãe muito amada. Quando a historia acabou, eles voltaram para os seus cantos entre comentarios:

— Porreta...

— Macho bamba..

— Tambem era um prensa...

— O capitão fez uma cara, hein?

Volta Seca espichou o jornal para Professor. Dora olhou o mulato, ele sorriu meio confuso:

— E' que traz noticia de Lampeão... — Seu rosto sombrio clareava. — Tú sabe que Lampeão é meu padrim?

— Padrinho?

— Pois é.. Foi minha mãe que tomou porque Lampeão é um macho de verdade, não respeita cara.. Minha mãe era uma mulher valente, uma mulher capaz de guentar um fusil. Um dia fez correr dois soldados que se fizera de besta. Era um mulherão.. Valia um homem.

Dora ouvia encantada. Seu rosto serio fitava com a maior simpatia o rosto sombrio do mulato. Volta Seca ficou calado mas num geito de quem queria dizer alguma coisa. Por fim falou:

— Tú tambem é valente... Sabe? Minha mãe era um mulherão destas grandes. Era mulata, não tinha cabelo loiro, tinha uma carapinha danada.. Não era mais menina tambem, podia ser tua avó... Mas tú parece com ela...

Olhou Dora, mas baixou a cabeça:

— Parece mentira mas tú me lembra ela. Parece mentira mas tú parece com ela...

Professor olhou com seus olhos de miope. Volta Seca quasi gritava, seu rosto sombrio tinha a alegria de uma descoberta. "Tambem ele descobriu sua mãe", pensou Professor. Dora estava seria, mas seu olhar era carinhoso. Volta Seca riu, ela riu, virou logo gargalhada. Mas Professor não os acompanhou na gargalhada. Começou a ler muito rapido o relato do jornal.

Lampeão fora pegado de surpreza ao entrar numa vila. O chaufer de um caminhão que o vira na estrada com o grupo tocara para a vila e avisara. Dera tempo de pedirem reforços de vilas proximas e a coluna volante tambem veio. Quando Lampeão entrou na vila encontrou foi bala muita pela frente, bala que ele não esperava. O tiroteio foi grande, Lampeão só poude mesmo abrir para a caatinga que é sua casa. Um dos homens do grupo ficou estirado com um balaço no peito. Cortaram a cabeça dele que fora enviada para a Bahia em triunfo. Vinha a fotografia no jornal. A boca aberta, os olhos furados, um homem segurando pela carapinha rala. Tinham cortado o pescoço a facão. Dora comentou:

— Coitado dele. Que judiaria!

Volta Seca olhou agradecido. Seus olhos estavam injectados, seu rosto todavia mais sombrio. Dolorosamente sombrio.

— Filho de uma egua. — disse baixo. — Filho de uma egua de chaufer. Se um dia eu te pegar.

A noticia adiantava que Lampeão devia ter outros homens feridos pois a retirada do grupo fora demais rapida. Volta Seca falou em surdina. Era como se falasse para sí mesmo:

— Já tá em tempo d'eu ir...

— Pra onde? — perguntou Dora.

— Pra junto de meu padrim. Ele tá precisando de mim.

Ela o olhou com tristeza:

— Tú vae mesmo, Volta Seca?

— Vou, sim.

— E se a policia te matar, cortar tua cabeça?

— Juro que eu eles não topa vivo. Vou com um, mas eu eles não topa vivo. Não tem medo não...

Afirmava á sua mãe, forte e valente mulata sertanēja, capaz de brigar com soldados, comadre de Lampeão, amasia de cangaceiro, que podia confiar nele, que não o pegariam vivo, que lutaria até morrer ... Dora ouvia com orgulho.

Professor apertou os olhos e viu tambem em logar de Dora, uma sertaneja forte, defendendo seu pedaço de terra contra os coroneis, com a ajuda amiga dos cangaceiros. Viu a mãe de Volta Seca. E era o que o mulato via. Os cabelos loiros eram carapinha rala, os olhos doces eram os olhos achinezados da sertaneja, o rosto grave era o rosto sombrio da camponeza explorada. E o sorriso era o mesmo sorriso de orgulho de mãe para filho.

Pirulito a viu chegar com desconfiança. Para ele Dora era o pecado. Havia bastante tempo que ele desistira das negrinhas do areal, e, da quentura dos corpos se embolando no areal. Se despia aos poucos dos seus pecados para aparecer puro aos olhos de Deus e poder merecer a graça de se vestir com as vestes dos sacerdotes. Pensava mesmo em arranjar um logar de vendedor de jornaes para fugir do pecado diario do furto.

Olhava Dora com receio: a mulher era o pecado. Em verdade ela era apenas uma creança, uma

creança abandonada como eles. Não ria como as negrinhas do areal um riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo. Seu rosto era serio, parecia o rosto de um mulherzinha muito digna. Mas os pequenos seios que nasciam se empinavam no vestido, o pedaço de coxa que aparecia era branco e redondo. Pirulito tinha medo. Não tanto da tentação de Dora. Ela não parecia das que tentavam, era uma creança, era muito cedo para isto. Mas tinha medo da tentação que vinha dentro dele, que o Demonio punha dentro dele. E procurava rezar em voz baixa enquanto ela se aproximava.

Dora ficou olhando os quadros de santo. Professor parou atraz dela, olhava tambem. Havia flores sob a imagem do Meninos Deus que Pirulito furtara um dia. Dora chegou mais perto:

— E' uma beleza...

O medo começou a desaparecer do coração do Pirulito. Ela se interessava pelos seus santos, santos para os quaes ninguem ligava no trapiche. Dora perguntou:

— E' tudo teu?

Pirulito fez que sim com a cabeça e sorriu. Se adiantou mostrou tudo que possuia. Os quadros, o catecismo, o terço, tudo. Ela olhava com satisfação. Sorria tambem enquanto Professor a espiava com os olhos miopes. Pirulito contava a historia de Santo Antonio que tinha estado em dois logares ao mesmo tempo. Isso para salvar seu pae da forca, para a qual fora condenado injustamente. Contava do mesmo modo como Professor lia historias heroicas de marinheiros corajosos e revoltosos. Dora escutava com a mesma atenção e a mesma simpatia. Conversaram os dois, Professor calado, ouvindo.

Pirulito contou coisas da sua religião, milagres de santos, a bondade do Padre José Pedro:

— Quando tú conhecer ele, vae gostar. .

Ele disse que com certeza. Ele já havia esquecido que ela podia trazer a tentação nos seios de menina, nas coxas gordas, na cabeleira loira, agora falava como a uma mulher mais velha que o ouvia com carinho. Como a uma mãe. Só então compreendeu. Porque naquele momento lhe veio uma vontade de contar a ela que queria ser sacerdote, que queria seguir aquela vocação, que sentia o chamado de Deus. Só á sua mãe teria coragem de contar isso. E ela está na sua frente. Ele fala:

— Tú sabe que eu quero ser padre?

— Que bom.. — fez ela.

O rosto de Pirulito se iluminou. Olhou para Dora, falou com a voz exaltada:

— Tú pensa que eu mereço? Deus é bom mas tambem sabe castigar..

— Porque? — havia espanto na pergunta de Dora.

— Tú não vê que a vida da gente é cheia de pecado... Todo dia...

— A culpa não é da gente.. — esclareceu Dora. — A gente não tem ninguem.

Mas agora Pirulito tinha a ela. A sua mãe. Riu satisfeito:

— Padre José Pedro tambem já disse isso. E' capaz..

Riu mais, ela sorriu tambem animando.

— ...é capaz de que um dia eu seja padre.

— Tú vae ser, sim.

— Tú quer esse Deus Menino pra tú? — perguntou ele de repente.

Era como um filho que levasse parte da sua goluseima para sua mãe que lhe dera o niquel para que comprasse.

E Dora aceitou como uma mãe aceita parte da goluseima do filho querido para que este fique satisfeito.

Professor via a mãe de Pirulito que não sabia como era, como fora. Mas a via ali no logar de Dora. Sentiu inveja da felicidade de Pirulito.

Encontraram Pedro Bala estendido na areia. O chefe dos Capitães da Areia não entrara para o trapiche nesta noite. Ficara espiando a lua, deitado na quentura boa da areia. A chuva tinha cessado e o vento que corria agora era morno. Professor deitou tambem, Dora sentou entre os dois. Pedro Bala a espiou pelo canto dos olhos, puxou o boné mais para a cara. Dora disse voltada para ele:

— Tú hontem foi bom comigo e meu irmão..

— Tú devia ir embora. — respondeu Bala.

Ela não disse nada mas ficou triste. Professor então falou:

— Não, Bala. E' como uma mãe. Como uma mãe, sim. Pra todos...

Repetia:

— E' como uma mãe... Como uma mãe...

Pedro Bala olhou os dois. Suspendeu o boné, sentou na areia. Mas Dora o olhava com carinho. Para ele. . Para ele era tudo: esposa, irmã e mãe. Sorriu confuso para Dora:

— Pensei que fosse ser uma tentação pra todos...

Ela fez que não, continuou:

— Depois podiam aproveitar uma hora que a gente não estava.

Riram. Professor repetiu mais uma vez:

— Não. E' como uma mãesinha...

— Tú pode ficar. — disse Pedro Bala e Dora sorriu para ele, era o seu heroe, uma figura que ela nunca tinha imaginado mas que um dia haveria de imaginar. Amava-o como a um filho sem carinho, um irmão corajoso, um amado tão belo como não havia outro.

Mas Professor viu os sorrisos dos dois. E disse ainda uma vez com voz sombria:

— E' como Mãe!

Dizia com voz soturna porque para ele ela tambem não era Mãe. Tambem para o Professor ela era a Amada.

DORA, IRMÃ E NOIVA

Como o vestido dificultava seus movimentos e como ela queria ser totalmente um dos Capitães da Areia, o trocou por umas calças que deram a Barandão numa casa da cidade alta. As calças tinham ficado enormes para o negrinho, ele então as ofereceu a Dora. Assim mesmo estavam grandes para ela, teve que as cortar nas pernas para que dessem. Amarrou com cordão, seguindo o exemplo de todos, o vestido servia de blusa. Se não fosse a cabeleira loira e os seios nascentes todos a poderiam tomar por um menino, um dos Capitães da Areia.

No dia em que, vestida como um garoto, ela apareceu na frente de Pedro Bala, o menino começou a rir. Chegou a se enrolar no chão de tanto rir. Por fim conseguiu dizer:

— Tú tá gosada...

Ela ficou triste, Pedro Bala parou de rir.

— Não tá direito que voces me dê de comer todo dia. Agora eu tomo parte no que voces fizer.

O assombro dele não teve limites:

— Tú quer dizer.

Ela o olhava calma, esperando que ele concluisse a frase.

— ...que vae andar com a gente pela rua, batendo coisas...

— Isso mesmo, — sua voz estava cheia de resolução.

— Tú endoidou..

— Não sei porque.

— Tú não tá vendo que tú não pode? Que isso não é coisa pra menina. Isso é coisa pra homem.

— Como se voces fosse tudo uns homão. E' tudo uns menino.

Pedro Bala procurou o que responder:

— Mas a gente veste calça, não é saia...

— Eu tambem, — e mostrava as calças.

De momento ele não encontrou nada que dizer. Olhou para ela pensativo, já não tinha vontade de rir. Depois de algum tempo falou:

— Se a policia pegar a gente não tem nada. Mas se pegar tú?

— E' igual.

— Te metem no Orfanato. Tú nem sabe o que é...

— Tem nada não. Eu agora vou com voces.

Ele encolheu os ombros num gesto de quem não tinha nada com aquilo. Havia avisado. Mas ela bem sabia que ele estava preocupado. Por isso ainda disse:

— Tú vae ver como eu vou ser igual a qualquer um.

— Tú já viu uma mulher fazer o que um homem faz? Tú não aguenta um empurrão.

— Posso fazer outras coisa.

Pedro Bala se conformou. No fundo gostava da atitude dela, se bem tivesse medo dos resultados.

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimi-

ga. Agora a amava tambem, aprendia a andar nos becos, nas ladeiras, a pongar nos bondes, nos automoveis em disparada. Era agil como o mais agil. Andava sempre com Pedro Bala, João Grande e Professor. João Grande não a largava, era como uma sombra de Dora, e se babava de satisfação quando ela o chamava com sua voz amiga de "meu irmão". O negro a seguia como um cachorro e se dedicara totalmente a ela. Vivia num assombro das qualidades de Dora. Quasi a achava tão valente como Pedro Bala. Dizia a Professor num espanto:

— E' valente como um homem.

Professor preferia que não fosse assim. Sonhava com um olhar de carinho dos olhos de Dora. Mas não daquele carinho maternal que ela tinha para os menores e para os mais tristes, Volta Seca, Pirulito. Tãopouco um olhar fraternal como os que ela lançava a João Grande, a Sem Pernas, a Gato, a ele mesmo. Queria um daqueles olhares plenos de amor que ela lançava a Pedro Bala quando o via na carreira, fugindo da policia ou de um homem que dizia na porta de uma loja:

— Ladrão! Ladrão! Me furtaram.

Daqueles olhares ela só tinha para Pedro Bala e este nem reparava. Professor ouve os elogios de João Grande mas não sorri.

Pedro Bala naquela noite chegou no trapiche com um olho inchado e o labio roxo, sangrando. Topara com Ezequiel, chefe de outro grupo de meninos mendigos e ladrões, grupo muito menor que o dos Capitães da Areia e muito mais sem ordem. Ezequiel vinha com uns tres do grupo, inclusive um que fora expulso dos Capitães da Areia por ter sido

pegado furtando um companheiro. Pedro Bala tinha ido deixar Dora e Zé Fuinha no pé da Ladeira do Taboão para que eles fossem para o trapiche. João Grande tinha um serviço a fazer e não podera ir com Dora. Pedro Bala pensou em ir com ela, em não deixa-la sosinha no areal. Mas como ainda não caira a noite não havia perigo de um negro dar em cima dela. Demais ele tinha que ir receber uns cobres na mão de Gonzalez do "14", dinheiro que era devido a uma batida que o grupo fizera nuns objetos de ouro de um arabe rico.

Enquanto andava para o "14" Pedro Bala pensava em Dora. No cabelo loiro que caia no pescoço, nos olhares dela. Era bonita, era igual a uma noiva. Noiva. Nem podia pensar nisso. Não queria que os outros do grupo se sentissem com direito de pensar em safadezas com ela. E se ele dissesse a Dora que ela era como uma noiva para ele, outro poderia se julgar no direito de tambem dizer. E então não haveria mais lei nem direito entre os Capitães da Areia. Pedro Bala se recorda de que é o chefe...

Vae tão distraido que quasi esbarra em Ezequiel. Estão os quatro parados deante dele. Ezequiel é um mulato alto, fuma uma ponta de charuto. Pedro Bala fica parado tambem, esperando. Ezequiel cospe:

— Não vê onde pisa?. Agora anda cego?

— O que é que tú quer?

O menino que fora dos Capitães da Areia pergunta:

— Como vão aqueles frescos?

— Tú ainda se lembra da surra que apanhou lá? Tú ainda deve guardar a marca.

O menino range os dentes, quer avançar. Mas Ezequiel faz um gesto com a mão e avisa a Pedro Bala:

— Um dia destes vou fazer uma visita a voces.
— Uma visita? — pergunta Bala desconfiado.
— Disque agora voces tem uma putinha lá pra todo mundo...
— Dobre a lingua, filho da mãe.
Com o soco Ezequiel rolou. Mas os outros tres já estavam em cima de Pedro Bala. Ezequiel meteu o pé na cara de Bala. O que fora dos Capitães da Areia gritou:
— Segura ele bem, — e meteu o soco na boca de Pedro.
Ezequiel deu dois ponta-pés na cara de Bala:
— Fique sabendo que sou teu patrão.
— Quatro.. — começou a xingar Pedro Bala, mas um soco o calou.
O guarda vinha marchando para eles, debandaram. Pedro Bala apanhou o boné, as lagrimas de raiva desciam junto com o sangue. Estendeu a mão fechada para o lado por onde Ezequiel e os seus haviam desaparecido. O guarda falou:
— Desaperta, corneta. Dá o fora antes que lhe leve pro xilindró.
Pedro Bala cuspiu puro sangue. Desceu a ladeira devagar, nem pensou em ir buscar o dinheiro de Gonzalez. Descia resmungando comsigo mesmo: "só são homem quatro contra um" E pensava vinganças.
Entrou no trapiche, Dora estava sosinha com o irmão que dormia. Os ultimos raios do sol entravam pelo teto dando uma extranha claridade ao casarão. Dora o viu entrar e andou para ele:
— Segurou os cobres?...
Mas enxergou o olho inchado de Pedro, o beiço partido:
— Que foi, meu irmão?

— Ezequiel mais tres. Só são homem de quatro pra cima...

— Fez isso em tú?

— Foi quatro. Assim mesmo porque me pegaram desprevenido. Eu cai na besteira de pensar que Ezequiel vinha só. Era quatro.

Ela o sentou, foi ao canto de Pirulito, trouxe agua. Com o pedaço de pano limpou as feridas dele. Pedro architetava planos de vingança. Ela apoiou:

— A gente acaba com eles desta vez.

Pedro riu:

— Tú vae tambem?

— Se vou...

Agora limpava os labios dele, estava curvada na sua frente, seu rosto bem proximo do de Bala, os cabelos loiros misturados com os dele.

— Porque foi a briga?

— Por nada.

— Diga.

— Ele disse umas coisas.

— Foi por causa de mim, não foi?

Ele abanou a cabeça afirmando. Então ela chegou os labios para junto dos de Pedro Bala, o beijou e depois fugiu. Ele saiu correndo atraz dela mas ela se escondia, não se deixava pegar. Aos poucos foram chegando os outros. Ela de longe sorria para Pedro Bala. Não havia nenhuma malicia no seu sorriso. Mas seu olhar era diferente do olhar de irmã que lançava aos outros. Era um doce olhar de noiva, de noiva ingenua e timida. Talvez mesmo não soubessem que era amor. Apesar de não ser noite de lua havia um romantico romance no casarão colonial. Ela sorria e baixava os olhos, por vezes piscava com um olho porque pensava que

isto era namorar. E seu coração batia rapido quando o olhava. Não sabia que isso era amor. Por fim a lua veio, estendeu sua luz amarela no trapiche. Pedro Bala se deitou na areia e mesmo de olhos fechados via Dora. Sentiu quando ela chegou e deitou a seu lado. Disse:

— Tú agora é minha noiva. Um dia a gente se casa.

Continuou de olhos fechados. Ela disse baixinho:

— Tú é meu noivo.

Mesmo não sabendo que era amor, sentiam que era bom.

Quando Sem Pernas e João Grande chegaram Pedro Bala se levantou da areia e reuniu os chefes. Foram para junto da vela do Professor. Dora veio tambem e sentou entre João Grande e Boa Vida. O malandro acendeu um cigarro, falou pra Dora:

— Tou aprendendo tocar um samba porreta. E tou cavando um violão, irmã.

— Tú tá tocando batuta mesmo, mano.

— E' um tal de sucesso nas festa.

Pedro Bala interrompeu a conversa. Olhavam para o labio dele, o olho inchado. Ele narrou o caso:

— Quatro contra um...

— Precisa duma lição. — falou Sem Pernas rindo. — Eu não vou com aquele cara.

Formaram um plano de batalha. E pelo meio da noite sairam uns trinta. O grupo de Ezequiel dormia para as bandas do Porto da Lenha, nuns barcos virados e na ponte. Dora foi junto a Pedro Bala e levava uma navalha tambem. Sem Pernas disse:

— Até parece Rosa Palmeirão.

Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo maritimo sabe o seu A. B. C. no caes da Bahia. Por isso Dora gosta da comparação e sorri:

— Obrigado, mano.

Irmão.. E' uma palavra bôa e amiga. Se acostumaram a chama-la de irmã. Ela tambem os trata de mano, de irmão. Para os menores é como uma mãesinha, igual a uma mãesinha. Cuida deles. Para os mais velhos é como uma irmã que diz palavras boas e brinca inocentemente com eles e com eles passa os perigos da vida aventurosa que levam. Mas nenhum sabe que para Pedro Bala ela é a noiva. Nem mesmo o Professor sabe. E dentro do seu coração Professor tambem a chama de noiva.

O cachorro que o Sem Pernas arranjou vae latindo. Volta Seca imita o latir de um cachorro, todos riem. João Grande assovia um samba. Boa Vida começa a canta-lo em voz alta:

"A mulata me abandonou..

Vão alegres. Levam navalhas e punhaes nas calças. Mas só os sacarão se os outros puxarem. Porque os meninos abandonados tambem teem uma lei e uma moral, um sentido de dignidade humana.

De repente João Grande grita:

— E' ali.

Com a algazarra que fazem Ezequiel sae de sob um barco:

— Quem vem lá?

— Os Capitães da Areia que não engole desaforo... — respondeu Pedro Bala.

E arrancam para cima dos outros.

A volta foi um triunfo. Apesar de Sem Pernas ter um talho e Barandão vir quasi nos braços de tanta pancada (um grandão do grupo de Ezequiel o surrara até que Volta Seca o rebentou) voltavam todos alegres, comentando a vitoria. Os que tinham ficado no trapiche deram vivas. Ainda duraram muito conversando, comentando. Falavam na coragem de Dora que brigara igual a um menino. "Igual a um homem", dizia João Grande Era como uma irmã, exatamente igual a uma irmã..

Igual a uma noiva, exatamente igual a uma noiva, pensava Pedro Bala estendido na areia. A lua amarelava o areal, as estrelas se refletiam no mar azul da Bahia. Ela veio, deitou ao lado dele. E começaram a falar de coisas tolas. Igual a uma noiva. Não se beijaram, não se abraçaram, o sexo não os chamava naquele momento. Só de leve o loiro cabelo dela tocava em Pedro Bala.

— Tú tem um cabelo bonito. — disse ele.

Ela riu, olhou o cabelo dele:

— O teu tambem.

Riram os dois e logo foi uma gargalhada. Era um habito dos Capitães da Areia. Ela começou a contar coisas do morro, historias dos visinhos, ele relembrava fatos da vida agitada do grupo:

— Vim pra aqui com cinco anos. Menor que teu irmão..

Riam inocentemente, felizes de estarem um ao lado do outro. Depois o sono veio. Estavam separados, Pedro tomou a mão dela, segurou. Dormiram como dois irmãos.

REFORMATORIO

O "Jornal da Tarde" trouxe a noticia em grandes titulos. Uma manchete ia de lado a lado na primeira pagina:

PRESO O CHEFE DOS "CAPITÃES DA AREIA"

Depois vinham os titulos que estavam em cima de um cliché onde se via Pedro Bala, Dora, João Grande, Sem Pernas e Gato cercados de guardas e investigadores:

> **"UMA MENINA NO GRUPO — A SUA HISTORIA — RECOLHIDA A UM ORFANATO — O CHEFE DOS "CAPITÃES DA AREIA" E' FILHO DE UM GREVISTA — OS OUTROS CONSEGUEM FUGIR — O "REFORMATORIO" O ENDIREITARA', NOS AFIRMA O DIRETOR.**

Sob o cliché vinha esta legenda: "Após ser batida esta chapa o chefe dos peraltas armou uma discussão e um barulho que deu logar a que os demais moleques presos pudessem fugir. O chefe

é o que está marcado com a cruz e ao seu lado vê-se Dora, a nova gigolete dos moleques bahianos".

Vinha a noticia:

> "Hontem a policia bahiana lavrou um tento. Conseguiu prender o chefe do grupo de menores delinquentes conhecidos pelo nome de "Capitães da Areia". Por mais de uma vez este jornal tratou do problema dos menores que viviam nas ruas da cidade dedicados ao furto.
>
> Por varias vezes tambem noticiamos os assaltos levados a efeito por este mesmo grupo. Realmente a cidade vivia sob o temor constante destes meninos que ninguem sabia onde moravam, cujo chefe ninguem conhecia. Ha alguns mezes tivemos ocasião de publicar cartas do dr. Chefe de Policia, do dr. Juiz de Menores e do Diretor do "Reformatorio Bahiano" sobre este problema. Todos eles prometiam incentivar a campanha contra os menores delinquentes e em particular contra os "Capitães da Areia".
>
> Esta campanha tão meritoria deu os seus primeiros frutos hontem com a prisão do Chefe desta malta e de varios do grupo, inclusive uma menina. Infelizmente, devido a uma sagaz burla de Pedro Bala, o chefe, os demais conseguiram escapar de entre as mãos dos guardas. Em todo caso a policia já conseguiu muito prendendo o chefe e a romantica inspiradora dos roubos: Dora, uma figura interessantissima de menor delinquente. Feitos estes comentarios narremos os fatos:
>
> A TENTATIVA DE FURTO
>
> Hontem ás ultimas horas da tarde cinco meninos e uma menina penetraram no Palacete do dr. Alcebiades Menezes, na Ladeira de São

Bento. Foram porem presentidos pelo filho do dono da casa, estudante de medicina, que deixou que eles penetrassem num quarto onde os trancou. Chamou então os guardas e investigadores a quem os entregou.

A reportagem do "Jornal da Tarde" informada do fato partiu para a casa do dr. Alcebiades. Lá chegando encontrou os menores que eram levados á Chefia de Policia. Pedimos então para tirar um retrato do grupo. A policia muito gentilmente consentiu. Pois no momento em que o fotografo acabava de fazer funcionar o magnesio e bater a chapa, Pedro Bala, o temivel Chefe dos Capitães da Areia facilitou a

EVASÃO

Pondo em pratica uma agilidade incomum Pedro Bala se livrou dos braços do investigador que o segurava e com um golpe de capoeira o derrubou. No entanto não fugiu. E' claro que os demais guardas e investigadores se precipitaram em cima dele, para impedir a sua fuga. Só então foi possivel compreender o plano do chefe dos "Capitães da Areia" pois este gritou para os companheiros presos:

— Arriba, pessoal...

Um unico guarda ficara a tomar conta dos outros e um deles, muito agil, o derrubou tambem com um golpe de capoeira. E desabaram pela Ladeira da Montanha.

NA POLICIA

Na Chefia de Policia quizemos ouvir Pedro Bala. Mas ele nada nos disse como tão pouco quiz declarar ás autoridades o logar onde dormiam e guardavam seus furtos os "Capitães da Areia". Só declarou seu nome, disse que

era filho de um antigo grevista que foi morto num miting na celebre gréve das docas de 191..., que não tinha ninguem no mundo. Quanto á Dora é filha de uma lavadeira que morreu de variola quando da epedimia que alastrou a cidade. Não faz sinão quatro mezes que está entre os "Capitães da Areia" mas já tomou parte em muitos assaltos. E parece ter uma grande honra nisso.

NOIVOS

Dora declarou á nossa reportagem que era noiva de Pedro Bala e que iam se casar. E' uma menina ainda ingenua, mais digna de piedade que de castigo. Fala no seu noivado com a maior das ingenuidades. Não tem mais de quatorze anos, enquanto Pedro Bala anda pelos seus dezeseis. Dora foi levada ao "Orfanato Nossa Senhora da Piedade". Neste santo ambiente não tardará a esquecer Pedro Bala, o romantico noivo-bandido, e a sua vida criminosa entre os "Capitães da Areia".

Quanto á Pedro Bala será recolhido ao Reformatorio de Menores, logo que a policia consiga que ele declare qual o local onde se esconde o grupo. A policia tem grandes esperanças de consegui-lo ainda hoje.

OUVINDO O DIRETOR DO REFORMATORIO

O diretor do Reformatorio Bahiano para Menores Abandonados e Delinquentes é um velho amigo do "Jornal da Tarde". Certa vez uma reportagem nossa desfez um circulo de calunias jogadas contra aquele estabelecimento de educação e seu diretor. Hoje ele se achava na policia esperando poder levar consigo o menor Pedro Bala. A uma pergunta nossa respondeu:

— Ele se regenerará. Veja o titulo da casa que dirijo: "Reformatorio". Ele se reformará.

E a outra pergunta nossa, sorriu:

— Fugir? Não é facil fugir do Reformatorio. Posso lhe garantir que não o fará".

Professor á noite leu a noticia para todos. Sem Pernas disse:

— Ele já tá no Reformatorio. Eu vi quando saiu da policia.

— E ela no orfanato.. — completou João Grande.

— A gente livra eles, — afirmou Professor. Depois virou-se para o Sem Pernas — Até Pedro Bala chegar tú fica como chefe, Sem Pernas.

João Grande estendeu os braços para os outros, falou:

— Gentes, até Bala voltar Sem Pernas é o chefe.

Sem Pernas disse:

— Ele ficou pra livrar a gente. E' preciso que a gente livre ele. Não é direito?

Todos estavam decididos.

Quando o levaram para aquela sala Pedro Bala calculava o que o esperava. Não veio nenhum guarda. Vieram dois soldados de policia, um investigador, o diretor do Reformatorio. Fecharam a sala. O investigador disse numa voz risonha:

— Agora os jornalistas já foram, moleque. Tú agora vae dizer o que sabe queira ou não queira.

O diretor do Reformatorio riu:

— Ora, se diz.

O investigador perguntou:

— Onde é que voces dormem?

Pedro Bala o olhou com odio:

— Se tá pensando que eu vou dizer..

— Se vae...

— Pode esperar deitado.

Virou as costas. O investigador fez um sinal para os soldados. Pedro Bala sentiu duas chicotadas de uma vez. E o pé do investigador na sua cara. Rolou no chão, xingando.

— Ainda não vae dizer? — perguntou o diretor do Reformatorio. — Isso é só o começo.

— Não. — foi tudo o que Pedro Bala disse.

Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. O diretor do Reformatorio levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes. Ele via João Grande, Professor, Volta Seca, Sem Pernas, o Gato. Todos dependiam dele. A segurança de todos dependia da coragem dele. Ele era o chefe, não podia trair. Lembrou-se da cena da tarde. Conseguira dar fuga aos outros apesar de estar preso tambem. O orgulho encheu seu peito. Não falaria, fugiria do Reformatorio, libertaria Dora. E se vingaria. Se vingaria.

Grita de dor. Mas não sae uma palavra dos seus labios. Vae se fazendo noite para ele. Agora já não sente dores, já não sente nada. No entanto os soldados ainda o surram, o investigador o soqueia. Mas ele não sente mais nada.

— Desmaiou. — diz o investigador.

— Deixe ele por minha conta — explica o diretor do Reformatorio — Eu levo ele pro Reformatorio, lá ele abre a boca. Garanto. E eu dou o aviso a voces.

O investigador assentiu. Com a promessa de no dia seguinte mandar buscar Pedro Bala o Diretor retirou-se.

Na madrugada, quando Pedro acordou, os presos cantavam. Era uma *moda* triste. Falava do sol que havia nas ruas, em quanto é grande e bela a liberdade.

O bedel Ranulfo, que o tinha ido buscar na Policia, o levou á presença do Diretor. Pedro Bala sentia o corpo todo doer das pancadas do dia anterior. Mas ia satisfeito porque nada tinha dito, porque não revelara o logar onde os "Capitães da Areia" viviam. Lembrava-se da canção que os presos cantavam na madrugada que nascia. Dizia que a liberdade é o bem maior do mundo. Que nas ruas havia sol e luz e nas celulas havia uma eterna escuridão porque ali a liberdade era desconhecida. Liberdade. João de Adão que estava nas ruas, sob o sol, falava nela tambem. Dizia que não era só por salarios que fizera aquelas greves nas docas e faria outras. Era pela liberdade que os doqueiros tinham pouca. Pela liberdade o pae de Pedro Bala morrera. Pela liberdade — pensava Pedro — dos seus amigos, ele apanhara uma surra na policia. Agora seu corpo estava mole e dolorido, seus ouvidos cheios da *moda* que os presos cantavam. Lá fora, dizia a velha canção, é o sol, a liberdade e a vida. Pela janela Pedro Bala vê o sol. A estrada passa adeante do grande portão do Reformatorio. Aqui dentro é

como se fosse uma eterna escuridão. Lá fora é a liberdade e a vida. E a vingança, — pensa Pedro Bala.

O diretor entra. Bedel Ranulfo o cumprimenta e mostra Bala. O diretor sorri, esfrega as mãos uma na outra, senta ante uma alta secretaria. Olha Pedro Bala uns minutos:

— Afinal.. Faz bastante tempo que espero este passaro, Ranulfo.

O bedel sorri aprovando as palavras do Director.

— E' o chefe dos taes de "Capitães da Areia". Veja... O tipo do criminoso nato. E' verdade que voce não leu Lombroso... Mas se lesse conheceria. Traz todos os estigmas do crime na face. Com esta idade já tem uma cicatriz. Espie os olhos. . Não pode ser tratado como um qualquer. Vamos lhe dar honras especiaes. .

Pedro Bala o espia com os olhos injectados.. Sente cansaço, uma vontade doida de dormir. Bedel Ranulfo aventura uma pergunta:

— Levo pra junto dos outros?

— O que? Não. Para começar meta-o na cafúa. Vamos ver se ele sae um pouco mais regenerado de lá.

O bedel cumprimenta e vae saindo com Pedro Bala. O diretor ainda recomenda:

— Regime numero 3.

— Agua e feijão... — murmura Ranulfo. Dá uma espiada em Pedro Bala, balança a cabeça. — Vae sair bem mais magro.

Lá fora é a liberdade e o sol. A cadeia, os presos na cadeia, a surra, ensinaram a Pedro Bala que a liberdade é o bem maior do mundo. Agora sabe que não foi apenas para que sua historia fosse contada no caes, no Mercado, na "Ponta do

Már", que seu pae morrera pela liberdade. A liberdade é como o sol. E' o bem maior do mundo.

Ouviu o bedel Ranulfo fechar o cadeado por fora. Fôra atirado dentro da *cafúa*. Era um pequeno quarto, por baixo da escada, onde não se podia estar em pé, porque não havia altura, nem tãopouco estar deitado ao comprido porque não havia comprimento. Ou ficava sentado, ou deitado com as pernas voltadas para o corpo numa posição mais que incomoda. Assim mesmo Pedro Bala se deitou. Seu corpo dava uma volta e seu primeiro pensamento era que a *cafúa* só servia para o homem-cobra que vira, certa vez, no circo. Era totalmente cerrado o quarto, a escuridão era completa. O ar entrava pelas frestas finas e raras dos degraus da escada. Pedro Bala, deitado como estava, não podia fazer o menor movimento. Por todos os lados as paredes o impediam. Seus membros doiam, ele tinha uma vontade doida de estirar as pernas. Seu rosto estava cheio de ecmoses das pancadas na policia e desta vez Dora não estava ali para trazer um pano frio e cuidar do seu rosto ferido. A liberdade era Dora tambem. Não era só o sol, andar livre nas ruas, rir no caes a grande gargalhada dos Capitães da Areia. Era tambem sentir junto a si o cabelo loiro de Dora, ouvir ela contar coisas do morro, sentir os labios dela sobre seus labios feridos. Noiva. Tambem ela estava sem liberdade. Os membros de Pedro Bala doem e agora doe sua cabeça tambem. Dora está como ele, sem sol, sem liberdade. Foi levada para um orfanato. Noiva. Antes que ela aparecesse ele nunca pensara nesta palavra: noiva. Gostava de derrubar negrinhas no areal.

De encostar peito com peito, cabeça com cabeça, pernas com pernas, sexo com sexo. Mas nunca pensara em deitar na areia ao lado de uma menina, menina como ele, e conversar de coisas tolas e correr picula como os outros meninos, sem a derrubar para fazer o amor. Era outra maneira do amor, pensava numa confusão. Ele nunca tivera uma idea perfeita do amor. Que era ele, sinão uma creança abandonada nas ruas que pela força e agilidade e coragem conseguira chefiar o grupo mais valente de meninos abandonados, os Capitães da Areia? Que podia saber de amor? Sempre pensara que o amor fosse o momento gostoso em que uma negrinha ou uma mulata gemia sob seu corpo no areal do caes. Isto cedo aprendeu, quando não tinha ainda 13 anos. Isto sabiam todos os Capitães da Areia, mesmo os mais pequenos, aqueles que ainda não tinham forças para derrubar uma cabrocha. Mas já o sabiam e pensavam com alegria no dia em o fariam. Os membros e a cabeça de Pedro Bala doem. Tem sede, ainda não bebeu nem comeu neste dia. Com Dora foi diferente. Logo que ela chegou, tanto ele como todos os que estavam no trapiche, pensaram em a derrubar, em a possuir, em praticar com ela, que era bonita, o unico amor de que tinham noticia. Mas como era apenas uma menina eles a tinham respeitado. Depois ela foi como uma mãe para todos. E como uma irmã tambem, João Grande dizia certo. Mas para ele desde o primeiro momento fora diferente. Fora tambem uma companheira de brinquedos como para os demais, irmã querida. Mas fora tambem uma alegria diversa da que dá uma irmã. Noiva. Gostaria, sim. Mesmo quando quer negar a si proprio não pode. E' verdade que nada faz para isso, que

se contenta de conversar com ela, de ouvir a sua voz, pegar timidamente na sua mão. Mas gostaria de possui-la tambem, de ve-la gemer de amor. Não, porem, por uma noite. Por todas as noites de toda uma vida. Como outros teem esposa, esposa que é mãe, irmã e amiga. Ela era mãe, irmã e amiga dos Capitães da Areia. Para Pedro Bala é noiva, um dia será esposa. Não a podem ter num orfanato como uma menina sem ninguem. Ela tem um noivo, uma legião de irmãos e de filhos de quem cuidar. O cansaço desaparece dos membros de Pedro Bala. Ele precisa de movimento, de andar, de correr, para poder conceber um plano para livrar Dora. Ali naquela escuridão é que não pode. Fica inutil pensando que ela está talvez numa *cafúa* tambem. Senta-se como pode. Ratos correm na *cafúa*. Mas ele está por demais acostumado com os ratos, não liga. Mas Dora terá medo deste ruido continuo. E' de enlouquecer um que não seja o chefe dos Capitães da Areia. Quanto mais uma menina.. E' verdade que Dora é a mais valente de quantas mulheres já nasceram na Bahia, que é a terra das mulheres valentes. Mais valente mesmo que Rosa Palmeirão que deu em seis soldados, que Maria Cabaçú que não respeitava cara, que a companheira de Lampeão que maneja um fusil igual a um cangaceiro. Mais valente porque é apenas uma menina, apenas está começando a viver. Pedro Bala sorri com orgulho, apesar das dores, do cansaço, da sede que aos poucos o aperta. Como seria bom um copo dagua! Deante do areal do trapiche é o mar, um nunca acabar de agua. Mar que o Querido de Deus, o grande capoeirista, corta com seu saveiro para as pescarias nos mares do Sul. O Querido de Deus é um bom sujeito. Se Pedro Bala não houvesse aprendido

com ele o jogo da capoeira de Angola, a luta mais bonita do mundo porque é tambem uma dansa, não teria podido dar fuga a João Grande, o Gato e Sem Pernas. Agora ali, na *cafúa*, sem se poder mexer, a capoeira não vae lhe servir de nada. Gostaria era de beber agua. Será que Dora tambem tem sede a estas horas? Deve estar tambem numa *cafúa*, Pedro Bala imagina o Orfanato igualsinho ao Reformatorio. A sede é pior que uma cobra cascavel. Faz mais medo que a bexiga. Porque vae apertando a garganta de um, vae fazendo os pensamentos confusos. Um pouco de agua. Um pouco de luz tambem. Porque se houver um pouco de luz talvez ele veja o rosto de Dora risonho. Assim na escuridão ele o vê cheio de sofrimento, cheio de dor. Uma raiva surda, impotente, cresce dentro dele. Levanta-se um pouco, a cabeça encosta nos degraus da escada que lhe serve de teto. Esmurra a porta da *cafúa*. Mas parece que lá fora não tem ninguem que o ouça. Vê a cara malvada do diretor. Enterrará seu punhal até o mais fundo do coração do diretor. Sem que sua mão trema, sem remorsos, gosando. Seu punhal ficou na policia. Mas Volta Seca lhe dará o seu, ele tem uma pistola. Volta Seca quer ir para o bando de Lampeão que é seu padrinho. Lampeão mata soldado, mata homem ruim. Pedro Bala neste momento ama Lampeão como a um seu heroe, a um seu vingador. E' o braço armado dos pobres no sertão. Um dia ele poderá ser do grupo de Lampeão tambem. E quem sabe se não poderiam invadir a cidade da Bahia, abrir a cabeça do diretor do Reformatorio? Que cara ele não faria quando visse Pedro Bala entrar no Reformatorio na frente de uns cangaceiros. Soltaria a garrafa

de pinga, presente de um amigo de Santo Amaro, e Pedro Bala lhe abriria a cabeça. Não. Antes o deixaria naquela mesma *cafúa*, sem ter o que comer, sem ter o que beber. Sede... A sede o maltrata. Faz com que ele veja na escuridão da parede o rosto triste e doloroso de Dora. Aquela certeza de que ela está sofrendo... Fecha os olhos. Procura pensar em Professor, Volta Seca, João Grande, Gato, Sem Pernas, Boa Vida, todos os do trapiche salvando Dora. Mas não pode. Mesmo de olhos fechados vê o rosto dela, amargurado pela sede. Esmurra a porta novamente.

Grita, xinga nomes. Ninguem o atende, ninguem o vê, ninguem o ouve. Assim deve ser o inferno. Pirulito tem razão de ter medo do inferno. E' por demais terrivel. Sofrer sede e escuridão. A canção dos presos dizia que lá fora é a liberdade e o sol. E tambem a agua, os rios correndo muito alvos sobre pedras, as cascatas caindo, o grande mar misterioso. Professor que sabe muitas coisas, porque á noite lê livros furtados á luz de uma vela (está comendo os olhos...), lhe disse certa vez que tem mais agua no mundo que terra. Tinha lido num livro. Mas nem um pingo de agua na sua *cafúa*. Na de Dora não deve ter tambem. Para que esmurrar a porta como o faz neste momento? Ninguem o atende, suas mãos já doem. Na vespera o surraram na policia. Suas costas estão negras, seu peito ferido, o rosto inchado. Por isso o diretor disse que ele tinha cara de criminoso. Não tem não. Ele quer é liberdade. Um dia um velho disse que não se mudava o destino de ninguem. João de Adão disse que se mudava, sim, ele acreditara em João de Adão. Seu pae morrera para mudar o destino dos doqueiros. Quando ele sair irá ser doqueiro tambem, lutar pela liberdade, pelo sol,

por agua e de comer para todos. Cospe um cuspo grosso. A sede aperta sua garganta. Pirulito quer ser padre para fugir daquele inferno. Padre José Pedro sabia que o Reformatorio era assim, falava contra meterem os meninos lá. Mas que podia um pobre padre sem paroquia contra todos? Porque todos odeiam os meninos pobres, pensa Pedro Bala. Quando sair pedirá á mãe de santo Don'Aninha que faça um feitiço forte para matar o diretor. Ela tem força com Ogún e ele uma vez tirara Ogún da policia. Fizera muita coisa para a sua idade. Dora tambem fizera muita coisa naqueles meses entre eles. Agora passavam sede, Pedro Bala esmurra inutilmente uma porta. A sede o roe por dentro como uma legião de ratos. Cae enrodilhado no chão e o cansaço o vence. Apesar da sede, dorme. Mas tem sonhos terriveis, ratos roem o rosto belo de Dora.

Acorda porque alguem bate pancadas leves num dos degraus da escada. Levanta-se curvado, não pode ficar de pé direito que a escada não consente. Pergunta em voz baixa:

— Tem alguem aí?

Uma alegria doida o invade quando respondem:

— Quem é que tá aí?

— Pedro Bala.

— Tú é o chefe dos Capitães da Areia?

— Sou.

Ouve um assovio. A voz continúa, agora rapida:

— Tenho um recado pra voce, um trouxe hoje.

— Solta logo.

— Agora vem gente. Depois volto.

Pedro Bala vê os passos que se afastam. Mas está mais alegre. Pensa em seguida que o recado é de Dora, mas vê que é uma tolice pensar isso. Como Dora havia de lhe enviar um recado? Deve ser um do grupo. Devem estar tratando de tira-lo dali. Mas primeiro é preciso que ele saia da *cafúa*. Enquanto ele estiver ali os Capitães da Areia não poderão fazer nada. Depois que ele estiver andando no Reformatorio todo, aí a fuga será facil. Pedro Bala senta-se para pensar. Que horas serão, que dia será ? Ali é sempre noite, nunca brilha a luz do sol. Espera impaciente que o seu informante volte. Porem este demora e ele se agita. Que estarão fazendo os outros sem ele? Professor conceberá algum plano para o tirarem dali. Mas enquanto ele estiver na *cafúa* é inutil. E enquanto não o tirarem ele não poderá tirar Dora do Orfanato. Abrem a porta. Pedro Bala se atira para a frente pensando que o vão soltar. Uma mão o empurra:

— Ei, calma..

Vê o bedel Ranulfo na porta. Traz um caneco com agua que Pedro Bala arranca das suas mãos e bebe em grandes goles. Mas é tão pouca... Não chega para matar a sede. O bedel lhe entrega um prato de barro com uma agua onde boiam alguns caroços de feijão. Pedro Bala pede:

— Pode me dar um pouco mais de agua?

— Amanhã. — ri o bedel.

— Só um copo mais.

— Amanhã tem mais. E se voce continuar a bater na porta e gritar em vez de 8 passa 15 dias. — empurra a porta na cara de Pedro Bala.

Ouve a chave que o tranca. Tateia na escuridão até encontrar o prato. Bebe a agua escura do feijão. Nem repara que é salgadissima. Depois come os grãos duros. Mas a sede o ataca novamente. O feijão muito salgado ativa a sede. O que é um caneco de agua para aquela sede que exigia uma moringa? Deita. Já não pensa em nada. Passam-se horas. Ele apenas vê na escuridão o rosto triste de Dora. E sente dores no corpo todo.

Muito mais tarde ouve novamente baterem na escada. Pergunta:

— Tá aí?

— Um capenga mandou dizer que vão te tirar daqui. Logo que tú saia da cafúa..

— Já é de noite? — pergunta Pedro.

— Tá começando.

— Tou morto de sede.

A voz não responde. Pedro pensa com desespero que é capaz do menino ter ido embora. No entanto ele não ouviu passos na escada. Mas volta a voz:

— Agua não posso. Não tem como passar. Mas quer um cigarro?

— Quero, sim.

— Então espera.

Minutos depois as pancadas são muito de leve na porta. A voz vem por debaixo da porta:

— Vou passar o cigarro por aqui. Ponha as mãos em baixo, bem no meio da greta da porta.

Pedro Bala faz o que lhe mandam. Um cigarro amassado chega ás suas mãos. Ele acaba de o retirar de sob a porta. Logo depois é um fosforo que vem sobre um pedaço de caixa, o pedaço onde se risca.

— Obrigado. — diz Pedro Bala.

Mas neste momento ouve um barulho lá fora. O som de uma bofetada, um corpo que rola. E uma voz que ele não conhece fala para ele:

— Se tentar se comunicar com os de fora seu castigo será aumentado.

Pedro se encolhe. Agora um vae sofrer castigo por causa dele. Quando fugir levará aquele para os Capitães da Areia. Para o sol e a liberdade. Acende o cigarro. Com muito cuidado para não perder o fosforo que é o unico. Esconde a braza do cigarro sob a mão para que ninguem o possa ver pelas frestas da escada. O silencio o envolve de novo e com o silencio os pensamentos, as visões.

Quando termina de fumar, se enrodilha no chão. Se pudesse dormir. Pelo menos não veria o rosto cheio de sofrimento de Dora.

Quantas horas? Quantos dias? A escuridão é sempre a mesma, a sede é sempre igual. Já lhe trouxeram agua e feijão tres vezes. Aprendeu a não beber caldo de feijão que aumenta a sede. Agora está muito mais fraco, um desanimo no corpo todo. O barril onde defeca exala um cheiro horrivel. Não o retiraram ainda. E sua barriga doe, sofre horrores para defecar. E' como se as tripas fossem sair. As pernas não o ajudam. O que o mantem em pé é o odio que enche seu coração.

— Filhos da mãe... Desgraçados...

E' tudo quanto consegue dizer. Assim mesmo em voz baixa. Já não tem forças para gritar, para esmurrar a porta. Agora está certo que morrerá

ali. Cada vez sofre maiores dores para defecar. Vê Dora estendida no chão, morrendo de sede, chamando por ele. João Grande está ao lado dela, mas separado por grades. Professor e Pirulito choram.

Trouxeram-lhe agua e feijão pela quarta vez. Ele bebe a agua mas demora a comer o feijão. Só sabe dizer em voz baixa:

— Filhos da mãe.. Filhos da mãe.

Antes que a comida (se poderia chamar aquilo de comida?) chegasse naquele dia (para Pedro era sempre noite) a voz voltou a chama-lo na escada. Ele perguntou, sem se levantar siquer:

— Quantos dias já tem que tou aqui?

— Cinco.

— Me dá outro cigarro.

O cigarro o reanima um pouco. Pode pensar que com mais cinco dias morrerá. Aquilo é castigo para um homem não para um menino. O odio não cresce mais em seu coração. Já atingiu o maximo.

E' sempre noite. Dora morre lentamente ante suas vistas. João Grande ao seu lado, as grades separando. Professor e Pirulito choram. Ele dorme ou está acordado? A barriga doe violentamente.

Quanto tempo durará ainda a escuridão? E a agonia de Dora? O cheiro do barril é insuportavel. Dora agonisa ante seus olhos. Será que ele agonisa tambem?

A cara do Diretor aparece ao lado do rosto de Dora. Vem torturar sua agonia ainda mais? Quanto tempo ela leva para morrer.. Pedro Bala pede que ela morra logo, logo.. Será melhor. Agora o Diretor veio, veio para aumentar a tortura. Ouve a voz dele:

— Levanta. — e um pé o toca.

Abre mais os olhos. Agora não vê mais Dora. Só a cara do Diretor que sorri:

— Vamos ver se agora fica mais manso.

Não pode fitar a claridade que entra pelas janelas. Mal se aguenta nas pernas. Cae no meio do corredor. Dora teria morrido ou não? — pensa ao cair.

Está novamente na sala do Diretor. Este o olha sorridente:

— Gostou do apartamento? Continúa com muita vontade de roubar? Eu sei ensinar, quebrar moleque aqui.

Pedro Bala está irreconhecivel de tão magro. Os ossos aparecem junto á pele. O rosto verdoso da complicação intestinal. O bedel Fausto, dono daquela voz que ele ouvira certa vez na porta da *cafúa*, está ao seu lado. E' um tipo forte, tem fama de ser tão malvado quanto o Diretor. Pergunta:

— Na oficina de ferreiro?

— Acho que é melhor na plantação de cana. Lavrar terra. — ri.

Fausto diz que está bem, o Diretor recomenda:

— Olho nele. Este é um passaro ruim. Mas eu te ensino.

Pedro Bala sustenta seu olhar. O bedel o empurra.

Agora vê detidamente o casarão. No meio do patio o cabeleiro raspa a sua cabeça a zero. Vê a cabeleira loira rolar no chão. Dão-lhe umas calças e paletós de mescla azul. Veste-se ali mesmo. O bedel leva-o a uma oficina de ferreiro:

— Tem um facão? E uma foice?

Entrega os objetos a Pedro Bala. Marcham para o canavial onde outros meninos trabalham. Neste dia de tão fraco Pedro Bala mal sustem o facão. Por isso os bedeis o soqueiam. Ele nada diz.

Á noite, na fila, olha para todos querendo descobrir aquele que lhe falava e dava cigarros. Sobem as escadas, andam para o dormitorio que fica no terceiro andar para impedir qualquer idea de fuga. A porta é fechada. O bedel Fausto diz:

— Graça, puxe a reza.

Um menino avermelhado faz o Pelo Sinal. Todos repetem as palavras e os gestos. Depois é um Padre Nosso e uma Ave Maria, ditas com voz forte apesar do cansaço. Pedro se joga na cama. Uma coberta suja o espera. Mudam a roupa de cama de 15 em 15 dias. E a roupa de cama é apenas uma coberta e uma fronha para um travesseiro de pedra.

Já está dormindo quando alguem toca no seu ombro.

— Tú que é Pedro Bala, não é?

— Sim.

— Fui eu que trouxe o recado.

Pedro olha o mulato que está a seu lado. Pode ter dez anos:

— Eles tem voltado?

— Todo santo dia. Só quer saber quando tú sae da *cafúa*.

— Diz que eu tou no canavial.

— Tú não quer comer um sacana hoje? Tem uns aqui, a gente de noite.

— Tou morto de sono... Quanto tempo levei?

— Oito dias. Já morreu um ali.

O menino vae embora. Pedro nem perguntou seu nome. Tudo que quer é dormir. Mas os que andam para as camas dos pederastas fazem ruido. O bedel Fausto sae do seu quarto de tabiques:

— Que barulho é esse?

Silencio. Ele bate as mãos:

— Todos de pé.

Fita a todos:

— Ninguem sabe?

Silencio. O bedel esfrega os olhos, anda entre as camas. Um enorme relogio dá dez horas na parede.

— Ninguem diz?

Silencio. O bedel range os dentes:

— Então ficarão todos uma hora de pé. Até as onze. E o primeiro que tentar deitar vae pra *cafúa*. Agora está desocupada.

Uma voz de menino corta o silencio:

— Seu bedel...

E' um pequeno, meio amarelento.

— Fale, Henrique.

— Eu sei..

Os olhos todos estão fitos nele. Fausto anima a delação:

— Diga o que sabe.

— Foi Jeremias que ia para cama de Berto fazer coisa feia.

— Seu Jeremias, seu Berto!

Os dois saem das suas camas.

— De pé na porta. Até meia noite. Os outros podem deitar. — olha mais uma vez a todos. Os castigados estão de pé na porta.

Quando o bedel se recolhe, Jeremias ameaça Henrique. Os outros comentam. Pedro Bala dorme.

No refeitorio, enquanto bebiam o café aguado e mastigavam o bolachão duro, seu visinho de mesa fala:

— Tú é o chefe dos Capitães da Areia? — sua voz é baixissima.

— Sou, sim.

— Ví teu retrato no jornal. Tú é um macho! Mas te acabaram — olha o rosto magro de Bala.

Mastiga o bolachão. Continúa:

— Tú vae ficar aqui?

— Vou arribar

— Eu tambem. Tenho um plano. Quando eu bater aza posso ir pra teu grupo?

— Pode.

— Onde fica o buraco?

Pedro Bala olha com desconfiança:

— Tú encontra da gente no Campo Grande toda tarde.

— Pensa que vou dizer?

O bedel Campos bate as mãos. Todos se levantam. Dirigem-se para as diversas oficinas ou para os terrenos cultivados.

Pelo meio da tarde Pedro Bala vê o Sem Pernas que passa na estrada. Vê tambem um bedel que o tange.

Castigos... Castigos. E' a palavra que Pedro Bala mais ouve no Reformatorio. Por qualquer coisa são espancados, por um nada são castigados. O odio se acumula dentro de todos eles.

No extremo do canavial passa um bilhete a Sem Pernas. No outro dia encontra a corda entre as moitas de cana. Com certeza a puzeram durante a noite. E' um rolo de corda fina e resistente. Está novinha. No meio dela o punhal que Pedro mete nas calças. A dificuldade é levar o rolo para o dormitorio. Fugir durante o dia é impossivel com a vigilança dos bedeis. Não pode levar o rolo entre a roupa que notariam.

De repente surge uma briga. Jeremias se joga sobre o bedel Fausto com o facão na mão. Outros meninos se atiram tambem mas vem um grupo de bedeis armados de chicote. Estão sujeitando Jeremias. Pedro mete o rolo de cordas debaixo do paletó, abre para o dormitorio. Um bedel vem descendo a escada com um revolver na mão. Pedro se esconde atraz de uma porta. O bedel vem rapido, passa.

Empurra a corda para debaixo do colchão, volta para o canavial. Jeremias foi levado para a *cafúa*. Os bedeis agora contam os meninos. Ranulfo e Campos foram em perseguição de Agostinho que

pulou a cerca na confusão da briga. O bedel Fausto com um talho no ombro foi para a enfermaria. O diretor está entre eles, os olhos fusilando de raiva. Um bedel conta os meninos. Pergunta a Pedro Bala:

— Onde estava metido?

— Saí pra não me meter no barulho.

O bedel o olha desconfiado, mas passa.

Voltam Ranulfo e Campos com Agostinho. O fujão é surrado na vista de todos. Depois o diretor diz:

— Metam-no na *cafúa*.

— Já está Jeremias. — fala Ranulfo.

— Ficam os dois. Assim podem conversar...

Pedro Bala se arrepia. Como irão ficar dois na pequenez da cafúa?

Nesta noite a vigilancia é grande, ele não tenta nada. Os meninos rangem os dentes de raiva.

Duas noites depois quando o bedel Fausto já tinha se recolhido ha muito ao seu quarto de tabiques e quando todos dormiam, Pedro Bala se levantou, tirou a corda de sob o colchão. Sua cama ficava junto a uma janela. Abriu. Amarrou a corda num dos armadores de rede que existiam na parede. Deixou que a corda caisse pela janella. Era curta. Faltava ainda muito. Recolheu. Procurava fazer o menor barulho possivel mas assim mesmo um dos seus visinhos de cama acordou:

— Tú vae bater aza?

Aquele não tinha boa fama. Costumava delatar. Por isso mesmo fora colocado ao lado de Pedro Bala. Bala puxou o punhal, mostrou a ele:

— Olha, xereta, trata de dormir. Se tú piar eu te abro a garganta, palavra de Pedro Bala. E se tú disser alguma coisa depois que eu sair. Tú já viu falar nos Capitães da Areia?

— Já.

— Pois eles me vinga.

Põe o punhal ao alcance da mão. Recolhe completamente a corda, amarra o lençol na ponta com um daqueles nós que o Querido de Deus lhe ensinou. Ameaça mais uma vez o menino, joga a corda, passa o corpo pela janela, começa a descida. Ainda no meio ouve os gritos denunciadores do delator. Se deixa escorregar pela corda, salta ao chão. O pulo é grande mas ele já salta correndo. Pula a cerca, após evitar os cachorros policiaes que estão soltos. Desaba pela estrada. Tem alguns minutos de vantagem. O tempo dos bedeis se vestirem e sairem em sua perseguição e soltarem os cachorros tambem. Pedro Bala prende o punhal nos dentes, tíra a roupa. Assim os cachorros não o conhecerão pelo faro. E nú, na madrugada fria, inicia a carreira para o sol, para a liberdade.

Professor lê a manchete do "Jornal da Tarde":

"O CHEFE DOS "CAPITÃES DA AREIA" CONSEGUE FUGIR DO REFORMATORIO"

Trazia uma longa entrevista com o Diretor furioso. Todo o trapiche rí. Até o padre José Pedro que está com eles ri em gargalhadas como se fosse um dos Capitães da Areia.

ORFANATO

Um mez de orfanato bastou para matar a alegria e a saúde de Dora. Nascera no morro, infancia em correrias no morro. Depois a liberdade das ruas da cidade, a vida aventurosa dos Capitães da Areia. Não era uma flor de estufa. Amava o sol, a rua, a liberdade.

Fizeram duas tranças do seu cabelo, amarraram com fitas. Fitas cor de rosa. Deram-lhe um vestido de pano azul, um avental de um azul mais escuro. Faziam com que ela ouvisse aulas junto com meninas de cinco e seis anos. A comida era má, havia castigos tambem. Ficar em jejum, perder os recreios. Veio uma febre, ela esteve na enfermaria. Quando voltou estava macilenta. Tinha sempre febre mas não dizia nada porque odiava o silencio da enfermaria onde o sol não entrava e todas as horas pareciam a hora agonisante do crepusculo. Quando podia, chegava perto das grades porque por vezes divisava Professor ou João Grande que rondavam por ali. Um dia lhe passaram um bilhete. Pedro Bala fugira do Reformatorio. Viria tira-la dali. Nem sentiu a febre em que estava.

Avisaram por intermedio de outro bilhete que Professor escreveu e lhe jogou que ela arranjasse

um meio de ir para a enfermaria. Mas nem foi preciso porque uma Irmã notou o avermelhado das suas faces. Poz a mão no seu rosto:

— Estás queimando de febre.

Era sempre crepusculo na enfermaria. Era como uma ante-sala do tumulo com as pesadas cortinas que impediam a luz de entrar. O medico que a vira balançara a cabeça com tristeza.

Mas a luz entrou com eles. Como Pedro Bala estava magro, pensou Dora ao se por ao seu lado. João Grande, o Gato, Professor, estavam com ele. Professor mostrou a navalha á Irmã que abafou um grito. A menina que estava com catapora na outra cama tremia sob os lençoes. Dora queimava de febre, mal podia estar em pé. A Irmã murmurou:

— Ela está muito doente.

Dora respondeu:

— Eu vou, Pedro.

Sairam pela porta. Volta Seca tinha o grande cachorro preso pela coleira. Tinham trazido um pedaço de carne. Gato abriu o portão. Na rua disse:

— Foi canja...

Professor avisou:

— Vamos embora antes que alarmem.

Se atiraram por uma ladeira. Dora nem sentia a febre porque ia junto com Pedro Bala, ele pegando na sua mão.

Volta Seca fechava a marcha, a mão no punhal, um sorriso no rosto sombrio.

NOITE DA GRANDE PAZ

Os Capitães da Areia olham mãesinha Dora, a irmãsinha Dora, Dora, noiva, Professor vê Dora, sua amada. Os Capitães da Areia olham em silencio. A mãe de santo Don'Aninha reza oração forte para a febre que consome Dora desaparecer. Com um galho de sabugueiro manda que a febre se vá. Os olhos febris de Dora sorriem. Parece que a grande paz da noite da Bahia está tambem nos seus olhos.

Os Capitães da Areia olham em silencio sua mãe, irmã e noiva. Mal a recuperaram, a febre a derrubou. Onde está a alegria dela, porque ela não corre picula com seus filhinhos menores, não vae para a aventura das ruas com seus irmãos negros, brancos e mulatos? Onde está a alegria dos olhos dela? Só uma grande paz, a grande paz da noite. Porque Pedro Bala aperta sua mão com calor.

A paz da noite da Bahia não está no coração dos Capitães da Areia. Tremem com o receio de perder Dora. Mas a grande paz da noite está nos olhos dela. Olhos que se fecham docemente enquanto a mãe de Santo Aninha enxota a febre que a devora.

A paz da noite envolve o trapiche.

DORA, ESPOSA

O cachorro late á lua na areia. Sem Pernas sae do trapiche, acompanha Don'Aninha através do areal. Ela disse que a febre não tardaria a ir embora. Pirulito sae tambem, vae chamar o Padre José Pedro. Tem confiança no padre, ele pode saber um remedio.

Dentro do trapiche os Capitães da Areia estão silenciosos. Dora pediu que eles fossem dormir. Se deitaram pelo chão mas são raros os que dormem. Na paz imensa da noite pensam na febre que consome Dora. Ela beijou Zé Fuinha, mandou que ele fosse dormir. Ele não compreende bem. Sabe que ela está doente mas não pensa um momento que ela o poderá abandonar. Mas os Capitães da Areia temem que isso aconteça. Então ficarão novamente sem mãe, sem irmã, sem noiva.

Agora só João Grande e Pedro Bala estão a seu lado. O negro sorri, mas Dora sabe que o sorriso dele é forçado, é um sorriso para a animar, um sorriso arrancado á força da tristeza que o negro sente. Pedro Bala segura sua mão. Mais retirado, Professor está dobrado sobre si mesmo, a cabeça enterrada nas mãos.

Dora diz:

— Pedro?

— Que é?
— Chegue aqui.
Ele se aproxima. A voz dela é um fio de voz. Pedro fala com carinho:
— Tú quer alguma coisa?
— Tú gosta de mim?
— Tú bem sabe.
— Deita aqui.
Pedro deita ao seu lado. João Grande se afasta, chega para perto de Professor. Mas não conversam, ficam entregues á sua tristeza. No entanto é uma noite de paz que envolve o trapiche. E a paz da noite está tambem nos olhos doentes de Dora.
— Mais perto. .
Ele se chega mais, os corpos estão juntos. Ela toma a mão dele, leva ao seu peito. Arde de febre. A mão de Pedro está sobre seu seio de menina. Ela faz com que ele a acaricie, diz:
— Tú sabe que já sou moça?
A mão dele pousada nos seus seios, os corpos juntos. Uma grande paz nos olhos dela:
— Foi no Orfanato. Agora posso ser tua mulher.
Ele a olha espantado:
— Não que tú tá doente.
— Antes de eu morrer. Vem..
— Tú não vae morrer.
— Se tú vier não.
Se abraçam. O desejo é abrupto e terrivel. Pedro não a quer magoar mas ela não mostra sinaes de dor. Uma grande paz em todo seu ser.
— Tú é minha agora. — fala ele com voz agitada.
Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a

paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura:

— E' bom. Sou tua mulher.

Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor.

— Agora vou dormir. — diz.

Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa.

A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está proxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas nos corações dos dois meninos não ha mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia.

Na madrugada Pedro põe a mão na testa de Dora. Fria. Não tem mais pulso, o coracão não bate mais. O seu grito atravessa o trapiche, desperta os meninos. João Grande a olha de olhos abertos. Diz a Pedro Bala:

— Tú não devia ter feito.

— Foi ela que quiz — explica e sae para não rebentar em solucos.

Professor se chega, fica olhando. Não tem coragem de tocar no corpo dela. Mas sente que para ele a vida do trapiche acabou, não lhe resta mais nada que fazer ali. Pirulito entra com o padre José Pedro. O padre pega no pulso de Dora, bota a mão na testa:

— Está morta.

Inicia uma oração. E quasi todos rezam em voz alta:

— "Padre-nosso que estais no ceu..."

Pedro Bala se lembra das rezas á noite no Reformatorio. Seus ombros se encolhem, tapa os ouvidos. Volta-se, vê o corpo de Dora. Pirulito poz uma flor roxa entre seus dedos. Pedro Bala rompe em soluços.

Veio a mãe de santo Don'Aninha, veio tambem o Querido de Deus. Pedro Bala não toma parte na conversa. Aninha diz:

— Foi como uma sombra nesta vida. Vira santa na outra. Zumbi dos Palmares é santo dos candomblés de caboclo, Rosa Palmeirão tambem. Os homens e as mulheres valentes viram santo dos negros...

— Foi como uma sombra. — repete João Grande.

Foi como uma sombra para todos, um acontecimento sem explicação. Menos para Pedro Bala que a teve. Menos para Professor que a amou.

Padre José Pedro fala:

— Vae pro ceu, não tinha pecado. Não sabia o que era pecado.

Pirulito reza. Querido de Deus sabe o que esperam dele. Que leve o cadaver no seu saveiro e o jogue no mar, adeante do forte velho. Como poderá sair um enterro do trapiche? E' dificil explicar tudo isso ao padre José Pedro. O Sem Pernas o faz numa voz apressada. O padre a principio se horrorisa. E' um pecado, ele não pode consentir num pecado. Mas consente, que não vae denunciar onde moram os Capitães da Areia. Pedro Bala não fala.

Em torno é a paz da noite. Nos olhos mortos de Dora, olhos de mãe, de irmã, de noiva e de esposa

ha uma grande paz. Alguns meninos choram. Volta Seca e João Grande vão levar o corpo. Mas ante ele, Volta Seca não pode estender as mãos, João Grande chora como uma mulher.

Don'Aninha a envolve numa toalha branca de rendas:

— Vae para Yemanjá. — diz — Ela tambem vira santo...

Mas ninguem pode levar o cadaver. Porque Pedro Bala está abraçado com ele, não o larga. Professor o chama:

— Deixa. Eu tambem gostava dela. Agora..

Levam-na para a paz da noite, para o misterio do mar. O padre reza, é uma extranha procissão que se dirige na noite para o saveiro do Querido de Deus. Do areal Pedro Bala vê o saveiro que se afasta. Morde as mãos, estende os braços.

Voltam para o trapiche. A vela branca do saveiro se perde no mar. A lua ilumina o areal, as estrelas tanto estão no ceu como no mar. Ha uma paz na noite. Paz que veio dos olhos de Dora.

COMO UMA ESTRELA DE LOIRA CABELEIRA

Contam no caes da Bahia que quando morre um homem valente vira estrela no ceu. Assim foi com Zumbí, com Lucas da Feira, com Bezouro, todos os negros valentes. Mas nunca se viu um caso de uma mulher, por mais valente que fosse, virar estrela depois de morta. Algumas como Rosa Palmeirão, como Maria Cabaçú, viram santas nos candomblés de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela.

Pedro Bala se joga nagua. Não pode ficar no trapiche, entre os soluços e as lamentações. Quer acompanhar Dora, quer ir com ela, se reunir a ela nas Terras do Sem Fim de Yemanjá. Nada para diante sempre. Segue a rota do saveiro do Querido de Deus. Nada, nada sempre. Vê Dora em sua frente, Dora, sua esposa, os braços estendidos para ele. Nada até já não ter forças. Boia então, os olhos voltados para as estrelas e a grande lua amarela do ceu. Que importa morrer quando se vae em busca da amada, quando o amor nos espera?

Que importa tãopouco que os astronomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia

naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o ceu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçú. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor. Por isso virou uma estrela no ceu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia.

A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. Para ele veio tambem a paz da noite. Porque agora sabe que ela brilhará para ele entre mil estrelas no ceu sem igual da cidade negra.

O saveiro do Querido de Deus o recolhe.

CANÇÃO DA BAHIA,
CANÇÃO DA LIBERDADE

VOCAÇÕES

Não havia passado muito tempo sobre a morte de Dora, a imagem da sua presença tão rapida e no entanto tão marcante, da sua morte tambem, ainda enchia de visões as noites do trapiche. Alguns quando entravam todavia olhavam para o canto onde ela costumava sentar ao lado do Professor e de João Grande. Ainda com a esperança de encontra-la. Fora um acontecimento sem explicação. Fora o totalmente inesperado na vida deles, o aparecimento de u'a mãe, de uma irmã. Motivo porque eles ainda a procuravam apesar de terem visto o Querido de Deus a levar no seu saveiro para o fundo do mar. Só Pedro Bala não a procurava no trapiche. Procurava ver no ceu de tanta estrela, uma que tivesse longa e loira cabeleira.

Um dia Professor entrou no trapiche e não acendeu sua vela, não abriu um livro de historias, não conversou. Para ele toda aquela vida tinha acabado desde que Dora fora levada pela febre. Quando ela viera enchera o trapiche com sua presença. Para Professor tudo tinha uma nova significação. O trapiche ficara como a moldura de um quadro: ora os cabelos loiros caindo sobre Gato que via sua mãe. Ora, os labios que beijavam Zé Fui-

nha para ele dormir. Ou Boca que cantava cantigas de ninar. Tambem sorrisos de orgulho para a coragem de Volta Seca, como se fosse uma destemida mulata sertaneja. Ou a entrada no trapiche, os cabelos voando, o rosto todo rindo, de volta da aventura do dia nas ruas da cidade. Ou os olhos cheios de amor, a febre queimando seu rosto, as mãos chamando o amado para a posse primeira e ultima. Agora Professor olhava o trapiche como para uma moldura sem quadro. Inutil. Para ele deixara de ter significação ou tinha uma significação terrivel de mais. Mudara muito naqueles meses após a morte de Dora, andava calado, o rosto serio e entrara em relações com aquele senhor que certa vez num passeio da rua Chile conversara com elle, lhe dera uma piteira e seu endereço.

Nesta noite Professor não acendeu vela, não abriu livro de historia. Ficou calado quando João Grande veio para seu lado. Arrumava suas coisas numa trouxa. Quasi tudo era livro. João Grande olhava sem dizer nada, mas compreendia muito se bem todos dissessem que não havia negro mais burro que o negrinho João Grande. Mas quando Pedro Bala chegou e sentou tambem a seu lado e lhe ofereceu um cigarro, Professor falou:

— Vou embora, Bala..

— Pra onde, mano?

Professor olhou o trapiche, os meninos que andavam, que riam, que se moviam como sombras entre os ratos:

— Que adianta a vida da gente? Só pancada na policia quando pegam a gente. Todo mundo diz que um dia pode mudar... Padre José Pedro, João de Adão, tú mesmo. Agora vou mudar a minha...,

Pedro Bala não disse nada, mas a pergunta estava nos seus olhos. João Grande não perguntava nada, compreendia tudo.

— Vou estudar com um pintor do Rio. Dr. Dantas, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus. Ele mandou dizer que me mandasse. Um dia vou mostrar como é a vida da gente. Faço o retrato de todo mundo.. Tú falou uma vez, lembra? Pois faço.

A voz de Pedro Bala o animou:

— Tú tambem vae ajudar a mudar a vida da gente.

— Como? — fez João Grande.

Professor tambem não entendeu. Tãopouco Pedro Bala sabia explicar. Mas uma confiança no Professor, nos quadros que ele faria, na marca de odio que ele levava no coração, na marca de amor á justiça e á liberdade que ele levava dentro de sí. Não se vive inutilmente uma infancia entre os Capitães da Areia. Mesmo quando depois se vae ser um artista e não um ladrão, assassino ou malandro. Mas Pedro Bala não sabia explicar tudo isso. Apenas disse:

— A gente nunca te esquece, mano... Tú lia historia para gente, era mais batuta da gente. O mais batuta...

Professor baixou a cabeça. João Grande se levantou, sua voz era um chamado, era um grito de despedida tambem:

— Gentes, gentes!

Vieram todos, ficaram em torno. João Grande estendeu os braços:

— Gentes, Professor vae embora. Vae ser um pintor no Rio de Janeiro. Gentes, viva Professor.

O viva apertou o coração do menino. Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como a moldura de inumeros quadros. Como quadros de uma fita de cinema. Vidas de luta e de coragem. De miseria tambem. Uma vontade de ficar. Mas que adiantava ficar. Se fosse poderia ser de melhor ajuda. Mostraria aquelas vidas... Apertam sua mão, o abraçam. Volta Seca está triste, tão triste como se tivesse morrido um cangaceiro do grupo de Lampeão.

Na noite do caes o homem da piteira que era um poeta entrega uma carta e dinheiro a Professor:

— Ele lhe esperará no caes. Telegrafei. Espero que voce não trairá a confiança que depositei no seu talento.

Nunca um passageiro de terceira teve tanta gente na sua despedida. Volta Seca lhe dá um punhal de presente. Pedro Bala faz tudo para rir, para dizer coisas gosadas. Mas João Grande não esconde a tristeza que vae dentro dele.

Ainda de longe Professor vê o boné de Pedro Bala que se sacode no caes. E no meio daqueles homens desconhecidos, oficiaes fardados, comerciantes e senhoritas, fica timido, não sabe que fazer, sente que toda a sua coragem ficou com os Capitães da Areia. Mas dentro do seu peito vem uma marca de amor á liberdade. Marca que o faria abandonar o velho pintor que lhe ensina coisas academicas para ir pintar por sua conta quadros que antes de admirar espantam todo o paiz.

Passou o inverno, passou o verão, veio outro inverno e este foi cheio de longas chuvas, o vento

não deixou de correr uma só noite no areal. Agora Pirulito vendia jornaes, fazia trabalhos de engraxate, carregava bagagens dos viajantes. Conseguira deixar de furtar para viver. Pedro Bala consentira que ele continuasse no trapiche, apesar de que ele não levava a mesma vida que os outros. Pedro Bala não entende o que vae dentro de Pirulito. Sabe que ele quer ser padre, que quer fugir daquela vida. Mas acha que aquilo não resolverá nada, não endireitará nada na vida de todos eles. O padre João Pedro fazia tudo para mudar a vida deles. Mas um só, os outros não achavam que ele fizesse bem. Que tinha adiantado? Só todos unidos, como dizia João de Adão.

Mas Deus chamava Pirulito. Nas noites do trapiche o menino ouvia o chamado de Deus. Era uma voz poderosa dentro dele. Uma voz poderosa como a voz do mar, como a voz do vento que corre em torno ao casarão. Uma voz que não fala aos seus ouvidos, que fala ao seu coração. Uma voz que o chama, que o alegra e o amedronta ao mesmo tempo. Uma voz que exige tudo dele para lhe dar a felicidade de a servir. Deus o chama. E o chamado de Deus dentro de Pirulito é poderoso como a voz do vento, como a voz potente do mar. Pirulito quer viver para Deus, inteiramente para Deus, uma vida de recolhimento e de penitencia, uma vida que o limpe dos pecados, que o torne digno da contemplação de Deus. Deus o chama e Pirulito pensa na sua salvação. Será um penitente, não olhará mais o espetaculo do mundo. Não quer ver nada do que se passa no mundo para ter os olhos suficientemente limpos para poderem ver a face de Deus. Porque para aqueles que não teem os olhos completamente

limpos de todo o pecado a face de Deus é terrivel como o mar enfurecido. Mas para os que teem os olhos e o coração limpos de todo pecado a face de Deus é mansa como as ondas do mar numa manhã de sol e de bonança.

Pirulito está marcado por Deus. Mas está marcado tambem pela vida dos Capitães da Areia. Desiste da sua liberdade, de ver e ouvir o espetaculo do mundo, da marca de aventura dos Capitães da Areia, para ouvir o chamado de Deus. Porque a voz de Deus que fala no seu coração é poderosa que não tem comparação. Rezará pelos Capitães da Areia na sua cela de penitente. Porque tem que ouvir e seguir a voz que o chama. É uma voz que transfigura seu rosto na noite invernosa do trapiche. Como se lá fora fosse a primavera.

Padre José Pedro foi chamado novamente ao Arcebispado. Desta vez o Conego está acompanhado do superior dos Capuchinhos. Padre José Pedro treme, pensando que novamente vão lhe ralhar, vão falar dos seus pecados. Fez muita coisa contra as leis para ajudar os Capitães da Areia. Teme ter fracassado porque em quasi nada conseguira melhorar a vida deles. Mas em certos momentos crueis levara um pouco de conforto áqueles pequenos corações. E tinha Pirulito.. Era uma conquista para Deus. Se não fizera tudo, se não transformara como queria aquelas vidas, não tinha perdido tudo tambem. Algo havia conseguido para Deus. Se alegrava apesar da tristeza do pouco que havia conseguido para os Capitães da Areia. Assim mesmo em certos momentos fora como a familia que lhes

faltava. Certas horas tinha sido pae e mãe. Agora os chefes estavam já rapazes, quasi homens. Professor já tinha ido embora, outros não tardariam a ir. Mesmo que fossem ser ladrões, levar uma vida de pecado, em certos momentos o padre conseguira minorar o espetaculo de miseria das suas vidas com um pouco de conforto e de carinho. E de solidariedade.

Mas desta vez o Conego não ralha. Anuncia que o Arcebispado resolveu lhe dar uma paroquia. Conclue:

— O senhor nos deu muito que fazer, padre, com suas ideas erradas acerca de educação. Espero que a bondade do sr. Arcebispo lhe dando esta paroquia fará com que o senhor pense nas suas obrigações e desista destas inovações sovieticas.

A paroquia nunca tivera cura porque o Arcebispo nunca encontrara um padre que se dispuzesse a ir para o meio dos cangaceiros, numa perdida vila do alto sertão. Mas o nome do lugarejo alegrou o coração do padre José Pedro. Ia para o meio dos cangaceiros. E os cangaceiros são como creanças grandes. Agradeceu, ia falar, mas o superior dos Capuchinhos o interrompeu:

— O. sr. conego me disse que entre estes meninos ha um que tem vocação sacerdotal...

— Ia falar disso mesmo. — disse o padre. — Nunca vi uma vocação tão decidida.

O missionario sorriu:

— Porque nós estamos em falta de um irmão. Não é o mesmo que ser padre, bem sei. Mas está muito proximo. E se a sua vocação é verdadeira a ordem pode faze-lo estudar e mesmo se ordenar.

— Ele vae ficar louco de alegria.

— O senhor responde por ele?

Pirulito irá ser frade. Um dia talvez se ordene. O padre sae agradecendo a Deus.

Levam o padre á estação. O apito do trem é como um lamento. Estão ali varios dos Capitães da Areia. Padre José Pedro os fita com amor. Pedro Bala diz:

— O senhor foi bom pra gente, padre. Um homem bom. A gente não vae esquecer o senhor...

Não reconhecem Pirulito quando ele chega vestido com uma batina de frade, um longo cordão pendendo ao lado. Padre José Pedro diz:

— Conhecem o irmão Francisco da Sagrada Familia?

Eles olham Pirulito com certa vergonha. Mas Pirulito sorri. Está mais magro, um ar de asceta. Com o habito de capuchinho fica muito alto.

— Ele rezará por voces. — diz o padre José Pedro.

Se despede. Entra para o wagon. O trem apita, é como uma despedida. Da janela o padre vê os meninos que agitam mãos e bonés, velhos chapeus, trapos que servem de lenço. Uma velha que vae defronte dele doidinha para puxar conversa, se espanta do padre ir chorando.

Boa Vida pouco aparece no trapiche. Tem um violão, faz sambas, está enorme, é mais um malandro nas ruas da Bahia. Ninguem tem uma vida igual á dos malandros. Passa o dia conversando nas docas, no mercado, vae ás festas dos morros e da Cidade da Palha á noite ou ás macumbas. Toca

seu violão, come e bebe do melhor, apaixona cabrochas bonitas com sua voz e sua musica. Arma fuzuê nas festas e quando a policia o persegue vem se esconder no trapiche entre os Capitães da Areia.

Então toca para eles, ri com eles em gargalhadas como se ainda fosse um deles. Boa Vida vae se afastando aos poucos, á proporção que vae crescendo. Quando tiver dezenove anos já não voltará. Será um malandro completo, um daqueles mulatos que amam a Bahia acima de tudo, que fazem uma vida perfeita nas ruas da cidade. Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da musica, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira, navalhista, ladrão quando se fizer preciso. De bom coração, como canta um A. B. C. que Boa Vida faz acerca de outro malandro. Prometendo ás cabrochas se regenerar e ir para o trabalho, sendo malandro sempre. Um dos "valentões" da cidade. Figura que os futuros Capitães da Areia amarão e admirarão, como Boa Vida amou e admirou o Querido de Deus.

Um dia, passado muito tempo, Pedro Bala ia com o Sem Pernas pelas ruas. Entraram numa igreja na Piedade, gostavam de ver as coisas de ouro, mesmo era facil bater uma bolsa de uma senhora que rezasse. Mas não havia nenhuma senhora na igreja áquela hora. Somente um grupo de meninos pobres e um capuchinho que lhes ensinava catecismo.

— É Pirulito. — disse Sem Pernas.

Pedro Bala ficou olhando. Encolheu os ombros:

— Que adianta?

Sem Pernas olhou:

— Não dá de comer...

— Um dia um vae ser padre tambem. Tem que ser é tudo junto.

Sem Pernas disse:

— A bondade não basta.

Completou:

— Só o odio...

Pirulito não os via. Com uma paciencia e uma bondade extremas ensinava ás creanças buliçosas as lições de catecismo. Os dois Capitães da Areia sairam balançando a cabeça. Pedro Bala botou a mão no ombro do Sem Pernas:

— Nem o odio, nem a bondade. Só a luta.

A voz bondosa de Pirulito atravessava a igreja. A voz de odio do Sem Pernas estava junto de Pedro Bala. Mas ele não ouvia nenhuma. Ouvia era a voz de João de Adão, o doqueiro, a voz de seu pae morrendo na luta.

CANÇÃO DE AMOR DA VITALINA

Gato contou que a solteirona era cheia do dinheiro. Era a ultima de uma familia rica, andava pelos quarenta e cinco anos, feia e nervosa. Corria a noticia que tinha uma sala cheia de coisas de ouro, de brilhantes e joias acumuladas pela familia através de gerações. Pedro Bala pensou que era uma coisa capaz de dar um bocado de dinheiro. Gonzalez, o dono da casa de penhor "O 14" dava dinheiro por aqueles objetos. Perguntou ao Sem Pernas:

— Tú é capaz de penetrar?

— Se sou...

— Depois a gente invade.

Riram no trapiche. Gato saiu para ver Dalva. Sem Pernas avisou:

— Amanhã de manhã vou lá.

A solteirona abriu a porta. Só tinha uma criada, uma negra velha, que parecia fazer parte da herança pois acompanhava a familia ha cincoenta anos. A solteirona olhou muito digna para o Sem Pernas:

— Quer alguma coisa?

— Eu sou um pobre orfão e aleijado. — mostrava a perna coxa. — Não quero viver furtando, nem pedindo esmola. A senhora tem um trabalho para mim? Posso fazer compras.

A solteirona não tirava os olhos dele. Um menino. Não era a bondade que falava dentro dela. Era a voz do sexo que dava seus ultimos latidos. Dentro em pouco seu sexo ficaria inutil, os medicos diziam que então o seu nervoso cessaria. Muito antes quando ainda era mocinha houvera um menino na casa para fazer compras. Fora bom. Mas seu irmão descobrira, expulsara o menino. Agora o irmão estava morto, outro menino vinha pedir para fazer compras:

— Tá bem.

Mandou que ele tomasse banho. Pela tarde deu-lhe dinheiro para as compras e mais para uma roupa pra ele. Sem Pernas conseguiu bater mil e duzentos nas contas. Pensou:

— Aqui vou é fazer dinheiro.

Na cosinha a negra contava historias antigas com sua lingua embolada. Sem Pernas ouvia demonstrando excessivo interesse para ganhar a confiança da negra. Mas quando perguntou pelas coisas de ouro a negra não respondeu. Sem Pernas não insistiu. Sabia ser paciente, estava acostumado áquele trabalho. Na sala a solteirona fazia ponto de cruz numa toalha, mirava Sem Pernas com interesse, pela porta. Era feia de cara, mas o corpo velhusco ainda tinha certo atrativo. Chamou Sem Pernas para ver o trabalho que ela estava fazendo, quando Sem Pernas olhou ela se curvou, ele viu os seios grandes. Mas não pensou que ela estivesse lhe mostrando. Achou o trabalho muito bonito, disse:

— A senhora é muito inteligente.

Parecia até um menino bem educado. Apesar da perna coxa e da cara feia a solteirona o achou lindo. Seria melhor que fosse um pouco menos crescido. Mas assim mesmo... Novamente se curvou, mostrou os seios ao Sem Pernas. Sem Pernas desviou o olhar, não pensava que fosse de proposito. Quando ele elogiou novamente o trabalho ela passou a mão no seu rosto:

— Obrigada, meu filho. — sua voz era languida.

A negra botou um colchão na sala de jantar para o Sem Pernas dormir. Cobriu com um lençol, arranjou um travesseiro. A solteirona conversava na casa de uma amiga, na mesma rua, e quando voltou Sem Pernas já estava deitado. Ouviu que ela se despedia de alguem:

— Desculpe este trabalho de trazer uma vitalina pra casa.

— Dona Joana, não diga isso.

Entrou, trancou a porta da rúa, tirou a chave. A negra já tinha ido dormir no quarto junto da cosinha. A solteirona veio até a sala de jantar, deu uma espiada em Sem Pernas que fez que estava dormindo. Suspirou. Marchou para seu quarto.

As luzes estavam todas apagadas na casa. Apesar de ser muito cedo em relação á hora em que dormiam no trapiche, Sem Pernas se entregou ao sono.

Por isso não sabe a que horas a vitalina veio. Sentiu foi uma mão que passava em seus cabelos.

Pensou que fosse um sonho bom. A mão deslisava, passava no seu peito, na sua barriga, agora segurava de manso no seu sexo. Sem Pernas despertou completamente mas ficou de olhos fechados. A solteirona machucava seu sexo, se encostava contra ele. Estava de camisa de dormir, suspendeu a camisa, botou a mão de Sem Pernas no seu corpo. Sem Pernas se encostou nela. Quiz falar, ela poz a mão na sua boca, apontou para a cosinha:

— Pode ouvir...

Disse ainda mais baixo:

— Tú vae ser bom para mim, não vae?

Se apertava contra ele. Puxou as calças do Sem Pernas. Depois se cobriram com o lençol. Mas quando Sem Pernas quiz tudo, ela disse:

— Não. Só em cima.

Era uma coisa incompleta que enraivecia Sem Pernas.

A solteirona gemia baixinho de amor. Apertava a cabeça do Sem Pernas contra seus seios enormes, o sexo dele contra suas coxas, a mão do menino no seu sexo.

Sem Pernas levanta estremunhado. Um grande cansaço nos seus membros. Aquelas noites são como batalhas. Nunca é um goso completo, uma satisfação total. A solteirona quer uma migalha de amor. Teme o amor completo, o escandalo de um filho. Mas tem sede e fome de amor, quer nem que sejam as migalhas. Mas Sem Pernas quer fazer o amor completo, aquilo o irrita, faz crescer seu odio. Ao mesmo tempo se sente preso ao corpo da

solteirona, ás caricias a meio, trocadas na noite. Uma coisa o retem naquela casa. Se bem ao acordar tenha odio de Joana, uma raiva impotente, uma vontade de a estrangular já que não a pode possuir totalmente, se a acha feia e velha, quando a noite se acerca fica nervoso pelos carinhos da vitalina, pela mão que movimenta seu sexo de menino, pelos seus seios onde repousa a cabeça, pelas suas coxas grossas. Imagina planos para a possuir mas a solteirona os frusta, fugindo no ultimo momento e ralha com ele em voz baixa. Uma raiva surda possue Sem Pernas. Mas a mão dela vem de novo para o seu sexo e ele não pode lutar contra o desejo. E volta áquela luta tremenda da qual sae nervoso e exgotado.

Durante o dia responde mal a Joana, diz brutalidades, a solteirona chora. Ele a chama de vitalina, diz que vae embora. Ela lhe dá dinheiro, pede que ele fique. Mas não é pelo dinheiro que ele fica. Fica porque o desejo o retem. Já sabe qual a chave que abre a sala onde Joana guarda seus objetos de ouro. Sabe como tirar a chave para leva-la aos Capitães da Areia. Mas o desejo o retem ali, junto dos seios e das coxas da vitalina. Junto da mão da Vitalina.

Fora sempre infeliz para o lado de mulher. Quando conseguia uma negrinha no areal era com a ajuda dos outros, era á força. Nenhuma olhava para ele, convidando com os olhos. Outros eram feios, mas ele era repulsivo com a perna coxa, andando feito carangueijo. Demais terminara por se fazer antipatico e a se acostumar a possuir as negrinhas a pulso. Agora vinha uma mulher branca

e com dinheiro, velha e feiusca era verdade, mas bem comivel ainda, e se deitava com ele. Acariciava seu sexo com a mão, juntava coxa com coxa, deitava sua cabeça nos seus seios grandes. Sem Pernas não podia sair dali, se bem cada dia estivesse mais bruto e mais inquieto. Seu desejo reclamava uma posse completa. Mas a vitalina se contentava em colher as migalhas do amor.

Sem Pernas durante o dia a odeia, se odeia, odeia o mundo todo.

Pedro Bala reclamou a demora. Já era tempo do Sem Pernas saber os segredos da casa. Sem Pernas diz que sim, que não demorará mais. E naquela noite a batalha de amor é mais forte ainda. A solteirona geme de amor, recolhendo as migalhas do amor. Mas não cede a "sua honra". Isso dá coragem ao Sem Pernas para no outro dia arribar com a chave.

A vitalina o espera para o amor. Está como uma esposa a quem o marido abandonasse. Chora e se lastima. Seu amor não vem, ela tambem precisa de amor como todas estas moças que passam de vestidos bonitos na rúa.

Mas o roubo a enfurece. Porque pensa que Sem Pernas só a amou nas noites longas de vicios para a furtar. Sua sede de amor é humilhada. É como se houvessem cuspido na sua cara, dizendo era por causa da sua feiura. Chora, não geme mais uma canção de amor. Se sente com coragem para estrangular o Sem Pernas se o encontrasse. Porque burlaram do seu amor, da sede de amor que está no seu sangue. A sua desgraça é mais completa

porque durante uma semana foi plenamente feliz com as migalhas de amor. Rola no chão com um ataque.

No trapiche Sem Pernas ri, relatando sua aventura. Mas no fundo sabe que a solteirona o fez ainda pior, aumentou com seus vicios o odio que vivia latente no seu coração. Agora um desejo insatisfeito enche suas noites. Um desejo que impede seu sono, que lhe dá raiva.

NA RABADA DE UM TREM

Os navios chegam a Ilheos carregados de mulheres. Mulheres que veem da Bahia, de Aracajú, o mulherio todo de Recife, mesmo do Rio de Janeiro. Os gordos coroneis olham das pontes a chegada das mulheres. Morenas, loiras e mulatas, veem em busca deles. Porque a noticia da alta do cacau correu pelo paiz todo. A noticia de que numa cidade relativamente pequena como Ilheos estavam abertos quatro cabarés. Que os coroneis queimavam nas noites de jogo e de champagne notas de quinhentos mil reis. Que pela madrugada saíam nús pelas ruas da cidade, formando o chamado *terno do "Y"* A noticia corria pelas ruas de mulheres perdidas. Os caixeiros viajantes levavam a noticia. O cabaré da Brama em Aracajú ficou despovoado de mulheres. Foram para o "El-Dorado", cabaré de Ilheos. O mulherio de Recife desceu todo em alguns navios do Loyd Brasileiro. Os pernambucanos ficaram sem mulheres, vieram todas para o cabaré "Bataclan", apelidado pelos estudantes em ferias de "Escola". Vieram algumas do Rio de Janeiro e estas foram para o "Trianon", ex-Vesuvio, o mais luxuoso dos quatro cabarés da cidade do cacau. Até Rita Tanajura, celebre pelas grandes nadegas reboleantes,

deixou a paz da sua cidade de Estancia onde era a rainha do pequeno mulherio de vida facil e onde se dava com todo mundo e veio ser a rainha do "Far-West", o cabaré da rua do Sapo, onde os beijos e o estalo das garrafas de champagne se misturavam com os tiros, com o barulho das brigas. Porque o "Far-West" era o cabaré dos capatazes, de pequenos fazendeiros de repente enriquecidos.

Na rua de Dalva, na zona das mulheres perdidas da Bahia, as casas se despovoaram. Vieram mulheres para o "Bataclan", mulheres para o "El-Dorado", mulatas para o "Far-West". Umas poucas vieram para o "Trianon", onde dansavam com os coroneis. No "Bataclan" mulheres pernambucanas e sergipanas davam parte do dinheiro que ganhavam dos coroneis, e que era muito, aos estudantes que em compensação lhes davam o amor. Os viajantes enchiam o "El-Dorado". Até no "Far-West" as mulheres ganhavam joias. Por vezes ganhavam um tiro tambem, como uma extranha joia vermelha no peito. Rita Tanajura dansava o charleston em cima de uma mesa, entre champagne e tiros. Tudo isso foi naquela alta do cacau de ha muitos anos.

Quando Dalva soube que Isabel tinha colares e anel de brilhantes e no entanto não estava no "Trianon", que era o mais luxuoso dos cabarés, estava era no "Bataclan", não resistiu. Arrumou as malas. O que não faria ela no "Trianon", ela que era a melhor das mulheres da sua rua? Enfardou Gato com uma elegantissima roupa de casemira feita sob medida, de repente Gato não era mais um menino, era o mais jovem dos vigaristas da Bahia.

Na noite que, envergando seu traje novo, sapatos negros de verniz, gravata borboleta, chapeu de

palhinha, apareceu no trapiche, João Grande soltou uma exclamação de assombro:

— Pois não é o Gato?

Gato não fizera ainda dezoito anos. Fazia quatro que amava Dalva. Virou para João Grande:

— Agora vou começar a vida...

Ofereceu cigarros tirados de uma cigarreira cara, alisou o cabelo bem assentado. Botou a mão no ombro de Pedro Bala:

— Mano, vou para Ilheos. A patroa vae cavar a vida. Eu vou com ela. Sou capaz de enricar. Quando tiver fazendeiro a gente vae fazer uma farra daquelas.

Pedro sorriu. Era outro que ia. Não seriam meninos toda vida. Bem sabia que eles nunca tinham parecido creanças. Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguaes a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguaes: amavam e derrubavam negras no areal desde cedo, furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram presos apanhavam surras como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia. Não tinham tambem conversas de meninos, conversavam como homens. Sentiam mesmo como homens. Quando outras creanças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miseria e de aventura nunca tinham sido perfeitamente creanças. Porque o que faz a creança é o ambiente de casa, pae, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pae e mãe na vida da

rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsaveis por si. Tinham sido sempre iguaes a homens. Agora os mais velhos, os que eram desde anos os chefes do grupo, estavam rapazolas, começavam a ir para seus destinos. Professor já fora, fazia quadros no Rio de Janeiro. Boa Vida se desligara aos poucos do trapiche, toca violão nas festas, vae aos candomblés, arma fuzuê nas quermesses. É mais um malandro na cidade. Seu nome já é conhecido até nos jornaes. Como os outros vagabundos é conhecido pelos investigadores de policia que sempre estão de olho nos malandros. Pirulito é frade num convento, Deus o chamou, nunca mais saberão dele. Agora é o Gato que parte, vae arrancar dinheiro dos coroneis de Ilheos. O Querido de Deus certa vez disse que Gato enricaria. Porque a vida na rua, no abandono, fez de Gato um jogador deshonesto, um vigarista, um gigolô de mulheres. Não demorará que os outros partam. Só Pedro Bala não sabe o que fazer. Dentro em pouco será mais que um rapazola, será um homem e terá que deixar para outro a chefia dos Capitães da Areia. Para onde irá? Não poderá ser um intelectual como Professor, cujas mãos só viviam para pintar, não nasceu para malandro como Boa Vida que não sente o espetaculo da luta diaria dos homens, que só ama andar vagabundando pelas ruas, conversar acocorado nas docas, beber nas festas de morro. Pedro sente o espetaculo dos homens, acha que aquela liberdade não é suficiente para a sede de liberdade que tem dentro de si. Tãopouco sente o chamado de Deus como Pirulito o sentiu. Para ele as pregações do padre José Pedro nunca disseram nada. Gostava do padre como de um homem bom.

Só as palavras de João de Adão encontravam acolhida no seu coração. Mas João de Adão mesmo sabe muito pouco. O que tem é musculos potentes e voz autoritaria e no entanto amiga para chefiar uma greve. Tãopouco Pedro Bala quer ir como Gato enganar os coroneis de Ilheos, arrancar o dinheiro deles. Quer qualquer coisa que não sabe ainda o que é e por isso se demora entre os Capitães da Areia.

O trapiche grita se despedindo do Gato. Este sorri, elegantissimo, alisando o cabelo, no dedo aquele anelão côr de vinho que furtara certa vez.

Do caes Pedro Bala dá adeus ao Gato. Vestido com suas roupas esfarrapadas, agitando o boné, se sente muito longe do Gato que ao lado de Dalva parece um homem feito com sua roupa bem talhada. Pedro sente uma aflição, uma vontade de fugir, de ir para qualquer parte num navio ou na rabada de um trem.

Mas quem vae na rabada de um trem é Volta Seca. Uma tarde a policia o pegou quando o mulato despojava um negociante da sua carteira. Volta Seca tinha então dezeseis anos. Foi levado para a policia, o surraram porque ele xingava todos, soldados e delegados com aquele imenso desprezo que o sertanejo tem pela policia. Ele não soltou um grito enquanto apanhou. Oito dias depois o puzeram na rúa e ele saiu quasi alegre porque agora tinha uma missão na vida: matar soldados de policia.

Passou uns dias no trapiche, o rosto sombrio afogado em pensamentos. O sertão o chamava, a luta do cangaço o chamava. Um dia disse a Pedro Bala:

— Vou passar uns tempos com os Maloqueiros em Aracajú.

Os Indios Maloqueiros eram os Capitães da Areia de Aracajú. Viviam sob as pontes, roubavam e brigavam nas ruas, o juiz de menores Olympio Mendonça era um homem bom, procurava resolver os conflitos como melhor podia, se abismava da inteligencia das creanças iguaes a homens, comprehendia que era impossivel resolver o problema. Contava aos romancistas coisas dos meninos, no fundo amava os meninos. Mas se sentia aflito porque não podia resolver o problema deles. Quando entre os Indios Maloqueiros aparecia algum novo ele já sabia que era um bahiano que tinha chegado na rabada de um trem. E quando um sumia sabia que tinha ido para entre os Capitães da Areia na Bahia.

Uma madrugada o trem de Sergipe apitou na estação de Calçada. Ninguem tinha vindo trazer Volta Seca á estação porque ele ia para voltar, ia passar uns tempos entre os Indios Maloqueiros, esquecer a policia bahiana que o tinha marcado. Volta Seca se meteu no wagon de carga que estava aberto, se escondeu entre uns fardos. Aos poucos o trem abandona a estação. Depois é a estrada do sertão, India Nordestina. Nas casas de barro aparecem mulheres e meninas. Os homens semi-nús lavram a terra. Na estrada de animaes que corre paralela á estrada de ferro passam boiadas. Vaqueiros gritam tangendo os animaes. Nas estações vendem doces de milho, mingau, mungunzá, pamonha e canjica. O sertão vae entrando pelo nariz e pelos olhos de Volta Seca. Queijos e rapaduras passam em taboleiros nas pequenas estações, as paisagens agrestes jamais esquecidas enchem novamente os olhos do ser-

tanejo. Estes muitos anos na cidade não tinham arrancado seu amor ao sertão miseravel e belo. Nunca fora um menino da cidade igual a Pedro Bala, a Boa Vida, ao Gato. Fora sempre um deslocado na cidade, com uma fala diferente, falando em Lampeão, dizendo "meu padrim", imitando as vozes dos animaes sertanejos. Antigamente ele e sua mãe tinham um pedaço de terra. Ela era comadre de Lampeão, os coroneis respeitavam sua terra. Mas quando Lampeão se internou pelo sertão de Pernambuco os coroneis ficaram com a terra da mãe de Volta Seca. Ela desceu para a cidade para pedir justiça. Morreu no caminho, Volta Seca continuou a caminhada com seu rosto sombrio. Muita coisa aprendeu na cidade, entre os Capitães da Areia. Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade tambem. Aprendeu que as creanças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte. Sorriu por vezes mas nunca deixou de odiar. Na figura de José Pedro descobriu o motivo porque Lampeão respeitava os padres. Se já pensava que Lampeão era um heroe, a sua experiencia na cidade, o odio adquirido na cidade, fez com que amasse a figura de seu padrinho acima de tudo. Acima mesmo da de Pedro Bala.

Agora é o sertão. Perfume das flores do sertão. Campos amigos, aves amigas, magros cachorros nas portas das casas. Velhos que parecem missionarios indianos, negros de longos rosarios no pescoço. Cheiro bom de comidas de milho e mandioca. Homens magros que lavram a terra para ganhar mil e quinhentos dos donos da terra. Só a caatinga é que é de todos, porque Lampeão libertou a caatinga, expulsou os homens ricos da caatinga,

fez da caatinga a terra dos cangaceiros que lutam contra os fazendeiros. O heroe Lampeão, heroe de todo o sertão de cinco Estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, deshonrador, ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as creanças do sertão é um novo Zumbí dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exercito. Porque a liberdade é como o sol, o bem maior do mundo. E Lampeão luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: Pernambuco, Paraiba, Alagoas, Sergipe e Bahia.

O sertão comove os olhos de Volta Seca. O trem não corre, este vae devagar cortando as terras do sertão. Aqui tudo é lirico, pobre e belo. Só a miseria dos homens é terrivel. Mas estes homens são tão fortes que conseguem crear beleza dentro desta miseria. Que não farão quando Lampeão libertar toda a caatinga, implantar a justiça e a liberdade?

Passam violeiros, improvisadores de poesia. Passam vaqueiros que tangem o gado, homens plantam mandioca e milho. Nas estações os coroneis descem para estirar as pernas. Levam grandes revolvers. Os violeiros cegos cantam pedindo uma esmola. Um negro de camisú e rosario atravessa a estação dizendo extranhas coisas em lingüa desconhecida. Foi escravo, hoje é um doido na estação. Todos o temem, temem suas pragas. Porque ele sofreu muito, o chicote do feitor rasgou suas costas. Tambem o chicote da policia, feitor dos ricos, rasgou as costas de Volta Seca. Todos o temerão um dia tambem.

Caatingas do sertão, olor das flores sertanejas, o manso andar do trem sertanejo. Homens de alpercatas e chapeu de couro. Creanças que estudam para cangaceiro na escola da miseria e da exploração do homem.

O trem para no meio da caatinga. Volta Seca pula fora do wagon. Os cangaceiros apontam os fusis, o caminhão que os trouxe está parado no outro lado da estrada, os fios do telegrafo cortados. Na caatinga agreste não se vê ninguem. Uma moça desmaia num dos carros, um caixeiro-viajante esconde a carteira com dinheiro. Um coronel gordo sae do wagon, fala:

— Capitão Virgulino...

O cangaceiro de oculos aponta o fusil:

— Para dentro.

Volta Seca pensa que seu coração vae estalar de alegria. Encontrou seu padrinho, Virgulino Ferreira Lampeão, heroe das creanças sertanejas. Chega para junto dele, um outro cangaceiro o quer afastar mas ele diz:

— Meu padrim..

— Quem é tú?

— Sou Volta Seca, filho de tua comadre.

Lampeão o reconhece, sorri. Os cangaceiros estão entrando nos wagons de primeira, não são muitos, uns doze. Volta Seca pede:

—Meu padrim, deixe eu ficar com voce Me dê um fusil.

— Tú ainda é um menino. — Lampeão o olha com seus oculos escuros.

— Não sou mais não, já briguei com soldado.

Lampeão grita:

— Zé Bahiano, dá um fusil a Volta Seca..

Olha o afilhado:

— Tú guarda esta saida. Se um quizer arribar, mete fogo.

Entra para a coleta. Desmaios e gritos lá dentro, o soar de um disparo. Depois o grupo volta para a estrada. Traz dois soldados de policia que viajavam no trem. Lampeão divide dinheiro com os cangaceiros, Volta Seca tambem recebe. De um wagon sae um fio de sangue. O cheiro bom do sertão penetra as narinas de Volta Seca. Os soldados são encostados numas arvores. Zé Bahiano prepara o fusil mas a voz de Volta Seca faz um pedido:

— Deixe pra mim, padrim. Eles me bateram na policia, bateram em muito menino.

Levanta o fusil, qual é o sertanejo que não tem boa pontaria?

Seu rosto sombrio tem um riso que o enche todo. Cae o primeiro, o segundo tenta fugir mas a bala o alcança nas costas. Depois Volta Seca corre para cima deles com o punhal, sacia sua vingança. Zé Bahiano diz:

— Este menino é dos bons...

— A mãe dele era um bicho, minha comadre... — lembra Lampeão orgulhoso.

— Uma verdadeira fera... — pensa o viajante enquanto o trem se move lentamente após os empregados afastarem os toros de madeira de sobre os trilhos. O grupo de cangaceiros se perde na caatinga. O ar do sertão enche os peitos de Volta Seca que para e com o punhal faz dois traços na madeira do fusil. Os dois primeiros... Ao longe o trem apita angustiosamente.

COMO UM TRAPEZISTA DE CIRCO

Fora demasiada audacia atacar aquela casa da rua Ruy Barbosa. Perto dali, na praça do Palacio, andavam muitos guardas, investigadores, soldados. Mas eles tinham sede de aventura, estavam cada vez maiores, cada vez mais atrevidos. Porem havia muita gente na casa, deram o alarme, os guardas chegaram. Pedro Bala e João Grande abalaram pela ladeira da Praça. Barandão abriu no mundo tambem. Mas o Sem Pernas ficou encurralado na rúa. Jogava picula com os guardas. Estes tinham se despreocupado dos outros, pensavam que já era alguma coisa pegar aquele coxo. Sem Pernas corria de um lado para outro da rúa, os guardas avançavam. Ele fez que ia escapulir por outro lado, *diblou* um dos guardas, saiu pela ladeira. Mas em vez de descer e tomar pela Baixa dos Sapateiros, se dirigiu para a Praça do Palacio. Porque Sem Pernas sabia que se corresse na rúa o pegariam com certeza. Eram homens, de pernas maiores que as suas, e alem do mais ele era coxo, pouco podia correr. E acima de tudo não queria que o pegassem. Lembrava-se da vez que fora á policia. Dos sonhos das suas noites más. Não o pegariam e enquanto corre este é o unico pensamento que vae com ele.

Os guardas veem nos seus calcanhares. Sem Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão no seu corpo. Sem Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca poude ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado a o abandonar porque a vida já o tinha marcado de mais. Nunca tivera uma alegria de creança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miseravel das vidas: a vida de creança abandonada. Nunca conseguira amar a ninguem, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais creanças ainda estão puros de sentimentos o do Sem Pernas já estava cheio de odio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente o seu odio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito fisico. Uma vez uma mulher foi boa para ele. Mas em verdade não o fora para ele e sim para o filho que perdera e que pensara que tinha volvido. De outra feita outra mulher se deitara com ele numa cama, acariciara seu sexo, se aproveitara dele para colher as migalhas do amor que nunca tivera. Nunca porem o tinham amado pelo que ele era, menino abandonado, aleijado e triste. Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na policia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem o homem rirá de novo. Não o levarão. Veem em seus calcanhares mas não o levarão. Pensam que ele vae parar junto ao grande elevador. Mas Sem Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu odio, cospe

na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. "Se jogou", diz uma mulher e desmaia. Sem Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapezio. O cachorro late entre as grades do muro.

NOTICIAS DE JORNAL

O "Jornal da Tarde" publica um telegrama do Rio dando conta do sucesso da exposição de um jovem pintor até então desconhecido. Dias depois transcreve uma critica de arte publicada num jornal do Rio de Janeiro. Porque o pintor é bahiano e o "Jornal da Tarde" é muito cioso das glorias bahianas. Um trecho da critica de arte, após falar das qualidades e defeitos do novo pintor social, de usar e abusar de expressões como clima, luz, cor, angulos, força e outras mais, diz:

> "...um detalhe notaram todos que foram a esta extranha exposição de cenas e retratos de meninos pobres. E' que todos os sentimentos bons estão sempre representados na figura de uma menina magra de cabelos loiros e faces febris. E que todos os sentimentos maus estão representados por um homem de sobretudo negro e um ar de viajante. Que representarão para um psicanalista a repetição quasi inconciente destas figuras em todos os quadros? Sabe-se que o pintor João José tem uma historia..."

E continuava o abuso das palavras cor, força, clima, luz, angulos, e outras mais complicadas.

Meses depois uma noticia informava aos leitores do "Jornal da Tarde", sob o titulo de

PRESENTE DE GREGO

A POLICIA DE BELMONTE DEVOLVE O VIGARISTA GATO,

que a policia de Belmonte havia recebido da policia de Ilheos um verdadeiro presente de grego. Um conhecido e jovem vigarista que atuava em Ilheos com o nome de "Gato", após ter abiscoitado bons cobres de muitos fazendeiros e comerciantes fora remetido para Belmonte. Lá continuava a passar contos do vigario em que era mestre. Conseguira vender uma imensidade de terras, otimas para o cultivo do cacau, a muitos fazendeiros. Quando estes foram ver as terras não eram mais que o leito sobre o qual corria o rio Cachoeira. A policia de Belmonte tinha conseguido deitar mão do temivel vigarista e o remetia de volta para Ilheos.

"Os ilheenses são mais ricos que nós, terminava com certa ironia o correspondente que assinava a noticia, podem sustentar com mais conforto o elegante Gato que os filhos da bela Belmonte, a Princeza do Sul. Porque se Belmonte é a Princeza, Ilheos é muito justamente chamada a Rainha do Sul".

Entre fatos policiaes sem importancia o "Jornal da Tarde" noticiou um dia que um malandro conhecido pelo nome de Boa Vida armara um fuzuê tremendo numa festa na Cidade de Palha, abrira a cabeça do dono da casa com uma garrafa de cerveja e estava sendo procurado pela policia.

Perto de um Natal o "Jornal da Tarde" apareceu com manchetes em tipos enormes. Uma noticia de tanta sensação como aquela que fizera conhecida a historia da mulher que acompanhava o bando de Lampeão, a amante do cangaceiro. Porque a população dos cinco Estados de Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraiba e Pernambuco, vivem com os olhos fitos em Lampeão. Com odio ou com amor, nunca com indiferença. A manchete dizia em letras garrafaes:

UMA CREANÇA DE 16 ANOS NO GRUPO DE LAMPEÃO

Os tipos das letras dos titulos que encabeçavam a reportagem eram tambem enormes:

E' UM DOS MAIS TEMIVEIS CANGACEIROS — TRINTA E CINCO TRAÇOS NO SEU FUSIL — PERTENCEU AOS "CAPITÃES DA AREIA" — A MORTE DE MACHADÃO DEVIDO A VOLTA SECA.

A reportagem era extensa. Contava como as vilas saqueadas ha algum tempo vinham notando entre o bando de Lampeão uma creança de uns dezeseis anos, que levava o nome de Volta Seca. Apesar da sua idade o jovem cangaceiro se fizera temido em todo o sertão como um dos mais crueis do grupo. Constava que seu fusil tinha trinta e cinco marcas. E cada marca num fusil de cangaceiro representa um homem morto. Depois vinha a historia da morte

de Machadão, um dos mais antigos do grupo de Lampeão.

Aconteceu que o grupo tinha pegado na estrada um velho sargento de policia. E Lampeão o entregara a Volta Seca para que o "despachasse". Volta Seca o "despachara" devagarinho, á ponta de punhal, cortando os pedacinhos com visivel satisfação. Fora tanta a crueldade que Machadão horrorisado levantou o fusil para acabar com Volta Seca. Mas antes que disparasse, Lampeão que tinha um grande orgulho de Volta Seca, atirou em Machadão. Volta Seca continuara sua tarefa.

A noticia se estendia narrando diversos outros crimes do cangaceiro de 16 anos. Depois lembrava que entre os Capitães da Areia vivera um menino com o nome de Volta Seca e que era possivel que fosse o mesmo. Vinham então varias considerações de ordem moral.

A edição se exgotou.

Meses depois a edição se exgotou novamente porque trazia a noticia da prisão de Volta Seca, enquanto dormia, executada pela coluna volante que percorria o sertão dando caça a Lampeão. Anunciava que o cangaceiro chegaria no outro dia a Bahia. Vinham varios clichés onde Volta Seca aparecia com seu rosto sombrio. O "Jornal da Tarde" dizia que era "rosto de criminoso nato".

O que não era verdade como o proprio "Jornal da Tarde" noticiou tempos depois, ao relatar em edições extraordinarias e sucessivas o jury que condenou Volta Seca a 30 anos de prisão por 15 mortes

conhecidas e provadas. No entanto seu fusil tinha 60 marcas. E o jornal lembrava esse fato, repetindo que cada marca era um homem morto. Mas publicava tambem parte do relatorio do medico legista, cavalheiro de honestidade e cultura reconhecidas, já então um dos grandes sociologos e etnografos do paiz, relatorio que provava que Volta Seca era um tipo absolutamente normal e que se virara cangaceiro e matara tantos homens e com tamanha crueldade não fora por vocação de nascença. Fora o ambiente. e vinham as devidas considerações cientificas.

O que aliás não despertou tanta curiosidade entre o publico como a descrição do belissimo, vibrantissimo e apaixonadissimo discurso do dr. Promotor Publico que fizera o jurado chorar e até o proprio juiz tinha limpado as lagrimas, ao descrever o dr. promotor com sublime força oratoria o sofrimento das vitimas do feroz cangaceiro-menino.

Publico que ficou indignado porque Volta Seca não chorou durante o juri. Seu rosto sombrio estava cheio de extranha calma.

COMPANHEIROS

Ha um movimento novo na cidade. Pedro Bala sae do trapiche com João Grande e Barandão. O caes está deserto, parece que todos o abandonaram. Somente soldados de policia guardam os grandes armazens. Não ha descarga de navios neste dia. Porque os estivadores, com João de Adão á frente, foram prestar solidariedade aos condutores de bonde que estão em greve. Parece que ha uma festa na cidade, mas uma festa diferente de todas. Passam grupos de homens que conversam, os automoveis cortam as ruas conduzindo gente para o trabalho, empregados no comercio riem, a Ladeira da Montanha está cheia de gente que sobe e desce pois os elevadores tambem estão parados. As *marinetís* vão entupidas, gente sobrando pelas portas. Os grupos de grevistas passam silenciosos para a sede do sindicato, onde vão ouvir a leitura do manifesto dos estivadores que João de Adão conduz nas suas mãos grandes. Na porta do sindicato grupos conversam, soldados montam guarda.

Pedro Bala anda com João Grande e Barandão pelas rúas. Diz:

— Tá bonito..

João Grande tambem sorri, o negrinho Barandão fala:

— Hoje vae ter fuzuê.

— Eu é que não queria ser condutor de bonde, nem motorneiro. Ganha uma porcaria. Eles faz bem... — fala João Grande.

— Vamos espiar? — propõe Pedro Bala.

Vão para a porta do sindicato. Entram homens, negros, mulatos, espanhoes e portuguezes. Veem quando João de Adão e os outros estivadores saem entre vivas dos operarios das linhas de bonde. Eles vivam tambem. João Grande e Barandão porque gostam do doqueiro João de Adão. Pedro Bala não só por isso como porque acha bonito o espetaculo da greve, é como uma das mais belas aventuras dos Capitães da Areia.

Um grupo de homens bem vestidos entra no sindicato. Da porta eles ouvem uma voz que discursa, uma que interrompe: "vendido", "amarelo".

— Tá bonito... — repete Pedro Bala.

Tem vontade de entrar, de se misturar com os grevistas, de gritar e lutar ao lado deles.

A cidade dormiu cedo. A lua ilumina o ceu, vem a voz de um negro do mar em frente. Canta a amargura da sua vida desde que a amada se foi. No trapiche as creanças já dormem. Até o negro João Grande ronca estirado na porta, o punhal ao alcance da mão. Somente Pedro Bala vela, estirado na areia, olhando a lua, ouvindo o negro que canta as saudades da sua mulata que partiu. O vento traz trechos soltos da canção e ela faz com que Pedro Bala procure Dora no meio das estrelas do ceu. Ela tambem virou uma estrela, uma extranha estrela de longa cabeleira loira. Os homens valentes teem uma estrela em logar do coração. Mas nunca se ouviu falar de uma mulher que tivesse no peito, como uma

flor, uma estrela. As mulheres mais valentes da terra e do mar da Bahia, quando morriam viravam santas para os negros, como os malandros que foram tambem muito valentes. Rosa Palmeirão virou santa num candomblé de caboclo, rezam para ela orações em nagô, Maria Cabaçú é santa nos candomblés de Itabuna, pois foi naquela cidade que ela mostrou sua coragem primeiro. Eram duas mulheres grandes e fortes. De braços musculosos como homens, como grevistas. Rosa Palmeirão era bonita, tinha o andar gingado de maritima, era uma mulher do mar, certa vez teve um saveiro, cortou as ondas da entrada da Barra. Os homens do caes a amavam não só pela sua coragem como pelo seu corpo tambem. Maria Cabaçú era feia, mulata escura, filha de negro e india, grossa e zangada. Dava nos homens que a achavam feia. Mas se entregou toda a um cearense amarelo e fraco que a amou como se ela fosse uma mulher bonita, de corpo belo e olhos sensuaes. Tinham sido valentes, viraram santas nos candomblés de caboclo, que são candomblés que de quando em vez inventam novos santos, não teem aquela puresa de rito dos candomblés nagôs dos negros. São candomblés dos mulatos. Mas Dora fora mais valente que elas. Era apenas uma menina, vivera igual a um dos Capitães da Areia e todos sabem que um Capitão da Areia é igual a um homem valente. Dora vivera com eles, fora mãe para todos eles. Mas fora irmã tambem, correra com eles pelas ruas, invadira casas, batera carteiras, brigara com o grupo de Ezequiel. Depois para Pedro Bala fora noiva e esposa, esposa quando a febre a devorava, quando a morte já a rondava naquela noite de tanta paz. Paz que ia dos olhos dela para a noite em torno. Estivera no Orfanato, fugira dele, igual a

Pedro Bala fugindo do Reformatorio. Tivera coragem para morrer, consolando seus filhos, irmãos, noivos e esposo que eram os Capitães da Areia. A mãe de santo Don'Aninha a enrolara numa toalha branca, bordada como se fora para um santo. O Querido de Deus a levara no seu saveiro para junto de Yemanjá. Padre José Pedro rezava. Todos a queriam. Mas só Pedro Bala quiz ir com ela. Professor fugiu do trapiche porque não poude mais suportar o casarão depois que ela partiu. Mas só Pedro Bala se jogou nagua para seguir o destino de Dora, ir fazer com ela aquela maravilhosa viagem que os valentes fazem com Yemanjá no fundo verde do mar. Por isso só ele viu quando ela virou estrela e cruzou os ceus. Ela veio só para ele, com sua longa cabeleira loira. Brilhou sobre sua cabeça de quasi afogado e suicida. Deu-lhe novas forças, o saveiro do Querido de Deus que voltava o poude recolher. Agora olha o ceu procurando a estrela de Dora. E' uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como não existe nenhuma outra. Porque nunca existiu nenhuma mulher como Dora, que era uma menina. A noite está cheia de estrelas que se refletem no mar calmo. A voz do negro parece se dirigir ás estrelas, como que ha pranto na sua voz cheia. Ele tambem procura a amada que fugiu na noite da Bahia. Pedro Bala pensa que a estrela que é Dora talvez ande agora correndo sobre as ruas, becos e ladeiras da cidade a procura-lo. Talvez o pense numa aventura nas ladeiras. Mas hoje não são os Capitães da Areia que estão metidos numa bela aventura. São os condutores de bonde, negros fortes, mulatos risonhos, espanhoes e portuguezes que vieram de terras distantes. São eles que levantam os braços e gritam iguaes ao

Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade. E' uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. Pedro Bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda a força do seu peito, de apartear os discursos. Seu pae fazia discursos numa greve, uma bala o derrubou. Ele tem sangue de grevista. Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. A canção daqueles presos dizia que a liberdade é como o sol: o bem maior do mundo. Sabe que os grevistas lutam pela liberdade, por um pouco mais de pão, por um pouco mais de liberdade. E' como uma festa aquela luta.

Os vultos que se aproximam o fazem levantar desconfiado. Mas logo reconhece a figura enorme do estivador João de Adão. Junto a ele vem um rapaz bem vestido mas com os cabelos despenteados. Pedro Bala tira o boné, fala pra João de Adão:

— Tú hoje ganhou viva, hein?

João de Adão ri. Distende seus musculos, seu rosto está aberto num sorriso para o chefe dos Capitães da Areia:

— Capitão Pedro eu quero apresentar a tú o companheiro Alberto.

O rapaz estende a mão para Pedro Bala. O chefe dos Capitães da Areia limpa primeiro sua mão no paletó rasgado, depois aperta a do estudante. João de Adão está explicando:

— E' um estudante da Faculdade mas é um companheiro da gente.

Pedro Bala olha sem desconfiança. O estudante sorri:

— Já ouvi falar muito em voce e em seu grupo. Voce é um batuta...

— A gente é macho, sim. — Responde Pedro Bala.

João de Adão se aproxima mais:

— Capitão, a gente tem que conversar com tú. Tem um assunto com tú. Um troço serio. Aqui o companheiro Alberto.

— Vamos para dentro? — fala Pedro Bala.

Acordam João Grande ao passar. O negro olha com desconfiança o estudante, pensa que é um policia, levanta um pouco o punhal por detraz do braço. Só Pedro Bala vê e fala:

— E' um amigo de João de Adão. Vem com a gente, Grande.

Vão os quatro. Sentam num canto. Alguns dos Capitães da Areia acordam e espiam o grupo. O estudante olha o trapiche, as creanças que dormem. Treme como se um vento frio tivesse passado pelo seu corpo:

— Que horror!

Mas Pedro Bala está dizendo a João de Adão:

— Que coisa porreta a greve! Nunca vi coisa tão bonita. E' como uma festa...

— A greve é a festa dos pobres.. — diz o estudante.

A voz de Alberto é mansa e boa. Pedro Bala o escuta enlevado como se fosse a voz de um negro cantando uma canção no mar.

— Meu pae morreu numa greve, tú sabe? Pergunte a João de Adão se está duvidando..

— Foi uma morte bonita — fala o estudante. — Ele foi um campeão da sua classe. Não foi o Loiro?

O estudante sabe o nome de seu pae. Seu pae foi um campeão. Todos o conhecem. Teve uma morte bonita, morreu numa greve, a greve é a festa dos pobres... Escuta a voz amiga do estudante:

— Voce acha a greve bonita, Pedro?

— Companheiro, esse é um porreta, — diz João de Adão. — Tú não conhece os Capitães da Areia nem Capitão Pedro.. E' um companheiro...

Companheiro... Companheiro. Pedro Bala acha a palavra mais bonita do mundo. O estudante diz como Dora dizia a palavra irmão.

— Pois companheiro Pedro, a gente precisa de voce e do seu grupo.

— Pra que? — pergunta João Grande curioso.

Pedro Bala apresenta:

— Este negro é João Grande, um negro bom. Quem for bom é igual a João Grande, melhor não é..

Alberto estende a mão ao negro. João Grande fica um momento indeciso, não está acostumado a apertos de mão. Mas logo aperta aquela mão, meio encabulado. O estudante novamente diz:

— Voces são uns batutas.

De repente interessado pergunta:

— E' verdade que Volta Seca foi um de voces?

— Um dia a gente tira ele da cadeia. — é a resposta de Bala.

O estudante olha meio espantado. Dá uma espiada pelo trapiche, João de Adão faz um sinal como que lembrando: "eu não lhe dizia?".

Pedro Bala quer conversar sobre a greve, saber o que querem dele:

— E' pra greve que precisa da gente?

— Se for? — pergunta o estudante.

— Se for pra ajudar os grevistas tou decidido. Pode contar com a gente. — levanta-se, está um rapazola, o rosto disposto para a luta.

— Tú não vê.. — começa a explicar João de Adão.

Mas cala porque o estudante está falando:

— A greve está indo muito em ordem. Nós queremos fazer as coisas com muita ordem porque assim venceremos e os operarios conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operarios são capazes de disciplina. ("Uma pena", pensa Pedro Bala que ama os barulhos). Mas acontece que os diretores da Companhia andam contratando fura-greves para trabalhar amanhã. Se os operarios dissolverem os grupos de furadores de greve darão margem a que a policia intervenha e está todo o trabalho perdido... Então o companheiro João de Adão lembrou voces...

— Pra debandar os fura-greve? Tá certo. — diz Bala alegrissimo.

O estudante pensa na discussão daquela noite na organisação. Quando João de Adão fizera a proposta de chamar os Capitães da Areia muitos companheiros tinham se declarado contra. Sorriam da idea. João de Adão só dizia:

— Voces não conhece os Capitães da Areia.

Aquilo, aquela confiança, impressionara Alberto e alguns outros. Por fim a idea venceu, não perderiam nada em tentar. Agora estava satisfeito de ter vindo. E na sua cabeça já fazia planos para aproveitar na luta os Capitães da Areia. Para quanta coisa não serviriam aqueles meninos esfomeados e mal vestidos? Lembrava-se de outros exemplos, da luta anti-fascista na Italia, os meninos de Lusso. Sorria para Pedro Bala. Explicou o plano: os furadores de greve viriam pela madrugada para os tres grandes depositos de bondes para tomar conta dos carros. Os Capitães da Areia deviam se dividir em tres grupos, guardar as entradas dos tres depositos. E impedir, fosse como fosse, que os furadores de greve conseguissem botar os bondes em

marcha. Pedro Bala assentia com a cabeça. Virou pra João de Adão:

— Se Sem Pernas tivesse vivo, e Gato tivesse aqui...

Depois se lembra de Professor:

— Professor inventava um plano bom num minuto... Depois fazia um desenho da briga. Agora tá no Rio.

— Quem é? — pergunta o estudante.

— Um chamado João José, que a gente tratava de Professor. Agora tá pintando quadro no Rio.

— E' o pintor João José?

— Esse mesmo. — fez Bala.

— Eu sempre pensei que fosse lenda essa historia. Sabe que ele é um companheiro bom?

— Sempre foi um companheiro bom. — disse Pedro Bala com força.

O estudante fazia planos sobre os Capitães da Areia. Agora Pedro Bala acordava todos e explicava o que tinham que fazer. O estudante estava entusiasmado com as palavras do moleque. Quando terminou de explicar, Bala resumiu tudo nestas palavras:

— A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente.

— Você é um batuta. — disse o estudante.

— Vae ver como a gente acaba com os traidor.

Explicava a Alberto:

— Eu vou com um grupo pro deposito maior. João Grande vae com outro. Barandão com o terceiro para o menor. Não entra ninguem. A gente sabe fazer Tú vae ver.

— Eu estarei lá para ver. — fez o estudante.
— Então ás quatro horas da madrugada?

— Tá certo.

O estudante faz um gesto:

— Até logo, companheiros.

Companheiros... Palavra bonita, pensa Pedro Bala. Ninguem dorme mais no trapiche nesta noite. Preparam as mais diversas armas.

Na madrugada que nasce, as estrellas começam a desaparecer do ceu. Mas Pedro Bala parece ver numa estrela que corre a estrela de Dora que o alegra. Companheira.. Tambem ela tinha sido uma companheira boa. A palavra brinca na sua boca, é a palavra mais bonita que ele já viu. Pedirá a Boa Vida que faça um samba dela, um samba para um negro cantar á noite no mar. Vão como se fossem para uma festa. Armados com as mais diversas armas: navalhas, punhaes, pedaços de pau. Vão para uma festa, porque a greve é a festa dos pobres, repete Pedro Bala para si mesmo.

No pé da Ladeira da Montanha se dividem em tres grupos. João Grande chefia um, Barandão vae com outro, o maior vae com Pedro Bala. Vão para uma festa. A primeira festa verdadeira que teem aquelas creanças. Ainda assim é uma festa de homens. Mas é uma festa dos pobres, dos pobres como eles.

A madrugada é fria. Na esquina do deposito, quando Pedro Bala está colocando os meninos, Alberto se aproxima dele. Pedro se volta, o rosto sorridente. O estudante fala:

— Eles já veem, companheiro.

— Espera pra ver.

Agora é o estudante quem sorri. Evidentemente está entusiasmado com os meninos. Pedirá á organisação para trabalhar com eles. Irão fazer muitas coisas juntos.

Os fura-greves veem num grupo cerrado. Um americano os chefia com a cara fechada. Se dirigem todos para a entrada. Da sombra, dos becos, ninguem sabe de onde, como demonios fugidos do inferno surgem meninos esfarrapados e de armas na mão. Punhaes, navalhas, paus. Tomam a porta, o grupo dos fura-greves para. Logo os demonios se atiram, é um bolo só. São em numero maior que o grupo de fura-greves. Estes rolam com os golpes de capoeira, recebem pauladas, alguns já fogem. Pedro Bala derruba o americano, com a ajuda de outro o soqueia. Os fura-greves pensam que são demonios fugidos do inferno.

A gargalhada livre e grande dos Capitães da Areia ressoa na madrugada. A greve não é furada.

Tambem João Grande e Barandão são vitoriosos. O estudante ri com eles a gargalhada dos Capitães da Areia.

No trapiche diz para alegria dos meninos:

— Voces são os mais batutas que eu já vi.

— Companheiros, companheiros. — diz João de Adão.

Diz o vento que passa, diz a voz no coração de Pedro Bala. E' como a musica de uma canção cantada por um negro:

— Companheiros.

OS ATABAQUES RESSOAM COMO CLARINS DE GUERRA

Depois de terminada a greve o estudante contiúa a vir ao trapiche. Mantem longas conversas com Pedro Bala, transforma os Capitães da Areia numa brigada de choque.

Uma tarde Pedro Bala vae pela rua Chile, o boné desabado sobre os olhos, assoviando, enquanto arrasta os pés no chão. Uma voz exclama:

— Bala!

Se volta. O Gato está elegantissimo na sua frente. Uma perola na gravata, um anel no dedo minimo, roupa azul, chapeu de feltro quebrado num geito malandro:

— E' tú, Gato?

— Vamos sair daqui.

Entram numa rua sem movimento. Gato explica que chegou de Ilheos ha poucos dias. Que arrancou um bocado de dinheiro de lá. Está um homem e todo perfumado e elegante:

— Quasi não te conheço... — diz Pedro Bala. — E Dalva?

— Ficou amigada com um coronel. Mas eu já tinha deixado ela. Agora tenho uma moreninha do balacubaco..

— E aquele anelão que Sem Pernas fazia troça?...

Gato ri:

— Empurrei por quinhentão num coronel cheio da nota... O bicho enguliu sem gritar...

Conversam e riem. Gato pergunta noticia dos outros. Diz que no dia seguinte embarcará para Aracajú com a morena pois o assucar está dando dinheiro. Pedro Bala o vê ir embora todo elegante. Pensa que se ele tivesse demorado mais algum tempo no trapiche talvez não fosse um ladrão. Aprenderia com Alberto, o estudante, o que ninguem soubera lhes ensinar. Aquilo que Professor como que adivinhara.

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. E' uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa Vida fez:

"Companheiros, chegou a hora..."

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que com o ruido dos bondes onde vão os condutores e

motorneiros grevistas. Uma voz que vem do caes, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pae morrendo num comicio, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido de Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados deante do destino terrivel dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas de santo do candomblé de Don'Aninha, na noite que a policia levou Ogún. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do Reformatorio e do Orfanato. Que vem do odio do Sem Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampeão pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: "companheiros". Uma voz que convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como o ressoar dos atabaques nas macumbas. Voz que vem da lembrança de Dora, valente lutadora. Voz que chama Pedro Bala. Como a voz de Deus chamava Pirulito, a voz do odio o Sem Pernas, como a voz dos sertanejos chamava Volta Seca para o grupo de Lampeão. Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma voz que chama para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa

como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade. A cidade no dia de primavera é deslumbradoramente bela. Uma voz de mulher canta a canção da Bahia. Canção da beleza da Bahia. Cidade negra e velha, sinos de igreja, ruas calçadas de pedra. Canção da Bahia que uma mulher canta. Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala.

Pedro Bala foi acceito na organisação no mesmo dia em que João Grande embarcou como marinheiro num navio cargueiro do Loyd. No caes dá adeus ao negro que parte para a sua primeira viagem. Mas não é um adeus como aqueles que dera aos outros que partiram antes. Não é mais um gesto de despedida. E' um gesto de saudação ao companheiro que parte:

— Adeus, companheiro.

Agora comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. O destino deles

mudou, tudo agora é diverso. Interveem em comicios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos.

Ordens vieram para a organisação dos mais altos dirigentes. Que Alberto ficasse com os Capitães da Areia e Pedro Bala fosse organisar os Indios Maloqueiros de Aracajú em brigada de choque tambem. E que depois continuasse a mudar o destino das outras creanças abandonadas do pais.

Pedro Bala entra no trapiche. A noite cobriu a cidade. A voz do negro canta no mar. A estrela de Dora brilha quasi tanto quanto a lúa no ceu mais lindo do mundo. Pedro Bala entra, olha as creanças. Barandão vem junto dele, agora tem 15 anos o negrinho.

Pedro Bala olha. Estão deitados, alguns já dormem, outros conversam, fumam cigarros, riem a grande gargalhada dos Capitães da Areia. Bala reune a todos, bota Barandão junto a sí:

— Gentes, agora eu vou embora, vou deixar voces. Vou embora, Barandão agora fica o chefe. Alberto vem sempre ver voces, voces fazem o que ele diz. E todo mundo ouça: Barandão agora é o chefe.

O negrinho Barandão fala:

— Gentes, Pedro Bala vae embora. Viva Pedro Bala..

Os punhos dos Capitães da Areia se levantam fechados.

— "Bala", "Bala" — gritam numa despedida.

Os gritos enchem a noite, calam a voz do negro que canta no mar, estremece o ceu de estrelas e o coração de Pedro. Punhos fechados de creanças que se levantam. Bocas que gritam se despedindo do chefe: "Bala", "Bala".

Barandão está na frente de todos. Ele agora é o chefe. Pedro Bala parece ver Volta Seca, Sem Pernas, Gato, Professor, Pirulito, Boa Vida, João Grande e Dora, todos ao mesmo tempo, entre eles. Agora o destino deles mudou. A voz do negro no mar canta o samba de Boa Vida:

Companheiros, vamos pra luta..

De punhos levantados as creanças saúdam Pedro Bala que parte para mudar o destino de outras creanças. Barandão grita na frente de todos, ele agora é o novo chefe.

De longe Pedro Bala ainda vê os Capitães da Areia. Sob a lua, num velho trapiche abandonado, eles levantam os braços. Estão em pé, o destino mudou.

Na noite misteriosa das macumbas os atabaques ressoam como clarins de guerra.

UMA PATRIA E UMA FAMILIA

Anos depois os jornaes de classe, pequenos jornaes, dos quaes varios não tinham existencia legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornaes que circulavam nas fabricas, passados de mão em mão, e que eram lidos á luz de fifós, publicavam sempre noticias sobre um militante proletario, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela policia de cinco Estados como organisador de greves, como dirigente de partidos ilegaes, como perigoso inimigo da ordem estabelecida.

No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, estes jornaes (unicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, leader da sua classe, que se encontrava preso numa colonia.

E, no dia em que ele fugiu, em inumeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao

saber da noticia. E, apesar de que lá fóra era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abriria para Pedro Bala,. fugitivo da policia. Porque a revolução é uma patria e uma familia.

FIM

Na casa mal assombrada de Doninha Quaresma (existiam botijas enterradas e a alma de Doninha), hoje do Capitão, na paz de Estancia, Sergipe, março de 937.

A bordo do Rakuyo Maru, subindo a costa da America do Sul pelo Pacifico, em caminho do Mexico, junho de 937.

O outro Nordeste

de Djacir Menezes

O OUTRO NORDESTE é o perfil do Nordeste das sêcas e dos chique-chiques, dos vaqueiros e do cangaço traçado por um conhecedor profundo da vida e da paisagem da região: o professor Djacir Menezes. Em paginas fortemente documentadas, o sociologo cearense estuda a formação do Nordeste pastoril, fixando o caracter do seu povo bravo e tenaz. Senhor dos métodos modernos de investigação social, Djacir Menezes é objectivo, sem que lhe falte o gosto da análise dos factos. Seu ensaio é enriquecido por estatísticas, gráficos e mapas. Uma das contribuições mais sérias da nova geração de estudiosos brasileiros para o conhecimento e a interpretação do Brasil agreste do pastoreio, do cangaço, do padre Cicero, do "boi santo", de Lampeão.

Algumas opiniões da critica brasileira sobre

ANGUSTIA

de Graciliano Ramos

Como a vida real, com todas as suas mesquinhezas, com todas as suas miserias, com todas as suas cruezas, estua e palpita através desse delirio!

PLINIO BARRETO

Ahi ó que reside a grande força do romancista de *Angustia* — o seu desenho sae nitido. Ele não teme reproduzir os quadros mais simples e banaes, procurando mostrar a vida tal qual se apresenta, sem literatura. Traz o sr. Graciliano Ramos, para esclarecel-a, a luz forte do seu espirito.

JAYME DE BARROS

Essa prosa de nervos, intensa e cheia de energia, mantem-se sem flexibilidades, é isto que vale a pena acentuar. Ha traços liricos, soluços, sarcasmos, sulcos melancolicos, esaltações e travos ironicos nestas paginas que colocam o sr. Graciliano Ramos na primeira linha dos escriptores contemporaneos.

ELOY PONTES

Esse romancista nordestino sabe bem o que quer fazer. Porque a impressão inicial que "Angustia" nos dá é de livro onde nada é inutil, nada é forçado e onde tambem nada falta.

JORGE AMADO

E' preciso não esquecer que o romance de Graciliano Ramos tem, na nossa literatura de hoje, uma triplice significação: humana, social a literaria, o que lhe dá uma importancia escepcional.

PEREGRINO JUNIOR

Os intelectuaes mineiros que ainda insistem em falar mal "desses romancistas do Norte" devem ler esse livro. E' excelente como romance, isto é: como literatura e como verdade.

RUBEM BRAGA

E' uma obra prima amputada. Ela revela no entanto que temos alguem grande como Charles Dickens.

OSWALD DE ANDRADE

E que organização de construtor de romance é Graciliano Ramos! Construtor tão perfeito que fatiga pela uniformidade dos andaimes da sua obra.

AYDANO DO COUTO FERRAZ

Graciliano Ramos ó um grande romancista. Não sinto hesitação alguma ao ter de comparal-o a Dostoiewski.

JAIR SILVA

Angustia, de facto, é livro de substancia densa. Pode correr mundo sem temor. Em qualquer lingua irresistivelmente empolgará quem o leia.

TASSO DA SILVEIRA

Emprezo Graphica da "Revista dos Tribunaes", Rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo